

GENTE IMPOSSÍVEL

O desafio do mundo para a igreja:
romper com nossas raízes ou restaurá-las

Os Guinness



GENTE IMPOSSÍVEL

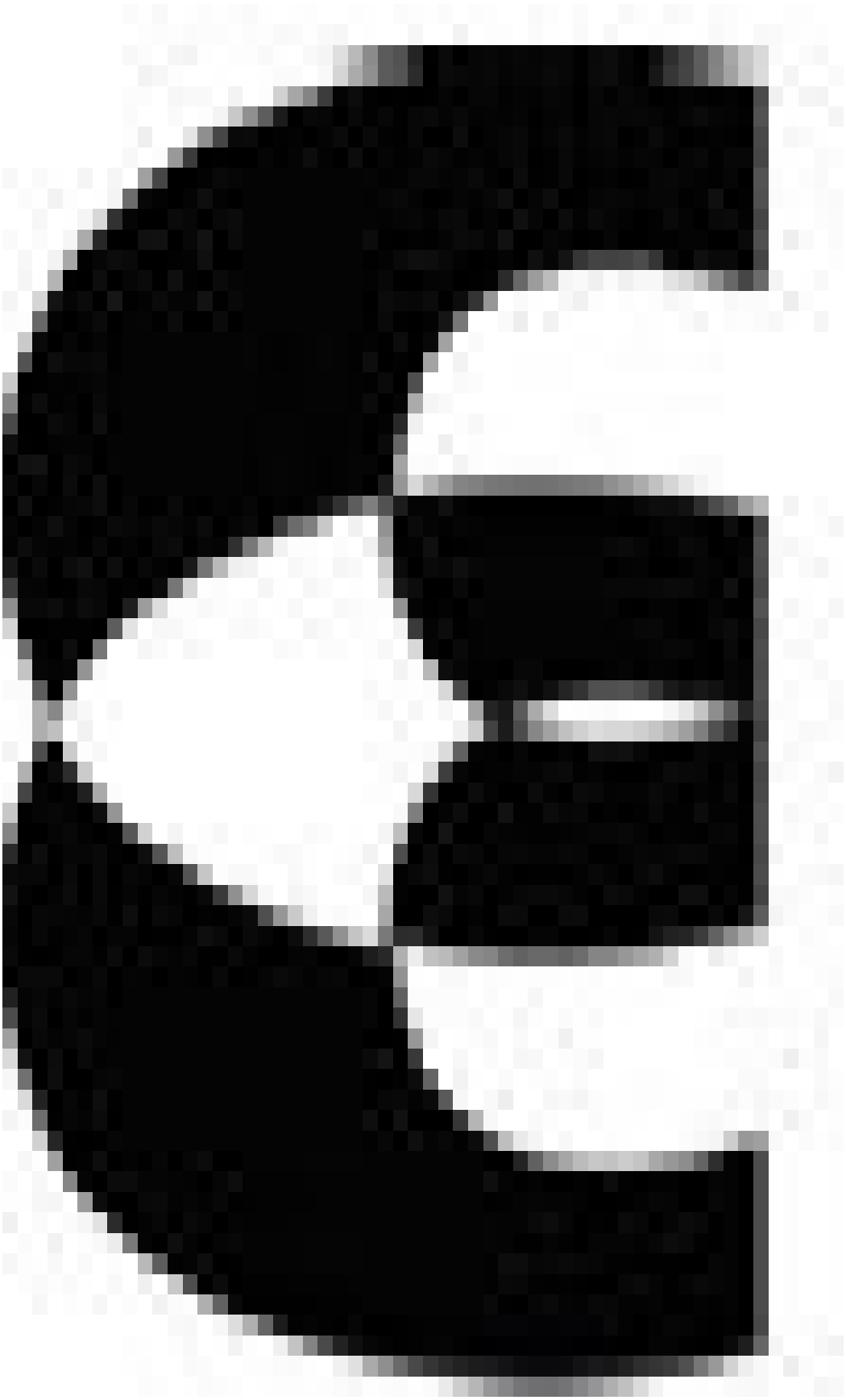
O desafio do mundo para a igreja:
romper com nossas raízes ou restaurá-las

Os Guinness

GENTE IMPOSSÍVEL

O desafio do mundo para a igreja: romper com nossas raízes ou restaurá-las

Os Guinness



Gente impossível – O desafio do mundo para a igreja: romper com nossas raízes ou restaurá-las, Os Guinness © 2018 Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado em inglês pela InterVarsity Press com o título Impossible People de Os Guinness © 2016 by Os Guinness. Traduzido e publicado com permissão da InterVarsity Press P.O. Box 1400 Downers Grove, IL 60515 USA. www.ivpress.com

Conselho Editorial

Cláudio Marra (Presidente)

Filipe Fontes

Heber Carlos de Campos Jr

Hermisten Maia Pereira da Costa

Joel Theodoro da Fonseca Jr

Misael Batista do Nascimento

Tarcízio José de Freitas Carvalho

Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial

Tradução

Valéria Lamin

Revisão

Claudete Água de Melo

Cristiane Cavalcanti

Sandra Couto

Editoração

Gilson de Oliveira Filho

Capa

Magno Paganelli

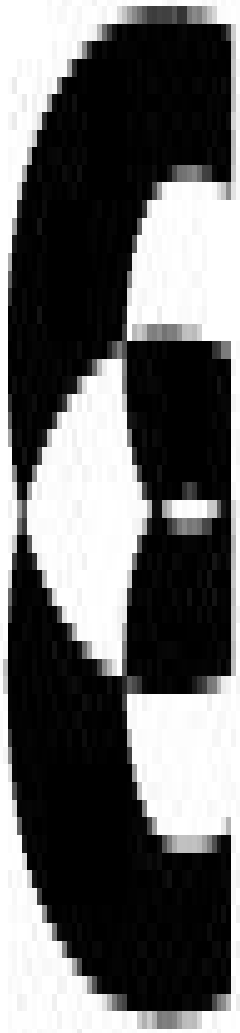
Livro digital

Lucas Camargo

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

“Os Guinness é um profeta. Ouça-o.”

Eric Metaxas, autor de Bonhoeffer: Pastor, mártir, profeta, espião, sucesso de vendas segundo o New York Times

“Toda vez que me sento para ler as palavras proféticas de Os Guinness, sinto meu interior fortalecido e um vigor mental. Seu texto claro e sabedoria adquirida trazem tanto coragem como incerteza; isso porque, enquanto não podemos prever o rumo que nossa cultura está tomando, podemos confiar na verdade que guia e encoraja cada geração a enfrentar o momento para o qual fomos chamados.”

Gabe Lyons, fundador da Q, autor de Good faith

“Leio tudo o que Os Guinness escreve porque ele sempre desafia minhas ideias e amplia minha perspectiva. Gente impossível talvez seja seu trabalho mais importante. Leia-o, depois compre cinco exemplares para presentear os amigos e discuta o texto com eles. A mensagem é muito importante. Este talvez seja o livro mais importante que você lerá neste ano.”

Rick Warren, pastor, Saddleback Church, autor de The purpose driven life

“Este notável livro ajuda-nos a ver claramente como a modernidade ocidental está tentando substituir a fé cristã por um secularismo progressivo. É um alerta oportuno para que a igreja permaneça firme contra esse desafio fatal. Recomendo a leitura deste livro a todos os líderes cristãos.”

Mouneer Anis, arcebispo primaz da Província Anglicana de Jerusalém e do Oriente Médio

“Com sua mistura singular de clareza incisiva e visão profética, Os Guinness

escreveu um livro que nos desafiará, nos incentivará e nos despertará para que vivamos completamente para Cristo neste ‘grande momento esclarecedor’. Recomendo Gente impossível como um livro para um tempo como este.”

Amy Orr-Ewing, diretora, The Oxford centre for Christian apologetics

DOM

E a Dick e Mary Ohman,

verdadeiros amigos, sem os quais não posso passar.

Sumário

Introdução: Encontrado fiel

1 Novo mundo, velho desafio

2 O maior desafio de todos os tempos

3 A guerra de espíritos

4 Explorando o âmago das trevas

5 Vida sem amém

6 Ontem, hoje, para sempre

7 Dê-nos os recursos

Epílogo: Hora de levantar-se

Notas

E o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro. Destarte, o Senhor os dispersou dali pela superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade. Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra e dali o Senhor os dispersou por toda a superfície dela.

Gênesis 11.6-9

(…) destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?

Salmos 11.3

Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem.

Isaías 42.8

Visto que se eleva o teu coração, e dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no coração dos mares, e não passas de homem e não és Deus, ainda que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus.

Ezequiel 28.2

Ouvi uma voz poderosa que clamava dos elementos do mundo: "Não podemos nos mover e completar nossos ciclos habituais como deveríamos fazer de acordo com os preceitos de nosso Criador. Pois a humanidade, por causa das suas corrupções, faz-nos girar como as velas de um moinho de vento. E, por isso, agora cheiramos mal por causa da pestilência e da fome de justiça." Sempre que os elementos do mundo forem violados por maus-tratos, Deus os purificará por meio dos sofrimentos e dificuldades da humanidade (…) Deus dá toda a

criação para ser usada pela humanidade. Porém, se esse privilégio é usado indevidamente, a justiça de Deus permite que a criação puna a humanidade.

Hildegarda de Bingen

Meditations with Hildegard of Bingen

Coloquei-te no centro do mundo, para que, dessa posição vantajosa, possas observar mais facilmente tudo o que existe no mundo à tua volta. Não te criamos nem do céu nem da terra, nem mortal nem imortal, para que possas, como escultor livre e admirável, formar teu próprio ser, criar tua própria aparência como a preferires. Estará em teu poder desceres às formas inferiores e animalescas de vida; poderás, por meio de tua própria decisão, ascender novamente às ordens superiores cuja vida é divina.

Pico della Mirandola

Oration on the dignity of man

O homem deve (…) venerar o Estado como uma divindade secular.

George Hegel

The philosophy of right

Ser uma nação (...) é a religião do nosso tempo. Deixe todas as pequenas religiões e cumpra o grande dever para com a mais elevada, e nela una-se a uma crença bem acima do papa ou de Lutero. Essa é a religião maior.

Ernst Arndt

Geist der Zeit

O começo, o meio e o fim da religião é o homem.

Ludwig Feuerbach

The essence of Christianity

O homem é livre apenas se dever sua existência a si mesmo (…) A filosofia não faz segredo disso. A admissão de Prometeu, "odeio todos os deuses", é a própria admissão, o próprio lema contra todos os deuses, celestiais e terrenos, que não reconhecem a consciência do homem como a divindade suprema.

Karl Marx

Tese de doutoramento

Em algum canto remoto do universo, inundado pelo brilho de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um astro no qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e hipócrita da "história universal", mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer.

Friedrich Nietzsche

"Verdade e mentira num sentido extramoral"

Devo comer e beber só para ter fome e sede novamente, e comer e beber simplesmente até que o túmulo aberto sob meus pés me engula como uma refeição para a terra? Devo criar mais seres como eu, para que possam comer, beber e morrer, e, assim, deixar para trás seres próprios, para que façam o mesmo que já fiz? Qual é o sentido desse círculo contínuo e autônomo que sempre retorna, esse jogo repetitivo que sempre recomeça da mesma maneira, em que tudo existe para desaparecer e desaparece para retornar como era – esse monstro que continuamente se devora para se reproduzir, e se reproduz para se devorar?

Johann Gottlieb Fichte

The vocation of man

O Ocidente perdeu Cristo, e é por isso que está morrendo; essa é a única razão.

Fiódor Dostoiévski

Notebooks

Onde não há Deus, também não há homem.

Nicholas Berdyaev

A new Middle Ages?

Uma vez habituado à vida no espaço, é improvável que o homem pare até que tenha alcançado e colonizado a maior parte do universo sideral, ou que mesmo isso seja o fim. O homem, por fim, não se contentará em ser um parasita nas estrelas, mas irá invadi-las e organizá-las para seus próprios propósitos. (…) Não se deve permitir que as estrelas continuem a viver à sua antiga maneira, mas elas serão transformadas em produtores eficientes de calor. (…) Por meio da organização inteligente, a vida do universo provavelmente poderia ser prolongada muitos milhões de milhões de vezes em relação ao que ela seria sem organização.

J. D. Bernal

The world, the flesh and the devil

Algum dia perceberemos que o principal dever, o inescapável dever do bom cidadão, da espécie certa, é deixar seu sangue atrás de si no mundo; e não devemos permitir a perpetuação de cidadãos do tipo errado. O grande problema

da civilização é assegurar um aumento relativo do que tem valor quando comparado aos elementos menos valiosos ou nocivos da população. (…) Desejo muito que se possa evitar completamente a procriação de pessoas erradas; e é isso que se deve fazer quando a natureza maligna dessas pessoas for suficientemente notória. (…) A ênfase deve ser dada à procriação de pessoas desejáveis.

Theodore Roosevelt

"Twisted Eugenics"

É um fato curioso, porém negligenciado, que, amparados por uma política de caridade indiscriminada ditada por corações cálidos não controlados por uma mente contida, tenha se permitido a reprodução e a perpetuação daqueles mesmos tipos que, com toda a bondade, deveriam ser eliminados da raça humana. (…) Há apenas uma resposta para um pedido de maior taxa de natalidade entre os inteligentes, ou seja, pedir ao governo que, em primeiro lugar, retire dos seus ombros o peso dos loucos e imbecis. (…) A esterilização é a solução.

Margaret Sanger

"Need for Birth Control in America"

É somente por meio de nossa crença em Deus que podemos criticar o governo. Uma vez que abolimos Deus, o governo se torna Deus. A verdade é que a irreligião é o ópio do povo. Em qualquer lugar que as pessoas não creiam em algo além do mundo, elas adorarão o mundo. Mas, acima de tudo, adoram a coisa mais forte do mundo.

G. K. Chesterton

Christendom in Dublin

A natureza é cruel; portanto, também temos o direito de ser cruéis. Ao enviar a flor da juventude alemã para a chuva de metais da próxima guerra sem o menor remorso pelo precioso sangue alemão que está sendo derramado, eu também não deveria ter o direito de eliminar milhões de uma raça inferior que se multiplica como verme?

Adolf Hitler

in Hitler, de Joachim Fest, 1974

Só nos resta Deus para proteger o Homem do Homem. Serviremos a ele em espírito e em verdade ou nos tornaremos incessantemente escravos, cada vez mais, do monstruoso ídolo que fizemos com as próprias mãos à nossa própria imagem e semelhança.

Étienne Gilson

"The terrors of the year two thousand"

Aquele que é um deus não precisa de religião; ele é divino em si mesmo. Não deve inclinar a cabeça. (…) Quanto mais o homem vive em sua realidade artificial feita por si mesmo entre as estruturas e máquinas humanas, mais fortemente ele recebe a impressão de que é o criador da sua própria existência.

Emil Brunner

Christianity and civilization

O homem sempre foi o seu problema mais angustiante. Como ele deve pensar de si mesmo?

Reinhold Niebuhr

The nature and destiny of man

Quando grandes causas estão em movimento no mundo (…) aprendemos que somos espíritos e não animais, e que algo está acontecendo no tempo e no espaço, o que, gostemos ou não, significa "dever".

Winston Churchill

The unrelenting struggle

O juízo na História é mais pesado sobre aqueles que pensam em si mesmos como deuses, que abertamente desafiam a Providência e a História, que depositam sua confiança nos sistemas criados pelo homem e adoram a obra das próprias mãos e que dizem que foi a força do seu próprio braço direito que lhes deu a vitória.

Herbert Butterfield

Christianity and history

O poder do homem sobre a natureza é, de fato, o poder de alguns homens sobre outros tendo a natureza como instrumento.

C. S. Lewis

The abolition of man

A filosofia não poderá efetuar qualquer mudança imediata na situação atual do mundo. Isto se aplica não apenas à filosofia, mas a toda reflexão e esforço puramente humanos. Somente um deus pode nos salvar.

Martin Heidegger

Entrevista para a Der Spiegel, 1966

Os sistemas são (…) castigo de qualquer espécie imprudente o bastante para brigar com sua ecologia. Chame as forças sistêmicas de "Deus", se você quiser.

Gregory Bateson

Steps to an ecology of mind

O homem, embora fosse apenas uma das muitas criaturas do planeta, lançou agora sobre ele seu império incomparável. (…) Esse império humano global possui os recursos para superar todas as civilizações passadas, ou pode apenas facilmente acabar de maneira trágica como um colossal Valhalla wagneriano.

Aurelio Peccei

Fundador do Clube de Roma, The human quality

Para sermos homens, devemos estar no controle. Essa é a primeira e a última palavra ética.

Joseph Fletcher

New England journal of medicine, 1971

Somos filhos do caos, e a estrutura profunda da mudança é a deterioração. No fundo, há apenas corrupção, e a maré invencível do caos. Foi-se o desígnio; só resta a direção. Essa é a desolação que temos de aceitar enquanto examinamos, profunda e imparcialmente, o coração do universo.

Peter Atkins

The second law

Há algo mais aterrorizador do que a destruição do mundo? Sim, o conhecimento de que, não importa o modo, tudo é aleatório, originando-se, a esmo, do nada e, por fim, desaparecendo para sempre.

Woody Allen

Setembro de 1987

As chances de a humanidade sobreviver ao século 21 são de apenas 50%.

Martin Rees

Astrônomo Real, Our final century

O século 21 é um tempo extraordinário – um século de extremos. Poderíamos criar civilizações muito maiores ou desencadear uma nova Era das Trevas. (…) Estamos nos tornando como o aprendiz de feiticeiro, tendo começado algo que mal podemos controlar. Na lenda do aprendiz de feiticeiro, o aprendiz sabe que a magia é perigosa, mas, mesmo assim, brinca com ela quando o mestre está ausente. Ele não consegue resistir a ela. Nessa história, havia um feiticeiro e apenas um aprendiz. Agora somos todos aprendizes.

James Martin

The meaning of the 21st century

No momento em que o Ponto Ômega for alcançado, a vida [Homo sapiens] terá assumido o controle de toda a matéria e forças, não somente num único universo, mas em todos os universos cuja existência é logicamente possível; a vida terá se espalhado para todas as regiões espaciais que possam existir.

John Barrow e Frank Tipler

The anthropic cosmological principle

Há 70 mil anos, o Homo sapiens ainda era um animal insignificante cuidando da sua vida em algum canto da África. Nos milênios seguintes, ele se transformou no senhor de todo o planeta e no terror do ecossistema. Hoje está prestes a se tornar um deus, pronto para obter não só a juventude eterna como também as capacidades divinas de criação e destruição. (…)

Somos mais poderosos do que nunca, mas temos pouca ideia do que fazer com todo esse poder. O que é ainda pior, os humanos parecem mais irresponsáveis do que nunca. Deuses por mérito próprio, contando apenas com as leis da física para fazer companhia, não prestamos contas a ninguém. Em consequência, estamos destruindo os outros animais e o ecossistema à nossa volta, visando a não muito mais do que nosso próprio conforto e divertimento, mas jamais encontrando satisfação.

Existe algo mais perigoso do que deuses insatisfeitos e irresponsáveis que não sabem o que querem? [*]

Yuval Noah Harari

Sapiens – Uma breve história da humanidade

Há muito tempo, quando era jovem, fui arrogante o bastante para me julgar capaz de um dia emitir um juízo sobre "O significado da História". Hoje sei que o significado da História é algo a ser descoberto, não declarado. (…) Cada geração será julgada por ter enfrentado ou não as maiores e mais relevantes questões associadas à condição humana, e as decisões adequadas para fazer frente a esses desafios precisam ser tomadas pelos estadistas quando ainda é impossível saber qual será seu resultado.[**]

Henry Kissinger

A ordem mundial

Certa vez, depois de ter falado sobre algumas dessas ideias, alguém se

aproximou de mim e disse: "Gostei do que você disse, mas você não acha que está travando uma batalha perdida?" Foi uma boa pergunta. (…) Porém, o que respondi foi o seguinte: "Sim, a luta judaica é uma batalha perdida. Sempre foi. Moisés perdeu. Josué perdeu. Jeremias perdeu. Nós nos esforçamos por ideais além do nosso alcance, esperamos uma sociedade tolerante além do possível, acreditamos numa era messiânica no mais longínquo horizonte, lutamos com o anjo e saímos mancando. E, enquanto isso, os vencedores desapareceram, e nós ainda estamos aqui, ainda jovens, ainda cheios de vigor, ainda lutando contra a batalha perdida, jamais aceitando a derrota, recusando-nos a nos conformar ao ceticismo ou desistir da esperança de paz com aqueles que, hoje, como no passado, buscaram nossa destruição. Esse tipo de batalha perdida vale a pena ser travado, mais do que qualquer vitória fácil, qualquer consolo prematuro."

Rabino Jonathan Sacks

Future tense

---

[*] Trecho exato do livro Sapiens – Uma breve história da humanidade, trad. Janaína Marcoantônio, publicado pela L&PM (N. do T.).

[**] Trecho exato do livro A ordem mundial, trad. Cláudio Figueiredo, publicado pela Objetiva (N. do T.).

Introdução

Encontrado fiel

Como, meu Deus, é a pergunta que se faz com frequência, os cristãos alemães puderam ser tão fracos a ponto de se renderem ao fascínio e às coerções do Nacional-Socialismo na década de 1930? A resposta é simples: muito facilmente, se entendermos o espírito dos tempos em que eles viviam. Do mesmo modo, muitos cristãos ocidentais estão se enfraquecendo diante das pressões dos nossos próprios tempos, seja por meio das seduções e distorções em geral da modernidade avançada, do pensamento tentador por trás da revolução sexual ou por não compreenderem a importância do momento nem reconhecerem a hostilidade implacável de algumas das forças contra nós – e, assim, enfraquecendo nosso testemunho e traindo o senhorio e a autoridade de Jesus. E tudo isso num momento em que acontecimentos importantes em todo o mundo estão caminhando para um clímax.

O atual estágio da História e o caráter do avançado mundo moderno se associam para lançar à igreja no Ocidente um desafio tão decisivo quanto a exigência de Roma de que os cristãos oferecessem incenso a César como senhor. Como veremos, o desafio feito à igreja ocidental é sutil, mas sem precedentes em sua extensão, e deve ser respondido com um corajoso não a tudo o que contradiz o chamado do nosso Senhor – sejam quais forem o preço e as consequências. Quem é o Senhor: Jesus ou as forças da modernidade avançada? A igreja que não consegue dizer não a tudo o que contradiz o seu Senhor é a que está trilhando o caminho da derrota e da escravidão cultural. Mas a coragem de dizer não tem de ser seguida por um sim igualmente claro, corajoso e construtivo – para o próprio Senhor, para seu evangelho e sua visão de vida, para a humanidade e o futuro, a fim de que os cristãos possam ser vistos como pessoas que vivem de maneira diferente e melhor no mundo de hoje.

No Ocidente, os cristãos vivem um grande momento esclarecedor. A lacuna entre os cristãos e a cultura mais ampla está aumentando, e muitos cristãos antes nominais estão se tornando “nadas religiosos”. Em muitos sentidos, estamos na noite de quinta-feira da Semana Santa. O galo ainda não cantou, mas a multidão

enfurecida que gostaria de ver o fim do nosso Senhor no mundo ocidental já viu e ouviu o suficiente das nossas primeiras traições a ponto de acreditar que pode contar com algo mais e hostilizar-nos para que nos rendamos de maneira infame. Por isso, este não é um tempo para os covardes, para os que estão em cima do muro ou para os que desejam diversificar as apostas até ouvirem o apito final do árbitro na partida.

Estamos diante de uma hora solene para a humanidade em geral e um momento decisivo para a igreja ocidental. Está em jogo a conclusão frustrada do ataque de séculos à fé judaica e cristã e da substituição delas pelo secularismo progressivo como a fé que define o Ocidente e a ideologia que dizem ser a mais adequada às condições da modernidade avançada. Portanto, a crise cada vez mais intensa é nada menos que uma luta pela alma do Ocidente e o lugar da fé – qualquer fé – na vida das sociedades modernas avançadas. A crise pode se expressar em termos da interação de quatro conjuntos de desafios.

Primeiro, a primazia da fé judaica e cristã como crenças que definem o Ocidente tem sido enfraquecida e quase superada por duas forças: o ataque do secularismo progressivo e o enfraquecimento causado pelo poder que molda o mundo da modernidade avançada.

Segundo, dentro do próprio Ocidente, a quase vitória do secularismo progressivo deu início a uma nova luta entre duas forças pós-cristãs: de um lado, niilismo, degeneração e barbárie, o que significaria o declínio e a queda do Ocidente à medida que desmorona de dentro para fora; e, por outro lado, a insolência e a autoconfiança cada vez maior do secularismo progressivo ou humanismo evolutivo, o que levaria vantagem na tentativa de conduzir o Ocidente a uma direção totalmente nova e de revelar um impressionante mundo novo para a humanidade como um todo.

Terceiro, a derrota das religiões judaica e cristã como a alma do Ocidente abriu a porta em nível global para duas alternativas pós-cristãs poderosas que competem para dominar o mundo em geral: o secularismo agressivo e o islamismo radical.

Quarto, a situação geral apresenta um duplo desafio para todas as igrejas cristãs em todo o mundo ocidental: os cristãos podem, então, dar testemunho do seu Senhor e viver a crença de que a fé cristã pode prevalecer sobre o poder que molda o avançado mundo moderno e as instituições dele? E os cristãos, que, em alguns países ocidentais ainda são a grande maioria, podem superar os ataques

militantes e estilos de vida do secularismo progressivo, de modo a permanecerem numa posição que contribua decisivamente para o futuro humano?

O foco principal deste livro está nos desafios do avançado mundo moderno para a igreja neste tipo de mundo, mas não podemos compreendê-los de modo isolado. Junte todos esses desafios e dê uma olhada geral, e os riscos se tornam muito claros. Isso porque, se prevalecerem, as forças anticristãs representam nada menos do que um retorno à filosofia, à ética e aos estilos de vida do mundo pagão que os cristãos venceram no início. Em outras palavras, o desafio de hoje rivaliza com o do conflito crucial da igreja primitiva com os césares nos primeiros três séculos e a ameaça dos sultões do islamismo otomano no século 16.

Os detalhes desse grande desafio estratégico se desenvolverão ao longo da discussão, mas eu gostaria de resumir, de antemão, uma parte fundamental: o desafio da modernidade avançada é muito mais do que uma questão de ideias. Na verdade, certamente os cristãos no Ocidente estão enfrentando uma forte oposição criada pela convergência de vários fluxos de ideias que formaram uma correnteza tempestuosa que ameaça afogar nas suas águas a fé cristã. Essa inundação é o resultado de quatro fatores abomináveis que se intensificaram ao longo de vários séculos: o secularismo, reforçado pela secularização, foi fortalecido pelo separacionismo, e o resultado é uma forma nova e perigosa de estatismo. (Poderíamos acrescentar um quinto fator, os anos sessenta, uma vez que não há dúvida de que, tanto na Europa como nos Estados Unidos, a década de 1960 teve uma importância cultural que foi um divisor de águas.) Cada um desses termos e tendências são diferentes, e precisaremos defini-los e distingui-los e entender as conexões entre eles à medida que avançamos. O mais importante é que é preciso resistir a todos com coragem e vencê-los pela fé. Entretanto, se as forças da modernidade avançada têm enfraquecido a igreja, essas outras forças hoje ameaçam concluir a destruição da fé judaica e cristã como a fé que opera no Ocidente.

O desafio descrito aqui equivale a um momento decisivo para a igreja ocidental como um todo. Portanto, este livro é dirigido principalmente aos cristãos em todo o mundo ocidental, pois eles estão no meio da crise. Mas também é urgente que cristãos e outros fora do Ocidente reconheçam a estratégica importância global da crise do Ocidente e da igreja ocidental e o papel vital deles em resposta à crise. Por um lado, o mesmo desafio está chegando ao restante do mundo, pois

todos, em breve, enfrentarão problemas semelhantes à medida que seu próprio país e região se modernizarem. E os cristãos ocidentais precisam da ajuda de suas irmãs e seus irmãos de todas as partes do mundo, e as contribuições deles para o Ocidente podem ser fundamentais.

Às vezes, muito menos numerosos no próprio país e normalmente muito menos ricos do que os cristãos ocidentais, os cristãos em outras partes do mundo com frequência estão numa situação melhor porque estão mais atrasados em termos de modernidade. Eles ainda não se deixaram contaminar tão profundamente pela modernidade como muitos cristãos ocidentais. Como o apóstolo Pedro, podem ter menos em termos de "prata e ouro", mas têm a fidelidade, a coragem, a ousadia e o poder sobrenatural tão necessários à igreja ocidental e que tantas vezes faltam a ela.

Em muitos aspectos, o livro também é um tributo silencioso aos nossos amigos da comunidade judaica. Como reconheceram muitos líderes judeus, os judeus enfrentam hoje sua própria crise, que é grave, por causa de apostasias do judaísmo sob as condições da modernidade avançada, e, dessa vez, não principalmente por causa do antissemitismo ou da perseguição. Nas palavras do rabino Jonathan Sacks, "quando era difícil ser judeu, as pessoas permaneciam judias. Quando era fácil ser judeu, as pessoas deixavam de ser judias. Em termos globais, esse é o principal problema judaico de nosso tempo".[1]

No entanto, embora a crise judaica seja evidente, também é verdade que estamos vivendo no que pode ser chamado de hora judaica. Primeiro, mais da metade dos habitantes do mundo são seguidores de uma das três religiões cujas origens remontam a Abraão. Segundo, é tempo de reconhecer a dívida incalculável que o mundo ocidental há muito tem para com as crenças e ideias judaicas – sobretudo, pelas dádivas da dignidade humana, da liberdade e da importância de alianças para sistemas políticos que valorizam a liberdade. E, terceiro, é tempo de os cristãos reconhecerem como o segredo da milagrosa sobrevivência dos judeus na História oferece lições muito práticas sobre como os cristãos devem permanecer fiéis numa era pós-cristã. O fato simples é que muitas das primeiras coisas do judaísmo são as mesmas primeiras coisas que muitos cristãos correm o perigo de esquecer. Contudo, são a essas coisas que devemos nos apegar se quisermos permanecer fiéis ao nosso Senhor e demonstrar nossa própria capacidade de resistir.

Dito tudo isso, o foco principal deste livro estará na igreja norte-americana por

várias razões, principalmente porque os Estados Unidos ainda representam a principal sociedade do mundo e, portanto, vivenciam os desafios do avançado mundo moderno de maneira mais clara e mais abrupta. É importante também observar que os cristãos nos Estados Unidos ainda são a grande maioria; por isso, se voltassem a viver como foram chamados a viver, eles teriam a melhor chance de viver e falar com integridade – e até mesmo ajudar a evitar o domínio secularista e apontar um caminho melhor para o mundo.

No entanto, esse elogio não é motivo para a complacência dos norte-americanos, porque há também razões pelas quais o triunfo do secularismo progressivo (ou o retorno triunfante do paganismo) poderia produzir mais devastação imediata nos Estados Unidos do que no restante do Ocidente.

Não é necessário dizer que os cristãos em todo o Ocidente muitas vezes parecem estar na defensiva. É-lhes dito repetidamente que não há esperança para suas perspectivas. Em mil que, definhando, abandonam a fé, ouvimos que estamos lutando uma batalha perdida e o jogo já acabou. Os cristãos são "a fé de ontem", nosso dia acabou, nossas discordâncias com os outros são uma questão de intolerância, somos reacionários e estamos do "lado errado da História". A nós é dito que o futuro pertence àqueles descompromissados com a fé, como se houvesse tais pessoas. É dito que a cristianização de Roma e do Ocidente foi um "passo em falso" na estrada longa e sinuosa da História; por isso, o Ocidente deve voltar para o ponto em que errou. O imperador Juliano (o "Apóstata") pode não ter conseguido levar Roma de volta à grandeza pagã, mas secularistas progressistas terão êxito onde Juliano falhou, embora o objetivo deles não seja voltar, exceto em sua filosofia secularista, mas avançar para a Nova Fronteira ou a Terra Prometida de um mundo completamente novo de supertecnologias, automatização, robôs, inteligência artificial, evolução guiada, Singularidade, Ponto Ômega e Homem Ômega.

Rejeitamos totalmente essas alegações. Por um lado, valorizamos de modo veemente a ciência, mas rejeitamos com a mesma veemência as utópicas fantasias de poder dos cientistas-reis que estão por aí para desempenhar o papel de supostos deuses e promover seu próprio futuro humanista que tanto anunciam. Nos próximos anos, nós, seres humanos, poderemos explorar limites inimagináveis do espaço cósmico, mas ainda carregaremos conosco o tronco torto do gênero humano. Por outro lado, rejeitamos o insulto de que nós, seguidores de Jesus, somos reacionários ou ultrapassados. Como sal e luz no mundo extraordinário de hoje, nossa contribuição é indispensável. Não somos

simplesmente guardiões de parte do melhor do passado, mas pioneiros cuja tarefa é opor-se ao mundo para defender o futuro do mundo – e o próprio futuro da humanidade. Não menos que isso está em jogo o grande chamado em muitos dos nossos atuais desafios. Por mais sério que seja nosso tempo, os desafios do momento são significativos em si mesmos e anunciam adversidades ainda mais graves que se avistam no horizonte. Portanto, nossas respostas hoje são um ensaio para os testes mais graves que estão por vir, e, como disse o Senhor a Jeremias quando o profeta se acovardou, "se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com os que vão a cavalo?" (Jr 12.5). Em geral, então, uma simples pergunta nos confronta: se a fé cristã já não é a fé que nos define e opera em nós, como esperamos que ela permaneça sendo a fé definidora e operante da nossa sociedade e da nossa civilização?

O PÚBLICO DE UM SÓ

Como seguidores de Jesus, somos chamados a viver diante de um público, o público de Um só. De Abraão em diante, a vida de fé sempre foi "ao som de uma voz". Há apenas uma voz que importa para nós: a voz de Deus, e não a voz do povo ou a voz dos tempos. E, certamente, não o abraço caloroso da popularidade, o sussurro suave dos nossos próprios desejos de conforto, o olhar cuidadoso para nossa própria reputação, o encanto sedutor de estar do "lado certo da História" ou os rostos calculistas dos ativistas intimidadores e a multidão das mídias sociais. Do mesmo modo, há apenas um julgamento que importa, e uma palavra de aprovação que conta no final: "Muito bem, servo bom e fiel".

Meus pais tentaram me ensinar essa lição de lealdade quando eu era criança, embora houvesse uma grande lacuna entre seus ensinamentos e o que aprendi sobre isso por mim mesmo, e sempre haverá uma lacuna entre sabermos o que é correto e seguirmos isso fielmente. Cresci numa China devastada por dois séculos de aventuras europeias e norte-americanas e, depois, pela Segunda Guerra Mundial e uma brutal guerra civil. Morávamos em Nanjing, que, na época, era a capital do país, mas havia poucas escolas boas para frequentar, de modo que, aos 5 anos de idade, vi-me num avião a caminho de um internato em Xangai.

Obviamente, as condições por trás da decisão de me enviarem para lá com essa idade eram extremas, e eu não era o único a trilhar tão jovem esse caminho. No entanto, foi a primeira vez na minha vida que fiquei sozinho e longe dos meus pais. Por isso, para me lembrar constantemente da Estrela do Norte da fé no centro da nossa vida familiar, meu pai procurou duas pedrinhas lisas e planas e pintou nelas o lema da sua vida e o da minha mãe. Durante muitos anos, aquelas duas pedrinhas foram lembranças concretas nos bolsos do meu short de flanela cinza que era o uniforme da maioria dos meninos ingleses da escola naquele tempo. No bolso direito, estava o lema do meu pai: “Encontrado fiel” e no esquerdo, o de minha mãe: “Agrade a Deus”.

Muitos anos se passaram desde então, e aquelas duas pedrinhas pintadas se perderam em meio ao caos de fugir da China quando Mao Zedong e o Exército Popular, por fim, invadiram Nanjing, levaram a capital novamente para Beijing (Pequim) e iniciaram seu governo de sangue e ferro por todo o país. No entanto, nunca me esqueci da lição das pedrinhas. Os seguidores de Jesus são conclamados a ser “encontrados fiéis” e a “agradar a Deus”, sempre, em todos os lugares e a despeito de todos e de tudo.

Essa mesma fidelidade fortaleceu nossos irmãos e irmãs cristãos na China enquanto suportavam o peso de uma das perseguições mais violentas, cruéis e sistemáticas em toda a História. E, enquanto escrevo este livro agora, estamos testemunhando quase diariamente a mesma coragem extraordinária de cristãos em muitos países do mundo, mas, especialmente, nos países islâmicos do Oriente Médio que já foram o berço da igreja. Dia após dia, cristãos se levantam como mártires, enfrentando falsas acusações, ataques, mutilações, estupros, limpeza religiosa, assassinatos, explosões de bombas, decapitações e até crucificações por não renunciarem ao nome de Jesus.

E o que dizer de nós no Ocidente? Estamos mostrando que também estamos preparados para seguir Jesus e sua autoridade a qualquer preço? Quando um gesto imperceptível de reverência teria salvado os três amigos de Daniel, eles desafiaram a idolatria do rei Nabucodonosor sob a ameaça de serem queimados vivos. Quando o simples ato de fechar uma janela e as cortinas poderia ter salvado o próprio Daniel, ele optou por se expor ao perigo dos leões, em vez de esconder sua lealdade a Deus. Quando uma simples oferta de incenso teria salvado a vida dos cristãos primitivos, eles se recusaram a reconhecer César como senhor em vez de Jesus, e então foram transformados em tochas humanas ou na refeição noturna de animais selvagens. Quando parecia um gesto

quixotesco enfrentar o imperador, a imperatriz e todo o império, Atanásio assumiu sua posição em defesa da verdade contra mundum (contra o mundo) e foi exilado cinco vezes por causa da sua fidelidade. Quando lhe disseram que ele era arrogante ou louco por seguir sua consciência e desafiar o consenso da tradição, Martinho Lutero permaneceu firme diante da cruel estaca que havia queimado Jan Hus antes dele. Quando seus amigos mais próximos insistiram para que salvasse a própria vida em favor do importante trabalho do seu futuro conhecimento acadêmico, Dietrich Bonhoeffer optou por entrar novamente no covil de Hitler e ignorar o iminente fantasma da forca.

O que dizer de nós? Estamos vivendo à luz da grande nuvem de testemunhas e mártires que nos precederam? Ou sob as condições confortáveis do avançado mundo moderno, em que as seduções da modernidade são mais uma ameaça à nossa fidelidade do que perseguição? Na era dourada do Império Romano, Plínio, o Jovem, aconselhou o imperador Trajano, dizendo que os cristãos deveriam ser executados apenas por causa da tenacidade e intransigência deles. "Seja qual for a natureza da admissão deles, estou convencido de que sua persistência e inabalável obstinação não deveriam passar impunes."[2] Acusações semelhantes na morte de muitos mártires eram rotineiras: "Visto que permaneceram inflexíveis e obstinados, eu os condenei."[3]

Seríamos condenados hoje por sermos persistentes, tenazes, inflexíveis e obstinados? Sem dúvida, é inegável que foram raras as vezes na história cristã em que o senhorio de Jesus no Ocidente foi tratado de maneira mais flexível ou o revisionismo cristão foi mais descarado, as interpretações cristãs da Bíblia, mais egoístas, a pregação cristã, mais amena, o comportamento cristão, mais solto, o compromisso cristão, mais comum, o abandono cristão da fé, mais casual e os raciocínios cristãos por tais deslizes, mais espúrios e desavergonhados.

Quero dizer mais uma vez: como, meu Deus, os cristãos alemães puderam ser tão fracos a ponto de se renderem ao fascínio e às coerções do Nacional-Socialismo na década de 1930? A resposta é simples: muito facilmente, se entendermos o espírito dos tempos em que eles viviam. Do mesmo modo, muitos cristãos ocidentais estão sendo fracos e rendendo-se diante dos desafios dos nossos próprios tempos, tais como as seduções e distorções em geral da modernidade, as tentações particulares da revolução sexual ou por não reconhecerem a hostilidade implacável das forças contra nós –, e desse modo enfraquecendo nosso testemunho e negando o senhorio de Jesus e a autoridade

das Escrituras. É tempo, e já passou da hora, de mudar esta situação e tomar uma posição digna de nosso Senhor – antes que o galo cante e lamentemos amargamente que nossos irmãos e irmãs em todo o mundo permaneceram firmes e pagaram com a própria vida, mas nossa geração no Ocidente traiu nosso Senhor de maneira tão lamentável.

INSOCIÁVEL

Por que “gente impossível”? A expressão homem impossível foi usada para descrever Pedro Damião, reformador beneditino do século 11 (c. 1007-1073). Dante colocou Damião no círculo mais alto do paraíso como um santo e o antecessor de Francisco de Assis. Mil anos atrás, como em nosso próprio tempo, não havia muita consideração pela verdade ou pela integridade e pureza da fé cristã. Tampouco havia muita noção da gravidade do pecado, por isso a igreja era de fácil trato, a corrupção era abundante e a podridão moral e teológica era tão comum entre o clero e os líderes da igreja quanto entre o povo comum. (Como nos tempos dos profetas hebreus, assim como entre evangélicos hoje, muitas vezes são os pastores, os ministros, que desviam as pessoas do caminho – embora pastores celebridades sejam, certamente, uma contradição em termos.) Damião pediu sobretudo uma reforma contra os males mais notórios. Em particular, atacou a prática comum da simonia, a venda de cargos na igreja por dinheiro, e, de igual modo, a aceitação generalizada da homossexualidade, da pedofilia e da pederastia, especialmente entre os clérigos.

Em reconhecimento ao seu fervor reformador, Damião foi, mais tarde, canonizado pela Igreja Católica como São Pedro Damião. Criticado no seu tempo por ser fanático e puramente pessimista, ele era, de fato, apaixonado pelo “bem-estar das almas” da igreja e pela fidelidade a Jesus e à verdade do evangelho. Contudo, foram essas paixões positivas que o tornaram severo e impiedoso na sua denúncia de todos os tipos de corrupção e imoralidade e, ao atacá-los, não se deixou influenciar por obstáculos ou oposição. Seu compromisso com Jesus, e nada mais, era tão visceral que ele ganhou a reputação de não manipulável, insubornável, indeferível e, no termo de aprovação de George Orwell, mais tarde, insociável (sendo “sociável” o cúmulo em coerção por meio de uma conformidade confortável).

Inquestionavelmente, a expressão homem impossível era ambígua. Poderia ser tida tanto como um elogio como um insulto. Sem dúvida, muitas pessoas da geração de Pedro Damião admiravam-no pela sua posição, assim como muitas o odiavam pelo seu fervor, e muitos estavam frustrados e se sentiam desconfortáveis com o que consideravam intransigência da parte dele. Em outras palavras, a mesma expressão poderia manifestar admiração ou exasperação, como acontece novamente hoje. Porém, tudo isso era irrelevante para Pedro Damião. Ele falou, escreveu e agiu apenas com um olho voltado para o público de Um só. Não podia ser dissuadido por outras vozes. Era fiel a Jesus, unicamente e acima de tudo. Sua fé tinha uma coluna de aço. Ele era o homem impossível.

Seria tentador ressaltar que nós, especialmente, precisamos de líderes cristãos como esse. Conta-se a história de que um prefeito pretoriano romano se sentiu tão ofendido com as declarações sinceras de São Basílio que declarou que nunca, em sua vida, alguém havia se dirigido a ele daquela maneira. “Sem dúvida”, respondeu São Basílio, “nunca conheceste um bispo”. (É claro que ele estava falando de uma época em que os bispos ainda não eram nomeados por razões políticas e ser bispo não era o que se tornara: uma posição com a promessa de poder e promoção pessoal. A igreja nunca será livre enquanto continuarmos a ter esse tipo de bispo nomeado por razões que não sejam o bem da igreja.) Mas o desafio hoje vai muito além dos líderes. Todos os que forem fiéis seguidores de Jesus no nosso avançado mundo moderno estão diante de desafios e tentações semelhantes, e nós também devemos nos tornar pessoas impossíveis – cristãos com o coração capaz de se derreter de compaixão, mas com o rosto como seixo e a coluna de aço, que sejam não manipuláveis, insubornáveis, indeferíveis e insociáveis, sem nunca perderem a gentileza, a misericórdia, a graça e a compaixão de nosso Senhor. Sejamos evangélicos, católicos, ortodoxos ou pentecostais, nossa lealdade a Jesus unicamente, acima de tudo e apesar de todos e de tudo deve ser sólida como a rocha. “Jesus é Senhor” é nossa lealdade, nossa confissão, nossa autoridade e nosso modelo e regra de vida. Qualquer pessoa ou coisa que se oponha a ele nos convoca mais uma vez a considerar o preço e assumir nossa posição. Os cristãos de hoje precisam ter ombros largos – obtidos por levarem o peso da cruz, como nos foi ordenado.

Gente impossível complementa meu livro anterior, Renaissance [Renascimento], que veio primeiro por uma razão. Nesse livro, examinei as razões para nossa resposta de fé convicta no evangelho – que deve ser inabalável para sempre –, e o livro termina com esperança. De propósito, inverti a ordem normal de

“desafio e resposta” e coloquei a resposta antes do desafio. Tal é o caráter e registro do evangelho de Jesus, que podemos confiar nele de modo absoluto, por mais tenebrosos que sejam os tempos e por mais sombrio que seja o desafio. Perdição, tristeza, alarmismo e medo nunca são o caminho para o povo de Deus. Não devemos ter “medo”. Gente impossível discute os desafios que enfrentamos e o lado subjetivo que deve ser nossa resposta a esses desafios – o evangelho carrega seu inerente poder de transformação, mas precisamos confiar nele, obedecer a ele e vivê-lo – contra toda lógica e a qualquer preço. Precisamos responder ao evangelho com coragem e convicção, a fim de vivermos fielmente de acordo com o chamado de Jesus e a boa-nova do seu reino no mundo de hoje.

Não precisamos ter escrúpulos em relação ao lado objetivo do desafio. Podemos confiar que o evangelho de Jesus é o poder transformador que é. É, afinal, o poder de Deus para a salvação da humanidade, e o registro do seu impacto na História é glorioso e inegável. Nossa lealdade a ele é a preocupação hoje. Temos de enfrentar o desafio que o evangelho propõe a todos os que dizem que creem nele – devemos demonstrar nossa confiança no evangelho por meio de uma coragem que esteja preparada para romper com tudo o que contradiz o que Deus diz. Em suma, pela fé, devemos estar preparados para apostar nosso conforto, nosso sustento, nossa honra e nossa própria vida em Deus e sua Palavra contra todas as outras exigências e autoridades. Portanto, devemos viver como fomos chamados a viver: tomar nossa cruz e considerar o preço de levar uma vida fiel ao evangelho e ao senhorio de Jesus, independentemente do preço e das consequências nos nossos dias – e, assim, ser dignos da grande nuvem de testemunhas atrás de nós na História e ao nosso redor no mundo hoje.

Um dos maiores líderes cristãos do século passado foi John R. W. Stott, reitor da All Souls Langham Place, em Londres, e um inigualável pregador, professor da Bíblia, evangelista, escritor, líder global e amigo para muitos. Eu o conhecia havia muitas décadas, mas nunca me esqueci da última vez em que estive ao lado da sua cama três semanas antes da sua morte. Depois de pouco mais de uma hora inesquecível compartilhando muitas lembranças de muitos anos, perguntei-lhe como ele gostaria que eu orasse por ele. Deitado debilmente de costas e mal podendo falar, ele respondeu com um sussurro rouco: “Ore para que eu seja fiel a Jesus até meu último suspiro”.

Quem dera essa oração fosse a paixão da nossa geração também. Os sábios judeus afirmam que, ao rogar a Deus para que perdoasse os israelitas pela

rebelião em relação ao bezerro de ouro, Moisés citou a razão que Deus tinha dado para decidir abandoná-los. (“Eis que é povo de dura cerviz.”) Moisés não via a falta de lógica do que ele estava pedindo? Mas, sem dúvida, essa era a ideia do seu pedido. A mesma obstinação que foi a pior falha dos judeus no Sinai seria, um dia, sua mais nobre virtude quando tentado a abandonar a fé em Deus. Somente essa obstinação caracterizada pela dura cerviz permitiria aos judeus resistir à ameaça de morte e à tentação de se converter à outra fé.

A igreja de Jesus nunca pode ser a igreja sem a fé e sem a fidelidade, que devem ser fortes a ponto de serem obstinadas. O maior desafio do momento para a igreja de Jesus no avançado mundo moderno é viver e falar como testemunha de nosso Senhor a ponto de, como no lema dos fuzileiros navais dos Estados Unidos, ser “Semper Fi” – sempre Encontrado Fiel. Raramente, em dois mil anos de história cristã, esse chamado foi tão testado quanto no nosso tempo. Venham ameaças de morte ou tentações sedutoras a uma vida fácil, nossa tarefa é permanecer fiéis ao nosso Senhor em todos os momentos da nossa vida e fiéis até nosso último suspiro.

Uma oração

Ó Senhor, nosso Deus, tu és o único Deus verdadeiro, além de quem não há outro. Somente em ti estão nossa confiança, nossa salvação e nossa esperança. Não confiamos em nós mesmos, não podemos salvar a nós mesmos, e nossa esperança não está em nós mesmos. Apostar nossa existência em algum lugar na vastidão do cosmos que não seja em ti é tolice, e buscar força e sabedoria fora de ti na jornada perigosa da vida é loucura. Sê para nós, por mais pecadores e pequenos que sejamos, tudo o que podes ser, para que, trazidos à vida por tua graça, fortalecidos por teu poder e aquecidos pelo teu amor, possamos confiar em ti de todo o nosso coração, como tua fidelidade e lealdade na aliança tanto merecem. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Discuta o cerne das afirmações sobre o que está em jogo para a igreja ocidental hoje e por que isso é fundamental para os cristãos em todo o restante do mundo. O que você acrescentaria ao cenário e o que você mudaria?

2. Por que você acha que os cristãos se tornaram tão fracos culturalmente quando ainda são uma comunidade considerável em termos de número?

3. O que se entende por uma fidelidade que é “insociável”? Onde você vê exemplos de cristãos que são “conformistas satisfeitos”? Isso é simplesmente uma retórica religiosa ou tem implicações mais amplas para a maneira como vivemos?

Capítulo um

Novo mundo, velho desafio

Já adulto, uma das minhas visitas mais memoráveis de volta à China incluiu o privilégio de falar a um fórum de CEOs chineses na faculdade de administração de uma das universidades de maior prestígio do país. Era uma ocasião oficial, e havia um longo programa que incluía cantar o hino do Partido Comunista e cortar um gigantesco bolo de aniversário para o partido. Uma vez que tudo isso aconteceu antes do meu discurso, fiquei surpreso com a maneira intensa com que as pessoas ouviram e, depois, se envolveram numa animada discussão sobre a situação do mundo. No entanto, a pergunta mais perspicaz do dia foi feita ao final, pelo reitor da faculdade, enquanto voltávamos para a sala de conferências depois do jantar de encerramento.

“Permita-me fazer uma pergunta que eu não quis fazer em público”, disse o reitor. “O que eu perdi? Nós, na China, somos fascinados pelas raízes cristãs do passado ocidental para ver o que podemos aprender pelo bem do futuro da China. Entretanto, vocês, no Ocidente, estão se separando de suas raízes. O que eu perdi? E o que vai acontecer se isso continuar?”

Infelizmente, tive de dizer ao reitor que ele não tinha perdido nada e que as consequências para o Ocidente seriam graves. O Ocidente está cortando suas raízes judaicas e cristãs e destruindo todo o sistema radicular da sua cultura; no entanto, por mais terrível que isso seja para o Ocidente, não pode ser visto de modo isolado. Precisa ser visto de uma perspectiva mais ampla. O futuro do mundo nas próximas gerações será moldado de modo decisivo pela resposta a três perguntas importantes, todas inevitavelmente religiosas, das quais uma diz respeito de modo direto à pergunta do reitor:

1. O islamismo, por fim, se modernizará pacificamente? (O ponto crucial da questão é saber se os muçulmanos aceitarão a liberdade de consciência para todas as pessoas cujas crenças diferem da deles e, assim, mudarão da abordagem

de conflito e coerção para a de persuasão.)

2. Que crença ou ideologia substituirá o marxismo na China? (Conquanto o partido comunista esteja no poder, a ideologia está morta, e a questão é sua substituição. Será o nacionalismo, o materialismo, o confucionismo, o budismo ou a fé cristã?)

3. O mundo ocidental romperá com suas raízes ou irá restaurá-las? (O tema deste livro.)

Embora pareça simples a princípio, em cada uma dessas perguntas há muito mais do que se percebe. O interesse do reitor, e meu também, diz respeito à resposta para a terceira pergunta. A tentativa de derrubada da fé judaica e cristã por parte do secularismo progressista significa que o mundo ocidental foi bem longe no processo de cortar suas raízes culturais, de modo que a fé judaica e a cristã perderam seu lugar predominante como principais formadores da civilização ocidental. Foi dito com frequência que o século 4º d.C. foi o longo período de transição em que a fé cristã assumiu o controle, que antes era do paganismo, como a fé dominante no Ocidente – e, portanto, que a época atual é o ponto decisivo para uma grande inversão. Em outras palavras, onde Juliano, o Apóstata, falhou na sua tentativa de deter o avanço do cristianismo e restaurar o paganismo, muitos secularistas modernos estão abertamente tentando inverter o processo e obter um resultado diferente.

Qualquer reivindicação secularista de “missão cumprida” seria prematura e apenas uma questão de ilusão. Nós ainda estamos no ínterim, a disputa está longe de acabar e a maioria das pessoas ainda tem de encarar as consequências da destruição do sistema radicular judaico e cristão. De modo bem óbvio, a guerra cultural está longe de ser platônica e continua violenta. Mas, misturando as metáforas, o Ocidente está tentando fazer o que é quase impossível: atravessar o rio enquanto está mudando de cavalos em meio à correnteza e ainda mantendo sua grandeza. Contudo, o efeito do qual não se pode escapar é que a grandeza que permanece no Ocidente hoje é a de uma civilização de flores de corte. O Ocidente perdeu sua alma. Não é mais distinguido e admirado pelos ideais que antes tinha, pois esses ideais desapareceram ou são vistos apenas como afirmações espúrias de um hipócrita. Agora, cada vez mais, se o Ocidente é admirado, é apenas pela sua proeza tecnológica, sua prosperidade econômica e

seu poder militar, os quais logo desaparecerão também. No entanto, embora não seja mais cristão em seus fundamentos, o Ocidente também não é ainda totalmente não cristão (secularista ou pagão), embora sua fase pós-cristã possa logo chegar a um ponto sem volta.

Diferentes países no Ocidente mostram suas diferenças características sobre o lugar de raízes culturais rompidas, e há diferenças significativas entre países protestantes e países católicos, bem como entre a Europa e os Estados Unidos como um todo. Ainda assim, as raízes estão sendo decisivamente rompidas em quase todos os lugares, e a tentativa valente de mudar as bases está em andamento. No entanto, podemos dizer com uma certeza orgânica, tão segura quanto qualquer certeza matemática, que o crescimento e as flores que antes produziram, por fim, morrerão.

Civilização de flores de corte? A destruição de um sistema radicular e uma ecologia moral? Uma civilização sem alma? Poderíamos dar nomes mais sofisticados a essa crise. Poderíamos chamá-la de uma “crise de legitimação” ou uma “crise de autoridade cultural” em que as crenças e ideias que antes inspiravam e guiavam o Ocidente têm sido repudiadas e quase perderam seu poder de persuasão. Também poderíamos traçar os resultados que o problema por si só está causando nas sociedades ocidentais agora, pois outra maneira de ver a civilização de flores de corte é reconhecer o vácuo escancarado no coração das nossas sociedades, esvaziado pela convergência de três tendências.

Primeiro, tem havido um repúdio direto das crenças judaica e cristã, antes poderosas, que formaram as bases do mundo ocidental e seus principais ideais e ideias. Isso se deve, em parte, ao ataque geral de filosofias como o secularismo, em parte à explosão global do pluralismo, que, comumente, colapsa em relativismo e, em parte (como veremos mais adiante), ao modo como a modernidade avançada minimiza e marginaliza todos os valores que não sejam os seus. O resultado é nada menos que a disfunção do Ocidente e uma fratura no antigo consenso judaico e cristão, e seu efeito é um conflito caótico de vozes num grande conflito que se resume a “Quem disse?” Em muitos círculos que se consideram a elite cultural, agora é tido como certo que o secularismo e sua visão de mundo naturalista são evidentes, enquanto as visões judaica e cristã são obsoletas, rústicas, reacionárias e nada além de uma barreira para o que agora é visto como florescimento e progresso humano.

Segundo, tem havido uma sutil mudança no significado de muitas ideias

ocidentais, de modo que termos judaicos e cristãos antes fortes são agora usados de diversas maneiras que, decisivamente, mudam seu significado e sustentabilidade. Liberdade, por exemplo, tem sido eviscerado do seu sólido entendimento judaico e cristão, e suas formas contemporâneas irrestritamente libertárias e libertinas são muito atraentes, mas totalmente insustentáveis. Contudo, a mudança e a substituição aconteceram tão lenta e sutilmente que poucos notaram, e a maioria vive de maneira despreocupada, como se tudo fosse como antes.

E, terceiro, a tentativa de manter ideias e ideais judaicos e cristãos transpondo-os diretamente numa chave secularista pode cada vez mais ser vista como malsucedida. A verdade crua é que o secularismo e outras filosofias alternativas que afirmam substituir as raízes judaicas e cristãs não têm seu próprio sistema radicular adequado com o qual nutrir os ideais. Observe, por exemplo, a incapacidade dos novos ateus de oferecerem um fundamento adequado para tais noções como santidade de vida, dignidade do indivíduo, responsabilidade com a liberdade, justiça, igualdade e universalidade – muito menos algum antídoto para o estabelecimento de desigualdades e polarizações na sociedade. Antes arraigados na crença de que todo ser humano é precioso e tem uma dignidade inalienável por ser criado à imagem de Deus, e que a liberdade é o dom por meio do qual os seres humanos mais se assemelham ao seu Criador, tais raízes bíblicas foram cortadas e seus frutos estão secando.

Em cada uma dessas três fontes do vácuo, podemos seguramente falar das raízes judaicas e cristãs, pois há inegável verdade na observação de Benjamin Disraeli de que a fé cristã é “o judaísmo para as multidões”. Ou no comentário de George Eliot de que as “ideias [judaicas] determinaram a religião de metade do mundo, e nesse sentido, a metade mais refinada”.[1] Como ressalta Jonathan Sacks, uma das principais diferenças entre os resultados das revoluções inglesa e norte-americana e os das revoluções francesa e russa foi que a filosofia política das primeiras estava fundamentada no pensamento dos puritanos, que eram, de fato, “hebraístas cristãos cujo pensamento baseava-se na história do antigo Israel”.[2]

Entre as numerosas consequências dessas tendências, a posição–padrão agora adotada por muitos intelectuais ocidentais tem criado nosso “momento TMC” (Tudo Menos Cristianismo). Qualquer ideia estranha, desvairada e maravilhosa pode ser adotada, e muitas vezes é o que acontece, contanto que não seja judaica nem cristã. Essa rejeição assume formas diferentes em países diferentes, mas pode ser testemunhada em quase todos os lugares do Ocidente. Um ministro

britânico descreveu recentemente o resultado absurdo na Grã-Bretanha, com inegáveis raízes cristãs que antes eram reconhecidas e apreciadas.

Se somos católicos romanos, somos cúmplices de abuso infantil. Se somos anglo-católicos, somos fanáticos homofóbicos curiosamente apegados a rendas e veludos. Se somos anglicanos liberais, somos despropositados mascates de consciência que esfregam as mãos durante um negócio num gesto de engano. E se somos evangélicos, somos obsessivos repugnantes que se sentem desconfortáveis com qualquer pessoa que aprecie algo mais ostentoso que uma fatia de Battenberg [um pão-de-ló leve coberto com marzipã]. Mesmo numa área em que o cristianismo poderia ser julgado como algo vagamente relevante – falando em termos morais –, assume-se casualmente que a fé cristã é um fator ativamente incapacitante.[3]

Infelizmente, a comunidade judaica não está imune à crise, e, desta vez, não se pode pôr a culpa pela crise no antissemitismo. Pode não haver o mesmo regozijo público perverso com o declínio judaico como há com as estatísticas do declínio cristão, mas a realidade dos judeus no Ocidente é ainda pior que a dos cristãos. Por um lado, as deserções da fé judaica alcançaram um auge histórico. Nas palavras do rabino Sacks:

Hoje, por meio da diáspora, um em cada dois judeus está se casando fora da comunidade judaica ou não está se casando, ou, de alguma outra maneira, está decidindo não criar um lar judeu, ter filhos judeus e continuar a história judaica. (…)

A comunidade judaica nos Estados Unidos, a maior do mundo, está desaparecendo mais rapidamente do que qualquer outra desde que as Dez Tribos Perdidas desapareceram das páginas da história há mais de 2.500 anos. O mesmo está acontecendo, de modo um pouco menos dramático, na Grã-Bretanha. (…) A comunidade judaica tem perdido dez judeus a cada dia, e isso há mais de dez anos.[4]

Por outro lado, Sacks ressalta que os ataques à fé cristã são também um ataque aos ideais centrais do judaísmo. “As democracias liberais do Ocidente estão abandonando os mesmos valores que antes eram conhecidos como a tradição judaico-cristã. (…) A sociedade não está se tornando mais judaica, mas, de um modo evidente e rápido, menos judaica.”[5]

Os cristãos ocidentais não podem fechar os olhos para essa situação. Mesmo que quiséssemos fazê-lo, seria difícil. Mas não devemos usar isso como pretexto para a nostalgia, para nos fazermos de vítimas ou para resistirmos como o apóstolo Pedro, que erroneamente pensou que o reino de Deus podia ser defendido com uma espada e, em seguida, traiu seu Mestre ao ficar em silêncio, em vez de falar, quando as coisas se tornaram perigosas. Maquiavel descreveu Jesus, com justiça, como “o profeta desarmado”, especialmente em contraste com Maomé. Jesus claramente rejeitou certas respostas falsas e perigosas, porque seu reino é de um tipo diferente; e ele, sem rodeios, advertiu seus seguidores a respeito de como deveriam esperar ser tratados se fossem fiéis a ele. E, sem dúvida, nossos irmãos cristãos em outras partes do mundo estão enfrentando ataques muito piores do que os nossos – perseguição em vez de discriminação, e morte em vez de escárnio.

Contudo, muito mais sério do que nosso novo desconforto cultural é o perigoso vácuo criado no coração da nossa civilização ocidental. A condição de flor cortada cria um vácuo de ideias e ideais que não pode continuar para sempre. Como veremos, de fato isso criou as condições para a ascensão da titânica luta mencionada anteriormente – entre as forças da decadência e as do caos, de um lado, e as forças da arrogância e da autoconfiança presunçosa, do outro. Se a elas for permitido expandir-se sem controle, essas forças destruirão o Ocidente a partir de dentro, e ele não mais será uma civilização distinta, mas meramente uma designação geográfica no mapa. Como eu disse, o Ocidente ainda é pós-cristão, em vez de não cristão, mas a crise está bem avançada e a diferença entre os dois termos está cada vez mais difícil de ser distinguida.

Para o decisivo confronto entre as crenças judaica e cristã como fundamentos do Ocidente e o secularismo progressista daqueles que desejam substituí-las, não há melhor vitrine que os dez debates televisionados em 1968 entre William F. Buckley e Gore Vidal. Capturado de modo brilhante no documentário Melhores inimigos, o filme coloca, frente a frente, dois eloquentes aristocratas norte-americanos que eram unidos na sala de aula, na educação na Ivy League e no domínio das habilidades de debate, mas cruelmente divididos em filosofia, ética

e objetivos. De um lado estava Buckley, o católico cujo livro God and man at Yale e cuja revista The national review provocaram a revolução conservadora moderna e aceleraram a eleição de Ronald Reagan. E do outro lado estava Vidal, um escritor precoce e prolífico, enfant terrible da esquerda política, um dos primeiros homossexuais a se declarar publicamente e um apóstolo da revolução sexual. A aversão entre os dois homens era palpável, e o resultado foi mais carnaval e circo do que um debate ponderado. O clímax veio no penúltimo debate num momento explosivo de ira em que Vidal sorriu com sarcasmo e acusou Buckley de ser um "criptonazista". Irritado, Buckley respondeu: "Escute aqui, sua bicha. Pare de me chamar de criptonazista ou dou um murro nessa sua cara de b_____, e você vai precisar ser engessado."

Quando Buckley perdeu a calma, foi amplamente considerado que Vidal havia vencido o debate, mas a rixa entre os dois homens teve menor importância do que seu significado cultural. Ela revelou a divisão que, mesmo a essa altura, estava começando a despontar na guerra cultural norte–americana. O ano de 1968 foi o annus calamitosus daquela década. Foi o ano de inquietação estudantil, de agitação com o massacre em My Lai e a Guerra do Vietnã, de saudação do Poder Negro nas Olimpíadas, dos assassinatos de Martin Luther King Jr. e Robert Kennedy, e a segunda série de debates aconteceu durante o tumulto na Convenção Democrática, em Chicago. Lance Morrow, da revista Time, escreveu que, "como uma lâmina de faca, o ano separou o passado do futuro".[6] E o colunista George Will se referiu a 1968 como "talvez o pior ano na história norte-americana".[7] Não é necessário dizer que os debates em si não foram decisivos no sentido de causar o vasto abismo, mas o revelaram com inconfundível clareza. Para os perspicazes, foram a declaração nua e crua da briga intensa entre as duas crenças que lutavam até a morte para definir a alma dos Estados Unidos – e do Ocidente.

Esse comentário dá origem a uma série de perguntas, tais como por que e como essa crise se desenvolveu. Entretanto, minha preocupação é nossa resposta hoje, não uma análise. A verdade é que o mundo, como os cristãos o conhecem há muitos séculos, se foi – e para sempre. Nós nos deparamos com uma nova situação. Apenas a explosão do pluralismo coloca-nos numa situação que não víamos desde a diversidade do Império Romano. Assim, temos de enfrentar não apenas a rejeição dos outros, mas tudo o que é novo nas grandes transformações na experiência humana que estão moldando nossa vida no começo do século 21. Muitas das mudanças que estamos vendo estão acontecendo há vários séculos, por isso não há um parâmetro simples para declararmos que havia um consenso

judaico e cristão antes amplamente intacto no Ocidente. Mas, no mundo de língua inglesa, podemos livremente usar a década de 1950 como a década mais recente na qual houve algo parecido com um consenso judaico e cristão que ainda conservava muito da sua antiga força cultural.

Agora, apenas algumas décadas depois, está claro que qualquer consenso assim já se foi de modo tão decisivo que qualquer simples volta ou recuperação está fora de cogitação. Essa é uma entre várias razões pelas quais grande parte da recente guerra da cultura cristã tem sido em vão. O mundo reconhecidamente cristão que os cristãos ajudaram a criar e que foi dominante no Ocidente por mais de um milênio tem sofrido erosões severas, crenças rivais (o secularismo, de modo supremo) estão crescendo tanto em número quanto em poder, sua influência danosa tem se espalhado para além dos seus círculos e o futuro que encaramos juntos é, em certo sentido, radicalmente novo para todos nós como seres humanos. Portanto, temos de começar a avaliar as transformações do nosso mundo, e a maneira pela qual elas estão moldando a experiência humana de modo inédito, e, então, considerar o que a fidelidade cristã significa à luz dessas novas realidades, realidades que, em breve, também moldarão o futuro dos nossos irmãos cristãos em outras partes do mundo. Em capítulos posteriores, esboçarei alguns dos desafios diretamente espirituais, mas comecemos com algumas das grandes transformações globais e a importância delas para nossa geração.

DA PIROTECNOLOGIA À BIOTECNOLOGIA

A primeira grande transformação é fundamental, mas bem menos discutida do que deveria ser. Ela é importante porque diz respeito ao modo como nós, seres humanos, vemos a nós mesmos e ao nosso lugar no universo e como nos relacionamos com o mundo da natureza no qual vivemos como as principais criaturas na nossa bolinha azul de um planeta chamado lar. É dito que nosso mundo humano está mudando da “era da pirotecnologia”, baseada na engenharia do fogo, para a “era da biotecnologia”, baseada na engenharia da vida.[8] Vista da nossa perspectiva presente, a Revolução Industrial foi notável e tanto radical quanto muito perturbadora, embora tenha sido poderosamente inovadora e um forte impulso em direção ao progresso humano. As infames revoluções políticas

e as guerras mundiais que ela gerou, especialmente o comunismo russo, o fascismo alemão e a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, foram titânicas e destrutivas. Mas, na verdade, foram simplesmente expressões parciais das múltiplas revoluções na experiência humana que vieram como consequência da industrialização – e as revoluções tecnológicas e sociais foram ainda mais revolucionárias e duradouras do que as políticas e militares.

A Revolução Industrial começou na Inglaterra, no século 18, com a invenção de instrumentos como a máquina a vapor e o tear de tecelão e aplanou seu caminho por todo o mundo ocidental, deslocando-nos do passado e arremessando-nos para a frente à medida que avançava. Ao fazer isso, a industrialização representou para a humanidade um gigante avanço, mudando a humanidade de sociedades agrárias para sociedades industriais, do mundo natural para o mundo mecânico, do campo para a cidade e, assim, nas palavras de Jeremy Rifkin, do "mundo dos montes de feno" para o "mundo dos montes de fumaça".[9]

A importância revolucionária da era industrial não deve ser minimizada. No entanto, não deve ser vista apenas como o alvorecer de uma nova era, mas como o fim de uma era velha. Vista de uma perspectiva histórica mais abrangente, a Revolução Industrial foi a fase final na longa história de pirotecnologia que remonta a milhares de anos num passado distante. Dessa perspectiva, a pirotecnologia antes foi, em si mesma, revolucionária, pois, em seus dias, significou uma mudança igualmente titânica do poder dos músculos humanos para o poder do fogo. Pensadores, de Platão a Lewis Mumford, Jeremy Rifkin e Yuval Harari, todos, por sua vez, ressaltaram a importância do fogo e as longas eras na História que foram possíveis pelo uso do fogo.

É dito que até a utilização do fogo, a força e a importância de todos os animais da terra dependiam da força do seu corpo – "a força dos seus músculos, o tamanho dos seus dentes, a envergadura das suas asas. Embora possam valer-se de ventos e correntezas, eles nunca são capazes de controlar essas forças da natureza e estão sempre restritos pela própria forma física".[10] No entanto, quando conseguiram controlar o fogo, os seres humanos deram um gigantesco passo à frente.

Platão observou que, quando Prometeu roubou o fogo dos deuses, isso deu à humanidade uma fonte de conhecimento e poder que, antes, pertencia somente aos deuses. Acima de tudo, foi o fogo, argumentou Mumford, que nos deu as três dádivas da luz, do poder e do calor, que permitem aos seres humanos triunfarem

sobre a natureza e construírem sua “segunda natureza”, nosso próprio mundo humano tecnologicamente construído contraposto ao mundo da natureza em que antes vivíamos. Com o surgimento da era do fogo, escreve Rifkin, o “ato de socar, apertar, quebrar, esmagar e triturar” da força do músculo humano “começou a desempenhar um papel secundário em relação às ações de fundir, derreter, soldar, forjar e queimar”, tornadas possíveis pelo fogo.[11] Por meio da engenharia possibilitada pela arte do fogo, incluindo o uso da energia armazenada do sol na forma de combustíveis fósseis, a humanidade pôde construir seu próprio “segundo lar”, independente do mundo da natureza, e avançar com seu progresso com a energia prodigiosa de Prometeu.

No entanto, a grande era da pirotecnologia está chegando ao fim. Isso se deve, em parte, ao previsível esgotamento da energia não renovável, aos alertas causados pelo estrago feito à terra e à extinção cada vez mais acelerada de espécies animais na era industrial. Mas se deve ainda mais ao surgimento de um novo tipo de engenharia humana: a engenharia de formas de vida. Esse é o significado revolucionário da biotecnologia. Começando no século 20 com descobertas em biologia e genética, mas há muito predito em mitos como o golem da tradição judaica, a história grega de Ícaro e suas asas de cera, o poema Aprendiz de feiticeiro, de Goethe, o livro Frankenstein, de Mary Shelley e o The master and his emissary, de Friedrich Nietzsche, a humanidade está agora começando a engendrar formas da própria vida.

A revolução biogenética ainda está na sua fase inicial, e muitas das predições do futuro pós–humano, embora escritas por cientistas sérios, estão no âmbito de conjecturas de ficção científica. Mas, como no caso do uso indiscriminado do fogo, o significado da biogênese para a humanidade é surpreendente em seu potencial. Os reis-filósofos de Platão deram lugar aos nossos cientistas-reis modernos, e a crença em Deus como Criador foi substituída pela confiança no Homem como Criador. Em vez de trabalharmos em formas exteriores de natureza, agora estamos prestes a ser capazes de transformar, e combinar em novas formas, a natureza da própria vida – e de dentro para fora. (“Agora podemos construir a raça humana”, diz modestamente o MIT technology review. Na universidade, há um laboratório no qual “o homem reconstrói a criação como lhe convém”.)[12] E, como sempre, sejam quais forem os riscos, as consequências inesperadas e os resultados desconhecidos, podemos ter certeza de que “se algo pode ser feito, será feito”, e que “se nós (digamos, no Ocidente) não o fizermos, outra pessoa (na Rússia, na China, no Irã ou na Índia) o fará”.

Meu interesse não está numa lição de História, mas no significado espiritual e moral desse novo avanço. Todos os que leram a história da torre de Babel, em Gênesis 11, reconhecerão a importância espiritual daquilo que os tijolos feitos de barro queimado possibilitaram aos sumérios da época. Com seus fornos, seus tijolos, suas cerâmicas laqueadas duras, sua impressionante arte e seus zigurates altivos e gigantes (junto com a invenção da roda, do arco e do calendário), as pessoas na região da Babilônia tinham os materiais de construção para que pudessem ficar famosas por si mesmas e, desse modo, tornarem-se como Deus. Seus "montes sagrados" feitos por homens aumentariam o abismo entre os céus e a terra, entre Deus e a humanidade. O próprio Senhor reconheceu esse fato: "Agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer" (Gn 11.6). Os seres humanos poderiam usar a tecnologia para dar peso ao seu sonho de ser como o próprio Deus e, assim, não precisar nem um pouco de Deus. Nossos cientistas-reis e nossa admirável nova era de biotecnologia (e, depois, de astrotecnologia: a engenharia do espaço) são os mais recentes dos passos gigantes que levarão essa iniciativa de Babel a um novo nível.

No nível espiritual, isso carrega consigo o maior incentivo às pretensões de autonomia e idolatria humanas desde Babel e vai muito além dos desastrosos tropeços como o fiasco do "novo homem", de Stalin, e a "nova raça", de Hitler. No nível moral, como veremos mais adiante, será inaugurado com genuínos e maravilhosos avanços na batalha contra as fragilidades e doenças hereditárias. No entanto, também ressuscitará o espectro de novas e refinadas formas de eugenia que poderão fazer os terríveis experimentos nazistas e a horrenda política de "generocídio" da China parecerem primitivos. Como demonstram iniciativas contemporâneas, tais como o projeto Singularity (com seu objetivo de "imortalidade digital") e o projeto Gilgamesh (com seu objetivo de vencer a morte), a grande mudança da pirotecnologia para a biotecnologia (e, depois, para a astrotecnologia) é uma transformação do maior significado espiritual e cultural e é muito mais importante do que o atual nível de discussão sugere. Como adverte a filósofa Mary Midgley, o que estamos vendo nas fantasias de poder do futuro a partir dos novos cientistas-reis é nada menos que "a promoção da mente humana à honra de criar retrospectivamente o cosmos".[13] O que eles estão oferecendo é "uma infindável escada rolante evolutiva que exalta a raça humana" e leva à "apoteose do Homem".[14] Planando sobre a força dos seus triunfos titânicos, tais como o projeto Manhattan e o pouso na Lua da Apollo, a ciência é agora aclamada como onicompetente e onisciente, com sua promessa de uma Teoria de Tudo. O homem científico em sua forma neobabel está agora "como o próprio Deus". Ao criar a humanidade com sua capacidade de

liberdade, Deus aceitou o risco de criar uma forma de vida que pudesse desafiá-lo, mas esse risco e esse desafio alcançaram o nível no qual a humanidade, em sua tentativa de ser como o próprio Deus, agora tem o poder de destruir a si mesma e à criação. No extravagante comentário do físico Paul Davies, “na verdade, deveríamos ser senhores do Universo”.[15]

Os sábios judeus há muito nos lembraram que as duas palavras-chave na história de Babel, tijolos e confundir, são, no hebraico, uma inversão precisa uma da outra. Na arrogância da tentativa de se tornarem famosos e eliminarem os limites entre “céu” e “terra”, os construtores de Babel se tornaram o símbolo eterno de confusão e mostraram que sua civilização, por sua vez, era por demais humana. Do mesmo modo, as intenções humanas sempre carregam as sementes de consequências inesperadas. Do mesmo modo, sonhos utópicos sempre se tornam pesadelos, quer esses sonhos sejam babilônios antigos, marxistas recentes ou secularistas ocidentais no futuro.

DA ERA INDUSTRIAL À ERA DA INFORMAÇÃO

A segunda grande transformação é igualmente vital, porque diz respeito ao modo como nós, seres humanos, estamos cientes uns dos outros, nos relacionamos uns com os outros por meio das nossas comunicações e somos capazes de responder aos maiores desafios humanos. Estamos passando, é dito novamente, da era industrial para a era da informação – por meio da globalização. Se a primeira transformação é menos discutida do que deveria, esta segunda é bem mais óbvia e incessantemente discutida, tanto que é fácil rejeitá-la como sendo um absurdo moderno ou “globalela”[*]. Na verdade, precisamos sempre ter cuidado ao fazer afirmações sobre a globalização, pois é necessário reconhecer importantes fases anteriores de globalização, e qualquer descrição deve sempre incluir suas tendências compensatórias. Como diz o jargão comercial, o mundo global está “se globalizando”, “se localizando” e até mesmo “se glocalizando” ao mesmo tempo.

Tendo dito tudo isso, não há dúvida de que a globalização é real e de importância crucial. Ela pode ser definida com precisão como o processo pelo qual a interconexão humana está alcançando um nível verdadeiramente global. O

capitalismo de mercado é um líder óbvio das forças que exploram o novo potencial global, mas a globalização não deve se limitar à economia. O fator decisivo real é a tecnologia da informação – e, em particular, a velocidade, a escala e a simultaneidade da tecnologia da informação na era do computador e da internet – ou o "efeito da tela tripla" de vivermos quase metade da nossa vida diária diante da moderna trindade da tela de televisão, tela de computador e tela de celular ou aparelhos portáteis.

As descrições da globalização são muitas vezes abstratas, mas a realidade atinge nossa vida diária de várias maneiras que são muito mais concretas. O impacto pode ser capturado na abundância de slogans espalhados por aí hoje para descrever a inovação da era global: "Todos estão agora em todos os lugares". "Com nossa informação total e instantânea, somos a primeira geração a ver tudo em tempo real." "Tudo está interconectado e ninguém está no comando." "A partir de qualquer lugar, você pode chegar a qualquer outro lugar do mundo em 24 horas." "Nós vivemos em uma vila global", mas, em muitos sentidos, o mundo não está menor, mas maior, porque "no mundo interconectado, os líderes de hoje têm de estar em contato com o mundo todo o tempo todo". E assim por diante.

O que tem importância suprema é que a globalização é uma revolução no conhecimento e no pensamento humanos. Todos os avanços tecnológicos são revolucionários em algum sentido, mas muitos afetam apenas o modo como fazemos as coisas. Contudo, as revoluções no conhecimento humano são as mais revolucionárias de todas, porque moldam o modo como pensamos – por exemplo, o impacto titânico de revoluções antigas, tal como a invenção da escrita, do alfabeto e da impressão. Graças à sua velocidade, a globalização torna instantâneos o pensamento e o conhecimento; graças ao seu escopo e escala, ela torna sem precedentes o volume de conhecimento e, graças à sua simultaneidade, ela torna o conhecimento alcançável por todos e, assim, um fenômeno de massa.

Mais uma vez, o que importa aqui não é nem a história nem o processo exato pelo qual chegamos a este ponto, mas as consequências. E, no caso da globalização, elas são miríades e significativas. Seria possível traçar as consequências numa ampla variedade de áreas, desde a identidade humana à família, à comunidade, ao trabalho, ao consumismo, à política, às relações internacionais e a inúmeras outras áreas. Mas permita-me usar duas consequências que são fundamentais para a integridade e efetividade da fé no

avançado mundo moderno. Uma delas é o impacto da globalização no nosso senso de tempo e a outra é seu impacto na ampliação dos problemas do mundo, como o mal e o sofrimento.

LIMITADO PELO TEMPO, DESGASTADO PELO TEMPO

Como seres humanos, somos tanto limitados pelo tempo quanto “desgastados pelo tempo” (Thomas Hardy). Sempre fomos e sempre seremos. As flechas do tempo atravessam a História de modo rápido e incontrolável. Nossa vida está inserida no tempo assim como o peixe nada na água e está limitada pelo tempo como os produtos no supermercado pelo seu prazo de validade. No entanto, com a invenção do relógio na Europa do século 13, nós nos tornamos gradualmente limitados e desgastados pelo tempo de um modo novo. Não mais vivemos de acordo com os ritmos da natureza e das estações, mas de acordo com o relógio. Nosso tempo sempre é a hora do relógio. Com a industrialização no século 19, caracterizada por espalhar malhas ferroviárias que corriam de acordo com os cronogramas dos seus trens, tais características como velocidade, precisão, coordenação e eficiência tornaram-se aspectos proeminentes da nossa consciência moderna de tempo inicial.

No entanto, isso foi naquela época, quando, apesar de todos os seus avanços, o tempo industrial ainda era primitivo –, pois, na era global, avançamos para o mundo do verdadeiramente instantâneo e imediato, e, ao que parece, destruímos a persistente realidade de espaço. Nenhum ser humano precisa labutar, nenhum cavalo precisa correr, nenhuma vela precisa ser içada e nenhum motor precisa ser ligado e alimentado, pois o que desejamos dizer e tudo o que desejamos enviar está lá antes que percebamos – e tudo sem esforço, ao toque de um botão ou de uma tecla de computador.

Na verdade, o resultado é um mundo de gratificação imediata e de mil comodidades fáceis que são para nosso bem. Entretanto, é também um mundo de constante sobrecarga. Podemos ter conquistado o espaço e encolhido a geografia, dividindo o mundo em horas, em vez de dias, semanas ou meses, mas não conquistamos o tempo, e o modo como o economizamos tornou-nos escravos do tempo. Sim, nas nossas viagens e comunicações, acabamos com a distância entre

o aqui e o lá e entre o agora e o depois. Porém, na nossa pressa inquieta, também acabamos com a distância entre uma coisa e outra, de modo que as notícias de última hora, os e-mails, as chamadas telefônicas, as mensagens de texto e as listas de tarefas chegam mais rápido e estão mais cheias do que nunca. (Durante um jantar há pouco tempo, o anfitrião da minha esposa recebeu mais de quinhentos e-mails entre a oração de agradecimento e o fim da sobremesa.)

Assim, nosso exaltado triunfo humano sobre o tempo custa muito caro. Agora vivemos em um mundo de "velocidade, coisas e estresse" e sobre a implacável tirania do "urgente agora". Os limites entre trabalho e lazer, público e privado, estão se dissolvendo, de modo que não temos descanso e somos todos forçados a ser malabaristas do tempo e a realizar múltiplas tarefas. Todos somos ratos na corrida de ratos. Todos somos oprimidos por tudo o que temos de fazer e lutamos com prioridades para lembrar e agendas para manter sob controle. Escravos do tempo sob um mestre implacável, todos somos darwinianos agora, vivendo sob a ameaça diária da "sobrevivência do mais rápido".

Sendo assim, quem tem tempo para pensar? Para pensar por si, em vez de aceitar o consenso da Internet como fast-food para a mente? Para pensar suficientemente à luz da sabedoria bíblica a fim de ser capaz de discernir? Para ter o espaço dedicado à adoração, à solitude, às disciplinas espirituais e o espaço para viver como uma contracultura à loucura desta vida de panela de pressão? É bem possível que o avançado mundo moderno requeira mais discernimento cauteloso do que qualquer era previamente enfrentada pelos cristãos na História. Porém, sem sombra de dúvida, o avançado mundo moderno permite-nos menos tempo para pensar sobre a vida e sobre nossa própria vida e nos oferece menos recursos para lutar com seus desafios mais profundos. Viver com tempo no avançado mundo moderno e globalizado é algo desafiador, como jamais foi.

QUANDO O MAL SE TORNA SENSACIONAL

A globalização combina as dificuldades e traz outros desafios à medida que lidamos com problemas tão antigos quanto o mal e o sofrimento, e muitos dos problemas de hoje estão agora em escala global. Apesar de todas as evidências de horrores, tais como Auschwitz e os campos de extermínio nazistas, com

certeza, não somos mais pecaminosos e provavelmente nem mais perversos do que as gerações anteriores de seres humanos. Ainda assim, somos mais modernos, e o mundo global moderno tanto marginaliza as maneiras tradicionais de ver e lidar com o mal quanto amplia o mal de várias maneiras fundamentais. Para começar, ele ampliou o poder destrutivo – não tanto pela potência das nossas armas quanto pela sutileza de métodos modernos como a divisão do trabalho e a difusão da responsabilidade.

Não faz muito tempo, por exemplo, a pornografia em grande parte do mundo estava no contexto do velho obsceno, da capa de chuva gasta e das revistas masculinas nas lojas sujas das vielas, com perversões mais profundas à espreita nas sombras. Hoje, com a expansão global da liberdade por meio de viagens e tecnologia, a expansão global do lucro e a expansão global do crime, a pornografia está a apenas um clique de botão de quase todos e é uma presença diária nos pensamentos e na vida de milhões. E o turismo sexual, com seus nichos de preferências para todos os gostos e perversões concebíveis, existe para todos que quiserem tê-lo.

O mal no avançado mundo moderno se exibe por trás do disfarce do sensacional, do global, do conectado e do acessível. Agora é uma questão de direito e uma opção de consumo natural para milhões. Tanto em escala como em estilo, os males modernos, como o tráfico sexual, a escravidão e a corrupção política por meio do tráfico de influência, são problemas globais maiores, mais difíceis e mais caros de serem combatidos do que nunca. Observe, por exemplo, as respostas impotentes dos patrocinadores corporativos ocidentais quando a corrupção desenfreada é exposta no âmbito de esportes globais, como no futebol, no críquete e nas Olimpíadas. Deus nos livre que a integridade cause problemas nos resultados deles. Como mostram até mesmo algumas observações, esse aumento do mal é profundo, mas, ao mesmo tempo, é apenas um aspecto do multifacetado impacto, semelhante a uma avalanche, da globalização em nossa vida e empreendimentos humanos.

DE UMA MODERNIDADE SINGULAR A MÚLTIPLAS MODERNIDADES

A terceira grande transformação diz respeito à mudança do que tem sido descrito como uma “modernidade singular” para “múltiplas modernidades”. As origens do mundo moderno podem ser traçadas de diversos modos, mas é comum descrever uma sucessão de potências mundiais que eram as principais sociedades do mundo da sua época: Portugal, com seus intrépidos navegadores; Espanha, com seus audazes, se não vorazes, exploradores e colonizadores; França, com sua genialidade militar e suas grandes criações culturais; Holanda, com seu império comercial e suas artes; Grã-Bretanha, com suas inovações políticas e seu império naval sobre o qual o Sol nunca se punha, e os Estados Unidos, com sua Pax Americana e sua condição de colosso global do seu tempo.

O efeito disso foi que qualquer nação ocidental que fosse líder nos seus dias era automaticamente líder do mundo. Seu privilégio era liderar e moldar a modernidade à sua própria imagem durante sua supremacia, e era certo que seu único rival viria dentre as demais nações que formavam o Ocidente, e essa nação, por sua vez, seria a sociedade na liderança mundial. O restante do mundo sempre foi “o resto”. Era diferente e estava atrás, quer fosse visto como primitivo, atrasado, reacionário, tradicional, pré-moderno, mundo majoritário ou em desenvolvimento. Em suma, a modernidade era ocidental, por isso a globalização era a ocidentalização, a americanização e até mesmo a colonização da Coca-Cola. Fadado a sempre ficar para trás do Ocidente, cabia ao restante seguir da melhor maneira possível, embora nunca pudesse esperar alcançá-lo.

É importante observar que essa arrogância era muito mais profunda do que questões óbvias, como poder econômico e militar. Ela também afetava ideias. A teoria de secularização do Iluminismo, por exemplo, era muito mais do que uma hipótese acadêmica objetiva alcançada por mentes impassíveis em torres de marfim, pois ela servia aos seus próprios interesses. Era considerado que, à medida que se tornasse mais moderno, o mundo se tornaria cada vez menos religioso, de modo que a secularização deveria ser universal e inevitável. Contudo, os proponentes da teoria só podiam defender essa visão porque projetavam sobre todo o mundo as condições do que era então o continente mais moderno do mundo, a Europa. “Como a Europa, assim seja o mundo. Isso não é óbvio?” Eles viam a si mesmos na Europa como a vanguarda global e ignoravam as condições especiais que tornavam a secularidade europeia excepcional. (É claro que os Estados Unidos nunca se encaixaram na teoria deles. Eles tiraram o poder das mãos da Europa e se tornaram o país mais moderno do mundo enquanto ainda era o mais religioso dos países modernos.)

Mais recentemente, surgiu nos Estados Unidos uma arrogância semelhante na afirmação absurda de que o triunfo dos Estados Unidos na Guerra Fria significou que estávamos testemunhando o "fim da [própria] História" e da sua culminação no triunfo permanente da democracia liberal no estilo norte-americano. No entanto, essa afirmação era um absurdo hegeliano com uma distorção norte-americana, e compartilhava da mesma falha e sofreu o mesmo destino que a teoria da secularização da Europa. O momento de dominação global dos Estados Unidos foi mais fugaz do que muitas pessoas pensavam, mas, à sua breve e ofuscante luz, a teoria absolutizou o triunfo da democracia liberal norte-americana e projetou-a sobre a própria História. A mesma nação que não toleraria, nem por um segundo, o direito divino dos reis deixou-se seduzir por igual arrogância de absolutizar sua própria excepcionalidade e anunciar o fim de toda história além da sua. Um "momento selfie" em escala nacional, se é que já houve um.

Tanto no caso da secularização quanto no do fim da História, as ilusões agora estão expostas. O mundo ainda é inflexivelmente religioso, e o que acabou não foi a História, mas o domínio incontestável da democracia liberal. Contudo, o mais importante, uma das consequências mais importantes da globalização tem sido estender a modernidade a um número cada vez maior de nações e à maior parte da terra de modos diferentes. O resultado é que existem agora muitas expressões diferentes de modernidade ou múltiplas modernidades. Em outras palavras, cada nação tem sua própria história e seus próprios valores culturais. Portanto, é capaz de acolher a modernidade e adaptá-la à própria situação cultural à sua própria velocidade e de acordo com seus próprios princípios e prioridades. Uma expressão que ouvi com frequência na China, nas últimas vezes em que estive lá, capta isso perfeitamente: "É nossa vez agora". Há limites óbvios para a autonomia que cada nação realmente tem, pois a modernidade tem mais direito de moldar a vida do que muitos imaginam. No entanto, teoricamente, toda nação pode se adaptar à modernidade de modo diferente, e é nesse sentido que devemos reconhecer o fato das múltiplas modernidades.

SENHOR GLOBAL, SEGUIDORES GLOBAIS

O que esse reconhecimento muito atrasado significa para a igreja? Como

membros da fé mais numerosa do mundo e da primeira religião verdadeiramente global do mundo, todos nós, cristãos, devemos lidar de maneira responsável com nossa própria versão da afirmação de John Wesley: “Eu considero o mundo todo como minha paróquia”, ou da máxima de René Dubos: “Pense globalmente, aja localmente.” O mundo global não é mais nosso para gerir do que o é para salvar. Para isso, confiamos num poder muito maior do que o nosso e numa sabedoria muito superior à nossa: a soberania e a providência de Deus. Não são para nós os substitutos seculares da providência, como o “leviatã” do Estado secular de Thomas Hobbes ou a “mão invisível” do mercado financeiro de Adam Smith. Não são para nós a atração mortal do “gigantismo” global que age como se fôssemos maiores do que somos, ou o vazio superficial de nos declararmos “cidadãos [cosmopolitas] do mundo”, sem considerar o que isso significa. (Virginia Woolf: “Como mulher, eu não tenho país. Como mulher, eu não quero país algum. Como mulher, meu país é o mundo todo.”[16])

Mas como podemos ser tanto globais como locais de modo a fazer justiça à magnificência da nossa visão cristã no cenário das realidades intratáveis de hoje? Com a encarnação de Jesus como nosso padrão, nós nos gloriamos, por um lado, na presença absoluta e na presença corporal e, portanto, na primazia do face a face – mesmo sob a pressão de nossos celulares, aparelhos inteligentes e comunicações globais. Nós também, com alegria, nos submetemos ao sábio chamado de nosso Senhor à prioridade do cotidiano. (“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.” “Basta ao dia o seu próprio mal.”) Afinal, somos finitos, e nossa pequena vida é fugaz – “mais [veloz] do que a lançadeira do tecelão”, como lemos em Jó 7.6. Aqui estamos hoje, amanhã vamos embora, por isso todas as pretensões ao gigantismo humano são absurdas e perigosas.

Entre milhares de coisas, isso significa que sempre haverá limites naturais para a humanidade e para o tamanho das nossas igrejas. Dizem-nos que o tamanho ideal das comunidades humanas que são ligadas por relacionamentos pessoais gira em torno do número mágico de 150 a 200. Assim, tão logo qualquer comunidade humana ultrapasse esse número, seja no sentido de uma megaigreja, com dezenas de milhares, ou de uma megacidade, com dezenas de milhões, ela requer coordenação em sentidos diferentes do pessoal e do totalmente humano – seja sutilmente por meio das interconexões das mídias sociais ou, mais intensamente, por meio do controle político autoritário. A natureza e o impacto desse modo de coordenação tornam-se, então, cruciais.

Para o bem ou para o mal, esses diferentes modos de juntar as pessoas e mantê-

las unidas têm sua própria dinâmica identificável, que, no final, sempre determinará a qualidade da comunidade maior. As megacidades modernas alcançaram um tamanho que cria problemas intrínsecos próprios, e é possível que haja ostentosas formas de alta tecnologia da igreja com problemas semelhantes. Elas apelarão aos tecnognósticos que celebram o brilho das imagens de vídeo incorpóreas e as abstrações e desprezam o que São Francisco chamava humildemente de "irmão asno". Todavia elas nunca serão a onda do futuro. A paróquia do bairro não é apenas a igreja do passado, mas a igreja do futuro. Por mais desprezada e ofuscada que possa ser às vezes, ela nunca será obsoleta enquanto humanos forem humanos e tiverem corpo.

Mas, tendo dito isso, há também outro lado do desafio. "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira" (Jo 3.16), e nós também devemos fazer isso. Afinal, agora podemos ver "todas as coisas do mundo em tempo real" e agora podemos chegar a "praticamente todos os lugares em 24 horas" por meio de viagens e comunicações. Por isso, devemos elevar nosso jogo também, "esticando nossas cordas e reforçando nossas estacas" para que nossos tabernáculos de alta tecnologia sejam mais espaçosos e acolhedores do que nunca. Devemos fazer "nosso máximo para o Altíssimo" da melhor maneira em todas as esferas de nosso chamado diário, sabendo que, ao fazermos isso juntos, as mãos, o coração e o amor da comunidade cristã podem se estender ao redor do mundo de modo mais amplo e mais efetivo do que os de qualquer outra fé na terra.

Provavelmente nenhuma igreja local da História fez isso de maneira mais ousada, generosa e efetiva do que a Saddleback Church, do pastor Rick Warren, no sul da Califórnia, mas também há outras. Ao mesmo tempo, nossas orações devem alcançar, de maneira mais ampla e mais urgente, governos e tudo o que torna nosso mundo estável, justo e livre. Só assim podemos ser dignos do amor de nosso Senhor pelo mundo como um todo. E só assim nossa paixão por justiça e nossa generosidade e compaixão podem continuar a cruzar novas fronteiras para ajudar as pessoas que, decididamente, não são como nós e que nunca seriam nossos próximos antes da era da televisão e das viagens. Só assim podemos desafiar os limites de tanta preocupação humana de pessoas que são como nós e permanecer fiéis à história de Jesus acerca do bom samaritano num nível superior e mais amplo do que nunca.

Esse equilíbrio entre o global e o local é possível e sustentável? A igreja global irá alcançá–lo, irá se mostrar à altura do desafio do momento e será um jogador vital no futuro da humanidade? Travaremos uma guerra espiritual em nome dos

poderes globais? Essas não são tarefas fáceis, mas as implicações de múltiplas modernidades vão diretamente a tais questões importantes, como veremos. Na verdade, cada uma dessas três grandes transformações é importante, assim como as perguntas que com elas surgem, e explorá-las iria levar-nos muito além das nossas considerações atuais. No entanto, no mínimo, nossa visão global deve abrigar os mais amplos horizontes do fascinante, turbulento e volátil mundo dos nossos dias. Este é o mundo do nosso tempo, e este é o nosso momento diante do Senhor. Somente quando reconhecemos isso é que podemos esperar assumir a responsabilidade de servir aos propósitos de Deus neste momento e nesta geração.

---

[*] O autor sugere um termo inventado (global + baloney) que significa algo que não é sério, que é falso ou inventado (N. do T.).

Uma oração

Ó Senhor, nosso Deus, diante de ti o próprio cosmos é menor do que uma partícula de poeira e, ao teu lado, nossos sonhos mais ousados e objetivos mais altos são insignificantes. Amplia os horizontes do nosso coração e da nossa mente com a imensidão da tua glória, as profundezas da tua verdade, a infinitude do teu amor e a maravilha da tua graça, para que nossa confiança em ti seja tão inabalável quanto os céus e nossa compaixão pelo próximo em todo o mundo, tão profunda quanto os oceanos e tão ampla quanto suas necessidades globais. E que possamos ser teu povo, com teu coração, tuas mãos e teu amor pelo teu mundo. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Onde vemos hoje exemplos de uma motivação como a de Babel para se tornar “como Deus”? Quais são os argumentos e atitudes que tornam isso tão natural e tão difícil de ser refutado?

2. Onde a tensão entre o global e o local e o diário atinge você e sua família? Como você tentou equilibrar as exigências impossíveis? Em que situação você pensa globalmente de um modo bom?

3. É fácil reagir contra erros passados tais como o imperialismo e o colonialismo, mas qual é o melhor caminho a seguir no sentido de orar e se importar por todo o mundo ao mesmo tempo em que evita as armadilhas do passado?

Capítulo dois

O maior desafio de

todos os tempos

Em 1989, tive o privilégio de ser convidado para falar numa sessão plenária do Segundo Congresso Lausanne, em Manila, sobre o tema “Missão e modernidade”. Foi desafiador, pois me foram dados apenas 17 minutos para explorar um tópico que não era somente vasto, mas pouco familiar para a maioria das pessoas envolvidas em missão. Fiz o melhor possível dentro dos limites e, depois do término da sessão, fui para o saguão onde uma missionária me abordou.

“Eu não ouvi tudo o que o senhor disse”, ela falou, “e não entendi tudo o que eu ouvi, mas me permita fazer uma pergunta. Por que pediram a um homem que falasse sobre maternidade?”

Confundir modernidade com maternidade? O primeiro termo é inédito para muitas pessoas e o segundo é familiar, mas o modo como usamos o termo familiar pode lançar luz sobre o menos familiar. Se maternidade é uma palavra única que abrange toda a vasta constelação de coisas que constituem a condição de ser mãe, modernidade é igualmente simples e compreensível. Ela cobre toda a espetacular gama de ideias e instituições que constituem nosso mundo moderno – não apenas ideias, mas cidades, aviões, usinas nucleares, negócios e escritórios, carros, televisões, computadores e smartphones. Em suma, modernidade é muito mais do que uma questão de ideias.

Na verdade, os termos modernismo e pós-modernismo (ambos terminando com -ismo) são conjuntos de ideias, mas modernidade (terminando com -idade) refere-se a muito mais do que ideias. Certamente inclui ideias modernas distintivas – por exemplo, relativismo, ceticismo, eficiência e calculabilidade –, mas inclui muito mais, por isso é um erro confundir pós-modernismo com pós-modernidade. Várias implicações provêm dessa distinção, especialmente o fato de que alguém que é modernista ou pós-modernista no seu modo de pensar pode

mudar e abandonar suas velhas ideias num segundo. Modernidade, no entanto, sendo muito mais do que um conjunto de ideias, não é algo que se dispensa com tanta facilidade, mesmo que alguém efetivamente passe a detestá-la ou se opor a ela. Na verdade, é inconcebível pensar numa verdadeira pós-modernidade, no sentido de um mundo depois da modernidade, sem um inimaginável desastre global.

Mas por que tais distinções importam? Muito mais do que uma questão semântica, elas são fundamentais para o modo como os cristãos do Ocidente avaliam os desafios que enfrentamos hoje. Se alguém dissesse à maioria das congregações no Ocidente que a igreja moderna está diante do maior desafio que a igreja já enfrentou, é bem possível que essa pessoa receba olhares perplexos. Como um câncer não diagnosticado, a natureza e a fonte do perigo que enfrentamos não estão na mente da maior parte dos cristãos ocidentais, por isso eles responderiam de modo vago. Certamente compreenderiam o que é enfrentar ataques mordazes de ateus proeminentes, veriam os estragos do islamismo radical em outros países e, com certeza, teriam conhecimento da animosidade gratuita cada vez maior de certos setores da imprensa e das elites culturais, mas o maior desafio de todos? Maior ainda do que, digamos, perseguição ou heresia? Isso certamente seria considerado exagerado e alarmista, mesmo numa era em que é de praxe que as comunicações modernas agarrem as pessoas pelo pescoço para chamar a atenção para sua própria causa.

É a modernidade no seu sentido mais pleno e mais amplo, não apenas o modernismo, que representa o maior dos desafios que a igreja jamais viu, mas por quê? Porque a modernidade tem causado mais dano à igreja do que todos os perseguidores da igreja e todos os hereges juntos. De Nero, passando por Diocleciano, a Stalin, Mao Zedong e os aiatolás e imames, os ataques dos perseguidores têm sido frontais e os dos hereges têm sido centrais e insidiosos, mas, até este momento, não causaram metade do dano feito pela modernidade. Na verdade, o sangue dos mártires foi a sementeira da igreja, e os ataques dos hereges serviram para afiar a fé e desencadear a criação das clássicas declarações de fé da ortodoxia histórica, como o Credo Apostólico e o Credo Niceno. Todavia, até aqui não houve uma resposta heroica semelhante por parte da igreja moderna levantando-se para vencer os desafios do avançado mundo moderno.

Permita-me ser claro. Se a modernidade é um desafio mortal para a igreja, ela não é um desafio frontal no modo como as ideologias hostis o são. Os novos ateus, por exemplo, são como os antigos comunistas. Eles se opõem

implacavelmente à fé cristã e não hesitam em sua oposição à fé cristã e em sua exclusão dos cristãos. (Nas muito citadas palavras de Richard Lewontin, geneticista de Harvard: “Não podemos permitir um pé Divino na porta.”)[1] “Não queremos fé nenhuma aqui”, dizem eles de fato, separando as pessoas de fé como os guardas nazistas faziam com certos judeus na chegada deles a Auschwitz-Birkenau.

Esse tipo de oposição arrogante e declarada é, certamente, o tipo de desafio proposto por certos modernistas, como os novos ateus, mas não é o desafio da modernidade. Afinal de contas, há uma diferença vital entre secularismo (como uma filosofia pessoal), separacionismo (como uma norma política e legal defendendo a separação estrita entre religião e vida pública) e secularização (como um processo que é parte e parcela da modernização). Os três termos são comumente confundidos e, conquanto se sobreponham no sentido de ter o mesmo resultado final, são maneiras completamente diferentes de chegar lá, e as diferenças são fundamentais. O primeiro é uma filosofia, o segundo é uma norma política e o terceiro é um processo. O modernismo como uma filosofia pode se opor completamente à fé, mas a modernidade não. Seu dano não é por meio de oposição, mas por meio de sedução e distorção. Ela não diz, por exemplo: “Não é permitida fé nenhuma aqui”, mas: “Não é necessária fé alguma aqui”. Ao contrário de Jesus e da Torá, a modernidade afirma que o homem agora pode viver “só de pão”, ou melhor, só de ciência, tecnologia, gestão e marketing. Os secularistas não querem Deus, enquanto os secularizados não precisam de Deus, e essa é apenas uma das muitas seduções e distorções da modernidade.

Vimos anteriormente que a teoria de secularização prevalecente há muito tempo era um relato falso e tendencioso do impacto da modernidade na religião. O mundo tem continuamente se tornado mais moderno e a religião não desapareceu como tinham prenunciado os proponentes da teoria. Na verdade, em vários sentidos, o mundo é tão furiosamente religioso como sempre. Mas seria igualmente errado parar nesse ponto e argumentar que, uma vez que a religião parece prosperar no mundo moderno, ela permaneceu a mesma. A religião não desapareceu, como já pensavam e esperavam os críticos, mas também não permaneceu como era. A modernidade moldou as religiões de diversas maneiras que, para alguns, são inconsequentes e, para outros, altamente críticas. Em suma, se quisermos ser fiéis ao nosso Senhor e estar “no mundo”, mas não ser “do mundo”, temos de entender o mundo.

Este não é o lugar para uma consideração completa do impacto da modernidade na fé cristã e na igreja cristã. Esse aspecto já foi bem discutido. Em vez disso, quero simplesmente apresentar três exemplos do tipo de dano que a modernidade está infligindo à fé e à igreja cristã. Em cada caso, as tendências por trás do dano não importariam para muitas outras crenças, mas são cruciais e danosas para a fé cristã por causa da natureza do evangelho e do caráter da verdade cristã. Mais uma vez, minha preocupação não é histórica nem analítica, mas está no significado do discipulado. Os cristãos são conclamados a estar no mundo, mas a não ser dele, por isso a modernidade é simplesmente o mundo numa forma moderna que é, com certeza, a mais poderosa, comum e opressiva de todas. E nisso está o desafio proposto à igreja. A igreja cristã deve prevalecer sobre essas modernas seduções e distorções do mundo da modernidade ou deve sucumbir a um mundanismo abjeto e será exposta tanto pela sua fraqueza cultural quanto por não conseguir ser fiel ao seu Senhor.

SENDO EXIGENTE NA ESCOLHA

Uma primeira distorção que é fundamentalmente importante vem do modo como o mundo moderno nos desloca de uma posição sob autoridade para uma de preferência – ou, expressando de modo mais cuidadoso, tende a minar todos os tipos de autoridade que não sejam os seus e os substitui com o senso de que todas as respostas são meramente uma questão de preferência. Não é necessário dizer que a autoridade é central e fundamental tanto para a fé judaica quanto para a cristã. O rabino Jonathan Sacks ressalta que Levítico é talvez “o texto-chave do judaísmo”, e a tradição passou a chamá-lo pela sua primeira palavra: Vayikra, que significa “ele chamou”.[2] As três expressões “ele disse”, “ele falou” e “ele ordenou” prefaciam muitas das instruções no livro e, juntas, falam da incontestável autoridade de Deus, embora também carreguem uma nota de afeto e amor. Único entre os deuses cridos ao longo da História, o Senhor é transcendente, de modo que o que ele fala é verdade, verdade obrigatória, porque nos chega como autoridade. Diluir essa autoridade é desprezar o próprio Senhor.

Para os cristãos, “Jesus é o Senhor” é a convicção e a confissão central da fé cristã. Nas palavras do antes cético Tomé, que depois passou a crer, somos seguidores de Jesus porque alcançamos a convicção necessária: “Senhor meu e

Deus meu!” (Jo 20.28). Os cristãos creem que Jesus Cristo é plenamente Deus que se fez plenamente homem, a única, certa e suficiente revelação do próprio ser, caráter e propósitos do Deus transcendente, além de quem não há outro deus e além de quem não há outro nome pelo qual devemos ser salvos.

Portanto, o seguidor de Jesus é uma pessoa sob autoridade, vivendo diante da majestade transcendente de Deus e sem se envergonhar de ser assim. Se Deus fala conosco, confiamos. E o que Deus nos manda fazer, obedecemos. Portanto, reconhecemos com alegria que não somos autocriados, não somos autossuficientes e não somos autônomos. Ninguém no mundo tem uma visão de liberdade mais sublime e mais sólida do que os judeus e os cristãos. O Livro de Oração Comum fala de Deus “cujo serviço é a perfeita liberdade”. No entanto, essa liberdade tem uma estrutura tripla, por isso nunca é vista como autônoma. Primeiro, é entendida como uma dádiva de Deus e não como algo que nós mesmos conquistamos. Segundo, é sempre relacional e, portanto, é vivenciada e amadurecida apenas no relacionamento com nosso Senhor, nossos irmãos e irmãs e nossos concidadãos. E, terceiro, é sempre vivida dentro do âmbito do ensinamento de Jesus e das Escrituras. A liberdade judaica e cristã é liberdade dentro da forma da verdade do modo de vida divino.

Isso significa que a fé cristã é uma fé constituída pela autoridade de Jesus. O que quer que seja que o próprio Jesus ordene, ou qualquer outra autoridade que seja dada, o selo de autoridade de Jesus é a palavra final para os cristãos que o seguem fielmente. O próprio ensino de Jesus e sua atitude para com a total veracidade e suprema autoridade da Bíblia, a Palavra inspirada de Deus, fazem das Escrituras nossa regra e autoridade última. O que as Escrituras dizem, Deus diz, e o que Deus diz, nós obedecemos.

Os críticos rejeitam essa visão de autoridade como sendo estranha e rígida no mundo de modernidade. E a modernidade tende a apresentá-la como algo impensável em vários sentidos, de modo sutil, mas sistemático. Para começar, há a inescapável presença e poder da pluralização – o processo pelo qual a proliferação da escolha interminável e da mudança incessante aumenta em todos os níveis da vida moderna. Se “todos estão agora em todos os lugares”, então todos estão cientes de “todos esses outros” o tempo todo, e, com a consciência dos outros, vem o lembrete de que todas as escolhas e mudanças são manifestas a nós também a qualquer momento. E, se há um amplo leque de escolhas hoje, o amanhã trará ainda mais.

Na verdade, o vertiginoso conjunto de escolhas é mais óbvio num supermercado ou shopping, mas a fascinação pela escolha vai além das paredes do espaço oficial do consumidor. De cereais matinais, passando por restaurantes e experiências gastronômicas, identidades sexuais e tentações diante de possíveis configurações sexuais de todos os tipos, a técnicas de autoajuda e filosofias de vida, é-nos oferecida uma gama infinita de escolhas, e o foco está sempre na escolha como escolha, e não na escolha como o conteúdo do que é escolhido. Simplesmente escolha. Experimente. Tente isso por si mesmo. Como você vai saber se não experimentar? Afinal, há sempre outros, há sempre alguém ou algo mais; por isso, a menos que experimente, como você saberá se perdeu o feriado, o relacionamento ou a filosofia que podiam ser, de fato, sua sorte grande?

“O amor por um único ser é uma barbárie”, escreveu Nietzsche em Beyond good and evil, “porque acontece em detrimento de todos os outros seres. Mesmo o amor de Deus”.[3]

Aí está. Mesmo Deus é reduzido a uma escolha de consumo e, quando a verdade é subtraída da equação, apegar-se a uma escolha não é mais uma questão de convicção intelectual, mas um sinal de timidez como também de insensatez. Certamente, diz-nos a linguagem implícita do marketing, você sempre deve ter a mente aberta, pois o verdadeiro livre-pensador sempre desejará escolher e continuar a escolher, experimentar e continuar a experimentar. Nossa liberdade é a liberdade de escolha, seja nossa escolha certa ou errada, sábia ou estúpida. Contanto que possamos escolher, somos livres. Escolher é tudo o que interessa. Verdade, bondade e autoridade são irrelevantes para o ato central e para o evento principal: você é soberano em sua escolha e está livre para exercer seu direito soberano de escolher e escolher novamente quantas vezes quiser, como bem entender – até que todas as escolhas pareçam a mesma e cada uma delas se reduza à insignificância.

Qualquer pessoa que esteja seguindo essa linha de raciocínio pode, de imediato, ver por que liberdade de consciência e objeção de consciência são rotineiramente rejeitadas hoje. Liberdade de escolha e liberdade de consciência são completamente diferentes. Liberdade de escolha tornou-se autônoma e uma questão de direito, enquanto liberdade de consciência nunca foi livre. Era um dever e, portanto, algo constrangido pelo dever e não livre. A consciência era antes respeitada precisamente porque a pessoa era constrangida pelo dever, ou constrangida pelo que a consciência ditava para ela: “Eu estou aqui. Não posso fazer mais nada.” Mas, no mundo de hoje, liberdade de consciência é confundida

com liberdade de escolha e, portanto, tida como sem deveres e perda de direitos.

O efeito líquido dessa concentração na escolha está no cerne da nossa sociedade consumista moderna. A escolha em detrimento do conteúdo da escolha eleva o indivíduo soberano que faz a escolha e desvaloriza o conteúdo da escolha, reduzindo-o a uma preferência. Faz diferença o que você escolhe para comer no seu café da manhã, ou se escolhe futebol, beisebol ou golfe como seu esporte? Por outro lado, faz diferença se você presta culto na sexta-feira com os muçulmanos, no sábado com os judeus ou no domingo com os cristãos, ou se não presta nenhum culto? Ou se sua cunhada é heterossexual ou lésbica, ou se seu chefe é mulherengo, homossexual ou se antes era uma mulher? Há coisas diferentes para pessoas diferentes. Somos todos diferentes e nossos estilos de vida e nossas jornadas são diferentes; então, quem somos nós para julgar quando não estamos no lugar do outro? Essa escolha é minha. Essa é a sua. Todos somos livres para escolher de modos diferentes, e nossas escolhas apenas equivalem a preferências diferentes, por isso, quem pode dizer quem está certo? Ou quem vai se importar com o que outra pessoa escolhe? E desde quando é da nossa conta julgar as preferências dos outros?

Tanto faz.

Quando esse consumismo autônomo de livre-escolha invade a sociedade, do shopping center ao quarto, ao escritório e às urnas eleitorais, o resultado é previsível. Qual será o preço de obedecer à autoridade e qual será o respeito concedido à dissidência baseada em princípios? Quem escolhe – o indivíduo soberano que é ilimitadamente autônomo e subjetivo – é o rei playboy da terra do consumismo, e, com conforto e conveniência como seus cortesãos e amigos, ele agora governa grande parte da vida. Autoridade e obediência são, portanto, coisas totalmente banidas. São as indesejáveis desmancha-prazeres cuja entrada pode arruinar o jogo da fantasia das escolhas infinitas. O resultado não surpreende: uma grave crise de autoridade dentro da igreja e uma avalanche de posições e interpretações que, em qualquer produção mais clara de pensamentos, seriam francamente vistas como a rejeição da autoridade de Jesus e das Escrituras.

Os evangélicos estão especialmente vulneráveis a essa distorção de escolha por causa do lugar exagerado que dão à escolha no chamado à conversão. Isso pode muito bem ser o tendão de aquiles deles. Enquanto os judeus são o povo escolhido, de modo que sua fé é seu destino, os evangélicos são o povo que

escolhe, e sua fé muitas vezes é meramente sua decisão. Sem dúvida, o passo de fé é uma escolha, a mais importante e plenamente responsável escolha que uma pessoa faz. No entanto, quando a ênfase decisiva é colocada na escolha como um ato de decisão, escolher torna-se tudo, mas pode, então, sofrer o destino de muitas escolhas modernas e se reduzir a algo supérfluo, inconstante e não obrigatório. Escolha e mudança são companheiros próximos, e aqueles que se decidem por uma fé porque escolheram crer nela podem, com a mesma facilidade, abandoná-la quando escolherem não crer nela.

Compare essa casualidade moderna com a profunda teologia em torno das conversões na igreja primitiva e, especialmente, a valiosa ênfase no testemunho público do sacramento do batismo. Isso era um contraponto direto e deliberado à prática romana do sacramento. Para os romanos, o sacramentum era muito mais sério do que um juramento comum num tribunal. Era o voto solene pelo qual uma pessoa dava sua palavra diante de uma autoridade e empenhava a própria vida como garantia do que havia sido jurado. Aqueles que haviam feito seu sacramentum eram, então, sacer. Eram "dados aos deuses" caso violassem o voto. Haviam entregado seu vínculo sagrado e já não pertenciam a si mesmos. O sacramentum, por exemplo, era o juramento de lealdade feito pelos soldados romanos ao imperador quando se juntavam à legião e pelos gladiadores quando saíam para lutar e morrer.

Para os cristãos, então, o batismo não era uma escolha casual. Era um voto público, um rompimento decisivo com o passado e um juramento solene e vinculativo de lealdade a Jesus, prestado a Deus e diante de Deus, e diante dos irmãos cristãos e do mundo que observa. Essa foi provavelmente uma das razões pelas quais houve tantos batismos no leito de morte, como o do imperador Constantino ("Estou agora contado entre o povo de Deus. (…) Eu agora proporei a mim mesmo regras de vida que condigam com Deus").[4] As pessoas não queriam morrer sem perdão, mas também não queriam se comprometer mais cedo do que o necessário para viverem sob um voto (sacramentum) que era tão custoso e tão vinculativo. A escolha hoje pode sempre ser casual, enquanto o voto pactual de fé é custoso, porque nos comprometemos com Jesus e damos como penhor nosso próprio ser ao fazermos isso. Escolhemos e estamos comprometidos. Tomamos nossa cruz, e não há volta. Não somos mais de nós mesmos.

A tentação atual de trivializar escolhas não é nova. Ela provém, em última análise, da nossa queda humana como aqueles que buscam a verdade e que

sempre, inevitavelmente, distorcem a verdade também. Em vez de tentarmos moldar nossos desejos de acordo com a realidade da verdade de Deus, buscamos moldar a realidade de acordo com nossos desejos – e o consumismo moderno nos ajuda e nos estimula como nunca antes. Santo Agostinho discutiu o problema no século 5º, e seu protesto contra as distorções maniqueístas das Escrituras pode ser aplicado igualmente àqueles que tentam racionalizar uma justificativa para o casamento homossexual: "Vocês, que creem no que escolheram crer no evangelho, e não creem no que escolheram não crer, creem em si mesmos e não no evangelho."[5]

Assim também hoje, os cristãos que defendem o revisionismo homossexual e lesbiano creem em si mesmos e na revolução sexual, não no evangelho. Portanto, eles distorcem as Escrituras para fazer a realidade se ajustar aos seus desejos, e não fazer seus desejos se ajustarem às verdades das Escrituras. Na expressão mordaz de Søren Kierkegaard, eles são "Judas beijadores" que traem Jesus com uma interpretação.

O liberalismo protestante há muito segue por essa estrada, repudiando descaradamente a autoridade de Jesus em favor da sucessiva autoridade das visões de mundo do Iluminismo e do pós-Iluminismo. Parafraseando a descrição de George Canning sobre os que eram companheiros de viagem dos revolucionários jacobinos, os revisionistas liberais são "amigos de todas as crenças, exceto da deles mesmos". No processo, igrejas e denominações inteiras têm efetivamente perseguido uma miragem e cometido suicídio espiritual e institucional, apresentando-se tanto irrelevantes quanto infiéis.

A história trágica do revisionismo protestante extremo torna ainda mais difícil testemunhar as lastimáveis tentativas dos revisionistas evangélicos de seguir a precipitação dos gerasenos despenhadeiro abaixo. Enquanto escrevo, por exemplo, o pastor de uma igreja evangélica em São Francisco anunciou que considera o método de Jesus como "destrutivo" para a prosperidade humana tal como é entendida hoje. Ele propõe, portanto, que esse método deva ser afrouxado de modo a levar em consideração o estilo de vida mais "compassivo" e contemporâneo do casamento homossexual. Infelizmente, no caso desse pastor e dos seus seguidores, ele não entende as lições da Bíblia e da História – de que ele está atraindo o suicídio espiritual e institucional para si mesmo e para os que ele desvia do caminho. Embora, para ser justo, ele e outros como ele estejam apenas colhendo o que outros semearam com tanto alarde uma geração atrás. Isso porque não nos venderam solenemente um barril de besteiras na forma de

máximas de que devíamos ir atrás de todas as igrejas movidas pelo público e sensíveis a quem busca a Deus? Aqui está um exemplo de um famoso consultor de marketing cristão: “Também é fundamental que tenhamos em mente um princípio fundamental da comunicação cristã: o público, não a mensagem, é soberano.”

O público é soberano? Não. Que isso seja repetido mil vezes: Não. Na tentativa de alcançar os outros como a igreja de Jesus, somente a mensagem do evangelho e Jesus, o Senhor da mensagem, são soberanos – e nunca, nunca, nunca o público, por mais necessitado, por mais atraente, por mais prestigioso ou próspero que ele possa ser. Sim, como o apóstolo Paulo, devemos ser judeus para os judeus, gentios para os gentios e todas as coisas para todos os nossos semelhantes, não excluindo ninguém em nenhuma era ou esfera ou condição de vida. Isso, é claro, é um dos lados da verdade da abordagem sensível a quem busca a Deus. Mas o outro lado da verdade é que devemos sempre e apenas ser tudo para todos, não com o intuito de juntar-nos a eles, mas, em vez disso, como Paulo, com o intuito de trazê-los de volta a Jesus.

Todos os evangélicos desse tipo deveriam sondar o próprio coração. Para a geração atual, o ar está carregado dessa conversa de “mudar o mundo”, mas quem está mudando quem? Não há dúvida de que o mundo gostaria de mudar a igreja. Em uma área após a outra, apenas a igreja se coloca entre o mundo e seu sucesso sobre questões como a sexualidade. Inquestionavelmente, o mundo gostaria de mudar a igreja, mas a igreja ainda deseja mudar o mundo ou sua única preocupação é mudar a igreja à luz do mundo? Algo está podre no reino do evangelicalismo e quase sempre é impossível dizer quem está mudando quem.

Há sempre perguntas essenciais a serem feitas a alguém que ouvimos ou sobre algo que lemos. O que está sendo dito? É verdadeiro? Qual a importância? Essas três perguntas são desconsideradas na nossa atual era da informação, mas, como cristãos, nunca podemos permitir que a questão da verdade seja removida do seu lugar central. Na verdade, a fidelidade é valiosa no curto prazo. Ela é rio acima e contra a correnteza, e a correnteza que antes era politicamente correta pode, de repente, tornar-se uma intolerância raivosa que ameaça a vida. No entanto, por mais alto que possa ser o custo dessa posição, nunca será tão alto quanto o preço no longo prazo de rejeitar a autoridade de Jesus e abandonar o caminho de vida do evangelho. Nosso Senhor advertiu sobre esse perigo: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28).

Os revisionistas evangélicos de hoje deveriam fazer uma consideração séria. Repetidas vezes estremeço quando ouço ou leio seus argumentos inconsistentes. Eles podem, por quinze minutos, ser aclamados pelos defensores em geral da revolução sexual, porque estão se colocando ao lado dessa cultura em geral ao minar o claro ensinamento de Jesus e da Bíblia que está no caminho deles. Isso porque não há dúvida de que Jesus, as Escrituras e a tradição cristã resolutamente estão no caminho deles. Porém, na verdade, a revolução sexual não tem interesse real nesse tipo de evangélicos, e eles ficarão como animais mortos na estrada à medida que a blitzkrieg da revolução ganha velocidade. Mas isso não é nada comparado com a real tragédia dos revisionistas. Não há nada ameno para alguém que se coloca acima e contra a autoridade de Jesus e das suas Escrituras. O apóstolo Pedro traiu Jesus e foi restaurado, mas Judas ficou como advertência para todos os que traem Jesus por interesses pessoais, sexuais ou políticos e condenam a si mesmos pela própria deslealdade.

Tanto Jesus quanto o apóstolo Pedro dizem que devemos nos lembrar da mulher de Ló (Lc 17.32), mas nossos revisionistas cristãos deveriam se lembrar do próprio Ló. Depois de escolher os benefícios e privilégios de viver no campo bem irrigado e verdejante de Sodoma, casar-se dentro dos círculos sociais dos sodomitas e conquistar seu lugar na liderança interna da cidade, repentinamente Ló foi confrontado com seu momento de verdade. Ele havia sido completamente ingênuo e se deixado iludir ao confiar nos sodomitas. Quando a situação ficou crítica, eles não respeitaram sua hospitalidade, não tiveram tempo para seus padrões morais diferentes e ameaçaram tratá-lo com a mesma brutalidade com que quiseram tratar seus convidados: “Só ele é estrangeiro, veio morar entre nós e pretende ser juiz em tudo? A ti, pois, faremos pior do que a eles” (Gn 19.9).

O pobre Ló tornou-se uma piada até mesmo para os genros. Apesar de todos os seus esforços, e ao contrário de tudo o que imaginou, ele ainda não havia tido êxito, e nunca tinha sido aceito como imaginou. Foi sempre o estrangeiro – como Abraão nunca se esqueceu de que era e foi respeitado por ser. Sem dúvida, deveríamos sempre ser residentes estrangeiros como cristãos fiéis que estão no mundo, mas não são dele – independentemente da pressão que o mundo exerce sobre nós para que mudemos com os tempos e nos alinhemos a ele no suposto lado certo da História.

ENVOLVENTE NO PRIVADO, IRRELEVANTE NO PÚBLICO

O segundo exemplo das distorções da modernidade é a tendência do mundo moderno de deslocar a religião de uma posição de integração para uma de fragmentação. Uma característica central e inconfundível das três religiões abraâmicas é sua exigência inflexível de integridade e integração. Para os judeus, essa integração de fé e vida deve estar sob a Torá. Para os cristãos, deve estar sob o senhorio de Jesus. E para os muçulmanos, sob o Alcorão ou lei islâmica. Muitas outras religiões nunca fariam tal exigência – para os adeptos do movimento Nova Era, por exemplo, o que eles fazem enquanto meditam tem pouco ou nada a dizer sobre o modo como leem uma planilha ou conduzem uma reunião de diretoria. Porém, para os seguidores de Jesus, integração é uma exigência inegociável. Se Deus é Senhor dos céus e da terra e de tudo o que existe, seu senhorio deve incluir todas as coisas ou não significa nada. Sua lei e sua regra de vida devem vigorar em todos os lugares.

Portanto, a vida cristã deve ser verdadeira do começo ao fim, e todo cristão deve ser verdadeiro em todos os lugares e em todas as coisas. “Nem uma unha ficará”, diz claramente Moisés a Faraó quando os egípcios desejam fazer acordo sobre a questão de deixar ir apenas parte do povo de Deus e só até certa altura do caminho (Êx 10.26). “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?”, disse Jesus aos seus discípulos (Lc 6.46). Ou, nas palavras simples, mas radicais, de John R. Mott: “Se Jesus Cristo não é Senhor de tudo, ele não é Senhor de nada.”

É fácil falar, escrever ou cantar sobre o senhorio de Jesus com uma veracidade sincera, mas essa mesma paixão pode mascarar o fato de que está mais difícil do que nunca viver essa realidade no avançado mundo moderno. No mundo tradicional, uma vida integrada dificilmente precisava ser considerada, visto que nossos ancestrais viviam, na maioria das vezes, em pequenas vilas e cidades de médio porte, onde a comunidade era orgânica e pessoal; era relativamente fácil para a maioria das pessoas andar ou cavalgar por toda a comunidade num tempo curto, e a fé chegava a todos os lugares de modo natural, especialmente quando era a única fé na cidade. Mas esse mundo se foi. No âmago da modernidade, estão os dois processos de pluralização e diferenciação, sendo o primeiro a criação de outras infindáveis escolhas e alternativas e o segundo, a criação de todos os tipos de esferas complexas e diferentes na vida à medida que as cidades explodem, as viagens vão cada vez mais longe e os meios de comunicação são mais rápidos e mais inclusivos o tempo todo.

Imagine uma área metropolitana com uma malha extensa e moderna de vias expressas como a de Los Angeles (ou de Xangai ou da Cidade do México). Muitas pessoas não se importam em dirigir de 120 a 160 quilômetros para ir à igreja no domingo e a mesma distância para ir trabalhar na segunda pela manhã. Depois, acrescente os lugares onde essas pessoas fazem compras ou vão ao cinema, e todos os lugares aonde talvez levem os filhos, como escola, atividade esportiva, parques de diversão e praias. O resultado é uma vasta rede de lugares, ligados apenas por carros e movimentos sem-fim, com cada lugar tendo seu propósito, prioridade e modo de vida diferentes – em suma, um mundo de fragmentação.

Não é necessário dizer que o modo de vida de Los Angeles é meramente uma fragmentação física ou geográfica, mas a mesma diferenciação (uma palavra sofisticada para “separar” e, às vezes, “quebrar em pedacinhos”) está acontecendo em muitas outras áreas da vida também. Graças à pílula e à liberdade libertina da revolução sexual em geral, o mundo moderno fez diferenciação entre sexo e amor e separou amor e compromisso, casamento e filhos, filhos e o cuidado com eles. Todas essas áreas e ideias antes integradas são agora assuntos diferentes de liberdade e escolha individuais.

Isso significa que uma vida integrada do começo ao fim pela fé é mais difícil de viver e mais rara de se encontrar do que nunca; por isso, se for para haver integração, agora será difícil e terá de ser algo autoconsciente e deliberado. Isso porque a tendência, ou tentação, óbvia num mundo fragmentado, é seguir a maré e aceitar como naturais todos os diferentes lugares e questões distintas da vida, e, então, viver de maneira um pouco diferente em cada lugar ou tratar separadamente as questões distintas sem se dar conta disso. Essa fragmentação pode, sem dúvida, ser agravada, por sua vez, por teologias deficientes, como um pietismo caloroso e tolo. Foi precisamente uma fé assim, fragmentada de modo inconsciente, que instigou o comentário crítico de um historiador local sobre as igrejas californianas. Ele disse que a fé cristã na Califórnia era “envolvente no privado, irrelevante no público”. Ela estava fragmentada, não integrada. O senhorio de Cristo sobre a vida havia se dispersado em incontáveis pedacinhos – morte por mil fragmentações. Pior ainda, como há muito reconheceu um chiste judaico, o fato de cristãos manterem-se discretos pode ser uma marca de covardia: Incognito ergo sum – “Sou invisível. Logo, sou”.

UM MUNDO SEM JANELAS

Uma terceira distorção fundamental efetuada pela modernidade é passar de modo geral a consciência do sobrenatural para o secular. Seria absurdo pensar que as pessoas pré-modernas estavam sempre orando com devoção ou eram, de fato, fundamentalmente diferentes de nós no sentido de viverem com a cabeça nas nuvens do sobrenatural. Elas também tinham de preparar o jantar e colocar o lixo para fora. No entanto, dentre as muitas diferenças profundas entre o mundo delas e o nosso, está o fato de que, para elas, o invisível não era irreal. Elas viviam no mesmo mundo que desperta às sete horas em que vivemos, mas o mundo diário que elas viam e suas atividades diárias mundanas, como negócios, lavoura e sexo, eram entendidos à luz do mundo invisível. O visível era apenas parte do mundo, e o invisível era, de fato, o mais real. Enquanto, para nós, o invisível normalmente é irreal e amplamente irrelevante.

O rabino Jonathan Sacks ressalta que o racionalista e o místico estão em polos diferentes. “Para o místico, o invisível é real, e o visível, irreal, uma mera máscara que oculta o Divino. O racionalista vê o universo e se pergunta se Deus realmente existe. O místico vê Deus e se pergunta se o universo realmente existe.”[6] Evidentemente, o avançado mundo moderno está mais próximo do polo racionalista. Talvez não entendamos tais mistérios como quarks, buracos negros e antimatéria, mas nosso mundo real, na maioria das vezes, inclui coisas que podemos ver, ouvir, tocar, cheirar, pesar, medir e calcular. Para o realista moderno, o mundo real é aquele com o qual nos envolvemos de segunda a sexta, especialmente o mundo do trabalho, e não o de sábado e domingo. Vivemos, como diz Peter Berger, num “mundo sem janelas”.[7]

Há considerável ironia nesse cativeiro limitado à caverna, pois existem muitas coisas invisíveis nas quais não temos problema em crer: o passado e o futuro, por exemplo. A própria ciência, quando explora o mundo dos quarks subatômicos e pentaquarks, vai muito além do alcance dos nossos cinco sentidos. E mesmo antropólogos seculares nos dizem que a habilidade de vivenciar e falar sobre coisas além do nosso mundo cotidiano dos cinco sentidos é a chave para a ascensão do Homo sapiens e da revolução cognitiva. Eles dizem que isso nos separa das outras espécies animais e suscita tanto a religião quanto a arte. Como observa Yuval Harari, “até onde sabemos, somente os Sapiens podem falar sobre todos os tipos de entidade que nunca viram, tocaram ou cheiraram”.

[8]

Contudo, apesar desses tipos de considerações, a polícia do pensamento dos nossos dias permite apenas uma visão de realidade como a dos habitantes da caverna da famosa parábola de Platão. O mundo exterior banhado pela luz do sol é proibido e é estritamente rejeitado como ficção. Na ilustração menos pejorativa de G. K. Chesterton, nossa visão moderna de realidade é como a de um homem de meia-idade um pouco sonolento logo depois de um bom almoço.

David Ben-Gurion, principal fundador e o primeiro Primeiro-ministro de Israel, certa vez disse com sarcasmo que “em Israel, para ser um realista, é preciso acreditar em milagres”. Nós quase precisamente invertemos essa afirmação, pois a modernidade avançada tende a fazer as pessoas perderem toda uma dimensão da realidade em nome do realismo. Ela reforça a visão de mundo naturalista do cientificismo e do secularismo e torna sem sentido a visão de mundo sobrenatural do cristão. Mas, nesse caso, o problema da nossa miopia espiritual há muito precede o surgimento do mundo moderno. O avançado mundo moderno apenas coloca a última pedra no problema. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento pulsam com uma vibrante consciência do sobrenatural como parte vital da ordem criada de Deus, e as palavras iniciais do Credo Niceno expressam bem a visão de mundo bíblica: “Cremos em um só Deus, o Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de tudo o que há, visível e invisível” (ênfase acrescentada). Afinal de contas, o apóstolo Paulo lembra os colossenses, no vale do rio Lico, que o próprio Jesus é a imagem “do Deus invisível” e criou todas as coisas, “as visíveis e as invisíveis” (Cl 1.15-16).

Nessa visão bíblica do mundo e da realidade, o visível e o invisível são reais, e o cristão pode depender de ambos enquanto vive a vida de fé na realidade plena da ordem criada de Deus. Grande parte do Antigo Testamento não teria sentido e seria ininteligível se essa consideração de realidade fosse removida. “Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja”, pediu Eliseu quando seu servo entrou em pânico depois de ver os exércitos inimigos cercando a cidade. E “o Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu” (2Rs 6.17).

O mesmo é ainda mais evidente no Novo Testamento. Jesus de Nazaré entra em cena, na Galileia, cheio e armado do poder do Espírito de Deus. Separado do Espírito, Jesus era apenas o filho do carpinteiro, e todos conheciam seu pai e sua família. Porém, o Espírito e tudo o que ele fez no poder do Espírito foram as

credenciais que o tornaram mais do que “o filho de José”. “O Espírito do Senhor está sobre mim”, declara no seu libertador manifesto do Jubileu sobre o reino de Deus, enquanto anuncia sua grande obra de resgate, restauração e renovação da humanidade (Lc 4.18-21). E Jesus não apenas falou; ele fez. Mostrou esse poder em nosso favor e demonstrou que era, de fato, o Cristo, o Messias há muito prometido, o Ungido ao pregar e ensinar no poder do Espírito, ao curar pessoas como nós com todos os tipos de doença, ao libertar pessoas como nós que estavam presas por demônios e espíritos maus e ao discernir diretamente o coração e os motivos de todos os seres humanos com os quais se deparou e se depara. E, repetidamente, Jesus fez essas coisas antes de explicá-las, ou, ao fazê-las, desafiava as pessoas a descobrirem o que essas ações estavam dizendo sobre quem ele era. O reino de Deus foi demonstrado tanto quanto foi declarado ou, melhor, a realidade do reino foi declarada na demonstração.

Mas é nesse momento que nós, seus seguidores, entramos em cena, pois convinha que os seguidores de Jesus fossem chamados de cristãos pelos seus vizinhos na Antioquia. Jesus, o Cristo, era o Ungido de Deus, mas ele não reteve sua unção e seu poder para si mesmo. Seus seguidores seriam os “pequenos Cristos”, os pequenos ungidos e capacitados. Todos os quatro Evangelhos relatam a mesma profecia de João Batista, dizendo que a obra central do Messias seria batizar ou submergir seus seguidores com o Espírito Santo tal como ele havia sido, e Lucas acrescenta: “E com fogo” (Lc 3.16). Pois, enquanto sua obra se expandia, Jesus dava o mesmo Espírito e a mesma unção para capacitar os Doze escolhidos e, depois, os Setenta, dizendo-lhes para proclamarem que “está próximo o reino dos céus” e, à medida que iam, ordenou-lhes: “Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios” (Mt 10.7-8).

Então, no dia de Pentecostes, Jesus deu esse mesmo dom titânico a toda a igreja, comissionando-a em sua tarefa em favor de toda a humanidade e prometendo ao seu bando de seguidores, agora intrépidos, que, por meio do dom de seu Espírito, eles fariam obras ainda maiores que as que ele havia feito quando estava com eles. Não é de admirar que a história que explodiu a partir dessa comissão tenha sido chamada de Atos dos Apóstolos, e não Mensagem dos Apóstolos. Os primeiros cristãos falaram com um poder impressionante e agiram de acordo com um poder igualmente impressionante. Paulo lembra à igreja em Corinto que o evangelho não chegou a ela com meras palavras, “mas em demonstração do Espírito e de poder” (1Co 2.4). Contudo, não apenas a mensagem deles seria marcada com poder, mas a própria vida deles, pois, como, a não ser pelo Espírito, seriam capazes de vencer e viver o revolucionário novo caminho de

Jesus?

Reúna todas as filosofias, técnicas e seminários de autoajuda e junte todos os conselheiros, psicólogos e psiquiatras que já foram treinados, e nunca em um milhão de anos a humanidade como era, e como é, seria capaz de obter uma nova humanidade. Nietzsche viu isso séculos mais tarde e relatou tudo num título de livro. Nós, seres humanos, somos Humanos, demasiadamente humanos. Em Assim falou Zaratustra, ele descreveu o ser humano como "uma corda esticada entre o animal e o super-homem".[9] Assim como desprezamos as travessuras dos macacos e rimos da inferioridade deles em relação a nós, do mesmo modo, afirmou ele, o super–homem um dia desprezaria nossas travessuras humanas e riria delas. Pois, se todos somos demasiadamente humanos como somos, o homem tem de vencer o homem, argumenta Nietzsche, e o grande vencedor proclamado por ele no seu contraevangelho seria o "super-homem" (o übermensch) que venceu pelos próprios esforços.

Para os cristãos, essa visão não é menos utópica do que o guru de autoajuda e é bem mais perigosa, pois nunca houve tal super-homem, e a tentativa de se tornar um produziu apenas egomaníacos e ditadores perigosos. Os seres humanos nunca conseguem vencer a si mesmos por si mesmos. Os únicos possíveis "vencedores" são seres humanos caídos e falíveis que são resgatados ("salvos"), que, então, entregam a vida a Jesus e são imersos no Espírito e cheios do poder do Espírito, e, assim, podem fazer pelo Espírito o que nunca poderiam por si mesmos. Desse modo, o "santo" não é um super-homem que venceu, ganhou uma auréola e agora está qualificado para ser o objeto de preces num santuário, mas é o mesmo velho pecador como o restante de nós – penitente, perdoado e cheio do Espírito de Deus.

O ponto é inevitável. Para os primeiros cristãos, o sobrenatural, como o poder diretamente divino, era inteiramente natural, e o invisível era gloriosamente real como uma dimensão fundamental de cristãos que vivem como a vanguarda da humanidade restaurada. Os muitos sinais e maravilhas realizados não eram um pequeno bônus lançado às crédulas massas da era pré-científica, mas um vislumbre da energia divina do reino de Deus que Jesus liberou com poder para o mundo destruído. Por meio do poder do Espírito de Jesus, o reino dos céus estava presente e ativo nesse momento, trabalhando para resgatar e restaurar a humanidade. Assim na terra como no céu, ensinou-nos Jesus a orar, e foi a presença e o poder do Espírito que possibilitaram essa união de céu e terra.

No poder do Espírito Santo, o poder do pecado e o poder do mal encontraram oponente à altura. Sem isso, a história da igreja teria sido tão breve e insignificante como a de milhares de outras seitas religiosas menores na diversidade multicultural do mundo romano. Mas, com o poder do Espírito, a igreja poderia viver a vida do reino de Deus e, assim, como a gigantesca pedra na visão de Daniel, encher a terra e durar mais que o desfile passageiro de impérios e superpotências do mundo – mas sempre, apenas e enquanto fosse pelo poder do Espírito de Deus. Jesus, o Filho de Deus, é o maior presente do Pai para a humanidade, e o Espírito de Jesus é o maior presente de Jesus para seus seguidores e o requisito essencial para vivermos seu modo de vida e cumprirmos sua Grande Comissão.

Essa presença do Espírito e o mesmo poder no mundo invisível continuaram com força total ao longo dos séculos em muitas partes do mundo cristão em expansão. Há claras referências à ligação estreita entre batismo com água e batismo com o Espírito e à persistência de cristãos comuns envolvidos em cura e libertação sobrenaturais. Em Alexandria, por exemplo, Orígenes (184-254 d.C.) comentou que os cristãos expulsavam demônios “simplesmente pela oração e pelo mais simples dos comandos que a pessoa mais comum pode usar, porque, na maior parte, são pessoas analfabetas que realizam essa obra”.[10] Essa obra não é apenas para os grandes. Armado do Espírito, diz ele, qualquer um pode realizá-la.

Esse ministério sobrenatural continuou, pelo menos, até o século 5º e o tempo de Santo Agostinho, que começou quase como um cessacionista, ensinando que os cristãos já não deveriam esperar a continuação dos milagres. No entanto, ele mudou de ideia sob o diáfano peso dos fatos e, mais tarde, escreveu: “Percebi quantos milagres estavam ocorrendo nos nossos próprios dias e que eram tão semelhantes aos milagres da antiguidade, e também como seria errado permitir que a memória dessas maravilhas do poder divino perecesse no meio do nosso povo.”[11] Somente em Hipona, sua cidade natal, ele soube de testemunhos de mais de setenta milagres atestados. Não havia Billy Graham nem C. S. Lewis na igreja primitiva. Nem poderia haver, e tais sinais e maravilhas foram uma das principais maneiras pelas quais o evangelho se espalhou pelo Império Romano.

No entanto, a partir daí a igreja conquistou seu próprio poder e glória, e, à medida que a fé se tornava popular, o aumento no poder secular significou uma correspondente diminuição no poder espiritual. Aos poucos, os séculos seguintes mostraram tendências discerníveis que foram reduzindo cada vez mais a antiga

confiança no poder do Espírito, de modo que, enquanto nos aproximamos dos dias atuais, torna-se claro que, em grande parte da igreja, o invisível não é mais real para os cristãos do que o é para os ateus, e muitos cristãos ortodoxos são, na verdade, ateus operantes ou ateus inadvertidos. Na verdade, os cristãos ainda afirmam os credos históricos, e dizemos crer no Espírito Santo, na oração e no sobrenatural, mas, para muitos, isso são apenas palavras agora. Para muitos cristãos, a oração é, na maioria das vezes, uma questão do que é orado no culto público; curas e libertações são comparativamente raras; discernimento espiritual direto não é frequente – pelo menos, em comparação com os Evangelhos e o livro de Atos – e, para muitos, o Espírito Santo é a pessoa esquecida da divina Trindade.

UMA TRÍADE DE TENDÊNCIAS

Um tanto simplificadas, três tendências distintas, às vezes de modo isolado e em outras se sobrepondo, causaram, ao longo dos séculos, os maiores danos na experiência da igreja quanto ao poder vivo do Espírito Santo e em seu reconhecimento das realidades do mundo invisível.

Primeiro, muitas vezes houve uma tendência a uma especialização falsa e não bíblica, de modo que o poder espiritual passou a ser visto como algo limitado a certas pessoas, em vez de ser para todos os cristãos, e a certos lugares, em vez de ser para qualquer lugar em que o povo de Deus está presente. “Eles”, os santos como pessoas especiais, são obviamente os dotados e ungidos, e “nós”, o restante de nós que não somos tão dotados nem ungidos, podemos então, com alívio, delegar nossa responsabilidade a eles. Nos longos séculos católicos, por exemplo, o poder sobrenatural de todos os cristãos estava restrito do mesmo modo que o sacerdócio e o chamado de todos os cristãos. Tornou-se limitado a certos homens e mulheres santos especiais e, acima de tudo, a alguns em relação aos quais os milagres se tornaram uma parte atestada da sua canonização. E estava limitado a certos lugares especiais, como Lourdes, na França, e Knock, na Irlanda, que eram centros de cura oficialmente reconhecidos.

Não é necessário dizer que o poder das curas verdadeiras atraiu a rivalidade das curas falsas desde o início – como, por exemplo, no confronto entre o apóstolo

Paulo e o feiticeiro Elimas. Por isso, não é de surpreender que, assim como o papado foi corrompido, os santos e os centros de curas oficialmente reconhecidos foram, por sua vez, corrompidos e logo estavam cercados por todos os ornamentos das superstições religiosas e de fortes calúnias.

Segundo, a tendência à especialização e à corrupção com frequência levou, por sua vez, a uma tendência igualmente comum à reação excessiva. Se a Reforma estava certa em tentar reformar as muitas corrupções que cercavam os santos e os centros de cura, não há dúvida de que as pessoas reformadas, às vezes, cometiam o erro de jogar o bebê junto com a água do banho – e dividir o invisível colocando toda a ênfase na Palavra de Deus em detrimento do Espírito de Deus. Embora João Calvino tenha sido merecidamente chamado de "o teólogo do Espírito Santo", muitos dos seus descendentes elevaram a teoria da cessação até o nível de uma doutrina e, no processo, receberam justamente a descrição de "os escolhidos congelados" por causa da sua notável falta de vida e poder espiritual.

Hoje, do mesmo modo, é comum que os cristãos tradicionais racionalizem de um modo ou de outro a secura do seu estado espiritual. Alguns cristãos ainda citam a noção de cessação e afirmam que todos os tipos de atividade espiritual cessaram depois da era dos apóstolos – quando a História mostra claramente que não, e Jesus nunca disse que cessariam. Outros mostram um desdém esnobe por todas as formas de excesso espiritual e, especialmente, pelas histórias sobre "o estranho, o selvagem e o extraordinário" que florescem às margens da igreja. Torcendo o nariz para qualquer coisa tão indecorosa e ofensiva para sua elevada visão de razão e retidão, eles fecham os olhos para tudo o que tem a ver com a confusão da realidade espiritual – e, assim, condenam a si mesmos à empertigada esterilidade num deserto espiritual. E, ao mesmo tempo, crescem cada vez mais as igrejas pentecostais e o movimento de renovação carismática, a ramificação de mais rápido crescimento da igreja global na era moderna.

Terceiro, se especialização, corrupção e reação excessiva não fossem suficientes, houve, muitas vezes, movimentos de repressão aberta do sobrenatural, quando a igreja adotou diferentes conjuntos de ideias que rejeitavam o invisível como sendo irreal e absurdo. A doutrina do cessacionismo é um exemplo, mais tarde seguida pelo dispensacionalismo e pela demitologização, e tais ideias convenientemente sobrepostas ao Iluminismo, cuja visão de mundo naturalista rejeitava abertamente os milagres, como pensadores tão diversos quanto David Hume, A. J. Ayer e Richard Dawkins deixaram muito claro. Não havia

necessidade de os cristãos endossarem as afirmações do cessacionismo, do dispensacionalismo, da demitologização ou do Iluminismo, quando fazer isso era uma traição aberta da fé e filosoficamente desnecessário, para começar. No entanto, muitos cristãos, como Rudolf Bultmann, fizeram-no de modo deliberado, e muitos outros adotaram a mesma atitude inconscientemente. Milagres e outras reivindicações sobrenaturais quanto ao mundo invisível são, portanto, considerados contos de fadas e totalmente indignos de crédito pelos pensadores modernos.

A modernidade oferece o arremate de todas essas tendências à sua própria maneira decisiva. O modernismo, como uma filosofia com seu racionalismo aberto, fez, faz e sempre fará oposição à fé em Deus e ao sobrenatural, direta e frontalmente. Mas a modernidade é mais branda e mais urbana. Ela não necessita de Deus de modo algum. Afinal de contas, quem precisa de Deus hoje? Como pessoas modernas, sabemos pôr o homem na Lua. Sabemos comercializar um carro e vender um perfume ou um político. Sabemos aumentar uma igreja, e a receita está disponível para download, do começo ao fim, para qualquer aspirante a pastor e a fundador de igrejas. Com nossas mais recentes ciência, tecnologia, gestão e marketing, falsificamos Jesus e a Torá – agora sabemos viver só de pão. Não temos necessidade de Deus em área nenhuma da vida. Toda a hipótese de fé é totalmente desnecessária. O medo criou os deuses, diz o modernismo agitando o punho. Deus não é mais necessário, diz a modernidade dando de ombros. O modernismo não tem nenhum desejo por Deus, ou, melhor, tem um forte desejo de que não haja Deus. A modernidade nem mesmo se preocupa com o assunto.

Em suma, a secularização não significou que a religião desapareceu do mundo moderno. Longe disso. Mas significou que, para muitos cristãos, o sobrenatural desapareceu para todos os fins práticos da sua consciência cotidiana. O invisível tornou-se irreal. Muitas igrejas foram lobotomizadas, mas continuam como se nada tivesse mudado.

Essas três mudanças fundamentais não são um relato exaustivo do impacto da modernidade avançada. São apenas amostras amplas das tendências prejudiciais, e cabe a nós responder com uma fé cristã robusta e encorpada. Para começar, nossa resposta deve demonstrar uma confiança destemida no evangelho. Ao contrário da impressão que eu possa ter criado, o impacto da modernidade nunca é inevitável. Ele pode e deve ser resistido, a fim de que a fé que a igreja tem em Jesus demonstre uma integridade e eficácia prevalecentes sobre a modernidade.

Mas, para resistirmos à modernidade com sucesso, devemos reconhecê-la com clareza, e essa é a tarefa que devemos enfrentar com determinação hoje.

Além disso, nossa resposta não deve apenas rastrear as tendências mais amplas, mas pesar as consequências específicas para diferentes áreas da vida de fé. Uma rápida reflexão mostraria, por exemplo, que, por meio de pressões como essas, a modernidade torna o evangelismo mais fácil, mas o discipulado, mais difícil. O evangelismo é mais fácil porque as pessoas modernas estão mais abertas a mudar de fé do que as pessoas jamais estiveram (nas palavras de Peter Berger, todas as escolhas e mudanças do mundo de hoje significam que as pessoas modernas estão "propensas à conversão").[12] Mas o discipulado como "longa obediência na mesma direção" vai contra a natureza da vida moderna e é infinitamente mais difícil. O discipulado para o avançado mundo moderno é uma prioridade inescapável para nosso tempo.

Por fim, devemos enfatizar a conclusão de que nossa resposta requer uma consideração cristã do mundo atual que vai mais a fundo e abrange mais do que simplesmente o desafio de ideias. Tanto o modernismo quanto o pós-modernismo propõem seus próprios desafios à fé cristã em termos de ideias, mas esses desafios já foram amplamente discutidos e são relativamente fáceis de responder. Contudo, o desafio da modernidade nesse sentido mais amplo e mais completo é uma das questões decisivas do presente século, por isso é uma tarefa para nossos tempos que não pode nem deve ser ignorada.

Uma oração

Senhor Jesus Cristo, grande Filho de Deus e Senhor de tudo, todo o universo veio a existir pela tua palavra, e nem mesmo a morte pode te subjugar. Perdoa nosso estado lamentável de mundanismo e cativeiro. Permite que sempre que formos moldados pelo mundo, e não pela tua Palavra, possamos ser ajudados a reconhecer isso e nos seja dado teu poder para que nos libertemos disso. Permite também que, ao nos levantarmos para viver como tu nos chamaste a viver, possamos mostrar ao mundo um novo e diferente modo de vida que, mais uma vez, libertará os cativos e mostrará um modo de vida humana digno de ti, o autor da vida e da humanidade. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Dê seus próprios exemplos do modo como a convicção e o compromisso cristãos foram corrompidos até chegarem ao nível de preferência. O que você vê como consequências disso para a fé?

2. O que seria necessário para assegurar que o mote “Jesus é o Senhor” inclua toda a vida numa era fragmentada como a nossa? Em que áreas você precisaria pensar e agir de maneira mais consistente?

3. É justo dizer que muitos cristãos no mundo moderno são ateus inadvertidos? Onde o “invisível” e o diretamente “sobrenatural” desempenham um papel na sua vida ou na vida da sua igreja?

Capítulo três

A guerra de espíritos

Em 1795, Immanuel Kant publicou um dos seus últimos e mais influentes ensaios: “A paz perpétua: um esboço filosófico”. O tema não era original. Outros haviam escrito sobre o mesmo “doce sonho”, e Kant usou esse título depois de ver uma imagem satírica de um cemitério com as palavras Pax perpetua escritas acima da imagem. Porém, Kant desafiou esse sarcasmo e, da sua posição como o maior filósofo do Iluminismo, seu ensaio ganhou uma proeminência ímpar e tornou-se o manifesto inicial da moderna teoria da paz e do movimento para estudos internacionais de paz.

Cauteloso, mas audacioso e otimista, o ensaio representou o epítome da confiança iluminista no poder da razão humana para moldar o futuro do mundo. Jean d’Alembert escreveu, de modo semelhante, que “o verdadeiro sistema do mundo havia sido reconhecido”, e Diderot afirmou que a humanidade agora tinha a capacidade de “pôr os homens no caminho certo”.[1] A guerra talvez fosse o estado natural da humanidade, mas a razão poderia servir de guia de modo a orientar o mundo rumo ao estabelecimento da paz, da liberdade e da harmonia. A paz perpétua podia estar distante, mas era alcançável, e a tendência das questões mundiais apontava para essa direção. Pensadores tão diferentes como H. G. Wells e o presidente Woodrow Wilson devem muito à visão do ensaio de Kant, assim como o surgimento de organizações posteriores, como os crescentes institutos de paz do mundo e até mesmo a própria malfadada Liga das Nações.

Quase um século depois, soou uma voz muito diferente vinda da Alemanha – apaixonadamente frenética e dionisiana, em vez de calma e apolínea. Isso porque, em 1888, no seu último livro, do tamanho de um ensaio, Ecce Homo, Friedrich Nietzsche descreveu uma imagem dramaticamente contrastante do que estava por vir. Interpretado de modo variado como uma autojustificação superbombástica, uma sátira ou como sinais que denunciavam uma loucura iminente, ele se propôs a justificar-se e validar-se diante do tribunal da História posterior. “Por que eu sou tão sábio”, escreveu ele. “Por que sou tão brilhante”,

“Por que escrevo livros tão bons” e “Por que sou um destino”. “Eu não sou um homem. Eu sou uma dinamite”, afirma ele, pois seu objetivo era explodir todas as falsas piedades que haviam sido confundidas com a verdade, especialmente aquelas da religião.

Isso porque, quando a verdade tratar da mentira de milênios com coragem e determinação, teremos comoções, um espasmo de terremotos, um deslocamento de montes e vales como jamais se sonhou. A noção de política, então, irá dissolver-se completamente numa guerra espiritual, e todas as configurações de poder da velha sociedade explodirão – todas se baseiam numa mentira: haverá guerras como nunca antes houve na terra.[2]

Claramente, Nietzsche está ecoando as palavras apocalípticas de Jesus nos Evangelhos. Claramente também, ele se vangloriava de ser um filósofo na tradição de Dionísio e em seu ideal de êxtase embriagado, contrastando com Kant e os filósofos na tradição de Apolo com sua exaltação de uma razão calma. No entanto, indo além da questão das fontes e do estilo de Nietzsche, ele estava certo? Sua visão de “guerra espiritual”, que várias versões traduzem como “uma guerra de espíritos”, era precisa? Quem, Nietzsche ou Kant, teve a melhor percepção quanto à natureza do avançado mundo moderno?

Inquestionavelmente, nosso mundo hoje está mais próximo das predições de Nietzsche do que das de Kant, e nenhum cristão diante dos desafios do século 21 pode ignorar a dimensão sobrenatural das imponentes realidades que estamos enfrentando. A “paz perpétua” pode ter sido uma poderosa aspiração do mundo depois de Kant, mas a “guerra de espíritos” de Nietzsche tem sido quase sempre a brutal realidade. Em outras palavras, no nosso mundo, no qual “todos estão agora em todos os lugares”, não há confrontos mais profundos do que os conflitos entre religiões e ideologias, e, na sua profundidade (ou altura), tais confrontos estão enraizados em conflitos que vão além do puramente natural, secular ou até mesmo humano. Visto de maneira adequada, esses conflitos são sobrenaturais e até demoníacos, e esse conflito espiritual pode ser testemunhado, principalmente, em três esferas.

OS PRÍNCIPES-ANJOS DAS NAÇÕES

A desafinação das nossas elites ocidentais é uma deficiência significativa em muitas discussões diferentes da vida moderna e é séria precisamente porque são as elites governantes que dominam a vida moderna em muitos sentidos. O Departamento de Estado dos Estados Unidos, por exemplo, há muito é conhecido pela sua visão fortemente secularista do mundo.[3] Porém, por razões pessoais, o presidente Obama liderou a tolice cega e teimosa de toda a sua administração ao se recusar a nomear o papel claramente óbvio do islamismo radical na violência no Oriente Médio, insistindo em se referir a ele como apenas "extremismo violento".

A obtusidade de Obama tinha várias raízes, incluindo suas experiências pessoais, mas, como observei repetidamente, uma característica comum de muitos dos nossos líderes é que eles são "dissonantes" (Max Weber). Eles simplesmente não ouvem a "música das esferas" (Albert Einstein) pela qual a maioria das pessoas no mundo orquestra a vida. Eles vivem no "mundo sem janelas" (Peter Berger), que examinamos no capítulo anterior. Como os habitantes da caverna na famosa parábola de Platão, a sensação de realidade deles não ultrapassa as sombras oscilantes nas paredes da caverna, e eles nunca viram o Sol. Na verdade, confundindo sua capacidade míope de atenção com os limites da realidade maior, eles tendem a concluir que o que não veem ou não ouvem não está lá para ser visto e ouvido, e não existe de modo algum – o que mesmo Nietzsche chamou de "ilusão acústica", que qualquer cachorro, morcego ou urso poderia provar ser falso num segundo.

Para essas pessoas, a noção nietzschiana de uma "guerra de espíritos" seria ilusória e falsa, e a expressão seria considerada apenas como sinônimo de "extrema intensidade". Na verdade, o próprio Nietzsche era ateu, mas era dionisiano, não apolíneo, e há hoje alguns intelectuais proeminentes que são como ele. Eles não creem em Deus, mas falam do "demoníaco" como algo além de uma metáfora. O demoníaco, para eles, é um tipo mais elevado de intuição sublime ou mesmo uma possessão por alguma força externa. O demoníaco, como eles o veem, vai além da percepção comum da maioria das pessoas e tem de ser compreendido por algo além da razão, mas que ainda está dentro do domínio do natural.

Não é necessário dizer que mesmo essa visão está muito aquém da compreensão judaica e cristã de guerra espiritual. Na ressonante história da libertação judaica no livro de Êxodo, quando Moisés clama: “Deixa ir o meu povo”, a famosa disputa não é tanto entre Moisés e Faraó, mas entre o Senhor e os deuses do Egito – incluindo o deus Ápis, cuja imagem de bezerro foi fundida em ouro. Séculos mais tarde, como Nabucodonosor, o grande capitão da história babilônica, descobre pela sua própria dramática experiência, “o céu domina” (Dn 4.26). Mas o poder celestial de dominar prevalece no curso de uma guerra que é travada tanto no céu quanto na terra. A vitória do arcanjo Miguel em favor do povo de Deus, os judeus, é uma vitória numa batalha muito real contra os muito reais príncipes-anjos da Pérsia e da Grécia – e, por extensão, os muito reais príncipes-anjos de Roma, Madri, Paris, Amsterdã, Londres e todos os outros poderes sucessivos da História, até Washington, Moscou e Beijing (Pequim) hoje.

Podemos julgar uma cultura pelo que ela fala e pelo que se recusa a falar, e falar de “guerra espiritual” seria um teste útil e decisivo hoje. Como observa o teólogo Walter Wink, “Anjos, espíritos, principados, potestades, deuses, Satanás – estes, junto com outras realidades espirituais, são indignos de serem mencionados na nossa cultura. A visão de mundo materialista dominante não tem absolutamente nenhum lugar para eles”. São relíquias arcaicas de um passado primitivo, porque “o secularismo moderno simplesmente não tem categorias, nem vocabulário, nem pressuposições pelos quais discernir o que, na experiência real das pessoas, trouxe tais palavras para a conversa”.[4] Até mesmo os defensores de Nietzsche reduzem sua expressão “guerra de espíritos” a uma metáfora vívida.

Para mérito de Wink, ele apresentou novamente o tópico à teologia, mas sua posição está muito aquém do entendimento bíblico. Na verdade, ele argumenta que a visão de mundo bíblica “não pode ser resgatada, uma vez limitada como foi pela ciência, pela filosofia e pela religião da sua era”.[5] Pela maneira como ele interpreta a expressão “potestades e principados”, todas as instituições têm dois lados, uma estrutura exterior e um espírito interior, por isso a expressão é simplesmente uma maneira de descrever o espírito interior de uma instituição. Portanto, principados e potestades são “uma espiritualidade intrínseca, uma essência interior, uma cultura ou ethos coletivo, que não podem ser diretamente decifrados a partir das suas manifestações externas”.[6] Não há realidades transcendentes, mas simplesmente uma “projeção simbólica”, porque essa era a única linguagem disponível para as pessoas nos tempos mais primitivos. Assim, todas as potestades, ou poderes, têm esse aspecto duplo. Elas têm uma forma

externa e visível, que inclui líderes, magistrados, policiais e departamentos, e uma forma interna e invisível, que lhes fornece legitimidade, aquiescência e influência.

Por mais esclarecedora que seja a descrição de Wink nesse nível reduzido, as Escrituras judaicas e cristãs vão muito além. Se o pecado é o mal no nível pessoal, principados e potestades são o mal no nível cósmico. Não são meramente projeções humanas ou um modo de descrever o espírito interior de uma instituição. São realidades sobrenaturais independentes que transcendem o plano natural da nossa experiência humana. Assim, não há apenas duas cidades no mundo – a Cidade de Deus e a Cidade do Homem, como pensava Santo Agostinho. Há dois reinos no universo – o reino de Deus e luz e o reino de Satanás e trevas – como ensinou e demonstrou Jesus nas suas confrontações e curas. Se somos membros de um reino, estamos, de modo automático e enfático, em oposição ao outro, e há uma guerra sendo travada entre eles o tempo todo.

Derek Prince, filósofo por Cambridge e professor da Bíblia que extraiu conteúdo não apenas do ensino da Bíblia, mas da sua experiência pessoal na Batalha de El Alamein e, posteriormente, chegou à sua própria convicção estabelecida: “A história humana é verdadeiramente explicada pela interação entre essas forças.”[7] “Não sabes”, disse Pilatos a Jesus, “que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?” (Jo 19.10). Ele não conseguia crer que um mero aldeão galileu não parecia se importar com o que estava em jogo na maneira como respondia ao governador romano. Porém, as palavras seguintes de Jesus devem tê-lo irritado e atordoado, pois pairaram sobre qualquer atrevimento ou estupidez percebidos para fazer uma afirmação que, se não fosse verdadeira, seria seguramente um sintoma de delírio, bem como um insulto à poderosa Roma. Dirigindo-se ao representante eleito do maior poder na terra da sua época, e de quase qualquer época, Jesus respondeu calmamente: “Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada” (Jo 19.11).

Essa única frase certamente merece uma hora de adoração e reflexão. No mínimo, significa que nada menos que uma insistência em que “principados e potestades” são realidades sobrenaturais independentes e que Deus governa sobre todos eles pode dar sentido ao relato bíblico das nações e o poder que elas têm. Isso porque, no relato bíblico, as nações são realidades poderosas e independentes que moldam as pessoas dentro delas. Assim diz a velha máxima: “Aquilo que o indivíduo escolhe determina a escolha.” Contudo, nações também, e não apenas indivíduos, caíram. Para Adão e Eva, a desobediência

levou à exclusão. E para as nações, como mostrado na narrativa da torre de Babel, a desobediência levou à confusão. Então, à medida que a história bíblica se desenrola, é-nos dito que as nações podem se tornar ídolos, e elas também serão punidas. No último dia, até mesmo a grande cidade, a Cidade dos Homens de Santo Agostinho, será punida, "porque, em uma só hora, foi devastada!" (Ap 18.19). No entanto, essa não é a história toda, e há boa-nova para as nações também. As nações serão remidas e, no grande dia do fim dos tempos, "todas as nações virão e adorarão diante de ti" (Ap 15.4).

Ao desenvolver essa grande visão das questões humanas e internacionais, Martin Buber examinou a profundidade das trevas dos primeiros dias da Segunda Guerra Mundial, em 1941. Toda nação, argumentou ele, tem seu próprio espírito e gênio dominante, seu "príncipe" ou seu "deus". Ela adora sua própria essência interior. O Estado secularista é, portanto, um Estado blasfemo, mas ele não pode durar. Isso porque o ídolo nacional, por mais titânico que possa parecer no seu tempo, desenvolve-se, expande-se e, então, sempre se supera e morre. Seu deus simplesmente não é Deus, e não pode ser. A nação de Israel, em contrapartida, foi escolhida diretamente por Deus, e seu chamado como nação era adorar a Deus verdadeiramente e, assim, testemunhar para as nações a verdade do único Deus verdadeiro.

Oculto ao conhecimento de Buber, Hitler planejava a "solução final" no exato momento em que o grande filósofo judeu escrevia. A própria existência de Israel colocava as nações em questão, então, nas palavras bombásticas que George Steiner, um judeu, colocou na boca de Hitler: "tinha de haver uma solução, uma solução final".[8] Em sua essência, os judeus eram aquela "gente impossível", por isso a própria existência deles era uma afronta ao que, na época, era o maior poder pagão e idólatra. O povo escolhido de Deus tinha de ser eliminado, e seu testemunho, silenciado. Nietzsche não previu a mesma necessidade absoluta de matar o próprio Deus, pois viu claramente que a "morte de Deus" não era um evento casual ou um acidente, mas um "assassinato"? "Mas ele (…) tinha de morrer. (…) Ele sempre me via: eu queria me vingar desse tipo de testemunha – ou não mais viver. O Deus que via tudo, incluindo todas as pessoas – esse Deus tinha de morrer! Uma pessoa não consegue suportar isso, que essa testemunha esteja viva."[9]

Wink comenta sobre o ensaio de Buber: "Quando o espírito nacional se corrompe e se desintegra, e a nação vira o rosto para o nada em vez de participar do todo, ela está à beira da morte."[10] Ao examinarmos o mundo hoje, não fica

cada vez mais claro que nada menos que essa mesma insistência dará sentido aos conflitos cataclísmicos do nosso tempo e à decadência do Ocidente? No entanto, perdemos qualquer senso de “deuses da nação”, de “príncipes-anjos” dos países ou da ideia de que haverá um julgamento das nações. Tudo o que resta dessas noções titânicas no nosso pensamento pequeno é a ideia frágil, doce e sentimental de anjos da guarda pairando sobre a cama das crianças. Não será fácil recuperar a escala gigantesca da visão bíblica. Mas temos de começar por reconhecer que, mesmo quando procuramos fazer jus a isso, nossa compreensão dessa dimensão é severamente limitada, e muitos dos que a levaram a sério partiram em direções estranhas. Em suma, os perigos do nosso entendimento equivocado dos poderes, ou de responder a eles de maneira errada, são incontáveis.

Debater se esses poderes estão acima, por trás ou além das realidades que vemos, certamente, é também não entender o ponto principal. Todos esses termos são espaciais, assim como nossa compreensão humana no plano natural, por isso ela é incapaz de expressar as realidades precisas que estão além do nosso entendimento. No entanto, quaisquer que sejam e onde quer que estejam os principados e as potestades, o fato é que eles são reais. Foi dito a Daniel sobre os príncipes-anjos da Pérsia e da Grécia e sobre uma guerra de 21 dias no céu; os reis de Judá e de Israel foram avaliados pelas suas ações ao aprovarem ou eliminarem os “lugares altos” que representavam poderes espirituais pagãos; Jesus falou do Maligno e da necessidade de desarmar o homem valente antes de invadir a casa dele; e o apóstolo Paulo escreveu sobre o poder da cruz em desarmar os poderes das trevas e sobre sua própria estratégia para demolir fortalezas que, arrogantemente, desafiavam o conhecimento de Deus. Temos coragem de dizer isso? O espírito da era não é uma metáfora e não pode ser vencido apenas com ação e argumento.

No nosso mundo sem janelas, todas essas referências seriam rejeitadas como sendo ilusórias; por isso, mais uma vez, a questão é verdade e adequação. Essas descrições são verdadeiras? A História é compreendida, explicada e vivida de maneira melhor num plano puramente natural, ou toda a extensão da realidade histórica exige um relato e uma estratégia que, às vezes, transcende o natural e o secular? (Para George Washington, a “mão invisível” na revolução norte-americana não era a “mão invisível” do mercado de Adam Smith, mas a providência inconfundível de Deus em ação.) A resposta bíblica a essa pergunta não deixa dúvidas. Dentro, atrás e acima dos poderes titânicos, como impérios e ideologias humanos, existem poderes sobrenaturais tenebrosos em ação e se

opondo ao reino do nosso Senhor. Nunca explicaremos a realidade nem prevaleceremos contra a oposição se nos engajarmos somente no plano natural da realidade. Não há apenas um mundo invisível além do visível, mas, continuamente, a verdadeira batalha acontece no mundo invisível – uma guerra no céu. Aqueles que vencem a batalha nos céus são o fator decisivo no curso da História.

A ORDEM MUNDIAL E A IDOLATRIA DAS NAÇÕES

Os cristãos precisam refletir hoje sobre esse confronto titânico de poderes sobrenaturais em várias esferas, mas especialmente em três delas. A primeira reflexão é na esfera de potências mundiais e relações internacionais. As "nações" são, sem dúvida, uma das realidades sobrenaturais reconhecidas na Bíblia, como quando é dito a Daniel sobre os príncipes-anjos das superpotências do seu tempo. Contudo, o que significa essa noção? É comum que se faça distinção entre o patriotismo como um amor natural e legítimo pelo lugar e país de alguém e o nacionalismo como uma idolatria perigosa da nação de uma pessoa. Porém, na prática, a distinção é muito mais difícil de manter. As nações são, afinal, países e seu papel em unificar diversos grupos religiosos, étnicos e linguísticos pode ser muito benéfico. Pense no brilhante sucesso do lema original dos Estados Unidos, e pluribus unum [de muitos, um], ou na importância do slogan da União Europeia, "Unidade na diversidade". Há, então, verdade no antigo aforismo: "Nacionalismo é o patriotismo indesejado, e patriotismo é o nacionalismo desejado."

Não há dúvida de que a idolatria é a chave para o perigo de ambos, pois tanto países quanto nações podem se tornar deuses quando são inflados e colocados no lugar de Deus. Isso é especialmente verdadeiro quando as nações são lideradas por líderes e por Estados cuja ideologia universalista não é equilibrada pelo particularismo, de modo a ser inflada como "a verdade de todos os tempos e de todas as pessoas", quer seja marxismo, nacional-socialismo, democracia, capitalismo ou islamismo. Qualquer verdade desse tipo deve ser promovida, imposta a todas as outras e defendida a todo custo, e, como ressalta o último século em letras vermelhas como sangue, milhões de seres humanos podem ser assassinados em nome de promover ou defender tais deuses. Se o mundo chegar

perto de destruir a terra e grandes faixas de humanidade com ela, isso, sem dúvida, será em defesa dos interesses de alguma ideologia universalista ou outra que seja importante a ponto de ser defendida até a morte – dos outros. (Infelizmente, para nossa vergonha eterna, nós, cristãos, devemos confessar que, nos longos séculos católicos, os cristãos promoveram a fé cristã exatamente dessa maneira, desse modo passando por cima da liberdade de consciência e do culto livre e voluntário que Deus ama e exige.)

Surge um dilema para aqueles que rejeitam principados e potestades como sendo uma ilusão. Como os cristãos, eles acreditam em ídolos e, com razão, os ridicularizam e os rejeitam como realidades naturais adoradas falsamente como deuses. Mas, ao contrário dos cristãos, não creem em deuses – pois os cristãos acreditam que "deuses" são forças espirituais que são realidades sobrenaturais, mas não são Deus. Não há deus além de Deus. O resultado, então, como afirma Wink, é que "quando fazem de uma nação um deus, ela se torna um deus".[11] Ela se torna a adoração da própria nação e, quando isso é absolutizado, desencadeia uma devoção em massa que é falsa, idólatra e verdadeiramente demoníaca. De que outro modo nações ocidentais seculares, que jamais admitiriam crer em deuses de qualquer tipo, poderiam acabar por sacrificar vidas humanas numa escala à altura dos pagãos com sede de sangue? John Bull e Tio Sam não parecem mais ameaçadores do que a bela deusa ateniense Atenas. Mas diga isso para os cidadãos de Milos, Colônia, Dresden, Hiroshima e Nagasaki, quando o massacre de inocentes foi o preço pago pelas nações que se defenderam destruindo outras em nome das suas ideologias incontestáveis.

QUANTOS SÓIS HÁ NO CÉU GLOBAL?

Tome, por exemplo, a atual urgência da busca por uma ordem mundial que se ajuste à era global. As amplas possibilidades atuais para essa ordem mundial são simples, embora o mero ato de organizá-las mostre como é difícil alcançar paz, harmonia e estabilidade sob as condições modernas, e como estamos longe de ter líderes com tal astúcia e tais objetivos superiores em mente. Em suma, a era global torna a busca pela ordem mundial mais urgente e mais assustadora do que nunca. É fantasioso ou ilusório pensar no confronto de poderes invisíveis, cada um com vontade e força sobrenatural próprias?

Uma possibilidade para o futuro é que o mundo todo siga na direção do sistema europeu há muito dominante que surgiu da Paz de Vestfália, em 1648. Ele se baseava na noção de equilíbrio e de um balanço cuidadosamente calculado entre o poder de Estados soberanos separados, que reconhecem amplamente o domínio da lei e o respeito pela não interferência na soberania do outro. Mas esse sistema não é uma conclusão inevitável, pois onde estão os grandes estadistas desse equilíbrio como Metternich, Canning, Bismarck e Kissinger, que poderiam torná-lo possível? As duas guerras mundiais do século 20 já mostraram a fragilidade desse sistema, e o equilíbrio exigido na era global pode se mostrar uma façanha muito vertiginosa para os políticos míopes dos nossos dias, especialmente sob as condições turbulentas da modernidade avançada. E a Europa, sem dúvida, que foi pioneira no modelo vestfaliano, já o abandonou efetivamente na sua busca por uma nova unidade supranacional e transcontinental além da realidade dos seus diversos Estados – em outras palavras, ela busca um inovador império utópico de paz.

A segunda possibilidade é que, com a instabilidade do domínio ocidental e da democracia liberal, uma das tendências mais antigas e naturais da História ressurgirá, mas, dessa vez, com pretensões globais que superarão qualquer uma de suas formas anteriores: o surgimento de um avançado império mundial moderno ou até de mais de um império concorrente. Os impérios têm sido um modo de governo humano comum demais para passar despercebido por qualquer ideólogo que não seja democrático. Mas a era global reabre a porta para o louco sonho do mundo inteiro sob uma ideologia única, um mercado único ou um império único? Se isso acontecesse, poderia ser um império chinês procurando absorver “tudo debaixo do céu” no abraço sufocante do seu Estado autoritário e sua economia em expansão? Ou poderia ser um império islâmico radical, com armas nucleares, buscando ampliar a “casa do Islã” globalmente e recuperar o esplendor de um califado ao estilo otomano num estágio da História bem maior e mais grandioso?

Houve um surto de tais conversas milenares em meados do século 16, durante o confronto entre a cristandade e o islamismo. Erasmo escreveu sobre a famosa oferta do “grande prêmio” feita pelo governante otomano, tornando-se “o monarca do mundo (…) porque o mundo já não pode mais suportar ter dois sóis no céu”.[12] O sultão Solimão, o Magnífico, foi igualmente direto: “Assim como há apenas um Deus no céu, pode haver apenas um império na terra.”[13] Os governantes do Oriente Médio de amanhã serão um pouco mais tolerantes com os dois sóis no céu global? Os atuais líderes religiosos do Irã falaram

abertamente da sua visão para reviver o califado e expandir seu domínio em todo o mundo, como fizeram muitos outros radicais muçulmanos, incluindo o líder aparentemente enganoso do bárbaro Estado Islâmico. Por que ignoramos as lições significativas e claras da História e não levamos literalmente ou a sério as falas “morte à América!”, “morte a Israel!” e “morte à Grã-Bretanha!”?

A terceira possibilidade é que um prenúncio do futuro do mundo seja visto na proliferação constante de Estados com armas nucleares, no aumento de Estados em colapso, como a Síria e a Líbia, e no cataclismo de terrorismo e barbárie que agora convulsiona o Oriente Médio. Não é necessário dizer que essa possibilidade tornaria objeto de escárnio qualquer noção de ordem mundial e aproximaria bem mais o mundo da “guerra de todos contra todos”, de Hobbes. Mas e se as recentes convulsões no Oriente Médio fossem replicadas em outro lugar – por exemplo, se os russos que controlam o poder tornassem a região báltica mais parecida com os Bálcãs? Os alertas são claros. Com a selvagem e temerária destruição da vida humana, o terrível deslocamento de milhares de imigrantes errantes, a horrível produção das superlotadas “vilas de lugar nenhum” dos campos de refugiados e a bárbara destruição dos traços de arte e civilização antigas, é possível que o mundo estivesse enfrentando uma crise de humanidade cada vez maior que pasmaria a imaginação moral e ultrapassaria as melhores intenções dos líderes mais aptos.

A razão calma e científica dos nossos valentes novos ateus continuará de onde Kant parou e guiará o mundo com segurança em direção à paz perpétua? Ou é mais provável que testemunharemos o poder e o mal numa escala que desafia toda razão e ciência e desencadeia uma anarquia e uma malevolência que clamam ao próprio céu pedindo explicação e reparação? A História já nos diz que o espírito das nações pode superar em peso os armamentos mais poderosos de um inimigo antagônico. De que outro modo a pequena Grécia poderia ter derrotado a poderosa Pérsia no século 5º a.C., ou o Vietname do Norte prevalecido contra o maciço poder militar dos Estados Unidos no século 20? No mínimo, não podemos nos dar ao luxo de ter a estupidez e a superficialidade dos presidentes norte-americanos, dos primeiros-ministros europeus e de outros líderes mundiais que não ousaram dar nome às religiões e ideologias em questão. O século 20 tornou o preço da própria guerra incalculável e a guerra nuclear, inimaginável. Mas pode muito bem estar perto o dia em que a guerra de espíritos de Nietzsche e, mais importante, das Escrituras hebraicas e cristãs já não seja uma metáfora, mas uma terrível realidade.

LUGARES ALTOS NA PRAÇA PÚBLICA

A praça pública do nosso mundo é a segunda esfera onde a guerra de espíritos deve ser explorada. Desde a celebrada ágora grega abaixo da Acrópole, em Atenas, ao fórum em Roma, à Casa do Parlamento, em Londres, ao Congresso dos Estados Unidos, em Washington DC, e aos seus muitos equivalentes em outros países, a noção de praça pública tem sido valorizada no mundo ocidental. É o lugar onde os cidadãos e seus líderes podem se reunir para debater e decidir as questões da vida pública comum. Antes se referindo a um lugar físico, a expressão praça pública expandiu-se para ser uma metáfora que incluía qualquer lugar onde assuntos da vida pública comum eram debatidos – como a página de opinião editorial de um jornal ou um programa de entrevistas no rádio ou na televisão. Agora, na era da Internet, a expressão expandiu-se ainda mais e tornou-se virtual, de modo que podemos falar de uma praça pública global bem rudimentar, mas, ainda assim, real.

Não é preciso dizer que o ideal do bem comum e uma visão comum do bem de todos estavam no cerne da ideia de praça pública em qualquer uma dessas formas. Contudo, a constante expansão da noção de praça pública não encontrou igual expansão de civilidade necessária para promover o bem comum e transpor a diversidade explosivamente expandida de indivíduos e grupos que agora têm fácil acesso à praça pública. O resultado é a emergência de uma guerra cultural em muitas nações, o que torna tanto a civilidade quanto o bem comum alvos de escárnio. E, mais uma vez, tais guerras culturais certamente têm uma dimensão oculta que é outra frente na guerra de espíritos mais ampla, pois, na raiz, a questão crucial da guerra cultural de qualquer nação é a autoridade. Quais crenças, ideais e ideias têm autoridade para moldar as bases da vida da nação?

Nossa atual noção de uma guerra cultural remonta à Alemanha do século 19 e à guerra cultural, ou kulturkampf, travada entre o chanceler Otto von Bismarck e a Igreja Católica Romana. A “luta [de uma década] pelo domínio da cultura” centrava-se na tentativa de Bismarck de sujeitar a Igreja ao controle do Estado. Embora o papado estivesse em baixa em termos de poder político, Bismarck, ele mesmo um protestante fervoroso, temia que a promulgação da infalibilidade papal, em 1870, desse ao papado um ímpeto renovado para reviver e afirmar seu

domínio e deter a visão que o chanceler tinha de um império alemão. Quase uma década de conflito em áreas como educação e casamento provou-se infrutífera, e por fim Bismarck recuou, reconhecendo que suas medidas apenas serviram para enrijecer a oposição.

No caso da atual guerra cultural norte-americana, a questão é ainda mais profunda, as divisões são ainda mais amplas e a luta tem durado ainda mais tempo – meio século e ainda não parou. O resultado deixa os Estados Unidos tão profundamente divididos – política, econômica, racial, cultural e religiosamente – quanto em qualquer fase, exceto pela Guerra Civil. Tanto a decisão da Suprema Corte no caso Everson, em 1947, quanto a ação judicial de Madalyn Murray O'Hair contra a oração na escola, no começo da década de 1960, são considerados os primeiros disparos da luta. Mas uma lista infindável de conflitos e processos se seguiu, incluindo embates sobre os Dez Mandamentos, orações públicas e canções natalinas. De modo supremo, é claro, os dois pontos mais explosivos na batalha em curso têm sido o aborto e o casamento.

Uma característica proeminente do impacto da Internet tem sido o abandono gradual da civilidade e o aumento da multidão-relâmpago, difamação, bullying e intimidação, muitas vezes por parte do recente liberalismo iliberal. Isso deu mais um estímulo à crescente percepção de que a liberdade e a democracia, longe de serem irmãs de sangue, como muitas pessoas afirmavam de maneira despreocupada na era George W. Bush, estão claramente começando a seguir em direções opostas. Contudo, em todas as lutas, duas questões dominantes têm surgido repetidamente: o lugar das religiões na sociedade norte-americana e o entendimento de como as religiões e a vida pública devem se relacionar. É claro que as três forças sobrepostas mencionadas anteriormente – a filosofia do secularismo, o processo de secularização e a política pública do separacionismo estrito – de fato têm convergido para se tornarem a posição-padrão da elite norte-americana.

No processo, essas forças foram aos poucos se tornando dominantes e cada vez mais intolerantes, e não há dúvida de que o único obstáculo sério no caminho delas é a igreja cristã. O resultado é outro fator que favorece a civilização de flores de corte como definida no primeiro capítulo. Os Estados Unidos nunca foram uma nação cristã em nenhum sentido formal ou consagrado, mas não há dúvida de que a fé cristã foi a fé da maioria dos norte-americanos no início e de que os ideais judaicos e cristãos fundamentam a maioria dos valores distintivos pelos quais os Estados Unidos, no seu auge, se tornaram conhecidos

mundialmente.

Caso a luta terminasse na situação em que a guerra cultural está agora, ficaria claro que os Estados Unidos, como o mundo um dia conheceu, se foram, embora as plenas dimensões das recentes forças vitoriosas não estivessem ainda claras. É nesse sentido que os Estados Unidos são um país pós–cristão, mas ainda não completamente não cristão.

É um erro pensar que as vastas mudanças forjadas pela guerra cultural afetam apenas a religião e as pessoas religiosas, pois muitas outras coisas foram afetadas, incluindo a própria liberdade e o modo como os Estados Unidos lidam com a diversidade. No seu comovente "Memorial e protesto", James Madison descreveu a maneira norte-americana de lidar com profundas diferenças religiosas e ideológicas como sendo a "verdadeira solução" para um problema que verteu rios de sangue humano. É evidente que a solução nunca foi perfeita, mas, ao negligenciarem-na e depois rejeitarem-na sem entender seu espírito, os norte-americanos desperdiçaram a rica herança que tinham e escolheram o modelo da Revolução Francesa em vez de seu próprio modelo.

Mais uma vez, é fantasioso ou ilusório ver a guerra cultural como, em parte, uma batalha espiritual e rejeitar a ideia de que ela pode ser lutada num plano puramente natural e com armas puramente seculares? Há uma antiga máxima evangélica de que "o trabalho do Senhor deve sempre ser feito do modo do Senhor para receber a bênção do Senhor". Contudo, "o modo do Senhor" seguramente significa não apenas que devemos pagar o mal com o bem e o ódio com amor, ao fazermos frente aos nossos "inimigos" na vida pública, mas que travamos guerra de modo poderoso e correto contra as forças invisíveis das trevas, assim como Jesus fez.

GUERRA NO ACAMPAMENTO DO POVO DE DEUS

A terceira esfera na qual precisamos considerar bem o lugar da batalha espiritual é na própria igreja. O mais incrível de tudo é que a autoridade de Jesus e das Escrituras tem sido questionada dentro do acampamento do povo de Deus quase tanto quanto na cultura do lado de fora. Nem a autoridade nem a tradição jamais

ocuparam lugar no coração norte-americano como ocuparam em muitos países europeus. Afinal de contas, a república norte-americana foi fundada sobre uma rejeição enfática da monarquia, bem como da tradição e da antiga maneira de fazer as coisas. O projeto norte-americano foi saudado como a nova ordem das eras (novus ordo seclorum), e foi criado pela intenção e pelas ideias. No entanto, mesmo o respeito geral pela autoridade que antes existia tem diminuído com o passar do tempo, sido precipitado por grandes escândalos decepcionantes, como o caso Watergate, e reforçado pela implacável doutrinação em desconfiança, suspeita e ceticismo que são o amargo resquício do pós-modernismo.

"Não temos rei além de Jesus" era o grito original dos cristãos republicanos que criam no reino dos céus ao lado da república na terra. Porém, desde então, o senso do republicanismo cresceu e o de um rei soberano diminuiu, assim como a liberdade ordenada pelos fundadores deu lugar ao libertarianismo, de modo que, efetivamente, a verdade agora é: "Não temos rei além de nós mesmos". E, como nos dias dos juízes hebreus, isso significa, na prática, que não há rei em Israel e que "cada um [faz] o que [acha] mais reto" (veja Jz 21.25). Motivos pessoais, interesses individuais, escolhas subjetivas, agendas privadas e tendências em voga são o que realmente decide as questões do dia de muitas pessoas na cultura norte-americana do "vale tudo". Às vezes, o colapso de autoridade leva ao conselho descaradamente ousado que vemos em adesivos: "Desconfie da autoridade". De igual modo, isso pode resultar na filosofia de acomodação tranquila, agradável e sentimental a qualquer que seja o prevalecente vento de opinião moderna soprando sobre os cristãos vindos de uma cultura mais ampla.

Ajustar-se e acomodar-se à pressão externa podem assumir muitas formas diferentes, incluindo resignação, afastamento, passividade e quietismo. E essas, por sua vez, dependerão do grau de severidade da pressão e de por quanto tempo foi aplicada. Mas, seja qual for a situação em que a igreja se encontre, acomodação geralmente significa que a primeira notícia de liberação irá se deparar com ceticismo e desconfiança – como Moisés e Arão descobriram quando se aproximaram dos anciãos de Israel com a notícia da libertação que o Senhor lhes daria do jugo de Faraó. Em tempos assim, a afirmação bíblica de autoridade será vista como provocativa e completamente absurda para aqueles a quem ela desafia: "Quem é o Senhor para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel?" (Êx 5.2). Para aqueles de dentro da igreja, a mesma declaração de autoridade será inconveniente e profundamente inquietante, pois o status quo foi declarado como não mais inaceitável.

Mas a questão não pode ser amenizada. A autoridade é central, inflexível e inevitável para os cristãos. Para os que seguem Jesus, a fé cristã não é, primariamente, uma filosofia, uma visão de mundo, uma ética ou um estilo de vida. Ela é tudo isso, porém mais do que isso por causa da autoridade de Jesus. Crer em Jesus é curvar-se em reverência duas vezes e, então, obedecer para sempre, como disse Francis Schaeffer. Quando não podíamos descobrir Deus por nós mesmos, ele revelou a si mesmo, por isso nos curvamos uma vez à sua revelação. Quando não podíamos resgatar a nós mesmos, ele nos salvou, por isso nos curvamos novamente à redenção que ele efetuou. Em outras palavras, podemos estar bem cientes da nossa parte na busca por Deus e de tudo o que isso significa e custa para nós, e estamos certamente cientes de que o passo de fé é nossa responsabilidade sincera, assim como é uma convicção plenamente justificada da verdade. Nunca somos mais nós mesmos do que quando tomamos essa decisão de confiar em Deus.

Contudo, esse passo é sempre mais uma questão de graça do que de realização. A boa-nova é a história de Deus descendo para nos alcançar, e não nós subindo até Deus. Como diz a famosa observação de C. S. Lewis, é a história do gato pegando o rato, e não o contrário. Por outro lado, uma vez que nos convencemos sem reservas de que suas declarações são verdadeiras e que Jesus é Senhor, avançamos no sentido de segui-lo e viver à luz dessa verdade e sob o senhorio dessa declaração. Assim, o caminho de Jesus é constituído pela autoridade de Jesus e vivido sob essa autoridade. Jesus é Senhor, e ele é Senhor de cada parte da nossa vida e Senhor até nosso último suspiro. Não estamos seguindo uma boa sugestão, buscando nosso direito à felicidade ou escolhendo um modo de vida que pareça oferecer os melhores benefícios. Fomos chamados por Deus e estamos sob a autoridade dele. Portanto, seguir os ensinamentos de outro que não os de Jesus é anátema (maldição), diz o apóstolo Paulo. Desviar-se do seu senhorio e abandonar seu caminho significa naufrágio. Conformidade em muitas áreas da vida é enfadonho, mas conformidade à vontade e ao estilo de Jesus é a própria vida e liberdade – sob a autoridade dele.

Talvez o fato mais impressionante de todos seja que nosso Senhor e Mestre não apenas tinha autoridade, mas também estava sob autoridade. É verdade que ele reivindicou sua própria autoridade absoluta e irrestrita quando falou e agiu, o que impressionou as multidões e provocou as autoridades da época. É verdade que ele, inequivocamente, confirmou e fortaleceu a reverência judaica para com as Escrituras como sendo a autoridade suprema como a Palavra de Deus. Mas, surpreendentemente, ele, que era a autoridade suprema para seus seguidores,

submeteu-se à autoridade e à Palavra do seu Pai – ao custo de si mesmo.

Essa submissão que custou caro pode ser vista quando Jesus foi tentado pelo Maligno no deserto, e ele rejeitou a sedução do diabo porque estava se submetendo à Palavra. O relato mostra que ele não apenas citou a Palavra como arma contra o diabo ("Está escrito" [Lc 4.4]), mas que obedeceu à Palavra como um modo de vida e rejeitou as espetaculares ofertas alternativas do diabo. O mesmo ponto é ainda mais claro e mais custoso no jardim do Getsêmani, quando Jesus se submeteu ao que as Escrituras haviam dito que tinha de acontecer, em vez de se esquivar da cruz quando quase tudo nele desejava fazer isso. ("Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres" [Mt 26.39].) Para Jesus, o que as Escrituras diziam, o próprio Deus dizia, e isso era, no final das contas, o que importava. Ele disse que apenas falava, "como o Pai mo tem dito" (Jo 12.50). E assim ele também sofreu e morreu.

Nenhuma imagem chega mais perto de expressar o senhorio e a autoridade de Jesus do que o uso repetido que o apóstolo João faz da palavra Pantocrator no livro de Apocalipse. Como qualquer turista na Grécia e na Turquia sabe, essa é uma imagem ressonante e amada na arte e na história cristãs primitivas. O termo combina duas palavras gregas que, juntas, expressam o governo todo–poderoso e inclusivo de Cristo. Jesus Cristo governa sobre todo o mundo, sustenta todo o mundo e julga todo o mundo. Em nossa vida insignificante, apenas vivemos, respiramos, pensamos e agimos sob sua autoridade suprema.

Com esse Senhor maravilhoso e esse exemplo claro e custoso da sua própria atitude em relação à autoridade, como tantos cristãos podem rejeitar essa sublime autoridade de modo tão despreocupado? Como podem se desviar dessa submissão incondicional para insistirem em suas próprias preferências e nunca nem mesmo tremerem? Como tantos agora podem crer – como afirmam as pesquisas de opinião – que agora consideram Jesus como um caminho, uma verdade e uma vida, em vez de "o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6)? E como é possível que certos cristãos professem, em voz alta, que continuam fiéis a uma "elevada visão de autoridade bíblica", mas rejeitem o ensinamento claro e duradouro da Bíblia quando isso visivelmente lhes convém, digamos, para justificar o casamento homossexual? O que devemos concluir das suas interpretações, com tantos "argumentos espúrios com base no silêncio", tais alegações especiais descaradas, e tudo para obviamente justificar o comportamento pecaminoso e tão obviamente egoísta?

Os maiores estudiosos da nossa era, liberais e não apenas conservadores, junto com a voz unida dos maiores estudiosos de todas as eras mostraram, sem qualquer margem razoável para dúvida, que a Bíblia é claramente contrária ao comportamento homossexual, assim como o é a todo comportamento sexual entre heterossexuais fora do casamento – e essa conclusão é confirmada pela maioria dos próprios estudiosos homossexuais. Contudo, nossos admiráveis novos cristãos confiam na sua própria reinterpretação brilhante e servem aos seus próprios interesses sem escrúpulos. Thomas Jefferson tremeu quando considerou a escravidão e se lembrou de que Deus era justo. Certamente é tempo de alguns cristãos tremerem quando lerem e ouvirem a distorção e o repúdio despreocupado das Escrituras por parte daqueles que ainda afirmam serem fiéis. Há algo podre na igreja que deve ser discutido. Os cristãos também precisam retornar e permanecer com humildade e obediência com todos os seus irmãos cristãos diante do senhorio e da autoridade do Jesus Pantocrator, governador, sustentador e juiz de todo o mundo.

Não é necessário dizer que o revisionismo de hoje não é algo novo. Os protestantes liberais têm mostrado o caminho revisionista por mais de dois séculos, e veja aonde isso os levou. Muitos discutem essa crise com detalhes, por isso é dispensável uma elaboração mais aprofundada aqui.[14] Os extremos do revisionismo protestante liberal simplesmente cometeram suicídio espiritual, teológico e institucional, e ninguém que os segue agora pode alegar inocência de modo sério. Os evangélicos eram antes conhecidos pela sua visão sólida e decisiva da autoridade da Palavra, como apresentado, por exemplo, no clássico Fundamentalism and the Word of God, de J. I. Packer. Na verdade, eles eram antes quase definidos como não liberais em contraste direto com tal revisionismo. Porém, a geração mais recente viu uma ala significativa do evangelicalismo – alguns evangélicos emergentes, outros extremistas sensíveis ao que as pessoas buscam no contexto religioso, alguns pastores modernos que buscam relevância – começar a revisar, reinterpretar e, por fim, abandonar a fé com a mesma insensatez suicida como a da toupeira.

Contudo, mais provavelmente, o maior perigo das gerações vindouras não estará nos extremos, mas no centro frágil do “vale quase tudo”, o amável acomodacionismo do evangelicalismo atual. Como nos tempos do profeta Elias, a igreja pós-moderna tornou-se um terreno fértil para os indecisos, para as pessoas em cima do muro, para os que querem o melhor dos dois mundos e, assim, para os sincretistas que se esqueceram do que isso significa. Há muitos cristãos cansados de tomar uma posição porque estão muito receosos de repetir

os erros do passado. Eles se tornaram as pessoas do “tanto faz”, aquelas que diversificam as apostas e são meras espectadoras para ver quem ganhará a disputa no monte Carmelo dos nossos dias.

Sem dúvida, novos termos serão cunhados para descrevê-los, e termos antigos como neoisso e neoaquilo se tornarão comuns novamente, mas todos serão pouco convincentes e insatisfatórios. “Seguidor de Jesus”, “cristão” (e, quando apropriado, “evangélico”, “católico” e “ortodoxo”) são totalmente suficientes quando biblicamente definidos. A menos que os centros de reabilitação espirituais e teológicos de hoje sejam desafiados e se resolvam, eles serão como dúvidas – ou estão resolvidos e conduzem novamente a uma fé ainda mais robusta, ou vão escorregar e deslizar até que desabem na total incredulidade.

Há algum tempo é dito que aqueles que são fiéis a Cristo numa denominação estão mais próximos dos que também são fiéis em outra denominação do que daqueles da própria denominação que são revisionistas. Junto com a fusão de diferenças denominacionais, esse fato confere um grande impulso no sentido de uma nova e bem-vinda unidade cristã entre todos os que confessam que Jesus Cristo é Senhor. Mas também serve para destacar o contraste da ameaça mortal do revisionismo cristão, quer protestante liberal, católico-romano ou evangélico. Como eu disse, o apóstolo Paulo ressaltou a seriedade de alguém pregar “outro evangelho”, declarando-o “maldito”, e Kierkegaard acrescenta sua forte condenação ao chamar tais revisionistas de “Judas beijadores” – aqueles que traem Jesus com uma interpretação. A guerra de espíritos invadiu até mesmo o acampamento do povo de Deus, e, como nas histórias de Fineias numa ocasião de corrupção israelita, e de Moisés reagindo às folias de Israel em torno do bezerro de ouro, é tempo de ver quem está do lado do Senhor – e quem, por meio das próprias decisões, escolhe não estar e se rebelar. O senhorio e a autoridade de Deus, bem como o próprio significado, a sobrevivência e a integridade da fé cristã estão em jogo.

Para os cristãos que pensam a respeito da situação extraordinária do mundo atual, duas coisas são certamente inegáveis. Uma é que a “guerra de espíritos” de Nietzsche é um retrato muito mais próximo das realidades contemporâneas do que a “paz perpétua” de Kant. A outra é que não podemos responder à loucura e ao mal do que está em curso sem levar a sério o relato bíblico da realidade. Há forças sobrenaturais invisíveis em ação. Esse entendimento pode ser mais claro nas convulsões cataclísmicas criadas pelo extremismo islâmico no Oriente Médio, nas enormes tensões criadas pelo declínio dos Estados Unidos, na

ascensão da antiga, porém renascida China e na instabilidade do utópico projeto europeu. Mas isso também é aparente nas polêmicas controversas na vida pública de muitos países e mesmo nas desavenças e divisões dentro da igreja de Deus. Este nosso tempo é um tempo em que as culturas estão exasperadas, as nações estão alvoroçadas, as próprias civilizações parecem se mover, rachar e desmoronar, e ninguém que ignora a guerra de espíritos consegue entender nosso mundo ou reagir a ele.

O resultado da batalha espiritual esperado por Nietzsche era o levante de super-humanos, uma grande reavaliação de todos os valores e o triunfo na guerra de "Dionísio contra o Crucificado". Em face das mesmas realidades globais, Kant defendeu que a "paz perpétua" viria em um de dois modos: como a conquista da razão humana ou como o fruto de uma fraqueza que seguiu alguma catástrofe memorável que não deixaria outra opção senão a cooperação resignada.

Nós, que seguimos a Jesus, não nos associaríamos a nenhum dos dois filósofos. A opinião de Nietzsche foi indelevelmente manchada pela sua encarnação nazista, embora ela, sem dúvida, ressurgirá numa nova forma. A opção de Kant é muito utópica, embora o sonho dela se mostre duradouro e sedutor. Nossa visão da História e do mundo é diferente. Deus é o Criador do cosmos e o Senhor da História. É o céu que domina. Nosso Senhor tem o mundo todo nas suas fortes e bondosas mãos, e o resultado não será decidido pela "mão invisível" do mercado nem pelo "Leviatã" do Estado moderno, mas pela gestão de Deus, em quem confiamos como providência. Em suma, a grande disputa cósmica da História é real. A guerra de espíritos é real, muito real, e nossa parte não é temer, mas confiar, observar e (como veremos) assumir nosso papel pequeno, porém significativo, nesta guerra de espíritos mais ampla.

Uma oração

Pai nosso, todo poder nos céus e na terra é teu. Mais poderoso do que nossa maior força, mais assombroso do que nossas visões mais assustadoras, nós nos curvamos diante da tua majestade, descansamos na fidelidade de tua aliança e confessamos nossa estupidez em confiar em qualquer poder que não o teu. Abre nossos olhos para que possamos ver tudo o que tu queres que saibamos sobre as realidades invisíveis do teu reino. Limpa nosso coração para que nossos motivos possam ser tua glória e não simplesmente nosso bem humano. Concede-nos uma consciência saudável dos poderes das trevas, mas um conhecimento ainda mais saudável do poder do teu Espírito. E, se for da tua graciosa vontade, enche-nos do teu poder e usa-nos para tua glória, não por causa de nós, mas por causa de ti. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Até que ponto você, sua família e sua igreja local estão “desafinados” ou “dissonantes”? Por que você acha que grande parte da igreja ocidental não desfruta do cumprimento de tudo o que Jesus prometeu aos seus discípulos quando deixou a terra e deu-lhes o Espírito?

2. Como tomamos parte em tudo o que Jesus prometeu aos seus seguidores sem cairmos no extremo de “o estranho, o selvagem e o extraordinário”?

3. Que diferença prática faria se a ideia de “principados e potestades” por trás dos acontecimentos mundiais fosse levada a sério?

Capítulo quatro

Explorando o âmago das trevas

Alguns anos atrás, fui convidado para falar para um grupo de representantes do Congresso dos Estados Unidos e, no final da minha conferência, um dos congressistas levantou a mão.

“Um menino coloca o dedo no furinho de um dique e se transforma num herói”, disse ele, obviamente referindo-se à célebre história da enchente na Holanda. “Mas, quando olho para os Estados Unidos, o que vejo é um deslizamento de terra. O que se pode fazer a respeito disso?”

A resposta, sem dúvida, não é lá essas coisas. Deslizamentos acontecem, jorram, correm, destroem, inundam e depois se infiltram em todos os lugares, e os grandes fluxos de destroços com lama, rochas e árvores são praticamente impossíveis de serem detidos, levando tudo o que têm pela frente no seu caminho destrutivo. Se os problemas que enfrentamos fossem poucos e não relacionados, isso seria uma coisa. Se fossem apenas uma questão de economia, digamos, ou tecnologia, educação, crime ou imigração por si só, poderíamos lidar com eles separadamente. Poderia haver uma fabulosa solução milagrosa. Vivemos na grande era da tecnologia, e, onde há problemas distintos, há sempre especialistas para resolver problemas diferentes. Nada é mais fácil hoje do que apelar para o profissional, o especialista, o consultor, para o que faz pesquisas ou para o analista e fazer com que eles corrijam o problema ou nos deem uma explicação completa (e a conta).

Uma das razões para o efeito desse deslizamento é entender que, na era global, todos os problemas têm explicações de múltiplas causas e, por sua vez, todos se tornaram interconectados – dando origem ao dito popular de que “tudo está interligado e ninguém está no comando”. Óbvio para nós hoje, esse ponto foi uma das ideias por trás da fundação do célebre grupo global de pensadores conhecido como Clube de Roma, em 1968, que o fundador Aurelio Peccei chamou de a nova “problemática da humanidade”.[1] Não há mais problemas políticos, econômicos ou sociais isolados. Portanto, já não adianta identificar

problemas individuais e propor soluções individuais – “cada problema está relacionado a todos os outros problemas; cada solução aparente para um problema pode agravar os outros ou interferir neles”.[2] A era global exige que os líderes pensem de modo global, multicausal e holístico, bem como respeitem toda a ecologia de ideias, valores e instituições humanas, nações e a própria terra.

Sem dúvida, isso é verdadeiro, mas neste capítulo vou argumentar que há uma razão ainda mais profunda para o efeito do deslizamento de terra. Por isso, o congressista estava incontestavelmente certo. Nossos problemas atuais parecem ser mais como um deslizamento de terra ou a propagação de um bolor tóxico ou gás venenoso. A devastação e o dano parecem ter se espalhado para todos os lados, afetando e arruinando tudo. Não há solução milagrosa à vista. Como escreveu o salmista há séculos: “Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?” (Sl 11.3). Ou como diz a antiga rima infantil quando Humpty Dumpty cai do muro: “Todos os cavalos e todos os homens do rei não conseguiram juntar os pedaços de Humpty novamente.”

Esse tipo de conversa faz com que surjam várias perguntas: O que é deslizamento de terra, culturalmente falando? Quais são os fatores que causam a erosão e o colapso aparentemente inevitáveis? Quais são as ideias e os acontecimentos que impregnam tais elementos sólidos de base como fé e família até já não suportarem? Quais são as políticas que prejudicam coisas antes consideradas sólidas e inabaláveis até que, de repente, se deslocam, deslizam e desmoronam sem nada que possa ser feito a não ser seguir o caminho da devastação? Outras pessoas preferem metáforas diferentes, tais como desgaste ou desintegração cultural, mas também perguntam de que tipo é e por que a erosão, o desgaste ou a desintegração estão acontecendo.

Outra expressão poderosa e útil é crise da autoridade cultural. Ela é usada para lançar luz sobre o modo como ideias e ideais que, antes eram novos e poderosos numa sociedade, vêm a perder seu poder persuasivo. Uma crise de legitimidade é outra expressão que busca exprimir o mesmo ponto. Mas a pergunta para todas essas expressões é “por quê?”. O que exatamente está por trás delas? Somente Deus conhece toda a história de todas as causas e interconexões que fazem tais crises acontecerem. Mas, depois de pensar no problema e examiná-lo de muitos ângulos por muitos anos, eu gostaria de apresentar três tendências diferentes, mas isoladamente poderosas, que, no caso dos Estados Unidos, estão causando o dano cultural, estando a do meio no centro do efeito de deslizamento de terra.

Essas tendências são um pouco diferentes em outros países, mas são claras nos Estados Unidos, porque, por enquanto, o país ainda é a principal nação no mundo moderno.

A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA DE TODAS

A primeira tendência é a rejeição deliberada e sistemática do lugar fundamental das raízes judaicas e cristãs da sociedade norte-americana. A história da rejeição da fé cristã no Ocidente é bem conhecida, particularmente quando contada do ponto de vista de crenças e ideias. E a posição de pensadores anticristãos influentes, de Nietzsche e Bertrand Russell a Richard Dawkins, Christopher Hitchens e Sam Harris, é bem conhecida também. Mas o ataque a crenças é muitas vezes considerado de modo isolado, como se fosse uma questão de filosofia e apenas uma crise de fé, enquanto é necessário colocá-lo no seu cenário mais amplo na cultura e traçar seu significado em longo prazo para o Ocidente.

Considere o mesmo repúdio de outro ângulo. Lorde James Bryce foi embaixador britânico nos Estados Unidos na primeira década do século 20, e, por causa do seu livro clássico The American commonwealth, ele muitas vezes vem logo depois de Alexis de Tocqueville como o comentarista estrangeiro mais astuto dos Estados Unidos. Um forte liberal, ele foi semelhante a Tocqueville, que ficou famoso por reconhecer a importância fundamental nacional da religião na ordem política norte-americana e, especialmente, a fé cristã. Bryce foi igualmente enfático: “O cristianismo deve ser, de fato, entendido como sendo a religião nacional, ainda que não seja legalmente a religião estabelecida.”[3]

Todavia nada permanece o mesmo para sempre, é claro, e, em vez de assumir que permaneceria assim, Bryce refletiu muito sobre as consequências de qualquer mudança previsível da posição central da fé cristã nos Estados Unidos. (Não importa aqui se essa mudança era o resultado de ataques externos por parte de secularistas ou erosões internas por meio da secularização.) O que importava era que, se a fé cristã era fundamental para a coesão social dos Estados Unidos no seu tempo, o que aconteceria se sua influência diminuísse ou entrasse em colapso? Enquanto refletia sobre essa questão, Bryce admitiu que estava

“assustado com a ideia do que poderia ocorrer com esta enorme, mas delicada, estrutura de leis, de comércio e de instituições sociais se o fundamento no qual ela se apoiava desmoronasse”.[4]

Essa erosão não parecia provável no início do século 20, quando os Estados Unidos na época, e por muitos anos depois, pareciam ser o país ocidental com menos probabilidade de se soltar das suas amarras cristãs tradicionais. Na verdade, naquele momento, o novo mundo contrastava favoravelmente com o antigo em termos de religião. A Europa havia começado a se secularizar consideravelmente no século 19 e, ao longo do século seguinte, produziu algumas das sociedades mais seculares da História, mas os Estados Unidos permaneceram uma anomalia – tanto o país mais moderno do mundo quanto o mais religioso dos países modernos. No entanto, também era verdade que a Europa, apesar de todo o seu aparente abandono da fé e da moralidade cristãs, não parecia ser vítima de qualquer perda de coesão social. Em termos de ideias, a Europa era terrivelmente vulnerável a ideologias pós-cristãs, tais como o marxismo e o nacional-socialismo, mas, no nível social, muitas vezes se mantinha unida graças a forças como a tradição e a coesão social de suas pequenas cidades e aldeias – uma realidade que os Estados Unidos haviam deixado para trás muito antes.

Então o que aconteceria, perguntou Bryce, se a religião se desintegrasse nos Estados Unidos? Era isso que o assustava. Pois “os Estados Unidos são um país em que a perda de fé no invisível poderia produzir a revolução mais completa, porque é o país onde os homens estão menos habituados a reverenciar qualquer coisa no mundo visível”.[5] “A revolução mais completa?” Seu discernimento era radical. A sociedade norte-americana era tão livre, tão móvel, tão rápida e sempre em transformação que a única coisa que unia os Estados Unidos era a religião e, se a religião perdesse sua vitalidade interior e sua influência social, haveria consequências inimagináveis.

Inquestionavelmente, apenas um século mais tarde ocorreu a “revolução mais completa”. Nem a fé cristã nem qualquer outra religião ou ideologia mantêm essa posição nos Estados Unidos agora. E as condições de diversidade em constante expansão hoje, incluindo agora uma série absurda e confusa de possíveis identidades sexuais, também viram um afrouxamento crucial de qualquer ponto de unidade verdadeira. O lema norte-americano original foi desestabilizado, para que o unum fosse subestimado e o pluribus se alastrasse. Os norte-americanos dissiparam a genialidade do seu entendimento tradicional

de liberdade religiosa e a importância dela para saber viver com as diferenças mais profundas.

O famoso verso de W. B. Yeats, “as coisas se desintegram; o centro não consegue manter-se”, foi escrito no seu poema “A segunda vinda”, em 1919, depois da grande desilusão da Primeira Guerra Mundial. Para os Estados Unidos, o colapso do centro aconteceu na década de 1960, incluindo a desilusão que se seguiu à Guerra do Vietnã. Mas os Estados Unidos agora seguem a Europa, e o resultado será igualmente significativo. O estado atual das coisas pode ser vislumbrado em três fatos.

Primeiro, os antigos acordos judaicos e cristãos firmados em aliança que eram o centro da vida norte-americana foram violados e caíram por terra. A aliança está quebrada.

Segundo, nenhum outro conjunto de ideias até agora conseguiu substituir essas crenças fundamentais, de modo que, no momento, os Estados Unidos estão descentralizados, sem centro, desligados ou descolados e em meio a uma guerra cultural para decidir quais crenças e valores serão a autoridade suprema e o ponto de unidade na cultura.

Terceiro, à medida que a guerra cultural se exacerba, a rivalidade para substituir o antigo centro judaico e cristão se inflamou e, no processo, prejudicou outras partes da herança norte-americana. Portanto, não há centro algum, como também não há maneira civil alguma de estabelecer um, pois os Estados Unidos reduziram severamente sua herança de liberdade religiosa – e sua genialidade para possibilitar que uma sociedade com diversas crenças convivesse com suas diferenças mais profundas. Tudo o que resta são jogos de poder.

Como resultado dessa crise, as polarizações política, econômica, racial e cultural nos Estados Unidos estão aumentando e se mostrando impossíveis de serem solucionadas; as ideias fundamentais que construíram a ordem política norte-americana estão perdendo seu poder de persuasão; ideias e práticas muito iliberais e antiamericanas estão se apresentando; líderes com postura de estadistas são flagrantes por causa da sua ausência, e a coesão social dos Estados Unidos está se desgastando. Tudo o que resta para ser visto é o tempo e a direção das consequências para o futuro do experimento norte-americano.

Os progressistas rejeitarão a observação de Bryce como sendo o presságio

sombrio de um conservador preocupado. É verdade que seu argumento se encaixa de maneira mais confortável no pensamento conservador tradicional. O filósofo francês Joseph de Maistre, por exemplo, notavelmente defendeu que quanto maior e mais diversa fosse a nação, mais provavelmente ela precisaria ser mantida unida e governada por coerção ou, se desejasse ser livre, pela religião. Mas John Locke argumentou o mesmo em Carta sobre a tolerância, em 1689: “A supressão de Deus, ainda que apenas em pensamento, dissolve tudo.”[6] E os historiadores Will e Ariel Durant apoiaram a observação. “Não há um exemplo significativo na História, antes do nosso tempo, de uma sociedade que tenha conseguido manter a vida moral sem a ajuda da religião.”[7]

Na verdade, Bryce não era um reacionário como de Maistre. Ele era um liberal descarado, e seus comentários estavam baseados nas suas observações sobre o papel histórico e social da religião nos Estados Unidos, assim como o nosso também deveria estar. Os Estados Unidos enfrentam um terrível aumento de violência, mas, ao contrário do presidente Obama, a razão mais profunda não é a falta de controle de armas, mas o fato de que, em comunidade após comunidade, o centro está cedendo. Há uma trama natural em qualquer tecido, assim como ela existe no ecossistema moral e social de qualquer sociedade, e, quando essa condição natural é ignorada, os tecidos desfiam, a solidez típica de uma geleira derrete e as sociedades perdem sua coesão. Há um ponto em que todos os cavalos e todos os homens do rei já não podem juntar os pedaços de Humpty novamente.

TUDO O QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR

Se a primeira tendência é relativamente óbvia, a segunda não é nem um pouco. Mas o que, devemos perguntar, causa o efeito de deslizamento de terra, que desencadeia a erosão, o desgaste, a desfiadura, o derretimento ou qualquer metáfora que queiramos usar? A ideia de que há algo em ação não é recente. No primeiro capítulo de Manifesto comunista, publicado em 1848, Karl Marx usou a metáfora do “derreter” ao descrever algo que viu em ação no início da revolução industrial e da ascensão do capitalismo de mercado:

Dissolvem-se todas as relações antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias antigas e veneradas; as relações recém-formadas tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e o homem é, por fim, obrigado a encarar com seriedade sua real condição de vida e suas relações recíprocas.[8]

Somos propensos a não entender o que Marx diz – para nosso prejuízo. Por um lado, ele e seu legado tornaram-se tóxicos por causa das suas horrendas consequências totalitárias. Mas Marx pôde ser muito perceptivo e às vezes cuidadoso, especialmente quando era mais jovem, e, sem dúvida, estava à frente do seu tempo no sentido de observar como o sólido estava se desmanchando no ar, e isso era mais do que uma simples questão de ideias. E, por outro lado, somos os herdeiros agradecidos dos dois formadores do nosso avançado mundo moderno: a Revolução Industrial e o capitalismo de mercado, de modo que somos propensos a nos esquecer dos deslocamentos cruéis na vida tradicional que foram o preço pago pelas duas primeiras gerações que vivenciaram a Revolução Industrial. Portanto, somos suscetíveis a ver apenas os benefícios da modernidade, e não a reconhecer seus custos.

Nietzsche tem sua famosa expressão para descrever o mesmo efeito: a morte de Deus. Ele não foi o primeiro a usá-la. Hegel, entre outros, usou a expressão 75 anos antes dele, mas Nietzsche foi o mais radical em enfatizar as consequências em todas as áreas. A morte de Deus era muito mais do que uma crise para a teologia e os teólogos. Era uma catástrofe geral que afetava toda a cultura e todos os valores e disciplinas que dependiam de Deus, incluindo coisas tão importantes como verdade, razão, conhecimento, moralidade, certo, errado, bem, mal, arte, filosofia e humanidades. Cada uma delas deve mudar e ser drasticamente reavaliada. Deus estava morto, o Sol havia sido destruído, a ordem cósmica havia se perturbado, o centro havia cedido e tudo o que antes dependia deles agora estava minado e era pura vaidade, vazia e vaga. Nada voltaria a ser o mesmo. Ao perder Deus, o mundo ocidental perdeu sua alma e seu centro. Tornou-se “sem peso” – sem chão, sem centro, sem sentido, insignificante e imaterial, com uma “insuportável leveza do ser”.[9]

Claramente, tanto Marx como Nietzsche estavam apontando para o mesmo colapso histórico e crítico na civilização ocidental, mas cada um se concentrou em diferentes razões. A análise de Nietzsche foi filosófica. Ele se concentrou na

crise de fé e cultura que surgiu com o “assassinato” de Deus, enquanto a análise de Marx foi sociológica. Ele se concentrou em algo que estava acontecendo na ascensão do próprio mundo moderno e em seu efeito sobre a maneira como as pessoas viviam e cuidavam da própria vida na era industrial. O que Nietzsche queria dizer é o mais óbvio hoje, enquanto Marx é menos óbvio e intrigante. Mas, ainda assim, não chegamos à essência da nossa pergunta original. Tudo o que é sólido talvez esteja se desfazendo, mas por quê?

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês e ex-professor da Universidade de Leeds, na Grã-Bretanha, desenvolveu mais do que qualquer outro a ideia do derreter. Ele escreveu consideravelmente sobre a globalização e a modernidade, e um tema recorrente é seu uso da metáfora “líquido”. Valendo-se da expressão de Marx, ele descreve nosso mundo no sentido de ser a “modernidade líquida”, “tempos líquidos”, “vida líquida” e “amor líquido”.[10] Usando a definição da Encyclopedia Britannica, ele ressalta que sólido é algo que tem aderência suficiente para poder unir seus átomos e, portanto, manter sua forma quando estiver em repouso, enquanto um líquido ou um gás não podem. Os fluidos estão prontos para transformar sua forma a qualquer momento de acordo com o espaço que ocupam. Eles correm, fluem, se espalham, vazam, escorrem, escoam e gotejam, e não são fáceis de deter, assim como o deslizamento de terra.

Tudo o que é sólido derreteu-se, mas o estágio entre derreter e evaporar é líquido. Em outras palavras, passamos do mundo fixo da tradição e da identidade para o mundo fluido da modernidade, em que tudo sempre muda e nada mantém sua forma por muito tempo. Na vida moderna, existe, portanto, uma variedade impressionante de coisas entre as quais podemos escolher, começando com algo tão básico quanto a identidade, mas cada uma traz uma sensação de fragilidade, temporalidade e vulnerabilidade. A identidade nunca é alcançada, sólida e duradoura. Pessoas e coisas estão sempre se transformando, mas nunca se tornam algo por muito tempo. São indefinidas, incompletas, indeterminadas e estão abertas para o novo. O mundo moderno está sempre em construção, e tudo é provisório, por ora, e até segunda ordem.

Nenhuma escolha deve ser irrevogável. A escolha deveria ser reservada, pois a pior coisa é hipotecar seu futuro por uma escolha que é obrigatória e não lhe permite ter liberdade para mudar ou seguir em frente. Afinal de contas, pode haver uma opção melhor amanhã, um emprego mais bem remunerado mais tarde, um marido, uma esposa ou um cônjuge mais atraente na próxima festa, ou uma casa mais espaçosa e magnífica em outro lugar, ou uma identidade mais

atraente e uma orientação sexual mais atual. Mantenha os olhos bem abertos e suas opções também. Movimente um pouco o caleidoscópio, e um novo padrão de possibilidades reorganizadas estará à sua espera. Amanhã é um novo dia com novas opções. Liberdade é a liberdade de manobra, e as cordas que amarram nunca devem se tornar cordas que o impeça de se mover.

Em suma, o avançado mundo moderno, que é líquido, com sua vida líquida e seus amores líquidos, é multiforme. É sempre suscetível a mudar de forma. Sua única constante é a mudança. Sua única certeza é a incerteza. A vida líquida é sempre sem forma, fluida, está sempre escoando, gotejando e vazando – mais uma vez, desconfortavelmente próxima do efeito de deslizamento de terra.

Então, quais são as causas do derretimento e do deslizamento de terra? Por que as realidades tradicionais, sólidas e fundamentais, como família e casamento, parecem ter se dissolvido numa centena de formas maleáveis? O que aconteceu com crenças religiosas tão certas, como a fé cristã, para que pareçam tão sem peso e insubstanciais, até mesmo para quem acredita nelas? Em minha opinião, a resposta é que, no cerne da modernidade avançada, está um trio de fatores (os três Rs tenebrosos) que convergiram para formar uma espécie de buraco negro que atrai, pulveriza e derrete tudo o que é sólido e certo na vida. O resultado tem sido chamado de “ideias zumbis” e “instituições zumbis”, que estão “mortas e ainda vivas”. Mais uma vez, esses fatores podem ser apresentados em três comentários.

Primeiro, a modernidade avançada gera uma relativização radical de alegações e certeza, por meio da qual o pós-modernismo reduz todas as verdades ao nível de indetermináveis.

Segundo, a modernidade avançada cria um repertório de escolhas cada vez maior, por meio do qual reduz toda escolha séria ao nível de uma preferência sem compromisso e sem vínculo para o momento.

Terceiro, a modernidade avançada produz uma rapidez de mudança jamais vista, por meio da qual a vida moderna transforma a expressão “isso também passará” num grande liquidificador de coisas sólidas, até que tudo seja reduzido a pó, tão leve quanto o ar, fugaz e inconsequente.

A fé cristã pode recuperar sua solidez espiritual, teológica e cultural para que seja impermeável a essas tendências? Para que nenhum buraco negro possa

engoli-la? Casamentos e famílias cristãos podem ser restaurados para que se assemelhem a rochas, não à areia, e a sequoias, não a bolas de feno? É óbvio que o oposto bíblico para a falta de peso é glória, a glória de Deus, pois o significado radical de glória é o peso e a solidez que vêm da realidade. Os gregos e os romanos também acreditavam na glória. Na verdade, eles viveram, esforçaram-se e lutaram para ter excelência e glória em campo após campo. Contudo, deram ênfase aos aspectos externos da glória: o bom nome, a reputação e a fama, fruto da realização heroica de um general vitorioso, de um atleta vencedor ou de um dramaturgo laureado num festival. Porém, uma vez que era externa, essa glória era apenas externa e sempre efêmera. Como expressaram os poetas gregos, esse tipo de glória dura apenas "enquanto o trovador canta e a criança se lembra". Nossa própria visão ocidental de glória é muito semelhante. Celebramos nossos vencedores, nossos medalhistas de ouro, os que fazem parte do Hall da Fama e nossos jogadores mais valiosos, mas a glória é sempre externa e, portanto, passageira.

A visão bíblica de glória é totalmente diferente. Por causa do caráter singular de Deus, que simplesmente é e ao lado de quem não há outro, a ênfase é interior, e fala do peso, da gravitas, que vem da realidade maior de Deus sendo Deus. O Senhor a quem adoramos é Único. Ele é Outro. E ele está Sobre tudo. Então, sim, o Senhor tem grande reputação, por meio da excelência moral de seu caráter, do poder da sua palavra e do esplendor dos seus feitos. Mas sua é a glória suprema, e é muito mais profunda do que renomada. É fruto da realidade do seu próprio ser como Deus. Ele tem glória porque é, de modo fundamental e único, a "verdadeira realidade" que é o fundamento e a fonte de todas as outras realidades em qualquer lugar. Todas as outras realidades são criadas, incluindo cada um de nós como seres humanos e o vasto cosmos ao nosso redor. Nem nós nos criamos nem o universo se criou, e não somos autossuficientes. Derivamos de Deus e somos dependentes dele.

Portanto, Nietzsche estava mais perto da verdade do que imaginava. Quando rejeitam Deus, as culturas se separam do fundamento maior da realidade e, no final, se tornam, de fato, sem peso, insubstanciais, leves como o ar, efêmeras ou, nos termos usados pelos profetas, "[pesadas] na balança e [achadas] em falta" (Dn 5.27). Elas dão à luz apenas "vento" (Is 26.18), e, como bolas de feno diante dos furacões da História, são, por fim, levadas pelo vento (Is 57.13). O julgamento sobre o fim delas é o veredicto "Icabô" – foi-se a glória, a realidade, o peso (1Sm 4.21).

O oposto da falta de peso que leva ao colapso de uma nação é o avivamento, o retorno à glória e, portanto, a realidade e o peso de Deus. Quando um país como um todo, ou o povo de Deus dentro de um país, percebe sua ruína ao se afastar da fonte de toda a realidade, ele pode se arrepender e voltar para Deus. E então, sua oração será por avivamento e reforma, quando o Senhor cumprirá graciosamente sua promessa mais uma vez: "Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Hc 2.14).

Quando Moisés se viu em meio à maior crise da sua vida, depois da rebelião com o bezerro de ouro, ele fez o que certamente é a oração mais ousada da Bíblia: "(…) me mostres a tua glória" (Êx 33.18). Ele estava pedindo para conhecer toda a realidade de Deus que era permitida a um ser humano caído ver e ainda viver. Ninguém jamais pôde ver a Deus completamente e viver, mas ele sabia que, nesse terrível teste da sua liderança, nada menos do que conhecer a Deus como a realidade maior iria ajudá-lo.

Ao examinarmos a situação precária da igreja cristã no mundo ocidental no avançado mundo moderno do início do século 21, nosso desafio e a resposta a ele são os mesmos.

TODOS ESTAMOS POR NOSSA PRÓPRIA CONTA, E TUDO DEPENDE DE NÓS

A terceira tendência é a mais antiga das três: o movimento semelhante ao de Babel do humanismo evolutivo ateísta para formar uma nova humanidade e um novo mundo sem Deus. Em suma, um "novo Império do Homem", como o descreve o Clube de Roma. Essa atitude antiquíssima remonta quase à Queda, mas o avançado mundo moderno lhe deu uma nova e poderosa perspectiva de vida e uma nova e importante oportunidade. Nas palavras do fundador do Clube de Roma, "o homem, embora fosse uma das muitas criaturas do planeta, lançou sobre si seu império incomparável. (…) A era do império do homem surge diante de nós". "Esse império global possui os recursos para superar todas as civilizações passadas." A humanidade agora é a "líder da vida" e "moderadora da vida no planeta, incluindo a própria vida do homem".[11] "Todos estamos por nossa própria conta no universo, e tudo depende de nós" é o grito de guerra

dessa filosofia.

Não é preciso dizer que nenhum dos três termos no “humanismo evolutivo ateísta” é novo. A evolução deve sua ascendência a Charles Darwin; versões sofisticadas do ateísmo remontam a poetas romanos como Lucrécio e filósofos gregos como Demócrito. E, na sua forma moderna, o humanismo gerou uma forte tensão da vida ocidental desde o Renascimento e os escritos de Pico della Mirandola. Mas o que os uniu num fatídico novo caminho é a combinação dos impressionantes avanços da ciência, especialmente a biogenética, e as formas radicais da filosofia de construcionismo social.

Construcionismo social é uma teoria que busca analisar o modo pelo qual somos moldados pelas crenças e ideias que compartilhamos enquanto vivemos juntos em nossas diferentes sociedades, de modo que é possível dizer que todos participamos da construção da realidade que compartilhamos na nossa própria sociedade. Em outras palavras, a realidade não nos é dada pela natureza. Não existe essa coisa de ordem de criação, como a entendem os cristãos, nem de ontologia sagrada, como a entendem os judeus – o que significa que o bem e o mal são fatos objetivos sobre o universo. Em vez disso, se quisermos entender o que vemos como “realidade”, e ela sempre deveria vir com aspas porque sempre é a suposta realidade, temos de traçar o impacto do nosso contexto social no nosso pensamento. Esse discernimento é, sem dúvida, correto em parte e muito importante nesse sentido. Obviamente, todos vemos as coisas de maneira um pouco diferente porque somos moldados pelos nossos diferentes contextos sociais, ou, nas famosas palavras de Pascal, “verdade deste lado dos Pirineus, falso do outro”.[12] Uma vez entendido corretamente, esse é um discernimento fundamental para a apologética cristã.

Porém, a forma radical da filosofia vai muito além e dá um passo grande demais quando afirma que todo conhecimento humano é construído socialmente – e nada mais. Dizem que o que sabemos está tão moldado pelo nosso contexto social que qualquer afirmação de ser verdadeiro ou falso, correto ou errado, não é só absurda, mas irrelevante. O que chamamos de verdade é, em si mesmo, uma questão de convenção humana ou construção social. Verdades comumente aceitas são realmente construções sociais que foram solidificadas a ponto de serem aceitas agora como verdadeiras, naturais e evidentes por si mesmas. Essa conclusão é brutalmente destrutiva em dois sentidos. Por um lado, ela enfraquece uma visão objetiva da verdade, porque nega que haja qualquer essência última para qualquer coisa. Não há cerne da verdade ou realidade

objetiva para ninguém ou nada. Não há o “está tudo bem”.

Se tudo o que conhecemos é apenas socialmente construído, incluindo nossa visão da verdade e da realidade, isso significa que o que consideramos ser realidade é sempre concebido humanamente. É fabricado pelo homem, uma ficção social ou, no jargão acadêmico, “uma realidade imaginada”. Isso não significa que seja uma mentira, pois a mentira é uma intenção de enganar. Pelo contrário, todos aceitamos jogar o mesmo jogo, e, enquanto gostarmos do jogo e seguirmos as regras, não estamos deliberadamente mentindo, mas apenas suspendendo a incredulidade. Tais realidades imaginadas são uma ficção inconsciente na qual todos acreditam, tendo se esquecido de onde elas vieram e como foram construídas. Como tal, elas serão reais em suas consequências contanto que as pessoas continuem a jogar o jogo. A descrição do antropólogo Harari acerca dos mitos compartilhados da religião é típica:

Nenhuma dessas coisas existe fora das histórias que as pessoas inventam e contam entre si. Não há deuses no universo, não há nações, não há dinheiro, não há direitos humanos, não há leis e não há justiça fora da imaginação comum dos seres humanos.[13]

É uma lei férrea da História que toda hierarquia imaginada negue suas origens ficcionais e afirme ser natural e inevitável.[14]

Igualmente importante, essa forma radical da filosofia dá impulso a um estilo radical de táticas políticas. Ela provoca um ataque contra todas as verdades aceitas, porque desmascarar as ficções sociais é visto como o modo de nos libertar da opressão das realidades socialmente construídas que nos aprisionam sem que percebamos isso. Em suma, a expressão socialmente construída é agora um grito de guerra. Quando radicais a usam, ela é uma forma abreviada de um convite aberto a um ataque à tradição e às maneiras consolidadas de ver e fazer coisas. Primeiro, deve haver uma libertação de Deus e, portanto, do significado e da ética, de instituições sólidas como o casamento e a família, e de todas as categorias inibitórias, como “os opostos binários” de “masculino” e “feminino”. E, segundo, deve haver uma libertação da natureza e até mesmo do que era considerado nossa natureza, para que possamos ser verdadeiramente livres.

Enquanto escrevo, as manchetes alardeiam as histórias de um atleta olímpico de 65 anos de idade, que se tornou uma atleta olímpica de 45 anos, e de um homem casado de 52 anos de idade, de 1,82 metro de altura, que se tornou uma menina de 6 anos usando um vestido cheio de babados. É quase certo que o transgenerismo irá tornar-se a fase da revolução sexual que vai mais além e torna-se "uma mudança exagerada". No entanto, por ora, somos tragados pelas infames guerras pronominais em que ele, ela e o pronome impessoal usado para indicar algo sem gênero são pronunciados como coletes de força da identidade que nos aprisionam dentro da "heteronormatividade". Longe de sermos intimidados a fazer parte de qualquer identidade fixa, é-nos dito que todos estamos em algum lugar ao longo de um espectro e somos incentivados a nos entender como "gênero fluido". ("Às vezes eu me sinto feminino e masculino ao mesmo tempo e, em outras ocasiões, rejeito os dois termos completamente.") Hoje, ativistas LGBTQI oferecem-nos oito pronomes possíveis, incluindo o título honorífico mx[*] para quem não quer se identificar como masculino ou feminino.

A expressão construcionismo social é nova, mas não a ideia. Em Leviatã, por exemplo, Hobbes defendeu um relativismo bem extremo. ("Não ser nada simples e absolutamente assim, nem qualquer regra comum do bem e do mal a ser retirada da natureza dos próprios objetos.")[15] Rousseau manteve a mesma visão. Se "o homem nasce livre, e em toda parte se encontra sob ferros", então nosso estado natural primário é livre, mas tudo o que é acrescentado e está fora de nosso estado primal é construído e artificial, e, portanto, é um candidato para revolucionários atacarem como sendo opressivo e para ser destruído em nome de libertar nossa liberdade original.

O exemplo mais óbvio de hoje é a revolução sexual, em que um princípio fundamental dos herdeiros de Rousseau é que o gênero supera a biologia. Isso significa que a realidade da biologia e da ordem natural das coisas deve ser minimizada, seja por meio da coerção cultural ou por meio cirúrgico, enquanto o lugar do gênero e das visões socialmente construídas de masculino e feminino deve ser enfatizado em qualquer direção que diferentes ativistas possam querer tomar. Mas, é claro, dizem eles, o que foi socialmente construído é a prisão da qual não estamos cientes, por isso, cada um dos vários movimentos de libertação deve desconstruir tudo o que oprime suas vítimas em qualquer lugar, começando com categorias tão básicas como masculino e feminino. Somente quando todas essas categorias e seus afins forem desmantelados é que os progressistas poderão construir um novo mundo revolucionário para cada uma das partes em expansão

do que antes era simplesmente a descrição quádrupla do movimento LGBTQI.

Assim, nossos construcionistas sociais contemporâneos se põem a desmantelar o casamento e a família, deslocando suas responsabilidades para o Estado e o mercado, que não podem ou não devem lidar com eles, e, assim, desencadeando o que se propõe a ser uma das revoluções sociais mais desastrosas de toda a História.

Falar sobre a revolução sexual supera em grande parte a discussão sobre a revolução política hoje, mas o mesmo desmantelamento radical poderia ser aplicado às ordens políticas dos nossos países também e com efeito igualmente devastador. Afinal de contas, dizem-nos, crenças políticas não são uma questão de verdade objetiva ou verdadeira justiça. Seus princípios não têm validade objetiva. São "mitos compartilhados", poderosos graças às suas consequências e, portanto, uma força social – contanto que ainda se acredite neles como um todo. Sem dúvida, todos entendemos qual é o destino dessa análise. Afinal, nós a aplicamos com condescendência a culturas mais antigas, tais como as gregas e as romanas, com seus mitos de Atenas e Júpiter. Mas a mesma análise está sendo agora aplicada a nós de várias maneiras que são letais para o que resta da civilização do Ocidente.

Qual é, por exemplo, a posição de declarações tão fundamentais como a Carta Magna, a Declaração de Independência, a Constituição dos Estados Unidos e a Declaração Universal dos Direitos Humanos? Dizem-nos que não devemos confundi-las com questões de verdade e ideais verdadeiramente objetivos, muito menos com as verdades "evidentes" de Thomas Jefferson. São apenas um "manual de cooperação" para centenas de milhões de cidadãos modernos do Reino Unido, dos Estados Unidos e do mundo. Acreditar nelas ajuda-nos a "cooperar melhor", pois de que outra maneira grandes camadas de pessoas podem cooperar efetivamente senão por meio de mitos compartilhados? Deixe de acreditar nos mitos compartilhados, ou silencie a crença que outras pessoas têm neles, e os mitos não se mostrarão mais duradouros que aqueles dos templos em ruínas de Zeus, as estátuas derrubadas e as ideologias de Marx.

Neste ponto, a crise de flores de corte do Ocidente deve estar evidente com uma crua clareza que ninguém pode ignorar. Uma ordem natural sempre parecerá tão natural e estável quanto o próprio universo e quase tão inabalável, mas uma ordem imaginária é sempre um ataque do cético longe do colapso. Basta traduzir a Declaração de Independência em termos que se encaixem na narrativa do

humanismo evolutivo, por exemplo, e o que acontece com termos fundamentais como criados iguais, dotados, Criador, direitos inalienáveis e liberdade? Na tradução de Yuval Harari:

De acordo com a ciência da biologia, as pessoas não foram “criadas”. Elas evoluíram. E, certamente, não evoluíram para serem “iguais”. A ideia de igualdade está indissoluvelmente ligada à ideia de criação. Os norte-americanos herdaram do cristianismo a ideia de igualdade, que argumenta que cada pessoa tem uma alma diretamente criada e que todas as pessoas são iguais diante de Deus. No entanto, se não acreditamos nos mitos cristãos sobre Deus, criação, almas, qual é o significado de que todas as pessoas foram criadas “iguais”? A evolução é baseada na diferença, não na igualdade. Cada pessoa possui um código genético um tanto diferente e é exposta desde o nascimento a diferentes influências ambientais. Isso leva ao desenvolvimento de diferentes qualidades que trazem consigo diferentes possibilidades de sobrevivência. A expressão “criados iguais” deveria ser traduzida como “evoluídos de maneira diferente”. [16]

Na sua forma concentrada e não diluída, a filosofia do construcionismo social contém um coquetel de ideias tóxicas que são muito facilmente aceitas hoje. “Tudo está na mente”, dizem os ativistas. No entanto, o que isso significa é que alguma alternativa está na mente de alguém, por isso é melhor você observar se o que está na sua mente difere do que está na dos outros. Três máximas em particular surgiram para formar uma parte considerável da mentalidade do avançado mundo atual. Junto com os componentes destrutivos das duas tendências anteriores neste capítulo, elas se tornaram características notáveis da essência das trevas modernas: não há óbvios, não há regras e não há limites.

Primeiro, não há certezas na vida humana (e, sem dúvida, não há ordem divinamente criada, nem mesmo uma ordem moral natural), de modo que categorias tais como verdadeiro ou falso, certo ou errado, masculino ou feminino são relativas e dependem inteiramente do ponto de vista do indivíduo. Tudo, absolutamente tudo, é construído em termos sociais e tudo é permitido.

Segundo, não há regras nas relações humanas (e, sem dúvida, não há Dez

Mandamentos, Regra de Ouro ou de Prata ou lei natural). Tudo é socialmente construído.

Terceiro, não há limites para o empreendimento humano. Dados tempo suficiente e engenhosidade humana, tudo pode ser, e será, socialmente construído. Dizem que o desafio não é prenunciar o futuro, mas inventá-lo. (Perguntou um pesquisador do Vale do Silício: “Um milhão de anos de vida? Se for possível, por que não?”)

É totalmente óbvio que essas três máximas são um desrespeito deliberado à ética fundamental tanto do judaísmo quanto da fé cristã e uma destruição brutal do sistema radicular da civilização ocidental. Isso porque tanto a fé judaica quanto a fé cristã, e uma parte fundamental da força de ambas como a fé que opera no Ocidente, são a suposição de que há, de fato, certezas. O universo tem uma ordem criada, incluindo o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o masculino e o feminino, e, portanto, tem uma ecologia ética e social, assim como tem uma ecologia ambiental.

Respeite essa ordem, e o resultado será a bênção de uma prosperidade em vários níveis, mas rejeite-a e o resultado será a maldição de um caos e um desastre cada vez maiores. Em suma, há um equivalente ético para a segunda lei da termodinâmica. Como todos os sistemas e instituições, nações e civilizações perdem energia ao longo do tempo, e a ideia de um crescimento sempre inovador, autoprojetado e perpétuo é uma miragem. A construção social é antijudaica, anticristã, antiocidental e, por fim, anti–humana.

Que comece a competição entre as afirmações, de maneira aberta e conclusiva. Escolhas têm consequências, e a sabedoria ética do judaísmo e da fé cristã permanece aberta ao desafio da refutação. Se, na próxima geração, os Estados Unidos e o Ocidente prosperarem sob a ética fictícia ou imaginária do construcionismo social, então o judaísmo e a fé cristã serão expostos como errados. Mas, se, de fato, essas crenças forem verdadeiras, a ordem criada for real e os padrões éticos forem bons, então os Estados Unidos não prosperarão e a ligação entre desobediência e degeneração norte-americanas se tornará clara para todos – provavelmente em termos de uma violência e um caos sexual cada vez maiores. De acordo com as Escrituras hebraicas e cristãs, integridade pessoal e ordem pública são uma necessidade e não um luxo para aqueles que desejam construir sociedades humanas justas, livres e estáveis. Portanto, desprezar abertamente a vontade de Deus será o caminho rápido para o fracasso social e

nacional das nações ocidentais.

QUAIS SÃO AS CHANCES DO SUPER-HOMEM?

Ninguém que ouve aqueles que expressam o espírito dessas máximas construcionistas, ou os observa em ação, pode ignorar a tensão que surge mais cedo ou mais tarde na discussão. A humanidade está apta para essa tarefa tão titânica? E se a humanidade se mostrar "excessivamente humana", como observou Nietzsche, e houver algum reconhecimento de uma deficiência na natureza humana, como isso deverá ser superado? De um lado, estão os otimistas moderados. Dizem eles que, sem dúvida, não há Deus, de modo que, nós, seres humanos, estamos por nossa conta e risco no universo, e tudo depende de nós. Porém, até agora, o registro da História mostra que não provamos ser capazes de transcender as consequências destrutivas do nosso egotismo e violência inatos.

Então, o que precisamos, diz Aurelio Peccei, numa linguagem floreada de sonoras palavras religiosas, é de um "humanismo redentor. (…) Somente um novo humanismo pode produzir tal transformação no homem, elevando sua qualidade e capacidade até o nível das suas novas responsabilidades". Esse é o único "caminho para a salvação".[17] "Na verdade, não se pode fazer nada para inverter a complicada situação humana se, primeiro, não entendermos de maneira muito clara que o único caminho para a salvação se dá pelo que chamei de revolução humana – preparada por um novo humanismo rumo ao desenvolvimento de uma nova qualidade humana."[18] Redimir o humanismo? Caminho para a salvação? A revolução humana? Uma nova qualidade humana? O que significa cada termo, e como isso deve ser realizado, desaparece em meio à névoa, uma vez que Peccei usa um termo vago após o outro para endossar o termo vago anterior. O salto de fé que é preciso dar para tornar crível essa visão faz com que saltar o Grand Canyon pareça um passeio no parque.

Do outro lado, estão os maduros construcionistas sociais, impacientes com tais prevaricações. Não há certezas, não há regras e não deve haver limites. Se acharem que "a biologia permite, mas a cultura proíbe", então a cultura deve recuar e permitir que a biologia e a ciência avancem sem obstáculos. Há discussão sobre uma "moratória tecnológica" que nos permita tomar fôlego

moral e colocar nossa casa em ordem antes de prosseguirmos? Isso deveria ser rejeitado como timidez. De qualquer modo, de onde veio a ideia do natural como uma barreira? Foram judeus e cristãos (e também estoicos) que introduziram a ideia do que é criado como natural, e se as ideias deles vingar, a ideia do natural pode vingar também.

Este comentário tem como intenção ser lido como um ataque à ciência? Pelo contrário. Entendida de modo adequado, a ciência é uma das maiores dádivas de Deus para a humanidade, como atestam poderosamente a fé vibrante de Isaac Newton e muitos dos maiores cientistas. Mas a ciência tem a ver, principalmente, com como e não com por quê. Ela nos diz mais e mais sobre os fatos do universo, mas não sobre o significado deles. E, como ressalta Christopher Dawson, a história da ciência não é a de um simples desenvolvimento contínuo. "É preciso uma forma diferente em toda cultura, babilônica, grega, muçulmana e cristã, e só quando uma cultura tiver criado um ideal científico que esteja em harmonia com seu próprio espírito é que ela poderá dar frutos científicos."[19] Em outras palavras, o problema no futuro nunca será a própria ciência, mas a ciência dentro do espírito do ateísmo contemporâneo em sua forma construcionista social como nova Babel, que pode muito bem produzir o que Churchill chamou de "o abismo de uma nova Era das Trevas que se tornou mais sinistra, e talvez mais prolongada, pelas luzes da ciência pervertida".[20]

Os imperativos que impulsionam o construcionismo social são claros. Se qualquer coisa puder ser feita, ela será feita. E, se não a fizermos, outra pessoa a fará. Tudo o que for possível agora deve também ser natural e, portanto, factível, pois a evolução é cega em relação a valores e não tem um padrão mais alto que possa usar para julgar. Portanto, qualquer parte da vida pode ser usada para qualquer propósito, mesmo que seja diferente da sua função original – contanto que promova o pretendido progresso da evolução e a sobrevivência dos mais aptos. E, em última instância, há sempre a "carta NHA" (não há alternativa). O progresso com o imprimátur da inevitabilidade é irresistível.

Segundo os ateus, o medo criou os deuses, e a falta de temor indicará o caminho rumo ao futuro sem Deus. Contudo, para aqueles que adotam essa posição, é possível que mesmo a ética tenha de ser deixada de lado se estiver no caminho do avanço científico. Com perspectivas impressionantes em vista, tais como uma existência humana mais longa, a cura de várias doenças e a diminuição e eliminação de todos os tipos de morte prematura, o psicólogo Steven Pinker não mede palavras. A maior ameaça ao avanço da ciência é a ética. "Dada essa

possível bonança, o principal objetivo moral da bioética de hoje pode ser resumido numa única frase: ‘Saia do caminho’.”[21]

Tirar a ética do caminho? A história do humanismo evolutivo é, na verdade, uma fábula acauteladora, mesmo quando contada pelos seus próprios cientistas-reis e verdadeiros seguidores. Ela começa, e periodicamente continua apenas, com base no puro acaso. Avança na estrada, mas o pedágio cobrado é a opressão e o massacre monstruoso de seres humanos, bem como a extinção indiscriminada de outras espécies, e seus triunfos são muitas vezes baseados em fraudes e enganos, não na verdade. E no fim está o espectro da possível destruição da raça humana e do próprio planeta. Embora munidos de tal fábula, os humanistas evolutivos estão mais uma vez partindo para seus admiráveis mundos novos como se nada do passado fosse relevante e um futuro melhor estivesse à espera de quem o quiser.

Os humanistas liberais e os humanistas socialistas voltaram atrás na corrida para o futuro, ambos acusados de serem parasitas nas religiões judaica e cristã. Mas os humanistas evolutivos são destemidos. Eles podem se dividir em seus princípios liberais; podem ser impacientes com o discurso da ética e as moratórias e podem logo retomar experiências duvidosas e desabonadas já feitas, como a eugenia; mas o que importa é se seus olhos agora estavam fixos nas grandes recompensas que antes eram consideradas inatingíveis e nas questões da ficção científica. Eles são os mestres do universo e buscam ser os mestres do futuro. Munidos de sua teoria de tudo, eles têm como objetivo final ser mestres de tudo.

O fim da pobreza humana e da doença? A medicina quase perfeita? A vida biônica? O dobro da expectativa de vida? A ressurreição dos homens de Neandertal? Triunfar sobre a própria morte? Um respeitável destruidor da espécie, se pudermos conceber seres pós-humanos, com maior inteligência do que a nossa, e supermentes para resolver os problemas da terra e fazer melhor do que nós? É irônico que o “projeto inteligente” como o projeto de Deus seja anátema para os humanistas evolutivos, mas, num ataque de arrogância, o próprio objetivo deles é nada menos que substituir o que veem como quatro bilhões de anos de seleção natural sem projeto por um novo e aprimorado projeto inteligente criado por eles.

E no final de tudo: singularidade. Os físicos dizem que o Big Bang foi uma singularidade, um ponto em que todas as leis da natureza que conhecemos não

existiram. Mas os humanistas evolutivos, então, transferem essa noção do início dos tempos e a aplicam no fim da História também. “Talvez estejamos nos aproximando rapidamente de uma nova singularidade, quando todos os conceitos que dão sentido ao nosso mundo – eu, você, homens, mulheres, amor e ódio – se tornarão irrelevantes. Qualquer coisa acontecendo além desse ponto não tem sentido para nós.”[22]

O poeta francês Paul Valery fez uma pergunta perspicaz para pessoas com esse tipo de atitudes: a mente humana poderá dominar o mundo que ela criou? Nós, como previu John von Neumann, ficaremos indefesos frente à nossa própria tecnologia emancipada, de modo a sermos dominados por ela como as forças de catástrofes naturais fizeram antes? Nossas supermáquinas criadas pelo homem adquirirão tal inteligência e independência a ponto de se tornarem uma força inumana, livrando-nos do peso da liberdade e responsabilidade humanas, como se pergunta Zygmunt Bauman? Ao rejeitar a religião como sendo mito, o humanismo evolutivo “assumirá o risco de ser acusado de ter matado o Minotauro só para se tornar o monstro no centro do labirinto”?[23] Em sua última entrevista, em Der Spiegel, em 1966, o filósofo Martin Heidegger pesquisou a complicada situação humana no labirinto tecnológico em que se encontrava e lamentou: “Somente um deus pode nos salvar.”[24]

Considerando a maravilha do funcionamento do universo e os horrores contrastantes de uma parte considerável da história humana, certamente apenas um entusiasta reacionário apostaria no sucesso de projetos da humanidade contra os projetos de Deus. Embora não tenhamos medo, intervêm os humanistas evolutivos, nós mesmos estamos “a ponto de nos tornarmos um deus” – “o animal que se tornou um deus” e um deus “disposto a adquirir não só a juventude eterna, mas também as habilidades divinas da criação e da destruição”.[25] Se houvesse deuses, afirmou Nietzsche com toda a franqueza em Assim falou Zaratustra, como ele poderia suportar não ser um deus? Mas só depois de ter atacado os céus, ele poderia ser um deus na terra. Daí seu grito de guerra: “Nada além da terra!”, e sua convocação: “Eu vos imploro, irmãos, permanecei fiéis à terra. Não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterrenas. (…) Pecar contra a terra é agora o crime mais monstruoso de todos.”[26]

Enquanto isso, no intervalo antes dos últimos dias do mundo, dúvidas, lamentos, ostentação e perguntas estranhas aumentam cada vez mais, e, à medida que novas tecnologias avançarem exponencialmente, elas alcançarão um patamar

ainda mais alto. Mas a única pergunta que finalmente importa é: O que Deus pensa de tudo isso? “[O que aconteceria] se Deus se cansasse da humanidade?”, perguntou Winston Churchill num de seus últimos discursos enquanto refletia sobre a crise nuclear.[27] A verdade é que o dilema criado pelo Império do Homem agora é semelhante ao dilema criado pela Torre de Babel, e, em ambos os casos, os seres humanos estavam, e estão, cientes da sua complicada situação, mesmo antes de Deus falar. Em seu ostensivo orgulho, os avançados humanistas modernos competem com seus antigos rivais em rebelião. Eles estão investindo cada nervo e cada célula cerebral para fazer com que seus projetos e eles mesmos se tornem conhecidos. Mas são motivados também por uma necessidade insaciável de sucesso, pois somente sucesso após sucesso após sucesso pode permitir que desviem os olhos das tensões e pressões sobre a humanidade e a terra por trás deles.

E o que dizer de nós como seguidores de Jesus? O que fazemos enquanto esperamos para ver a mente de Deus se tornar clara? Como tantas vezes, nós nos vemos “no intervalo”, vivendo entre a Palavra e o Juízo, de modo que nossa tarefa é esperar e observar, sempre envolvendo o coração das trevas, mas nunca nos deixando levar pelo seu sombrio fascínio.

---

[*] Mx é o terceiro gênero em relação aos dois já existentes no inglês: “Mr.” (“Sr.”) e “Ms./Mrs.” (“Srta.”/”Sra.”). É usado para indicar os que não se identificam nem com um nem com outro dos dois gêneros (N. do T.).

Uma oração

Ó Senhor, nosso Deus, soberano Criador do tempo e do espaço, tu és nossa rocha, nosso refúgio e o pilar e o sentido da nossa vida. Nós te agradecemos porque tua ordem criada não é uma constrição da nossa humanidade, mas o firme alicerce para uma boa vida, e tua vontade e teus caminhos são as diretrizes seguras para nossa maior liberdade e realização. Nosso coração estava inquieto até encontrar descanso em ti, e todos os nossos lares neste mundo passageiro são apenas pousadas ao longo da nossa jornada rumo ao nosso lar contigo. Permite que, numa era dividida entre os delírios das suas próprias liberdades escolhidas e as desilusões dos seus sonhos frustrados, possamos nos apegar sempre e somente a ti e descansar na tua vontade como o melhor e mais seguro caminho para a vida. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Lorde Acton chamou a religião de “a chave para a História”. Como a fé tem sido essencial para a história do seu país? Quais seriam os possíveis efeitos se sua importância diminuísse ou se ela se tornasse puramente particular?

2. O que se entende por vida atual “líquida”? Que exemplos você pode dar desse “derretimento” que está acontecendo?

3. Quais são as consequências de ver tudo na vida como algo socialmente construído? Como você argumentaria contra esse tipo de visão?

Capítulo cinco

Vida sem amém

Jürgen Habermas foi celebrado com frequência como um dos principais intelectuais do mundo e o pensador secularista mais importante da Europa. Num ensaio fascinante de 2008, Uma consciência do que está faltando, ele descreveu o dia de abril de 1991, em que participou da cerimônia memorial dedicada ao seu amigo Max Frisch na Igreja de São Pedro, em Zurique. Frisch era um escritor e dramaturgo suíço, e também um ateu, e havia deixado instruções precisas para a cerimônia. Sua parceira Karin Pilliod falou, lendo uma mensagem deixada pelo falecido, e outros dois amigos fizeram reflexões. Mas, como especificado, não houve ministro, não houve bênção e não houve rito religioso no sepultamento. Acima de tudo, nas próprias palavras de Frisch, os procedimentos como um todo não deveriam ter "um 'amém'".

Quase vinte anos depois, Habermas escreveu que a cerimônia memorial não pareceu tão incomum na época. No entanto, com o passar dos anos, pareceu cada vez mais estranha. "É claro que Max Frisch, um agnóstico, que rejeitava qualquer profissão de fé, percebeu a estranheza das práticas funerárias não religiosas e, graças à sua escolha de lugar, declarou publicamente que a era moderna esclarecida não havia conseguido encontrar um substituto adequado para uma maneira religiosa de lidar com o rito de passagem final que leva a vida ao fim."[1] Junto com aleluia, amém é uma das palavras quase universais do mundo e, sem a oração implícita em seu "assim seja" ou "que assim seja, Senhor", havia claramente uma consciência de que está faltando algo na vida humana – pelo menos do ponto de vista do ateísmo.

Começando com esse evento, Habermas traçou a história do pensamento da Era Axial à Idade Moderna e argumentou no seu ensaio que, enquanto o abismo entre o pensamento religioso e o pensamento secular parecia intransponível, as religiões do mundo eram uma "força não esgotada", o que deve significar que havia mais razão nelas do que seus críticos secularistas reconheciam. O que essas religiões exploravam?, ele perguntou. O que lhes dava ressonância? Ele acreditava que era o apelo que faziam à "solidariedade" ou a um senso de

“integridade moral” – “a ideia do reino de Deus na terra”. Portanto, a religião é valiosa. “Hoje, as tradições religiosas cumprem a função de articular uma consciência do que falta ou está ausente na nossa vida.”[2]

Antes disso, em 2001, Habermas aceitou o Prêmio da Paz em Frankfurt e respondeu com um breve discurso, que foi notável por se concentrar na religião. Foi o primeiro de vários discursos que Habermas fez sobre religião nos anos seguintes, incluindo sua contribuição para um livro com o então cardeal Joseph Ratzinger, mais tarde papa Bento XVI. Essa mudança clara no seu modo de pensar provocou comentários gerais. Habermas havia visto a luz? Isso era uma importante mudança de mentalidade por parte de um importante ateu ou talvez até uma conversão intelectual? Ele estava abandonando seus aliados secularistas de longa data? Habermas sempre foi notoriamente desafinado e “dissonante” e, ao que parece, nunca mostrou interesse por alguma fé pessoal, então por que esse novo e súbito interesse pela religião?

No mínimo, o ensaio de Habermas representa um extraordinário reconhecimento de uma deficiência fundamental no ateísmo, e sua voz não é a única. Mas, além desse ensaio, seus discursos e escritos posteriores demonstram uma apreciação positiva da necessidade de vozes religiosas na vida pública. Excluir as vozes religiosas da praça pública e, por extensão de outros fóruns abertos, é iliberal e contraproducente para sociedades democráticas. É óbvio que esses dois pontos são totalmente contrários às rejeições cáusticas, militantes e absolutas da religião por parte de muitos ateus ocidentais. Alguns disseram que Habermas quase chegou a admitir que a sociedade secular não pode seguir sozinha, e seria fácil chegar a essa conclusão. Porém, no mínimo, suas reflexões abrem a porta para um diálogo muito mais construtivo entre cristãos e ateus do que vimos por um tempo.

Há um lugar legítimo para as vozes de fé na vida pública? E como ateus realmente liberais devem ajudar para que isso aconteça quando alguns dos membros mais escandalosos do seu próprio grupo são os principais obstáculos à liberdade maior para todos, assim como alguns dos nossos irmãos cristãos formam um bloqueio do nosso lado? Cristãos e ateus podem falar de maneira mais construtiva sobre as diferenças importantes entre as afirmações e as visões de mundo da nossa fé, e como devemos negociar as diferenças agora que suas consequências sociais estão começando a fazer diferença para o próprio Ocidente?

Esses podem parecer pequenos pontos nos desafios gerais do nosso tempo, mas são muito significativos por causa da atual desconfiança mútua e do antagonismo entre ateus e cristãos. Muitos ateus veem todos os cristãos como intolerantes e fanáticos reacionários que creem em Deus sem nenhuma razão e resistem a todo o progresso por causa da ignorância intencional. E muitos cristãos veem o ateísmo e os ateus somente como inimigos mortais e como pessoas que sequestraram, de modo violento, a herança cristã do Ocidente. Portanto, alguns cristãos demonizam os ateus e os responsabilizam como sendo os principais culpados de tudo o que há de errado no mundo pós-cristão.

Nunca vou me esquecer da árdua experiência de entrevistar Madalyn Murray O'Hair como repórter de um documentário da BBC, e entre outros ateus e agnósticos famosos que conheci ou com quem conversei com certa profundidade estão Bertrand Russell, Arnold Toynbee, A. J. Ayer e Christopher Hitchens. Por isso, não tenho ilusões: é impossível atenuar o conflito fundamental entre o ateísmo e as crenças judaicas e cristãs.

Primeiro, o ateísmo é o principal concorrente e rival da fé cristã na luta feroz para destruir a fé judaica e cristã e tornar-se a alma do mundo ocidental e a voz decisiva na cultura ocidental.

Segundo, o ateísmo é a visão de mundo dominante entre as elites que imperam no Ocidente, especialmente nas universidades, na imprensa e nos meios de comunicação.

Terceiro, na forma dos novos ateus, os ataques ateístas contra a fé cristã e os cristãos são muitas vezes violentos, cruéis e implacáveis. (Nietzsche: "A concepção cristã de Deus (…) é uma das concepções mais corruptas que já apareceram no mundo." Dawkins: "O Deus do Antigo Testamento é indiscutivelmente o personagem mais desagradável em toda a ficção (…) um tirano misógino, homofóbico, racista, infanticida, genocida, filicida, pestilento, megalomaníaco, sadomasoquista, caprichoso e malévolo.")[3]

Quarto, na forma de separatistas estritos, os ateus estão entre aqueles dispostos a fazer tudo o que puderem e, com a tática da terra arrasada, eliminar completamente todas as vozes religiosas da praça pública e da vida pública. Para eles, liberdade religiosa é liberdade da religião, não para as pessoas religiosas.

Quinto, o ateísmo é comumente a filosofia preferida das tropas de choque de

muitos dos movimentos sociais anticristãos mais fortes hoje, tais como os ativistas da revolução sexual.

Sexto, quando a democracia ocidental também estiver corrompida, como está inexoravelmente, é bem possível que o liberalismo corrupto e iliberal se degenere, transformando-se num niilismo secular pós-liberal que, para o mundo de amanhã, será o equivalente às ideologias perigosas do século passado.

Sétimo, o ateísmo na sua forma atual não é apenas pós-cristão, mas ex-cristão. Junto com o islamismo mais cedo e o movimento homossexual mais recentemente, o ateísmo muitas vezes mostra uma animosidade particular contra a fé cristã e a igreja, que é, certamente, o fruto amargo das suas origens diretamente ex-cristãs.

Por último, o ateísmo em suas formas fortes é a expressão suprema da rebelião humana contra Deus. Como ressaltaram pensadores cristãos, de Orígenes a Dostoiévski, o ateísmo é o culto supremo – do eu humano no lugar de Deus. Como declara Makar Ivanovitch em The adolescent, de Dostoiévski, “é impossível que o homem exista sem se curvar; esse homem não poderia suportar a si mesmo, e nenhum homem poderia. Se rejeitar Deus, ele se curvará para um ídolo – de madeira, de ouro ou de pensamento. (…) Todos eles são idólatras, não são irreligiosos: é assim que devem ser chamados”.[4]

Em suma, nossos olhos devem estar bem abertos, e ninguém deve entender que estou dizendo qualquer outra coisa. O secularismo progressivo é a filosofia que impulsiona aqueles que estão dispostos a se juntar a Nietzsche para assassinar Deus e tentar devolver o Ocidente ao paganismo do mundo pré-cristão. Se isso soa extremo, pense nos vínculos bem alardeados de hoje com filósofos clássicos como Epicuro e Lucrécio ou considere tais “triunfos” sociais e éticos do secularismo progressivo como permissividade sexual, adultério, divórcio fácil, aborto, homossexualidade e eutanásia. Todas essas eram as características do mundo que os romanos aceitaram como normais e a igreja primitiva combateu como sendo erradas. Sobretudo, considere o possível aumento do que Christopher Dawson, em 1935, advertiu como “totalitarismo democrático”.[5] Foi desastroso para a igreja medieval cometer o erro de assumir o papel do Estado e confundir a Cidade de Deus com a Cidade do Homem. Mas seria ainda mais desastroso para o mundo secular assumir o Estado e, para ambos, assumir o papel da igreja e da religião como um todo e, portanto, para a Cidade do Homem assumir a Cidade de Deus e tratar a religião como um departamento do Estado.

Como concluiu Dawson:

O verdadeiro inimigo da Igreja não é o Estado, mas o Mundo; ou seja, a civilização secular tida como uma ordem fechada que exclui Deus da vida humana e diviniza seu próprio poder e riqueza. No presente, este espírito do Mundo é mais forte do que nunca. Ele está se tornando totalmente autoconsciente e ameaça absorver o Estado e se constituir como a ordem universal da vida humana – um Estado-Igreja que seria o reino do anticristo.[6]

Os ateus podem existir em números pequenos no mundo como um todo, e, mesmo em grande parte do Ocidente, mas, em termos de sua filosofia, sua localização social na sociedade, sua visão de longo prazo e suas estratégias e atitudes, eles são desproporcionalmente influentes. Como eu disse num capítulo anterior, muitas vezes é dito que o século 4º d.C. foi o período crítico entre o paganismo e a fé cristã, e que a metade do século 20 até meados do século 21 é o período crítico entre a fé cristã e um novo paganismo. Como cristãos, discutiríamos o último porque a transição está longe de ter sido completada. Porém, seria um erro trágico não envolver ateus em sentidos que poderiam ser benéficos tanto para eles quanto para os interesses maiores da fé cristã e das nossas sociedades ocidentais. Três razões se destacam acima das outras.

CORAÇÕES INQUIETOS

O principal motivo para a preocupação mais profunda com os ateus é simples: o amor cristão. Acreditamos que a filosofia de mundo dos nossos semelhantes secularistas é totalmente inadequada, e, no final, fere ninguém mais do que eles mesmos, como eles são forçados a reconhecer com mais frequência do que se importam em admitir. A verdade é que a visão secularista deles do universo e do significado da vida é pequena demais e nem mesmo oferece espaço suficiente para eles. No final das contas, ela reduz consideravelmente a vida e exclui coisas demais. Assim, o ateísmo sempre é restritivo, e o coração dos ateus clama por

mais, “algo mais”. Como ilustra a história de Habermas, está sempre “faltando algo” na visão de mundo ateísta, e o coração inquieto deles denuncia esse fato repetidamente.

Certamente essa não é uma reivindicação a ser feita no início de qualquer discussão. De fato, muitas dessas discussões têm de resistir a um longo bombardeio de ataques à fé cristã e a uma vazão considerável de raiva antes que corações e mentes possam começar a fluir e abrir-se de maneira mais sincera. Muitas outras preocupações demonstradas por ateus muitas vezes virão primeiro, começando com o modo como suas próprias críticas iniciais ricocheteiam de volta para eles mesmos. Os cristãos são fanáticos e a fé que defendem é inteiramente irracional, acusam Richard Dawkins e outros nesse mantra já gasto. Nós, que cremos em Deus, não cremos por razão alguma e mantemos nossa fé contra todas as evidências. Mas, então, Dawkins é confrontado com numerosos exemplos daqueles que claramente creem com razões contundentes, tais como a maioria dos grandes cientistas do passado e cientistas tão eminentes hoje quanto o físico John Polkinghorne e seus argumentos em favor de uma fé totalmente justificada. Apesar dessas evidências incontestáveis, Dawkins continua a repetir cegamente a mesma acusação, sejam quais forem os fatos, mesmo sabendo então que sua acusação é falsa e refutada pelas evidências – em suma, sua alegação é irracional.

Ou, mais uma vez, os cristãos são, por natureza, intolerantes, acusam os ateus, e é dito que nossa férrea rigidez decorre da nossa crença no monoteísmo e seus fundamentos, absolutos e únicos. Na verdade, foi notoriamente errado para a igreja do final do período medieval afirmar que “o erro não tem direito” e, em seguida, coagir ou matar pessoas em nome do que se alegava ser o bem maior delas. Muito antes disso, foram os cristãos primitivos que introduziram a noção de liberdade religiosa. Um Deus livre criou pessoas livres e desejou que confiassem nele e o adorassem livremente. A igreja medieval, certamente, pecou de modo explícito, mas a igreja confessou esse pecado há muito tempo, e onde ouvimos tais afirmações nos últimos cem anos, e quem faz eco a essa terrível afirmação hoje? Foram os regimes ateus, como o comunismo, que oprimiram dissidentes sob essa bandeira, e não é nenhum outro senão o ateu norte-americano contemporâneo Sam Harris que escreve ainda hoje: “Algumas crenças são tão perigosas que talvez seja ético matar pessoas por acreditar nelas.”[7]

Num nível muito mais profundo do que tais conflitos, são os próprios

secularistas que fazem as perguntas mais profundas sobre o secularismo, mas não ainda a ponto de abandonarem a visão de mundo secularista. Seguem-se apenas alguns exemplos.

O que quer dizer que o significado de um sistema sempre estará fora do próprio sistema, e que a vida aponta para seu significado além de si mesma? (Ludwig Wittgenstein: “O sentido do mundo deve estar fora do mundo” e “Percebemos que, mesmo quando todas as possíveis perguntas científicas foram respondidas, os problemas da vida permanecem completamente intocados”.)[8]

Por que alguns filósofos secularistas estão desafiando sua própria ortodoxia secular? (Thomas Nagel, em Mind and cosmos: A atual ortodoxia científica do neodarwinismo é “com quase toda certeza, falsa”.)[9]

O que é dito em favor do secularismo para que tantos dos seus filósofos admitam abertamente que quiseram não crer em Deus? (Nietzsche: “É o nosso gosto que, agora, decide contra o cristianismo, já não são os nossos argumentos.”[10] Bernard Williams: O “impulso transcendente” que tem persistido ao longo dos séculos “deve ser resistido”. Thomas Nagel: “Espero que não haja Deus! Não quero que haja um Deus. Não quero que o universo seja assim.” Quando o lógico austríaco Kurt Gödel inventou o que considerava ser uma versão incontestável do argumento cosmológico em favor de Deus, ele disse aos seus amigos que não estava pronto para acreditar nas suas próprias conclusões.)[11]

Por que, ao contrário do que as pessoas pensam, podemos aprender mais sobre a humanidade com a História do que com a ciência? (Como observa John Lukacs, a História tenta compreender os seres humanos como agentes e sujeitos, enquanto, na ciência, eles nunca podem ser mais do que objetos.)

Como os secularistas esperam ajudar o avançado mundo moderno a se colocar acima de uma cultura de massa e civilização hedonista quando eles não têm valores fortes a oferecer, muito menos valores transcendentes, quando destruíram deliberadamente tais instituições como tradição e família e quando estão decididos agora a destruir a independência do mundo da sociedade civil e permitir que ela seja invadida pelas forças do Estado e do mercado?

E, para os cristãos, há sempre mais uma pergunta a ser considerada: por que tantos dos convertidos mais profundos e mais brilhantes à fé cristã, como W. H. Auden, C. S. Lewis, Alexander Solzhenitsyn e Francis Collins, se converteram

decisivamente do ateísmo?

O peso dessas perguntas ressalta o ponto inicial de Habermas, o qual o historiador Peter Watson descreve como o cerne da "complicada situação secular moderna". Apesar de todas as alegações secularistas ao longo dos séculos, algumas desafiadoras e outras convictas, ainda há uma "estranheza" (Habermas), uma "insuficiência" (Nagel) e uma falta do "numinoso" (Dworkin) em relação ao secularismo. Segundo Watson, a verdade é que "a secularização ainda não deu conta do recado, ainda lhe falta seriamente (…) algo".[12]

Os críticos há muito confundem o fato recorrente de que os movimentos de libertação nacional liderados por secularistas foram repetidamente engolfados por contrarrevoluções religiosas – tais como o sionismo secular pela ultraortodoxia em Israel, ou a democracia secular ao estilo de Nehru pelo nacionalismo hindu na Índia e a Frente de Libertação Nacional na Argélia pelo islamismo. Michael Walzer descreve a tendência como "um padrão recorrente e, para minha mente, perturbador", mas conclui que "esse resultado inesperado é uma característica central do paradoxo da libertação nacional".[13]

Uma pergunta óbvia é esta: o que essa tendência diz sobre o secularismo? Mas outros veem um sinal ainda mais revelador dessa "falta de algo" no recente surto do que muitas pessoas considerariam uma enorme contradição em termos: a religião ateísta. É impossível que alguém não tenha observado a avalanche de livros recentes sobre o assunto: Religion without God, de Ronald Dworkin, Religion for atheists, de Alain de Boton, Waking up: a guide to spirituality without religion, de Sam Harris, e outros. Mesmo o New York Times escreveu sobre a explosão de "nada religiosos" que agora frequentam escolas de teologia, como Harvard e Chicago. (Com Jane Eyre e Harry Potter tidos como textos sagrados, "eles deixam Alice no País das Maravilhas perdida na teologia. Isso me deixa feliz", disse um estudante.) Sim, o fenômeno pode ser explicado como parte da busca por sentido e linguagem moral que não podem ser encontrados nas outras disciplinas. Sim, pode ser visto como parte do sincretismo geral da época – mais de um quarto dos ateus norte-americanos se considera uma "pessoa espiritual", e mais de um décimo até mesmo acredita em Deus ou num "espírito universal". Sim, há também um elemento do fenômeno da imitação ("Por que o bom Senhor deveria ficar com a autoexpressão 'de bem com a vida' e o senso de comunidade?"), e na medida em que todos esses livros forem assim, eles só serão uma tendência passageira que não é mais significativa do que o destaque do mês da editora.

Seria um erro também dar muita credibilidade a muitos dos exemplos mais triviais da religião ateísta, tais como as “igrejas” secularistas. É improvável que elas ainda existam daqui a vinte anos. As grandes religiões políticas do século passado não podem ser ignoradas tão facilmente, mas, com certeza, há um ponto mais profundo por trás do impulso religioso entre os secularistas – a religião é quase inextirpável na natureza humana, e o secularismo rigoroso é, por fim, insatisfatório para a maioria das pessoas e às vezes até mesmo para os próprios secularistas. Para os ateus, na verdade a religião retrocede um longo caminho: a entronização da deusa da razão da Revolução Francesa, por exemplo, e a Religião da Humanidade concebida de forma meticulosa, mas cronicamente insatisfatória por Auguste Comte, na qual a Revolução Francesa substituiu a encarnação e o calendário foi reiniciado em 1789. Aclamada pelo seu fundador como a “verdadeira religião” e a “religião final”, ela provou ter pouco apelo popular e nenhuma capacidade de resistência. Para a recorrente consternação dos secularistas, a “religião secular” sempre provou ser tanto profundamente necessária e, no entanto, um mingau ralo, sem gosto e insatisfatório quando servido.

É notável também como as pessoas recorrem à linguagem religiosa quando se esforçam para defender ideias que não podem defender de outra maneira, ainda que isso implique soarem absurdas. (O ator Jamie Foxx no Soul Train Music Awards, em 2012: “Deem honra a Deus e nosso senhor e salvador Barack Obama.” Ou Louis Farrakhan: “Vocês são os instrumentos que Deus usará para promover mudanças universais, e é por isso que Barack conquistou os jovens. E ele envolveu os jovens num processo político com o qual não se importavam nem um pouquinho. Isso é um sinal. Quando o Messias falar, os jovens ouvirão, e o Messias está, com certeza, falando.”)[14]

Mas a verdade é que, num nível mais profundo, ainda existem outras duas forças em jogo. Primeiro, no nível público, os ateus muitas vezes admitem que a religião é necessária para controlar ou manter a ordem pública. Voltaire afirmou isso da maneira mais notória em Letter to the author of the three impostors: “Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo. Eu quero que meu advogado, meu alfaiate, meus servos e até mesmo minha esposa creiam em Deus, e imagino, então, que serei menos roubado e menos enganado.” Mas Maquiavel enfatizou as mesmas palavras em favor do seu príncipe, e o resultado é comum em muitos regimes ateístas – o Estado procura domesticar a religião como seu departamento de Estado.

E, segundo, no nível pessoal, os ateus muitas vezes precisam de algum sentido de religião para aliviar o desejo por “algo mais”. Eles repetidamente denunciam a sensação de que lhes falta algo na vida. Repetidas vezes, os ateus deixam escapar uma persistente nostalgia de um mundo perdido. Henry Sidgwick, professor de filosofia moral em Cambridge no século 19, representou muitos da sua geração quando foi dito a seu respeito que, enquanto sua mente rejeitava qualquer fé, seu coração ansiava por uma.[15] Do mesmo modo, diziam que o poeta Rainer Maria Rilke era “um ateu melancólico, um incrédulo com a consciência culpada”.[16] O dramaturgo Peter Shaffer foi direto ao discutir a questão em Equus: “Sem adoração, você encolhe. É brutal assim.”[17] A filósofa Iris Murdoch expressou-o de maneira mais melancólica quando perguntou: “Mas existe alguma coisa em que Deus costumava estar?”[18]

Nietzsche ignorava sumariamente tais pensamentos como sendo nostalgia e uma caça às sombras. “Deus está morto: mas, considerando o estado em que se encontra a raça humana, talvez ainda por um milênio existirão cavernas nas quais sua sombra será mostrada. E, quanto a nós – nós ainda temos de vencer sua sombra.”[19] Mas é inegável que seus últimos pensamentos estavam tão sombrios e tão distantes dos hinos triunfantes de Zaratustra que ele foi descrito como um homem apedrejado pela própria mão. “Não vou esconder isso de você. As coisas estão indo muito mal”, escreveu para o amigo Franz Overbeck. “A noite me domina cada vez mais. É como se houvesse o brilho de um relâmpago. Num instante, eu me vejo mergulhado no meu elemento, na minha luz. E então isso passa. Acredito que estou caminhando inevitavelmente para minha ruína. (…) O cano de uma arma agora é uma fonte de reflexões relativamente agradáveis para mim. (…) tudo está muito destituído de sentido.”[20]

A dura verdade é que a vida sem amém é menor, mais fria, mais escura e menos acolhedora para o coração humano. O mundo dos ateus é surdo às suas próprias aspirações, e eles são sem-teto no mundo solitário que é tudo o que conhecem como lar. Somente os valentes e os poucos podem suportar esse tipo de horizonte tão sombrio e orfanado. Os secularistas simplesmente terão de enfrentar o fato de que a religião está aqui para ficar, por isso, a menos que seu ateísmo seja imposto de maneira coercitiva, como foram os regimes comunistas totalitários, sempre será uma crença minoritária. O filósofo francês Ernest Renan afirmou que “a religião é necessária. No dia em que ela desaparecer, o coração da humanidade secará”.[21] Émile Durkheim não foi menos enfático: “Há algo eterno no que diz respeito à religião.”[22] Christopher Lasch enfatizou de maneira sucinta: “Não há substituto para a religião. Ela é o substituto da

religião.”[23]

O FILHO ILEGÍTIMO DA IGREJA

Uma segunda razão para tentarmos alcançar os ateus é que, como cristãos, somos mais responsáveis pelo ateísmo no Ocidente do que muitas vezes percebemos e reconhecemos. É fácil remontar a história do ateísmo aos gregos e aos romanos e, assim, segui-lo de Epicuro e Demócrito a Lucrécio, Maquiavel, Montaigne, Denis Diderot, Barão de Holbach, David Hume, Ludwig Feuerbach, Friedrich Nietzsche e todos os seus herdeiros modernos até “Ditchkins”, a famosa fusão criada por Terry Eagleton para se referir a Richard Dawkins e Christopher Hitchens. Mas essa lista é muitas vezes deixada de lado como sendo tão sem graça quanto ler uma genealogia bíblica sobre quem gerou fulano, que gerou beltrano, que gerou sicrano, ad infinitum. Mas é claro que a própria genealogia bíblica está longe de ser uma lista insípida de nomes. Ela está repleta de pessoas cuja vida real foi uma explosão estrondosa de heroísmo, crimes, adultérios e loucuras que são intensos e fascinantes.

O mesmo acontece com a história do ateísmo. O ateísmo tem seus heróis, hipócritas e vilões também, mas qualquer relato honesto deve reconhecer o triste papel da igreja em alimentar a rejeição da fé e a força do ateísmo. Isso é lamentavelmente claro no caso do ateísmo europeu. Não há dúvida de que há uma ligação direta entre a intensidade das convicções do ateísmo e a intolerância à atitude da igreja europeia em relação à dissidência. O último período do Renascimento foi a era de ouro da dissimulação, porque era muito perigoso pensar livremente em público. Pessoas que não concordavam com a Igreja Católica não diziam o que pensavam. Muitas vezes, diziam o oposto do que pensavam, e leitores simpatizantes aprendiam a ler o que os escritores escreviam como se os textos estivessem em código. Nada era exatamente o que estava sendo dito.

“A dissimulação é uma das qualidades mais notáveis desta era”, escreveu Montaigne no século 16.[24] Um pouco mais tarde, Descartes escreveu que, por não querer sofrer o mesmo destino de Galileu, acataria a máxima do poeta romano Ovídio: “Viveu bem aquele que permaneceu bem escondido.”[25]

Anteriormente, Cesare Cremonini, um aristotélico italiano, admitiu que não era nem um pouco religioso, mas queria ser visto como piedoso. Sua máxima captou perfeitamente a ideia de dissimulação: “Aqui dentro, como você quiser; lá fora, como dita o costume.”[26] Hoje, com razão, nós nos opomos ao opressivo “politicamente correto” de muitos campi e partes da vida pública no Ocidente, mas devemos confessar com tristeza que a intolerância da igreja no passado foi uma questão do “politicamente correto” em escala maior, e por trás dela estava a ameaça das suas sanções – a forca e a estaca. É uma tragédia de proporções históricas que Deus tenha libertado a mente, mas, em contrapartida, a igreja tornou necessário para as pessoas que desejavam pensar livremente rejeitarem a fé e se denominarem livres-pensadores.

No século 18, a mesma situação triste está por trás de uma das diferenças distintivas entre as revoluções francesa e norte-americana. A religião na França era opressiva, e a Revolução Francesa era antirreligiosa, enquanto fé e liberdade lutavam, lado a lado, em nome da Revolução norte-americana. Voltaire era um deísta, não ateu, mas sua famosa assinatura no final das suas cartas: “Esmague o infame!” (Ecrasez l’infame) claramente demonstrava o problema que a igreja havia se tornado e a direção que a revolução francesa tomaria.

É verdade que, antes dos males monstruosos do comunismo russo, chinês e cambojano, o Período de Terror da Revolução Francesa e sua repressão à revolta na Vendeia são duas das marcas mais negras contra a história de regimes secularistas. Mas o papel da igreja no pano de fundo da revolução é igualmente uma mancha negra contra a fé cristã. A máxima de Diderot, proclamada mais tarde pelos radicais jacobinos, expressou a situação opressiva adequadamente. Os franceses só seriam livres “quando o último rei fosse estrangulado com as tripas do último padre”. Igreja e Estado, ou “trono e altar”, estavam em estreito conluio, e ambos eram opressivos, por isso a revolução intencionava livrar-se de ambos. A partir daí, liberdade e ateísmo inevitavelmente se associaram no DNA dos franceses. A Europa há muito tem sido o continente mais agressivamente secular do mundo – por exemplo, a fundação da Liga dos Ateus Militantes na década de 1920 –, mas a tragédia é que a principal razão da secularidade da Europa é sua reação às igrejas-Estado corruptas e opressivas no passado. Nas palavras de Nietzsche, a ética cristã tornou-se “um crime capital contra a vida”. [27]

Se essa questão se aplica aos acontecimentos políticos, tais como a Revolução Francesa, também se aplica à vida de incontáveis indivíduos ateus. Benedito de

Spinoza, por exemplo, era descendente dos marranos, judeus espanhóis que foram submetidos à conversão forçada pela Espanha, mas que continuaram a praticar sua fé em segredo. Bertrand Russell perdeu a mãe aos 2 anos de idade, e o pai, antes dos 4 anos de idade. Foi criado pela avó cristã incondicionalmente vitoriana, que não lhe dava liberdade para pensar e tinha o hábito de responder às suas perguntas, fazendo-o calar-se. (“O que é mente?” “Não importa.” / “O que é importar?” “Não é da sua conta.”) Não se rebelando abertamente como Frank, seu irmão mais velho, Russell guardou para si seus pensamentos, idolatrou o poeta Shelley como seu modelo de rebelião, declarou-se ateu aos 18 anos e continuou a se distinguir como um dos ateus mais intransigentes do século 20. (“Considero todas as grandes religiões do mundo – budismo, hinduísmo, cristianismo, islamismo e comunismo – tanto falsas quanto prejudiciais.”)[28]

Spinoza e Russell, não é preciso dizer, foram ambos precoces. Possuíam uma mente brilhante e se distinguiram em filosofia e matemática. Mas a mesma história já se repetiu interminavelmente com diferentes variações. Somente o Senhor sabe como a maneira horrível com que os cristãos trataram seu povo, os judeus, ajudou a produzir tais inimigos da igreja, como Spinoza, Marx e Freud, mas a história continua. Não muito tempo atrás me deparei com um ateu irritado que havia sido criado no sul dos Estados Unidos. Seu pai havia sido diácono na igreja local, mas maltratou cruelmente sua mãe, e a raiva que o filho tinha de Deus era fruto direto da maldade e hipocrisia do pai. A filosofia e a biografia, às vezes, são difíceis de distinguir, e muitos ateus têm um passado cristão com uma índole agressiva na qual o golpe sofrido na infância feriu profundamente e nunca cicatrizou.

Isso significa que, para o bem ou para o mal, a igreja ocidental, como nenhuma outra, está envolvida com o ateísmo. Quando Alexandre, o Grande, perguntou a Diógenes, o Cínico, o que poderia fazer por ele, o velho e ríspido filósofo respondeu de maneira notória: “Afaste-se da minha luz do sol.” Sem dúvida, havia antes ateus que simplesmente se contentavam em não crer e ficar sozinhos no seu próprio mundo. Mas esse não é o caráter do ateísmo ocidental, nem uma característica das suas várias maneiras de se exportar, como o marxismo russo e chinês. (Lênin: “Toda ideia religiosa, toda ideia de Deus, mesmo flertar com a ideia de Deus, é uma vileza inexplicável.”)[29] O ateísmo ocidental é agressivo, universalista, dogmático e imperialista, e os cristãos devem assumir a responsabilidade parcial por torná-lo assim. Emil Brunner coloca a questão de maneira direta: “Portanto, a característica da cristianização da era moderna é, em

grande medida, o resultado da infidelidade dos cristãos à sua própria fé.”[30] A velha máxima é verdadeira: “A corrupção do melhor é a pior”, mas isso não altera o resultado: esse ateísmo, junto com o islamismo radical, é o inimigo implacável da igreja no momento atual, e nós colaboramos para isso.

Na verdade, devemos responder às acusações ateístas de maneira enérgica, e certamente não é difícil encontrar exemplo após exemplo de ateus clamando em meio às trevas por causa do desamparo das suas conclusões. Nietzsche, Bertrand Russell, August Strindberg, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Ingmar Bergman, Samuel Becket – todos fizeram declarações num momento ou outro que parecem pôr em dúvida qualquer esperança do ateísmo como uma resposta satisfatória para a humanidade.

Repetidas vezes, a desolação do ateísmo torna-se inegável, e a franqueza dos ateus em admitir as estratégias que usam para escapar é admirável, embora repugnante – de David Hume recorrer ao gamão com os amigos quando sua filosofia o deixava deprimido, passando pela admissão de Bertrand Russell de que lia dois romances por semana para tirar da mente o pensamento devastador de um holocausto nuclear, a Nietzsche adotando a ideia da recorrência eterna:

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência. (…) A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira!”[31]

No entanto, nunca devemos nos esquecer do outro lado da moeda, que pode ser expresso nas três ironias que se seguem.

Primeiro, há uma ironia católica para o estado atual do ateísmo. Foi a primeira, a maior e a mais consistente tentativa cristã de construir uma sociedade cristã na História – a cristandade – que, por causa dos seus erros, perpetrou os piores males contra o mundo, como a Inquisição e o batismo forçado dos judeus, e produziu reações anticristãs da maneira mais militante na História, como no

terremoto titânico de 1789 e seus tremores revolucionários pelo mundo e ao longo da História. Pense no filme Spotlight: Segredos revelados e na reação contra a diocese católica de Boston, ou pior ainda, pense na reação contra toda a igreja católica na Irlanda hoje pela mesma razão – abuso sexual por parte de padres que representam Deus e a igreja.

Por trás deste comentário está um fato triste, mas inescapável. A aliança entre a Igreja Católica Romana e o Império Romano foi um fator fundamental no triunfo da igreja no século 4º e a ascensão posterior da cristandade. Porém, essa aliança foi um cálice envenenado. Significou que, desde o início, o poder da cristandade ocidental baseou-se no poder hierárquico ao estilo romano, com o papa substituindo César, e não ao estilo de aliança das políticas bíblica e judaica. De fato, com a sucessão geral dos seus papas, cardeais e bispos, e com raras exceções, como São Francisco e os primeiros mosteiros, a Igreja Católica ainda está casada com seu amor pela hierarquia. No entanto, foi esse poder hierárquico que foi corrompido na Idade Média para produzir grandes males. E foi a dependência desse poder que significou que o catolicismo nunca fez justiça ao entendimento bíblico e judaico da aliança, e com isso a visão muito diferente da dignidade do indivíduo, da liberdade e da igualdade de todos os cidadãos e a importância de controlar todo o poder, incluindo o poder da igreja.

Segundo, há também uma ironia protestante. Foi a reforma mais zelosa e espiritualmente poderosa da história cristã – a Reforma – que produziu as sociedades seculares mais conscienciosas que o mundo já viu (Grã-Bretanha, Alemanha, Holanda, Suécia e Dinamarca, para começar). Se as nações pós-católicas muitas vezes não queriam Deus por causa de suas reações vulcânicas às corruptas e opressivas igrejas estabelecidas, as nações pós-protestantes simplesmente não precisavam de Deus. Elas lideraram o avanço da modernidade e produziram um mundo que deixou menos espaço para Deus e seu povo do que nunca antes na História havia sido considerado como sensato e possível.

Por último, há uma ironia cristã geral. É uma verdade impressionante que quase sempre os argumentos mais fortes em favor do ateísmo são os cristãos e a igreja cristã. Leia, por exemplo, The portable atheist: Essential readings for the nonbeliever, de Christopher Hitchens. Grande parte do livro é francamente enfadonha e muitas vezes fria – não mais atraente do que uma simples taça de champanhe. Mas, repetidas vezes, o livro volta a ganhar vida quando um escritor em particular ataca os cristãos e a igreja e desenvolve suas mágoas. A triste verdade que devemos trazer em nosso coração é que nós, que seguimos a Jesus,

somos muitas vezes o principal argumento para a rejeição de nosso Senhor. Como observa sarcasticamente o eminente historiador católico Christopher Dawson, “os convencidos secularistas eram uma minoria infinitesimal da população europeia, mas não precisaram ser fortes, uma vez que os cristãos fizeram o trabalho por eles”.[32]

PARCEIROS POUCO PROVÁVEIS

A terceira razão para tentarmos alcançar os ateus é que cristãos e ateus são indispensáveis para forjar um caminho construtivo para a humanidade seguir. O ponto simples, mas inevitável, ainda não foi assimilado pela maioria das pessoas: um dos maiores problemas do mundo moderno é como devemos conviver com nossas diferenças mais profundas quando essas diferenças são religiosas e ideológicas, e especialmente quando irrompem na vida pública. Muitas pessoas estão simplesmente muito próximas do problema, e envolvidas com ele, para poderem reconhecê-lo como um problema a ser tratado. Veja o problema sob a forma do terrorismo, e a questão se torna urgente e é bem discutida como uma questão de segurança. Mas é muito mais do que isso também. Num nível mais elevado, conviver com nossas diferenças mais profundas é uma questão da ordem correta e justa das nossas sociedades, e, no nível mais alto de todos, a questão é como assegurar a máxima liberdade para pessoas de todas as crenças.

Nesse caso, tanto cristãos como ateus devem enfrentar um fato inevitável que eleva o presente argumento de um simples formato de guerras culturais entre a fé judaica e cristã ou o secularismo. Uma característica central do mundo global é a pluralização (“todos estão agora em todos os lugares”), o que significa simplesmente que não pode haver um simples retorno ao antigo consenso cristão no cerne do Ocidente nem um simples caminho para qualquer hegemonia secularista seguir em frente. Ambas as visões não conseguem fazer justiça à pluralização e à diversidade, mas isso significa, por sua vez, que cristãos e ateus são essenciais para o caminho que o mundo ocidental tem a seguir. Eles representam as duas principais vozes nas discussões atuais e as duas posições que agora perpetuam a guerra cultural pela religião e pela vida pública: os restauradores cristãos, que parecem querer restaurar o consenso anterior que

favorecia a fé judaica e cristã, contra os eliminadores seculares, que desejam resolver os problemas da religião e da vida pública pela eliminação completa da religião.

Se pressionados com firmeza, nenhum desses dois pontos de vista enfrenta com determinação as nuances da diversidade atual, e nenhum leva em conta a justiça e a liberdade das pessoas de todas as crenças e sem crença. Por isso, foram malsucedidos pela mesma razão, embora de maneiras diferentes – os cristãos com muita frequência não conseguem defender o bem comum, o bem de todos ("apenas nós" em vez de "justiça"), e os ateus muitas vezes não reconhecem que a grande maioria da raça humana é profundamente religiosa, e essas pessoas têm direitos também. Portanto, nem a "praça pública sagrada" de um lado nem a "praça pública nua" do outro oferecem o caminho para um mundo justo e livre para todos.

Como cristãos e ateus poderiam se tornar parceiros na defesa de um caminho melhor à frente para a vida pública, primeiro no Ocidente e, depois, em outras partes do mundo? Esse tipo de parceria pode parecer improvável, mas nenhuma outra combinação de parceiros teria a mesma possibilidade de acabar com o impasse nas guerras culturais e demonstrar um horizonte aberto para novas oportunidades e soluções. E certamente o tempo é oportuno para essa parceria, porque o que está em jogo não é nada menos que a viabilidade das sociedades livres e abertas compostas de pessoas extremamente diversas. Essas sociedades podem prosperar e permanecer, ou a liberdade e a diversidade de hoje minarão uma a outra para o enfraquecimento fatal das sociedades que as promovem? Os riscos são extremamente altos, porque, se as sociedades livres e abertas forem malsucedidas, a virada da roda política só poderá retroceder a partir da democracia corrompida para novas formas de tirania ou oligarquia.

Que ninguém interprete mal ou distorça o que estou dizendo. Considerando suas visões de mundo completamente diferentes, cristãos e secularistas discordam, deveriam discordar e sempre discordarão em relação às suas diferenças religiosas, filosóficas e éticas – e, consequentemente, em relação a posições políticas e sociais. Mas, dito isso, a pergunta é: cristãos e ateus ainda podem ser aliados nesta guerra, unidos em seu compromisso comum com a liberdade, a liberdade de consciência, e na visão de justiça e liberdade para todos na praça pública – e de um modo que ofereça legitimidade e estabilidade para suas sociedades? Pelo menos três grandes questões devem ser resolvidas se alguma discussão quiser render frutos. As duas primeiras, sobre as quais escrevi

amplamente em outro lugar, teriam sido antes incontestáveis, mas não hoje.[33] A terceira, no entanto, precisa de uma discussão muito mais ampla.

A primeira questão é a importância fundamental da liberdade religiosa, ou liberdade de consciência, para pessoas de todas as crenças – sem exceção. Uma vez compreendida como a "primeira liberdade", e essencial para o grande experimento norte-americano em liberdade, esse direito tem sido negligenciado, politizado e ignorado, de modo que agora ocupa uma posição muito precária nos fundamentos essenciais da liberdade ocidental. Contudo, sem ele, e são os progressistas que o estão ignorando como sendo político e partidário, os que se declaram liberais nunca serão mais do que iliberais, e não haverá chance de justiça e liberdade para todos, e nenhuma chance também de vivermos de maneira pacífica com nossas diferenças mais profundas.

A segunda questão é a igualmente importante questão sobre a separação entre Igreja e Estado. Como a liberdade de consciência, o princípio da separação entre Igreja e Estado, ou entre religião e poder político, não vem de Thomas Jefferson ou do Iluminismo, como tantas vezes se afirmou. Nem significou, nem deveria significar, que a(s) religião(ões) está(estão) estritamente excluída(s) da vida pública. A separação entre Igreja e Estado é uma contribuição judaica e cristã para a história do mundo, que originalmente veio da compreensão da singularidade de Deus em relação aos deuses e tudo o que não é Deus. Foi, então, sinalizada por marcos diferentes na História, como a história do profeta hebreu Samuel, o ensinamento de Jesus sobre Deus e César, a carta do papa Gelásio ao imperador bizantino Anastásio, em 494 d.C., ("Há dois poderes, augusto imperador, pelos quais este mundo é governado"), e as declarações ousadas de Roger Williams no século 17 – todos esses precedentes muito antes de Thomas Jefferson usar a expressão.[34]

A história e o propósito do princípio são vitais, pois, sem eles, uma dupla corrupção rapidamente se torna opressiva. A menos que o princípio de separação seja respeitado, a Igreja (ou religião) será corrompida quando assumir o poder do Estado (ou poder político), e o Estado (ou poder político) será igualmente corrompido quando a Igreja (ou poder religioso) se tornar um prêmio político para aqueles em busca de poder para usar. Essa corrupção é clara nas teorias de Maquiavel e de Hobbes e na arte de governar de Henrique VIII, da Inglaterra e do cardeal francês Richelieu, que procuravam usar a religião como um instrumento do Estado para controlar as massas. Mas é igualmente claro nas corrupções do período final da cristandade medieval, quando papas e padres

procuravam usar o poder do Estado como uma extensão do reino de Deus. Em outras palavras, quando o princípio da separação entre Igreja e Estado é corretamente equilibrado, isso serve para a vantagem mútua tanto dos ateus quanto dos cristãos, pois quem perde é a opressão, e os vencedores são a liberdade e a justiça.

A terceira questão é a noção de um Estado secular moderno e pluralista (mas nem um Estado secularista nem um Estado estritamente neutro). Deixe-me propor novamente sete considerações que incentivariam essa visão.[35] Não se trata de um argumento em favor de um Estado secularista inadequado, que estabelece ou favorece cristãos numa visão de mundo secularista, mas em favor de um Estado secular (deste mundo) apropriado, que protege a liberdade fundamental de todos os que creem, sejam religiosos ou secularistas.

Primeira, as atuais sociedades seculares dependem da verdadeira solidariedade dos seus cidadãos. Quanto maior a liberdade que essas sociedades desfrutarem e quanto maior a diversidade que tiverem, mais importante é a questão de sua unidade, ou vínculo social, que as mantém unidas. É um desafio especial sustentar uma sociedade estável e unida sob as condições da liberdade e da diversidade atuais. Para ser positiva e forte, essa solidariedade deve estar alicerçada em algo que vá além da lei e da tecnologia.

Segunda, as atuais sociedades seculares liberais dependem de pressupostos normativos que elas mesmas não podem gerar ou garantir. A razão não pode justificar a si mesma apenas pela razão, e do mesmo modo um Estado verdadeiramente neutro não pode justificar a si mesmo por meio de valores puramente neutros. Tanto a razão quanto o Estado liberal devem, portanto, conscientizar-se das suas próprias limitações e perceber que têm de contar com fontes externas para obter seus fundamentos morais.

Terceira, as atuais sociedades seculares liberais saíram e ainda dependem das tradições filosóficas e éticas que venham de fontes externas. Por uma questão de simples registro histórico, a maioria desses fundamentos indispensáveis da santidade de vida, da dignidade da pessoa, da liberdade, da justiça, da igualdade e da virtude é pré-política e religiosa quanto ao caráter. Portanto, o Estado secular depende de algo além do secular.

Quarta, as visões de mundo naturalistas ou secularistas são tradições limitadas a certas classes e locais sociais, assim como o são as diferentes visões de mundo

religiosas. Como todas as outras, tais visões de mundo são simplesmente uma série de crenças e visões de mundo fundamentais entre muitas. Elas têm direito a todos os direitos, mas nenhum direito de ser privilegiada acima de qualquer outra, e não mais direito de ser universalizada hoje do que as visões religiosas o eram no passado. Em particular, o Estado secular liberal não tem direito de privilegiar crenças secularistas.

Quinta, as atuais sociedades seculares liberais no Ocidente deveriam ser vistas como pós-secularistas tanto quanto pós-cristãs. O consenso cristão do passado europeu e norte-americano se foi, mas o mito do Estado pura e estritamente secularista também foi mostrado de modo muito claro. O Estado atual inclui várias crenças no sentido de que a diversidade religiosa é um fato social. Portanto, é de interesse do Estado liberal prestar a devida atenção a todo o conjunto de vozes dos seus cidadãos e das fontes e normas da sua solidariedade. Fiéis religiosos de todos os tipos fazem reivindicações importantes em relação à verdade, bem como importantes contribuições para a sociedade, por isso seus direitos devem ser respeitados e suas vozes, ouvidas, para que a nação seja verdadeiramente aberta e livre, liberal e democrática.

Sexta, a História contém exemplos da patologia sombria do secularismo, bem como da religião, e os proponentes de cada um deveriam reconhecer essas patologias com franqueza e humildade. Ambos trouxeram bênçãos e ambos trouxeram maldições para a história da civilização, e o balanço de cada um deve ser totalizado de maneira precisa e justa.

Sétima, o relacionamento entre fiéis religiosos e secularistas é fundamental para o futuro de atuais sociedades seculares liberais, especialmente enquanto se relacionam na vida pública. Se o antagonismo entre eles não tem a intenção de provar a destruição da democracia liberal, eles devem se unir na causa comum da liberdade, da justiça e da humanidade. Nada é mais urgente para sociedades democráticas do que forjar uma praça pública civil e cosmopolita que faça justiça aos interesses de ambas as partes no relacionamento.

Essa visão, incluindo a noção de uma praça pública civil com liberdade religiosa e a separação entre Igreja e Estado no seu cerne, é literalmente utópica – não existe em nenhum lugar no momento. Mas não está além do nosso alcance, e é certamente o único caminho pela frente a partir das incessantes guerras culturais em nome da religião e da vida pública. Alguns iriam rejeitá-la como sendo idealista, mas essa sempre foi a acusação feita contra a liberdade, e mesmo o

idealismo se torna realismo quando a alternativa é muito terrível. Não se engane: sem essa visão, há apenas a perspectiva desastrosa de uma guerra cultural interminável até que um extremo ou outro prevaleça à custa da liberdade pelo bem de todos. Nesse sentido está o lamentável fim da civilização ocidental e da proteção que ela dá a algumas das mais profundas esperanças humanas de justiça e liberdade.

Podemos conseguir um caminho melhor? Se esses princípios fossem acordados entre cristãos e secularistas, ou pelo menos aceitos como temas de debate num programa acordado, poderíamos iniciar uma boa discussão sem suspeita e sem rancor. Por fim, uma parceria proveitosa poderia surgir. Certamente, seria preciso liderança e coragem de ambos os lados para acabar com as guerras culturais, mas somente uma liderança tão valiosa teria chance de convidar cada um dos lados a baixar as armas e unir forças para oferecer ao mundo um caminho para avançar. A alternativa é ilustrada de modo melhor e simples na parábola de Esopo sobre o sapo e o escorpião. Solicitado a levar um escorpião até o outro lado do rio em suas costas, o sapo, a princípio, se recusa, mas depois aceita fazê-lo contanto que o escorpião prometa não picá-lo. Na metade do rio, no entanto, o sapo sente a picada que temeu o tempo todo, e, enquanto sente a paralisia mortal se espalhando pelo seu corpo, ele simplesmente pergunta: “Por quê?”.

“Porque eu sou assim”, responde o escorpião.

Há muita raiva e suspeita em jogo em ambos os lados no momento, mas os secularistas devem falar por si mesmos sobre o que afirmam ser sua verdadeira natureza e sua visão real, assim como os cristãos também. Os secularistas concordam com Habermas, por exemplo, que a exclusão das vozes religiosas da esfera pública é iliberal? Não há dúvida de que Jesus, nas palavras de Maquiavel, era o “profeta desarmado”, e os cristãos que procuram fazer avançar o reino de Jesus, como ele o fez, não deveriam ter nenhum veneno no arsenal. Além disso, na agressão militante do ateísmo que às vezes enfrentamos, nós, cristãos, podemos reconhecer nossa própria rebelião individual contra Deus antes de cada um de nós ter sido encontrado pela graça. E também podemos ouvir, na ira dos ateus, o elemento de justiça que clama contra os pecados e erros da Igreja, que carregamos das gerações anteriores. Divergimos menos do ateísmo por causa dos pecados do nosso próprio passado cristão? Nem um pouco. Depois de verdadeira confissão e correção, as diferenças reais ainda persistem, e não devem ser camufladas. No entanto, nosso próximo é o ateu a

quem devemos amar, e o evangelho nunca foi mais glorioso do que sua suficiência em falar com o “algo mais” que está faltando no ateísmo dos ateus. Então, nossas diferenças com os ateus devem ser combatidas de maneira firme e implacável, mas com uma dor, uma humildade e uma graça que nos permitam lutar pelo bem dos próprios ateus, e lutar ao lado deles pelo bem do nosso futuro comum como seres humanos. Se ambos os lados são capazes de declarar trégua em meio aos conflitos de séculos e trabalhar juntos pelo bem da humanidade, essa é uma questão em aberto. É também uma chave vital para o futuro da humanidade.

Uma oração

Ó Senhor, diante de quem todos os corações humanos estão abertos, tu conheces os desejos secretos do rebelde, assim como conheces o anseio de quem te busca e a amargura do coração que foi ferido. Tu conhecias nosso coração rebelde antes de nos resgatares mediante tua graça. Perdoa-nos pela imperfeição e hipocrisia do testemunho que damos de ti. Perdoa a nós, teus seguidores, pela nossa falta de amor, verdade ou alegria, e pelo modo como te retratamos com falsidade e embaraço. Tem piedade de todos aqueles que magoamos com nossas palavras e desalentamos com nossas ações, e de todos cuja incredulidade foi reforçada e endurecida por nós, teus seguidores. Concede-nos tal derramamento de teu Espírito e teu amor renovador a ponto de podermos reparar nossos erros e, por meio da nossa vida agradecida e palavras humildes, podermos ver um grande número de céticos voltarem para ti no nosso tempo. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. O que você pensa sobre os ateus em geral, como fala deles e como descreveria seu relacionamento com os ateus que conhece? Algumas pessoas simplesmente os aceitam como são sem nunca fazer perguntas sobre o ateísmo deles, enquanto outras tendem a discutir com o ateísmo deles sem nunca os ter conhecido como pessoas com uma história. Qual seria uma maneira melhor?

2. Por que os ateus tantas vezes demonstram o anseio de que deve haver “algo mais” na vida? Como você responderia?

3. Qual seria sua proposta para uma visão da vida pública que discutisse a diversidade atual, incluindo o número crescente de ateus?

Capítulo seis

Ontem, hoje, para sempre

“Mais rápido, mais alto, mais forte” (Citius, altius, fortius) – o lema dos Jogos Olímpicos diz tudo. Eles são realizados a fim de oferecer oportunidade aos maiores atletas do mundo de se destacarem no seu esporte, competirem entre si e procurarem superar seus pares e todos os que competiram antes deles, e assim alcançarem a coroa de louro, que é o mais próximo que o mundo pode oferecer de fama e glória duradouras. As Olimpíadas de Beijing [Pequim], em 2008, foram as primeiras na China e um prêmio para os chineses, mesmo antes do primeiro tiro de largada. Houve muitos outros primeiros nas primeiras Olimpíadas chinesas, mas um dos mais estranhos foi a falta de qualquer corredor norte--americano no pódio depois das corridas de revezamento.

Essa modalidade foi introduzida nas Olimpíadas em 1928, e a equipe norte-americana esteve no pódio em todas as Olimpíadas desde então, geralmente recebendo a medalha de ouro. Mas não em Pequim. À parte dos da Jamaica, a maioria dos corredores mais rápidos do mundo naquele ano era de norte-americanos, mas, de modo surpreendente, não houve medalhistas nos revezamentos masculinos ou femininos de 4x100 metros. Por quê? Repetidas vezes, os espectadores em Pequim e em todo o mundo ouviram o sinistro som de um tubo de alumínio oco caindo na pista. Os corredores norte-americanos haviam derrubado o bastão. As equipes norte-americanas tinham velocidade e força, mas não a arte de passar o bastão para o outro. Eles eram corredores individuais brilhantes, mas, por mais rápidos que fossem, não eram uma equipe de revezamento.

O fracasso norte-americano nas Olimpíadas de Pequim serve de parábola para um problema muito mais profundo que afeta o avançado mundo moderno: o problema do geracionalismo, que está afetando o relacionamento entre gerações e, portanto, afetando a atual visão da tradição, ou a transmissão do melhor da memória e das práticas do passado. Chamamos de geracionalismo a compreensão distorcida e o uso da ideia de geração que está começando a exercer um impacto profundo nas sociedades avançadas atuais.

Originalmente, o termo geração estava enraizado principalmente na biologia. Derivado da palavra latina generare, referia-se à procriação, o ato de produzir descendentes – por exemplo, a conhecida repetição bíblica de “gerou”. Uma geração era, portanto, o tempo que levava para que os pais fossem sucedidos pelos filhos que, por sua vez, tinham filhos. Heródoto descreve uma geração como sendo de 33 anos, acrescentados ou diminuídos alguns anos em cada extremidade. Isso significava que havia aproximadamente três ou quatro gerações em cada século e, o mais importante, todos aqueles que viviam ao mesmo tempo eram geralmente considerados como a mesma geração. Em Lucas 11, Jesus se refere seis vezes a “desta/esta geração”, e certamente isso incluía todos os de qualquer idade, jovens ou velhos, que eram seus contemporâneos (v. 29-32, 50-51).

Nosso entendimento mais atual de geração surgiu do Iluminismo e colocava ênfase tanto na cultura quanto na biologia. Portanto, como muitas vezes nesse período, foi o produto de estudos alemães (filósofos como Immanuel Kant) e das ruas francesas (os revolucionários franceses). O Iluminismo deu nova ênfase à possibilidade de mudança social como um progresso deliberado, incluindo o ideal de mudanças políticas completas por meio da revolução e na juventude como o catalisador escolhido para a mudança. Essa foi a era da Jovem Alemanha, da Jovem Itália e, mais tarde, dos Jovens Turcos. É importante destacar também que, à medida que a juventude era exaltada, pais e idosos eram reduzidos e, depois, deixados de lado como ultrapassados e dispensáveis como autoridades na vida.

As gerações sempre incluíram algum reconhecimento de cultura, em oposição à biologia, mas isso de modo geralmente bastante amplo – a era clássica ou as eras augustana, elisabetana ou georgiana. Mas, à medida que o mundo se modernizava e se modificava, o termo se referia cada vez mais aos grupos etários, moldados pelas mesmas experiências culturais. A datação tornou-se o destino. Nos Estados Unidos, no século 20, por exemplo, a Geração Perdida (da Primeira Guerra Mundial) foi seguida pela Geração Grandiosa (Segunda Guerra Mundial), em seguida pela Geração Silenciosa (pós-guerra), pelos Baby boomers (1946-1964), Geração X (1965-1980), Geração Y ou Millennials (1981-), e assim por diante.

À medida que esse estreitamento das gerações avançou, algumas características do novo uso ficaram claras. A ênfase era sempre nas características distintivas de cada geração e, portanto, as fortes diferenças entre elas. Havia pouca

autoconsciência de como o termo geração estava sendo usado. E quase não houve discussão sobre as consequências do novo uso e, portanto, dos riscos para a sociedade. Dentre as características da nova ênfase, as seguintes se tornaram as mais importantes.

Primeira, a geração tornou-se uma maneira fundamental de descrever a identidade. (“Eu sou filho dos anos sessenta”; “Ele é um boomer”; “Ela é uma millennial”.)

Segunda, a geração tornou-se um novo tipo de relativismo, somado a outras categorias, como classe, raça, gênero e religião. (“É uma coisa da minha geração. Você não vai entender.”)

Terceira, a geração tornou-se um reforço da crise de autoridade. (“Não confie em ninguém com mais de 30 anos!” e: “Questione a autoridade”.)

Quarta, o geracionalismo ajuda a minar as estruturas de responsabilidade e de solidariedade mais abrangentes e, portanto, não combate problemas como despesas deficitárias (roubo geracional), degradação ambiental (irresponsabilidade geracional), aborto (assassinato geracional), a crise da previdência (guerras geracionais) e a extinção descuidada de outras espécies (“O que o futuro já fez por nós?”). Dostoiévski advertiu sobre isso há muito tempo: “Por que eu deveria amar meu próximo ou a posteridade, que nunca vi, os quais não saberão nada sobre mim e que, por sua vez, desaparecerão sem deixar vestígios ou memórias?”[1]

Quinta, o geracionalismo agrava a ruptura da sustentabilidade e da tradição viva. Em vez de a tradição ser honrada como uma questão de mãos seguras e segurança, torna-se o peso morto do passado. Nas famosas palavras de G. K. Chesterton e Jaroslav Pelikan, a tradição como “a fé viva dos mortos” torna-se “a fé morta dos vivos”.[2] A tribo iroquesa tem uma máxima: “O que seria bom para as próximas sete gerações?” Os norte-americanos, por sua vez, pensam apenas no próximo trimestre dos negócios ou no próximo ciclo eleitoral. Por trás de atitudes tradicionais, estava a aposta simples de que a sabedoria combinada das épocas supera a melhor sabedoria de uma única geração. Todo ser humano morre, e todas as instituições humanas perdem energia ao longo do tempo, mas a tradição viva é a maneira humana mais profunda de derrotar a morte e a entropia (superadas, sem dúvida, pelo poder ressuscitador e vivificante de Deus).

Sexta, o geracionalismo é paralelo ao individualismo radical e reforça a ingenuidade e a utopia de muitos pontos de vista modernos sobre a natureza humana. A ideia de que cada geração começa com uma tela nova, fresca e limpa, colorida apenas pelas suas próprias experiências, é cega para um fato simples: “Nenhum homem é uma ilha por si só”, como insistia John Donne, e nenhuma geração o é. Entre outras coisas, o pecado e suas consequências ligam as gerações com um vínculo inquebrável e nos lembram que todos somos partes de um continente maior e elos numa cadeia mais longa. Queiramos ou não, as escolhas têm consequências, e a relação entre as gerações é inquebrável em algum nível. Muitas vezes para melhor, às vezes para pior, o velho ditado estava certo: as coisas mais profundas transmitidas nas famílias não aparecem no testamento. Os “pecados dos pais” manifestam-se nos filhos e nos netos.

Em The warriors honor, Michael Ignatieff capta o lado negativo dessa verdade na sua análise da ferocidade da recente violência étnica e sectária. Nenhuma geração traz uma tela limpa para sua nova época. Cada uma herda o passado das pessoas, com todos os insultos, feridas e humilhações, reais ou percebidas. Portanto, se estamos falando de terroristas em todo o mundo ou de certos grupos ativistas no Ocidente, devemos encarar o fato de que uma das principais causas do conflito global é o espírito de vingança transmitido de uma ferida a outra e de uma geração a outra. A violência é intergeracional. A vingança, conclui Ignatieff, “é um desejo de cumprir o prometido aos mortos, de honrar a memória deles ao levar adiante a causa deles do ponto em que eles a deixaram. A vingança mantém a fé entre as gerações; a violência que ela produz é uma maneira ritual de respeito pelos mortos da comunidade – essa é sua legitimidade”.[3] No final do seu romance The buried giant, Kazuo Ishiguro faz uma pergunta assombrosa. Há certa misericórdia na amnésia que cobre as feridas do passado como uma névoa, mas, e se a névoa desaparecer e a memória voltar? “Quem sabe o que virá quando os homens de língua afiada fizerem queixas antigas rimarem com novo desejo por terra e conquista?”[4]

Por todas essas razões, o geracionalismo deve ser uma preocupação fundamental para qualquer grupo de pessoas que dependa de uma transmissão bem-sucedida da tradição, seja uma família, uma empresa, nações democráticas, como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, ou a própria igreja cristã. Não é necessário dizer que a transmissão de geração para geração é o cerne da fé cristã, como o era antes no judaísmo, e é assim por causa do próprio caráter de Deus. Deus se revela como o grande “Eu Sou o que Sou”, ou mais precisamente como “Eu Serei quem eu Serei”, e acrescenta de imediato: “Este é o meu nome eternamente

(…) de geração em geração” (Êx 3.14-15). Simplesmente, em última análise e para sempre, Deus é “aquele que é”. É, fundamentalmente, aquele que é livre, que será o que será, limitado apenas pelo seu próprio caráter e aliança, mas não limitado pelo espaço e pelo passar do tempo. Criador de tudo, incluindo espaço e tempo, ele “é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir” (Ap 4.8). Jesus, nosso Senhor, é “o mesmo e o será para sempre” (Hb 13.8).

Essa verdade pulsa no cerne das religiões judaica e cristã. Quando renovou a aliança de Deus com o povo antes de morrer, Moisés dirigiu-se expressamente às gerações futuras, bem como àqueles que estavam diante dele: “Não é somente convosco que faço esta aliança e este juramento, porém com aquele que, hoje, aqui, está conosco perante o Senhor, nosso Deus, e também com aquele que não está aqui, hoje, conosco” (Dt 29.14- -15; ênfase acrescentada para incluir futuras gerações também presentes diante de Deus). Não havia maior líder da História no seu tempo do que o rei Nabucodonosor, mas mesmo ele foi forçado a admitir a fugaz fragilidade do seu poderoso império quando comparado com o do Senhor: “O seu reino é reino sempiterno, e o seu domínio, de geração em geração” (Dn 4.3). Não é de admirar que o salmista hebreu clame: “Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração” (Sl 90.1). Isso significa que nossas atitudes geracionais atuais são diretamente contrárias a quem sabemos que Deus é e contra o ponto de vista bíblico sobre as gerações, que passam diante da face divina como exércitos em desfile. Mas se tivermos um problema, como o temos, a visão bíblica da restauração também o trata com esperança. A cura nunca é puramente individualista. Abrange as gerações também. “Ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição” (Ml 4.6).

No grandioso modo bíblico de ver as coisas, as gerações são os batimentos cardíacos da humanidade, e cada geração está próxima de Deus e é responsável diante dele pela sua própria época, e a transmissão de uma para outra é tão fundamental para o povo de Deus quanto para a humanidade em geral. Ai da família, da nação ou da igreja que não passa o melhor e o mais sábio para a geração seguinte! Esse entendimento cristão salutar sobre a transmissão entre gerações brilha quando comparado com outras religiões e, certamente, em comparação com o secularismo. O ateísmo de Arthur Koestler era um caso extremo, mas sua intensa promiscuidade estava aliada ao seu compromisso inflexível de não ter filhos, como também mais tarde seu pacto de suicídio com sua terceira esposa completamente saudável, Cynthia Jefferies. Ambos eram consequência direta do seu ateísmo e da sua falta de uma simpatia mais ampla

pelos outros e da solidariedade através das gerações. (Como o descreveram seus amigos ingleses, Koestler veio de “Havington” e não de “Givington”.[*]) Hoje, há uma nova apreciação do vínculo entre fé e fertilidade, e isso é dramaticamente claro entre os judeus, como demonstra o contraste entre judeus seculares e ortodoxos. Aqueles que levam uma vida sem amém têm investido menos no futuro, e também têm cada vez menos filhos. Enquanto aqueles que confiam em Deus têm a coragem de trazer novas vidas ao mundo, independentemente das trevas dos tempos em que vivem.

Não é preciso dizer que temos uma grande disparidade em relação à tradição e à transmissão também dentro das tradições cristãs – entre, por exemplo, a ortodoxia e o catolicismo de um lado e o liberalismo protestante e o evangelicalismo, do outro. Tanto a continuidade quanto a mudança são inerentes e inevitáveis na História, mas ortodoxos e católicos são favoráveis à primeira, enquanto liberais protestantes e evangélicos, à última. Os liberais levaram isso a extremos suicidas, como discuti antes, e literalmente não há futuro para os extremos do revisionismo liberal. Mas muitos evangélicos também estão desequilibrados e parecem ser tolamente alérgicos a qualquer coisa que cheire ao que temem ser tradicional num sentido negativo.

Os historiadores dizem que a música sacra da igreja cristã, como a de Palestrina, Allegri e Tallis, é um dos maiores presentes do evangelho à civilização ocidental e do mesmo nível do esplendor das magníficas catedrais europeias, como Chartres e Lincoln. No entanto, esse rico tesouro é um mundo desconhecido para muitos evangélicos, cuja música de adoração geralmente é derivada apenas de canções escritas depois de 2000 e nem inclui a rica herança da Irlanda celta, São Francisco de Assis, Isaac Watts, Charles Wesley e Fanny Crosby. Graças a Deus por exceções magníficas, como os hinos ricos e profundos de Keith Getty e de Stuart Townend, que se juntarão à música perene. Mas muitas das canções medíocres de renovação, que são repetidas infinitamente e construídas mais sobre ritmo do que sobre a melodia, confinam os evangélicos a uma teologia rasa, adoração trivial, relevância fugaz e amnésia histórica. Junto com a pregação suave e uma raiva geral contra a inovação, essa música é outra razão pela qual muitas igrejas evangélicas se assemelham a um campo de cogumelos – rápido crescimento e rápido desaparecimento – em vez de serem uma floresta de antigos carvalhos. Repetidas vezes, fui presenteado com a máxima de crescimento da igreja: “Você tem de sacrificar uma geração para alcançar a próxima.” Porém, isso se baseia numa suposição falsa, e leva ao fato notável de que a fraqueza fatal do crescimento da igreja evangélica é a sucessão. O

“sucesso” de crescimento da igreja sem sucessão sempre se mostrará malsucedido no final.

SEMPRE HAVERÁ DIFERENÇAS

Como, então, pensar no desafio da tradição salutar numa época que favorece mudanças incessantes e inovações sem-fim, e que não fala de outra coisa senão de progresso e relevância – e sofre de geracionalismo? Devemos começar por enfrentar abertamente o fato de que sempre haverá tensões e diferenças entre as gerações. Não é necessário dizer que a razão principal para judeus e cristãos está na Queda. Se o pecado é a reivindicação do “direito para mim” e da “minha visão das coisas”, então a tensão entre as gerações simplesmente atua nisso num nível geracional. O eu do indivíduo é inflado para o nós da geração. O ataque do profeta a quem diz: “Eu sou, e quem, senão eu?” é transferido para a geração que afirma o mesmo: “Nós somos, e quem, senão nós?”

No entanto, esse lembrete também leva ao que o filósofo espanhol Miguel de Unamuno chamou de “sentido trágico da vida”. E aqui, as visões de mundo judaica e cristã concordam com a clássica. Por causa da presença do pecado, da passagem do tempo e da primazia do coração humano, nada humano é para sempre. “Seca-se a erva, e cai a sua flor”, diz Isaías (40.8). “Você não pode entrar no mesmo rio duas vezes”, diz Heráclito. Há sempre uma geração presente, uma geração chegando e outra geração indo. E cada uma, por sua vez, sem exceção, seguirá a sequência acelerada do tempo e ouvirá o grito do leiloeiro: “Dou-lhe uma, dou-lhe duas… vendido!”

Hoje estamos cientes de três coisas que aceleram essa passagem e asseguram que qualquer nova geração provavelmente será rebelde em relação à anterior. O primeiro é a rotinização, o processo pelo qual tudo, por mais revolucionário, novo, chocante ou estranho, vem a ser aceito como rotina, dado por certo e, portanto, maduro para ser rejeitado pela geração seguinte. Na verdade, a rotina de bons hábitos constrói caráter e virtude (os “hábitos do coração” de Alexis de Tocqueville). Porém, os maus hábitos moldam o que William Blake chamou de “algemas forjadas pela mente” e, no pior dos casos, vícios. Lembro-me de uma placa no interior da Austrália: “Escolha sua rota com cuidado. Você estará nela

pelos próximos 650 quilômetros!” Do mesmo modo, o sucesso facilmente cria complacência, medo do risco e preferência pelo confortável e não pelo desafiador – e as rotinas que se tornam os ramerrões.

Nos dias em que o termo homem ainda era genérico e representava toda a humanidade, dizia-se que a dinâmica das organizações sem fins lucrativos passava do homem para os homens, para movimento e avançava para monumento. Um líder com visão, que viu que algo novo era necessário para satisfazer alguma necessidade no mundo, era seguido por outros que se juntavam a ele e apoiavam a visão. Juntos, eles criavam um movimento que começou com dinamismo, mas foi desaparecendo ao longo do tempo até terminar como um monumento – com fotografias desbotadas e amareladas dos fundadores e dos antigos heróis penduradas na sala de reuniões. Assim, organizações dinâmicas exaurem sua utilidade, e os líderes mais criativos e radicais da moda tornam-se conformistas e prisioneiros dos seus próprios estilos antes revolucionários. Um objetivo fundamental da maioria das organizações cristãs sem fins lucrativos deveria ser: ter sucesso e fazer isso alimentando seus pontos fortes e devolvendo-os à igreja como um todo.

O segundo fator que torna as tensões geracionais endêmicas é a especialização, o que, novamente, às vezes é algo bom e, em outras, mau. Os generalistas antes eram admirados pela extraordinária variedade de coisas que conheciam e podiam fazer – por exemplo, a sabedoria enciclopédica de Salomão e de Aristóteles, ou a inteligência multitalentosa de Leonardo da Vinci. Mas há poucos pensadores renascentistas hoje, e nos últimos dois séculos o especialista subiu ao topo da hierarquia social. A especialização foi reforçada por ideias como a ênfase de Adam Smith na divisão do trabalho no capitalismo, a especialização acadêmica da universidade de pesquisa alemã e o celebrado princípio de dez mil horas nas artes. No entanto, independentemente dos seus benefícios verdadeiros, o calcanhar de aquiles dessa abordagem é óbvio. A especialização exige concentração e restrição, por isso sempre tenderá a se concentrar nas maiores forças, nas maiores recompensas e no maior sucesso – e, no processo, preparará o virtuoso para o clímax dos seus objetivos escolhidos, mas o limitará a isso e o tornará quase inútil em outros. Observe o chefe da empresa sem sua equipe, o senador sem seus assessores ou o presidente sem o teleprompter. Em suma, a especialização muitas vezes leva a uma perda do sentido do todo, a uma perda de flexibilidade e de abertura para o espontâneo e o novo.

O terceiro fator que agrava as tensões entre as gerações é a corrupção. “Todo

poder tende a corromper” diz a famosa afirmação de Lorde Acton, e “o poder absoluto corrompe absolutamente”. Mas não é apenas o poder que corrompe. Posses também podem corromper, quer sejam bens materiais, como dinheiro, propriedade ou participação de mercado, ou bens imateriais, como status e reputação. Com poder e posses, há uma tendência para a mesma progressão: passar da acumulação para a preservação, depois para a monopolização e, por fim, para a corrupção. A simples prova de fogo é a mudança e nossa atitude a respeito dela. Quando a mudança ocorre, aqueles que têm mais são os que têm mais a perder; então, torna-se óbvio se temos poder e possuímos nossos bens ou nossos bens têm o poder e nos possuem. Para aqueles que se apegam ao poder e às posses, há um lembrete saudável no famoso verso de Kris Kristofferson: “Liberdade é apenas outra palavra para nada a perder.”[5]

Junte esses três fatores, e eles mostram por que todas as gerações são mais deficientes do que percebem – e, naturalmente, a geração seguinte sabe disso e quer ir além. Nenhuma geração é tão bem-sucedida e saudável quanto imagina ser. Sempre há erros que fazem a próxima geração reagir contra a antiga, assim como a “antiga” fez às suas predecessoras quando era a “geração mais nova”. Portanto, cada geração deve ser realista e humilde, a nova tanto quanto a antiga. A tensão intergeracional é inevitável. Os velhos foram todos jovens, e um dia todos os jovens serão velhos. Não demora muito para que a vanguarda se torne a velha guarda, os autoproclamados emergentes surjam e desapareçam por sua vez, e os melhores e mais brilhantes da juventude de ouro envelheçam e morram. Para os cristãos, essa percepção nunca deve levar a cansaço ou cinismo, mas significa que a esperança que a supera deve estar solidamente ancorada no realismo. As gerações também são afetadas pela vida no mundo caído.

POR QUE AGORA?

Se o motivo geral da tensão entre gerações é óbvio, a questão óbvia em relação ao geracionalismo é: “Por que agora?” O que está por trás do geracionalismo que prevalece hoje em dia? Um fator principal é a velocidade acelerada da vida moderna e a consequente mudança de compreensão da importância do passado para a importância do futuro. Simplificando, à medida que a vida acelera, o passado parece cada vez mais longe, incluindo o passado quase imediato dos

nossos pais e avós. Em 1969, a antropóloga Margaret Mead deu uma palestra em Nova York que foi aclamada como revolucionária na época. A geração dos anos sessenta estava passando por uma mudança histórica. “Agora, não há idosos que saibam mais do que os jovens a respeito do que os jovens estão vivenciando.”[6] Como todos os avós e agora pais podem atestar, essa percepção tornou-se inconfundível na era da Internet e dos dispositivos inteligentes.

Na verdade, essa ideia já havia ocorrido antes, expressa de várias maneiras, como a afirmação de que houve mais mudanças nos últimos trinta anos do que nos anteriores trezentos ou três mil. Por exemplo, C. S. Lewis observou que Samuel Johnson, no século 18, estava mais perto de Sêneca, no século 1º, do que da geração de Lewis, no século 20. Hoje, depois do advento da Internet, pode-se dizer o mesmo sobre Lewis ou de qualquer um de nós em alguns anos, mas seria inútil argumentar sobre os detalhes dessas afirmações. O que importa são as consequências gerais. A rápida aceleração da vida levou a uma séria desconsideração para com o passado, incluindo um absurdo movimento “antivelhos”.

Sigmund Freud e sua noção do complexo de Édipo deu um grito de guerra para essas atitudes e forneceu a justificativa para todos os que desejam ser, impecável e incessantemente, progressistas. O filho deve matar o pai, e a geração mais nova deve sempre matar a mais antiga para se encontrar. Ao contrário de Freud, o problema não é que o pai roube a atenção da mãe, mas o filho é que se ressente da autoridade do pai. No entanto, o efeito é o mesmo. Qualquer pessoa mais forte que nós é automaticamente o tirano, e qualquer pessoa que seja mais velha que nós é automaticamente o passado; assim, o caminho certo para o futuro é rejeitá-los de modo decisivo. Incrivelmente, foi um ministro do gabinete dos conservadores britânicos – em outras palavras, um conservador ostensivo – que anunciou o grito do movimento antivelhos: “Alguém precisa lutar contra os velhos egoístas e míopes. Eles são o passado, não o futuro.”[7]

Isso significa que, para muitas pessoas de hoje, “o que o futuro já fez por nós?” agora está associado a “o que o passado pode nos dizer?” O resultado é uma ênfase na mudança em detrimento da continuidade, na inovação ao custo da tradição, no emergente à custa do histórico e no relevante em detrimento do confiável e comprovado. Não é preciso dizer que, do ponto de vista do futuro, todos os que estão vivos hoje são o passado e, portanto, irrelevantes, por definição. No entanto, a verdade é que, sem a sabedoria do passado, o jovem pode ser tão egoísta e míope quanto o velho.

Outro fator por trás do surgimento do geracionalismo é a erosão das formas antigas, mais sólidas e objetivas de identidade pessoal. Parte da mudança global do mundo tradicional para o mundo moderno é a transição de um denso sentido de comunidade para um delgado sentido de associação. Junto com isso, houve uma transição da identidade vista como algo atribuído à identidade vista como algo alcançado. Em termos simples, como pessoas de hoje, não somos mais definidas pela nossa família, nossa cidade, nossa classe, nossa ocupação ou mesmo nosso gênero. Podemos ser quem quisermos ser, e há um leque quase ilimitado de escolhas diante de nós – agora incluindo mais de cinquenta orientações sexuais diferentes. Em suma, a identidade moderna é fluida, em vez de fixa, e inventada, em vez de herdada. A tendência é para o subjetivo, a mudança e a escolha própria.

Estreitamente aliado a esse segundo fator está um terceiro: o impacto do consumismo. Por trás do surgimento de sociedades de consumo modernas estão duas mudanças básicas. Uma, que ocorreu séculos atrás, foi a mudança das roupas, originalmente tidas como vestes que deveriam ser funcionais e duradouras, para as modas, que deveriam mudar constantemente conforme o usuário desejasse e pudesse pagar – no início, um direito exclusivo da realeza e dos nobres, mas agora de quase todos. (O sociólogo George Simmel descreveu a moda como “a arte de se tornar”.) A outra foi a mudança, no século 20, da produção para consumo. Antes disso, a produção era lenta e limitada, pois os produtos eram feitos à mão, de modo que o consumo conseguia acompanhar facilmente a produção. Mas, com o boom da Revolução Industrial, a produção conseguiu ultrapassar em muito o consumo, e então o marketing e as relações públicas foram inventados para estimular o consumo.

O resultado foi o poderoso motor da revolução do consumidor no século passado. Os cristãos raramente colocam o consumismo ao lado de ideias obviamente perigosas, como o relativismo, mas há alguma dúvida de que seu dano seja igualmente grave, ainda mais por ser menos notado? Hilário de Poitiers, o assim chamado Atanásio do Ocidente, colocou a questão claramente no século 4º, muito antes do consumismo moderno:

Hoje estamos lutando contra um perseguidor perspicaz, um inimigo insinuante (…) que não flagela as costas, mas faz cócegas na barriga, que não condena à prisão perpétua, mas enriquece até a morte, que, em vez de empurrar os homens

para a liberdade da prisão, honra–os na escravidão do palácio (…) que não corta a cabeça com a espada, mas mata a alma com ouro.[8]

Entre as muitas consequências do consumismo, duas afetam o aumento do geracionalismo diretamente. Primeira, as sociedades de consumo significam uma busca insaciável por mudanças constantes e, portanto, por um rápido giro de estoque pela obsolescência instantânea. Tudo, incluindo o senso de gerações, é uma questão de moda e, portanto, in ou out, legal ou brega, o mundo de amanhã hoje ou o mundo de amanhã ontem. E, segunda, o consumismo torna-se a principal maneira de expressar identidade. Os jeans que usamos, o carro que dirigimos, a música que escutamos, o cartão de crédito que reluz num restaurante, tudo diz o que somos ou o que queremos que pensem que somos. Somos o que compramos e, como o que compramos, estamos mudando o tempo todo.

Como tantas vezes, a exceção prova a regra e a demonstra com clareza. O prestigioso relojoeiro suíço Patek Philippe anuncia seus relógios com uma imagem de bom gosto de um pai próspero com o filho, seguida de: “Você nunca possui, de fato, um Patek Philippe. Você apenas cuida dele para a próxima geração.” O anúncio é bem-sucedido por ser surpreendentemente diferente. Como quase todas as demais coisas, você praticamente não as possui, ou fica com elas por muito tempo, porque elas não duram ou porque ficam fora de moda, e você rapidamente procura por algo mais novo. Seja qual for o produto, você é o consumidor e deve consumi-lo, seja comida, roupas ou carros. Uma vez que as coisas se vão em tão pouco tempo, o consumo significa, literalmente, devorado e desaparecido. Assim também, parece, com a rotatividade das gerações.

O QUE É PEGAR O BASTÃO?

Como nós, cristãos, respondemos a essa tendência atual desequilibrada em relação ao geracionalismo? Primeiro, devemos nos negar a nos curvar para o ídolo das mudanças que estão no cerne do geracionalismo. Nosso Senhor falou

de “odres novos” para o vinho novo; por isso, estamos comprometidos de coração com mudança, inovação, empreendimento e risco. Mas ele também advertiu para o que acontece quando as pessoas são estúpidas o suficiente para usar um pano novo com o intuito de reparar uma peça de roupa velha; por isso valorizamos tanto a continuidade quanto a mudança, a tradição bem como a inovação (Mt 9.16-17). Em cada caso, uma ênfase sem a outra é desequilibrada e destrutiva. Ninguém jamais será tão inovador a ponto de poder evitar o declínio para sempre.

Um ídolo óbvio de mudança é a marca de revolução do Iluminismo, que era secular e utópica, e demonstrou abertamente todos os seus defeitos nas revoluções francesa, russa e chinesa – embora não na norte-americana, que, em contraste, foi uma revolução conservadora. As revoluções do Iluminismo enfatizaram demasiadamente a capacidade da razão, colocaram uma confiança injustificada na esperança de uma mudança completa da natureza humana e cometeram o erro político de pensar que poderiam trabalhar de fora para dentro, e não de dentro para fora, com mudanças que começam no coração humano. Koestler lembrou que, como um jovem de 18 anos, comemorou o triunfo do comunismo na Hungria e cantou apaixonadamente “A Internacional Comunista”. (“Senhores, patrões, chefes supremos, / Nada esperamos de nenhum! / Sejamos nós que conquistemos / A terra mãe livre e comum.”). Mais tarde, desiludido pelo fruto negro dessa utopia, ele descreveu sua confiança na revolução marxista como “o Deus que falhou”.

Com o fim da grande era da revolução, o principal ídolo de mudança hoje é o sonho da juventude perpétua. Numa das minhas primeiras viagens à China depois de adulto, um velho cavalheiro me disse com um sorriso irônico: “Você cometeu um grande erro. Você cresceu na China, onde eles respeitam somente os idosos, e agora vai envelhecer na América, onde eles respeitam apenas a juventude. Você deveria ter feito o contrário.”

Seu argumento era bom, embora grande parte do avançado mundo moderno tenha seguido os Estados Unidos nas suas atitudes em relação à juventude, assim como a China fará isso em breve. Com o tempo bastante ampliado e privilegiado que damos à adolescência no mundo moderno, e com nossa ênfase na boa forma física, na saúde e nos aprimoramentos, e nossa negação geral do envelhecimento e da morte, tendemos a nos esquecer de algumas verdades simples. Uma é que a maturidade é relativa. Dizem que ginastas são velhos aos 20, os boxeadores, aos 35 e os jogadores de críquete e de basquete, aos 40. No entanto, os estudantes de

doutorado são velhos aos 30, conquanto jovens como professores aos 31. Os romancistas, dizem, produzem suas melhores obras entre os 20 e os 30 anos, enquanto pintores ainda são jovens aos 40. A maioria dos líderes dos grandes avivamentos e despertamentos tinha menos de 30 anos, mas muitos dos maiores líderes das nações estavam na casa dos 80. Golda Meir só se tornou primeira--ministra de Israel aos 80 anos. Em suma, o caminho da excelência e do contentamento é ser “nosso máximo para o Altíssimo” em qualquer idade.

Outra verdade que tendemos a esquecer é que muitas coisas na vida ficam melhores com o tempo. Apenas um tolo ou um ignorante preferem um Beaujolais nouveau a um Burgundy vintage. Do mesmo modo, à insensatez do slogan dos anos 1960: “Não confie em ninguém com mais de 30 anos”, foi dada a merecida participação no gracejo brilhante de Thomas Oden: “Não confie em ninguém com menos de trezentos anos.” Quando Andras Schiff, o virtuoso pianista húngaro, tocou no concerto de sexagésimo aniversário em Londres, ele escolheu interpretar as “Variações Diabelli”, de Beethoven. Ele disse que esperou até chegar aos 50 anos para tocar as 32 sonatas de Beethoven. E só depois de ter tocado vinte ciclos completos das sonatas, ele ousou avançar para as “Variações Diabelli”. “É a composição mais maravilhosa e exuberante que Beethoven escreveu. (…) Não consigo entender os pianistas com 20 anos que imediatamente tocam essa peça. Isso não pode ser sério.”[9] Outro pianista, Artur Schnabel, comentou de maneira semelhante: “As sonatas de Mozart são ‘fáceis demais para as crianças e difíceis demais para os adultos’.”[10]

INSTITUIÇÕES DE TRANSMISSÃO

Segundo, devemos renovar nossa apreciação sobre o que a tradição salutar e a transmissão bem–sucedida exigem em termos sociais. O cerne da questão é que as instituições básicas de educação de qualquer sociedade também são suas instituições transmissoras básicas: a família, a igreja e a escola. Não é preciso dizer que as três hoje estão sob ataque, principalmente a família. Na visão da Bíblia, a família é importante porque os relacionamentos importam, e eles importam porque Deus é uma pessoa. Ele não é uma abstração filosófica, uma razão impessoal de ser ou a soma total das forças do universo. Por isso, ele se preocupa com os relacionamentos pessoais daqueles que ele fez à sua imagem.

Antes que seu povo escolhido fosse um povo, muito menos uma nação, era uma família, a família de Abraão e os filhos de Israel. Portanto, nós honramos a Deus acima de tudo em nossos relacionamentos, começando com a família e nossos vizinhos e, depois, avançando para círculos mais amplos.

Não é necessário dizer que, embora comece no nível familiar, a história da Bíblia não para aí e não disfarça os problemas da família humana depois da Queda. Ela começa com Gênesis e a história de uma família antes de prosseguir para Êxodo e a história de uma nação, mas ambas mostravam seguidamente não funcionar direito, e nada é escondido. Tudo isso vem antes do ponto alto do Antigo Testamento com Isaías e os profetas e sua visão das nações e da paz messiânica. Em outras palavras, as famílias prefiguram as sociedades e precedem os Estados. Assim, a Bíblia vai do pessoal para o público e do indivíduo para o nacional e internacional. Ela se preocupa mais com a qualidade dos relacionamentos em que estamos do que com o tipo de governo sob o qual estamos, porque o pessoal sempre afeta o político mais do que o político afeta o pessoal. O caráter da nossa sociedade sempre diz mais sobre nós do que sobre o tipo de Estado a que pertencemos. Entre outras coisas, isso significa que as famílias têm mais a dizer sobre liberdade, justiça e estabilidade do que sobre a democracia.

Essa ênfase significa que, no entendimento bíblico, a família é vital, não apenas como o lugar onde crescemos e aprendemos a vida, mas como a base de todos os nossos relacionamentos pessoais e a escola em que ganhamos a chave para todos os outros relacionamentos, incluindo o político. O amor leal do compromisso de aliança que é promovido pela família será a medida da lealdade de aliança que mostramos em nível nacional, e esse amor leal de aliança sempre será um vínculo muito mais profundo do que qualquer coisa criada pelo contrato social de Rousseau ou os contratos estritamente legais de hoje.

O oposto também é verdadeiro. Nem o melhor dos governos pode compensar uma sociedade quebrada com famílias quebradas, e uma sociedade quebrada com famílias quebradas produzirá o governo que merece, que não será o melhor dos governos. No entanto, se a Bíblia foca na família, ela não embeleza a vida familiar. Tomemos, por exemplo, a rivalidade entre os irmãos Caim e Abel, Esaú e Jacó, e Amnom e Absalão. Mas o realismo da história é apresentado para promover os interesses da família, e é muito diferente do modo cruel com que a modernidade avançada tem usado o realismo para reduzir a família a pó, bem como com o amor leal dos seus vínculos de aliança. A própria disposição dos membros da família em se doarem foi destruída em nome de qualquer coisa de

construção social, e a lealdade da aliança foi vencida por escolhas não comprometidas e sem vínculos, de modo que a família moderna e a própria base da sua coesão foram devastadas.

DOIS ITENS ESSENCIAIS

Na verdade, a crise do geracionalismo é a jusante para a crise da família, e é fácil ver por quê. A verdade simples é que nós, seres humanos, vivemos apenas por meio dos nossos filhos e dos filhos deles. Assim, há, no mínimo, dois itens essenciais para que a transmissão saudável entre gerações permaneça saudável e não se torne tóxica. Ambos os itens são raros hoje.

Primeiro, precisamos transmitir relacionamentos saudáveis, que sejam em grande parte livres de bagagem e ciclos geracionais. Hoje, em contraste, a medida dos nossos relacionamentos rompidos é a da amplitude do hiato entre gerações e da prevalência da cultura de vítima que prospera na lembrança dos pecados do passado, sejam eles reais ou não. Observe a virtude envaidecida dos puritanos do politicamente correto de hoje que procuram vingar todos os pecados dos pais de séculos atrás. Enquanto escrevo, o presidente Woodrow Wilson e o explorador colonial Cecil Rhodes são os dois “grandes” que, mais recentemente, estão sob a mira e sob a ameaça de terem suas estátuas derrubadas.

O problema com esses novos puritanos está no fato de que o mercado de heróis defeituosos está agora superaquecido, tanto em termos de oferta quanto de procura. O suprimento de possíveis culpados será sempre ilimitado, pois todos somos pecadores e todos cometemos pecados que alguém, em algum lugar, pode rastrear e vingar em nome da justiça. O que torna isso explosivo é que, numa cultura de vitimização, hipersensibilidade e litígios, a procura é equipada à oferta. Mas nossos admiráveis ativistas apenas pioram o problema, pois, quanto maior a vingança, maior o ressentimento e maior a necessidade de mais vingança. A vingança não resolve a injustiça; ela a recicla e liga as gerações com grilhões de ferro de ressentimento e ódio. Esquecemos que, mesmo com respeito à maior injustiça, o julgamento por si só não pode trazer justiça e paz genuínas, a menos que haja cura, perdão e reconciliação. Uma sociedade empenhada em

vingar todos os pecados dos antepassados descobrirá que ela acaba sem liberdade e sem futuro, apenas com a escravidão do aprofundamento dos ciclos intergeracionais de dano, ressentimento e vingança.

Segundo, é preciso dois de certo tipo para fazer o amor que gera as crianças que possibilitam qualquer transição. Precisamos ser lembrados de que não existe um único ser humano, em qualquer lugar ou em qualquer época, que não tenha mãe e pai? Nenhum casamento sem mãe e pai se tornará um gerador de vida contínua. O casamento natural entre um homem e uma mulher é, portanto, essencial para sociedades saudáveis e sustentáveis, enquanto o casamento sem gênero é suicida para uma sociedade em longo prazo. Portanto, o casamento natural é a única forma de casamento que se estende entre as duas diferenças básicas na antropologia humana: a diferença de gênero entre homem e mulher e a diferença de geração entre pais e filhos.

Tudo isso significa que a crise da família natural representa uma crise para a liberdade, uma crise para a transmissão da cultura e uma crise para a civilização. O filósofo francês Hypolite Taine descreveu a família como “a única cura para a morte” e, no mesmo sentido, o teólogo suíço Emil Brunner observou que o quinto mandamento (sobre honrar os pais) é a Carta Magna da tradição.[11] A crise global da família é evidente. Da permissividade da prática do uso da pílula que separa o prazer sexual da procriação, o divórcio sem motivo, o aborto sob demanda, as formas alternativas de casamento, o suicídio assistido, o fim da mesa de jantar familiar e todos os materiais de educação sexual para estudantes nas escolas públicas: todas essas tendências recentes uniram forças para minar o entendimento judaico e cristão da família como a base que nutre e transmite a instituição da civilização.

Se quisermos acreditar nos líderes de torcida da revolução sexual e no que eles têm para ensinar aos nossos filhos, o sexo agora é apenas para diversão com os amigos, experimentado livremente com a única exigência do consentimento mútuo. Afinal de contas, os pais não são mais os principais educadores dos próprios filhos. Eles não têm o direito de interferir nos relacionamentos, e casamento e famílias são irrelevantes como qualquer outra coisa, apenas escolhas de certo modo de vida entre outros. Contra essas fantasias perigosas, a verdade é que, na medida em que essas loucuras continuarem, a sociedade enfrentará confusão psicológica sem precedentes, caos social e, por fim, perda de liberdade. Com a família devastada pelo desastre de uma mudança cultural tão deliberada, a transmissão cultural e a tradição também perderão e, com elas, a

própria civilização. Mas um número suficiente de pessoas vai pensar nisso duas vezes antes que seja tarde demais?

LEMBRAR, LEMBRAR

Terceiro, devemos lembrar os requisitos espirituais para os remanescentes fiéis de geração em geração. As sugestões seculares para nos mantermos mentalmente renovados e sermos inovadores são encontradas por todo canto, e empresas e sites são inteiramente dedicados a essa causa. As curiosidades, as viagens, a História, o aprendizado permanente, um compromisso resoluto de lidar com os problemas são algumas das sugestões mais recomendadas, junto com inúmeras ofertas comerciais de suplementos medicinais, estimulantes para a memória e, claro, a moda essencial de hoje: alimento para o cérebro.

No entanto, nosso primeiro e último recurso deve ser o entendimento bíblico da transmissão, pois o desafio da transmissão bem-sucedida percorre toda a Escritura. Quase não precisa ser enfatizado que a Bíblia é uma história, a mais grandiosa de todas, com inúmeras histórias menores dentro dela. Como todas as histórias, tem começo e fim e, portanto, depende do desenvolvimento e da continuidade. Assim é com a fé ao longo dos séculos. Com sua franqueza característica, a Bíblia relata abertamente os dramáticos erros na transmissão de uma geração para a seguinte. Os filhos de Eli foram corruptos, os de Samuel foram infiéis, os de Davi foram traiçoeiros e rebeldes, e os de Salomão, arrogantes e insensatos. A Bíblia não embeleza seus heróis, e não há registros mascarados.

Ao mesmo tempo, recebemos relatos dramáticos da gravidade da transmissão, tanto para indivíduos como para a nação de Israel. Para Israel sustentar sua elevada vocação, a fidelidade devia ser transmitida fielmente ao longo das gerações. Os reis deviam ser fiéis ao Senhor como haviam sido os melhores dos seus antepassados. O manto do profeta devia ser vestido por outro profeta. A chama da tocha devia ser entregue queimando intensamente. O bastão não podia cair. Assim, Moisés entregou-o a Josué; Josué, aos seus sucessores; Samuel, a Saul; Davi, a Salomão; Elias, a Eliseu, e o apóstolo Paulo, a Timóteo, seu filho na fé. Ao longo dessa cadeia de transmissão, certos temas ecoam repetidamente,

e são tão relevantes para nós como o foram há muitos séculos.

Primeiro, aqueles que entregam a tocha devem desafiar seus sucessores a reconhecer o momento. Os grandes líderes têm um sentimento instintivo da história da sua nação e o significado do momento em que vivem. “É hora de seguir em frente”, disse Moisés a Josué e ao povo. Eles haviam peregrinado por tempo demais no deserto. “É hora de terminar a tarefa de ocupação”, disse Josué aos seus sucessores. Deus havia colocado toda a terra diante deles. A tarefa do discurso de despedida do líder não é tentar cimentar seu legado, como o cinismo do anúncio feito por um presidente norte-americano moderno pelo seu lugar na História. É definir o programa para a próxima geração, tanto em descrever o horizonte do que ocorre naquele momento como em chamar a atenção para oportunidades e desafios que a próxima geração enfrentará. É urgente a tarefa semelhante a essa nos nossos dias.

Segundo, aqueles que entregam a tocha devem desafiar os sucessores a lembrar-se do caminho que percorreram. Nas Escrituras, a memória não tem relação com mera lembrança mental, nostalgia ou capacidade intelectual restaurada. Tem a ver com fazer com gratidão, humildade, confiança e esperança. Deus nunca nos decepcionou, e nunca nos decepcionará, mas precisamos lembrar como ele nos conduziu até agora. Hudson Taylor, o grande pioneiro missionário na China, foi famoso por enfatizar Ebenézer (até aqui nos ajudou o Senhor) e Jeová Jiré (o Senhor se encarregará disso e proverá no futuro). Na Bíblia, o pecado, em contraste, está sempre ligado ao esquecimento. “Lembrai-vos deste mesmo dia”, ordena Moisés aos israelitas, no dia seguinte à Páscoa, enquanto marchavam para fora do Egito (Êx 13.3). Anos depois, ele acrescenta algo à ordem ao transmiti-la a Josué e à próxima geração: “Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o Senhor, teu Deus, te guiou no deserto (…) Guarda-te não te esqueças do Senhor, teu Deus” (Dt 8.2,11).

Assim, a celebração judaica da “noite do Senhor” começa com a pergunta do filho mais novo, que é o auxílio anual para a memória e a gratidão: “Por que essa noite é diferente de todas as outras noites?” Jacó, nas suas viagens, levantou uma coluna a Deus em Betel, e Josué e o povo deixaram suas pedras de memorial no Jordão no dia em que Deus os levou a atravessar o rio e entrar na Terra Prometida. Non nobis Domine: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória” (Sl 115.1). Quer sejamos indivíduos, famílias, igrejas ou nações, devemos continuar a contar a história, nunca podemos esquecê-la e devemos criar memoriais familiares e nacionais, pois a memória é a chave para a gratidão

e a confiança renovada.

Terceiro, aqueles que entregam a tocha devem desafiar seus sucessores a confiar nas verdades permanentes da fidelidade de Deus. O melhor e mais bem-sucedido dos seres humanos morre. As famílias mais fortes e mais amorosas não duram para sempre. Os dias mais ensolarados e gloriosos acabam. Mesmo os mais poderosos reavivamentos não duram mais do que uma geração ou duas. Não há um dia em que o Sol não se ponha e nenhum heroísmo cujo brilho não se desvaneça. Mas o caráter de Deus nunca muda, a aliança de Deus é inquebrável da sua parte, a compaixão de Deus é infalível, e as libertações, as visitações e os avivamentos de Deus estão sempre ao nosso alcance. “Eu morro”, disse José aos seus irmãos, “porém Deus certamente vos visitará” (Gn 50.24). Podemos apostar nossa existência em Deus contra toda oposição humana e até mesmo contra os estragos do tempo e da morte. Contudo, Deus continua a nos amparar mesmo quando dormimos no pó da terra, pois, como ressoa com gratidão o refrão do salmista, “sua misericórdia dura para sempre” (Sl 136).

A igreja cristã, e especialmente os evangélicos, devem enfrentar o geracionalismo atual e romper com ele. Devemos discernir e derrubar seus ídolos e reparar os danos propagados por ele. Devemos restaurar nossa prática saudável da tradição cristã e renovar sua vivificante transmissão que reflete o caráter do Senhor, a quem adoramos. Somos importantes, mas somos apenas elos na mais longa corrente, notas na mais grandiosa melodia e páginas na história maior. Na longa sucessão das gerações de fé que remontam ao próprio Senhor, há poucos elos mais essenciais que o da geração atual para a próxima – por causa da crise particular do nosso tempo; o que legamos às gerações vindouras num momento como este será especialmente fundamental. Mas, como sempre, nossa prioridade deve ser assegurar-nos de que o que transmitimos seja totalmente fiel ao nosso Senhor e digno de ser entregue à próxima geração, por amor a ele e a ela também.

---

[*] Jogo de palavras que poderia ser traduzido como “Cidade do Ter” e “Cidade do Dar” (N. do T.).

Uma oração

Ó Senhor, tu tens sido nosso refúgio de geração em geração. Perdoa-nos quando nos deixamos enganar pelo egoísmo e pela miopia do nosso tempo. Permite que vejamos tanto nossa pequenez quanto nossa importância diante de ti. Permite que apreciemos nossa dependência de todos os que nos precederam, tanto na família como na igreja, e, ao mesmo tempo, vivamos com responsabilidade em relação àqueles que virão depois de nós. Acima de tudo, que vivamos nossa vocação diante de ti no nosso tempo, de modo que, como o rei Davi, seja dito de nós que servimos ao teu propósito em nossa geração. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Você se identifica mais como inovador ou como conservador? E sua família? E sua igreja? Quais são as vantagens e desvantagens da sua postura? Em que área você precisa levar uma vida mais equilibrada?

2. Faça uma lista das características da sua geração, como você a vê. Quais delas são pontos fortes ou fracos, considerados à luz das prioridades do reino?

3. Que costumes ou práticas você pode adotar na sua família ou na sua igreja a fim de garantir uma transmissão saudável para a próxima geração de tudo o que você recebeu e que talvez já tenha dado por garantido?

Capítulo sete

Dê-nos os recursos

Em abril de 1963, o presidente Kennedy concedeu cidadania honorária dos Estados Unidos a Winston Churchill e o elogiou pelos seus discursos imortais: “Ele mobilizou a língua inglesa e a enviou para a batalha.” Hoje, décadas após a Segunda Guerra Mundial, muitas pessoas ainda podem citar frases ou parágrafos dos discursos mais famosos do primeiro-ministro, como: “Não tenho nada a oferecer senão sangue, trabalho árduo, lágrimas e suor”, “Esse foi o melhor momento deles” e “Nunca, na história dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos”. Essa fama é totalmente merecida, embora possa dar uma falsa impressão para aqueles que não têm um conhecimento mais completo de Churchill. Ele era eloquente, mas era também muito mais do que apenas um orador eloquente.

Churchill minimizou sua própria realização quanto à eloquência. Dez anos depois da guerra, ele disse que era a nação que “tinha o coração de leão”, e ele apenas “teve a sorte de ser chamado para dar o rugido”. A verdade é que todos os seus discursos eram produto de imenso trabalho árduo, primeiro para superar sua gagueira de infância e, depois, na cuidadosa elaboração de cada discurso. Ele escrevia cada palavra de cada discurso, debruçando-se sobre eles com cuidado antes de apresentá-los e desprezando os redatores de discurso e os teleprompters dos presidentes de hoje.

Ao mesmo tempo, a eloquência de Churchill era simplesmente uma parte da sua exuberante maneira de viver, da sua prodigiosa capacidade de trabalho, do seu vigoroso ritmo de vida e do seu pensamento estratégico. Ele não tinha a menor paciência com a preocupação atual com a boa forma física e os exercícios. Bebia champanhe e uísque com frequência, fumava charutos e, certa vez, aconselhou um jovem: “Nunca se levante quando puder se sentar e nunca se sente quando puder se deitar.” Grande parte do seu trabalho matinal, lendo a correspondência, examinando os jornais e respondendo às cartas, era feita na cama. O segredo para seu dia era a famosa sesta de uma hora ou de uma hora e meia às cinco horas da tarde, hábito que havia aprendido em Cuba, depois da qual estava

revigorado para trabalhar até às duas ou três da manhã. Agir assim, afirmou, permitia-lhe trabalhar dois ciclos completos de oito horas a cada 24 horas.

Tudo isso e muito mais pode ser ouvido num dos discursos mais famosos de Churchill, feito em fevereiro de 1941. Ele disse que, em tempo de guerra, o que importava eram “atos, não palavras”. Então, ele fez um giro magistral pelos diferentes teatros de guerra e intensificou seu apelo ao presidente Franklin Roosevelt e aos Estados Unidos para que abandonassem a política de isolamento e fornecessem a ajuda desesperadamente prática que era necessária para combater Hitler. “Não podemos falhar ou hesitar; não podemos enfraquecer nem nos cansar. Nem o choque súbito da batalha, nem as longas provas de vigilância e esforço nos derrubarão. Dê-nos os recursos, e vamos terminar o trabalho.”[1]

A TECNOLOGIA NÃO É SUFICIENTE

A igreja requer hoje ações, não apenas palavras, mas quais são os recursos de que precisamos para que os cristãos efetivamente iniciem o ataque ao avançado mundo moderno que enfrentamos? Há dois requisitos essenciais que são evidentes, que, por esse motivo, precisam ser declarados, pois o que é evidente é muitas vezes não declarado e, depois, esquecido. O que precisamos acima de tudo na igreja de hoje é que cada cristão tenha profundo conhecimento pessoal e experiência do próprio Deus e um profundo conhecimento das Escrituras como sua Palavra autoritativa. Ninguém e nada mais podem substituir esses itens essenciais. Conhecer o próprio Deus é o cerne da fé cristã, e conhecê-lo como realidade inequívoca. Essas duas coisas são essenciais, embora seja um insulto descrevê-las como recursos. Mas aqui temos de reconhecer dois problemas imediatos. Um é que a igreja atual ainda inclui muitos cristãos nominais, e o outro é que estamos presenciando um crescente analfabetismo bíblico na igreja.

A igreja sempre incluirá frequentadores nominais, convencionais e culturais, e seu número cresce ou diminui de acordo com a posição da igreja na sociedade em geral. Há momentos em que as consequências de tantos cristãos nominais são limitadas, mas não estamos num tempo assim. Portanto, o crescente número de não religiosos nas pesquisas não é o enorme desastre que muitos acreditam ser quando as leem. Na maioria dos casos, são os velhos nominais que se tornam os

novos nãos, um sintoma da posição diminuída da fé cristã na cultura ocidental e do poder e do prestígio crescentes do secularismo. O próprio Jesus enfrentou situação semelhante no seu ministério quando voltou o rosto na direção de Jerusalém e da cruz. Em tempos mais antigos e mais fáceis, ele ressaltou que "quem não é contra nós é por nós", mas, quando se aproximou da cruz, ele inverteu a máxima: "Quem não é por mim é contra mim" (Mc 9.40; Mt 12.30).

Do mesmo modo, estamos vendo uma peneirada poderosa, mas necessária, dos cristãos nominais hoje, e o processo de esclarecimento está muito atrasado. Ele acontece em diferentes momentos em diferentes países – ocorreu na década de 1960 nas igrejas britânicas e, na presente década, nas dos Estados Unidos. Quando isso acontece, o meio-termo desaparece; torna-se claro que o dia de esquentar banco de igreja e dos indecisos terminou; e os riscos são altos. Em tempos de crise, sempre há um preço a ser pago pelo discipulado. Tomamos nossa cruz a fim de seguir Jesus para onde quer que ele nos conduza, ou só estamos seguindo a corrente enquanto as multidões que seguem a moda ainda vão em peso à igreja?

O problema do analfabetismo bíblico é igualmente preocupante. No seu livro What is Judaism?, Emile Fackenheim, o famoso estudioso judeu e sobrevivente do Holocausto, descreve um retrato que estava dependurado na casa dos seus pais na Alemanha. Era de velhos judeus barbudos que fugiam de um pogrom para salvar a vida, agarrando o que era mais precioso para eles. "No pensamento de antissemitas, esses judeus, sem dúvida, estariam levando sacos de ouro. Na verdade, cada um deles carregava um rolo da Torá."[2]

Há histórias semelhantes de cristãos que valorizam a Bíblia em países como a China, onde ela foi banida pelo governo. Houve um tempo em que a Bíblia era igualmente preciosa para os evangélicos, quando crer na Bíblia era quase sinônimo de evangélico, quando nenhum evangélico começava o dia sem ler e estudar as Escrituras, e os melhores estudiosos evangélicos distinguiam-se pela exposição capaz e pela brilhante defesa das Escrituras. Hoje, no entanto, uma série de fatores mudou isso, deixando-os irreconhecíveis: pregação branda, reduzida leitura de livros, informações on-line, vida superocupada, confusão resultante da superabundância de versões da Bíblia, o argumento especial de interpretações destinadas a se adequar à revolução sexual e a superficialidade geral do movimento evangélico – e agora a verdade é que os evangélicos como um todo não são mais distinguidos pelo seu profundo e fiel conhecimento das Escrituras.

A instrução bíblica não é um recurso; é um dos fundamentos da fé. Mas quais são os recursos e as armas de que precisamos para lidar com as forças que estamos examinando, sejam as ideias hostis do mundo atual ou o poder formador do próprio avançado mundo moderno? A primeira coisa a dizer é que os recursos e as armas são muito mais do que tecnologia e técnicas, e precisamos de muito mais do que tecnologia e técnicas melhoradas para prevalecermos contra nossos desafios. A tecnologia tornou-se um dos principais ídolos de nossa era, porque o brilho, o poder e a cornucópia das suas bênçãos são surpreendentes – tanto que ela nos tira o fôlego, e nosso compromisso com ela se torna inquestionável e ingênuo. Os cristãos não são luditas. Não há volta. A fé cristã e seus odres sempre novos têm capacidade para progredir, reformar-se e mudar como nenhuma outra religião ou visão de mundo. Mas, embora não sejamos rabugentos, também não somos líderes de torcida desmiolados. Toda mudança deve ser pensada com cuidado e com forte mentalidade cristã mobilizada para lidar com os problemas. Os pioneiros na adoção de soluções devem ser adotantes com discernimento.

Este não é o lugar para uma crítica cristã ao lugar da tecnologia no futuro. Basta dizer que devemos resistir a todos os tipos de idolatria da tecnologia e nos proteger contra três características em particular. Primeira: a tecnologia contém uma tendência gnóstica que enfatiza a informação e a mente e, portanto, minimiza o corpo. (É revelador que o futuro que nos foi prometido pelos cientistas-reis está sempre relacionado à mente, à inteligência e à informação, e nunca tem relação com o corpo.) Segunda: a tecnologia tem uma tendência a automatizar tantas áreas da vida que enfraquece a agência e a responsabilidade humanas. Terceira: a tecnologia, com sua aparente neutralidade, tende a excluir as questões de certo e errado da consideração. Mas a própria posição da tecnologia como ídolo nos lembra que a modernidade magnifica o mal, de modo que até mesmo as tecnoutopias de amanhã sofrerão com o mesmo tronco torto do gênero humano que tem seguido todos os esforços humanos desde a Queda.

Talvez a mais urgente ingenuidade a evitar seja a excessiva confiança dos cristãos na tecnologia nas comunicações. É verdade que a revolução das comunicações abriu oportunidades sem precedentes para o evangelho. Nunca, em toda a história humana, a comunicação foi mais poderosa, mais disponível e, no caso da Internet, mais acessível. Nós mudamos, é ressaltado, da comunicação de “poucos para muitos” (a grande era de jornais, rádio e televisão) para a de “muitos para muitos” (a nova era das mídias sociais). Portanto, podemos esperar e dar as boas-vindas a mil formas inovadoras de comunicar a fé ao mundo de

hoje.

Mas ficaremos frustrados e depois desapontados se não reconhecermos as estranhezas da comunicação na grande era da comunicação. Por um lado, o mundo moderno está sofrendo de desatenção. Todos agora estão falando e ninguém está ouvindo – ou, pelo menos, não estão ouvindo com atenção focada. Mais informação foi produzida na última década do que em toda a História anterior, mais e mais chega cada vez mais rapidamente, e sempre cortada em pequenos fragmentos. Por outro lado, todas as palavras estão sofrendo de inflação. Com cada vez mais palavras disponíveis, cada vez menos palavras são valiosas. As filosofias pós-modernas desvencilharam as palavras de qualquer conteúdo claro, tirando-lhes qualquer significado objetivo, e elas podem agora ser usadas do modo que o falante quiser. Ao mesmo tempo, a publicidade, os comerciais e os infomerciais reduziram palavras a "palavras, palavras, palavras" e mera verborragia vazia. Churchill advertiu, em 1926: "As palavras que são, em ocasiões apropriadas, os motores mais poderosos perdem seu peso, poder e valores quando não são respaldadas por fato ou elevadas pela verdade, quando são, obviamente, a expressão de um forte sentimento e não relacionadas de modo algum com os fatos reais da situação."[3]

Outro fato ainda: a comunicação atual tem seus próprios preconceitos inerentes em relação ao relativismo. Os mecanismos de pesquisa, por exemplo, personalizam a informação, de modo que possamos até mesmo ter uma verdade adaptada a nós ou "notícias que nos convenham mais". Eles dizem ser gratuitos, mas são pagos pelos anunciantes, que ajudam a moldar a apresentação também. Por último, a Niágara de informações e dados que jorram sobre nós hoje, como fatos, métricas, dados, big data, opiniões e notícias de última hora, significa que somos devotos do culto à informação e sofremos de tendência à informação. O que a alma foi na era cristã, a informação é hoje: o espírito interior ou a essência de tudo. Portanto, é mais difícil do que nunca tentar levar as informações que temos até o nível do conhecimento, e ainda mais difícil levá-las até o nível da sabedoria.

A verdade é que o poder da comunicação atual atingiu um nível surpreendente, que só aumentará ainda mais. Mas, se a usarmos sem pensar por nós mesmos, sem a dependência consciente do Espírito Santo, sem o apoio das relações pessoais e sem amor, seremos apenas "como o bronze que soa ou como o címbalo que retine", segundo o apóstolo Paulo (1Co 13.1). A tecnologia sozinha nunca será suficiente para a comunicação cristã. Todos esses desafios na

comunicação requerem muito mais consideração, mas eles, no mínimo, ressaltam o perigo da atitude de quem os adota com empolgação e sem pensar. T. S. Eliot viu o início do que enfrentamos agora e fez as perguntas:

Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?

Onde está o conhecimento que perdemos na informação?[4]

A privacidade é mais difícil do que nunca quando todos são convidados a estar ligados a outros, conectados com outros e transparentes para outros (incluindo hackers e governo), mas ela é importante. Ler livros consome tempo, mas é importante. A reflexão é facilmente abafada quando a vida se lança à queima-roupa contra nós, mas refletir é importante. O pensamento independente é difícil quando as mídias sociais reforçam o pensamento coletivo, mas pensar de modo independente é importante. Pensar por nós mesmos é difícil quando é muito mais fácil fazer o download de uma opinião especializada, mas é essencial para a liberdade da nossa própria agência; então, isso é importante. As conversas do tipo ferro-afia-ferro são mais raras quando as mentes procuram a aprovação de todos na sua própria bolha, mas elas são importantes. A História é mais fundamental do que nunca quando o inflexível foco moderno está no presente e no futuro, mas ela é importante. A coragem de manter convicções que não estão na moda é mais difícil quando as multidões das redes sociais mostram polegar para cima ou polegar para baixo como um imperador romano, mas ela é importante.

E por aí vai. Ter a informação certa é vital, mas alcançar o conhecimento verdadeiro é melhor, e dominar ambos e, então, alcançar a verdadeira sabedoria é melhor ainda. Sorrimos ironicamente quando ouvimos que, para um homem com um martelo, tudo é um prego, mas nos esquecemos de que nossos computadores e dispositivos inteligentes fazem o mesmo conosco, mas numa escala muito maior. Muitos dos pioneiros da alta tecnologia e dos gurus futuristas que trabalham com eles parecem ser conduzidos apenas por desejos de tecnologia ilimitada, lucros financeiros assombrosos e visão de futuros utópicos além da nossa imaginação. Cabe a nós contrariar esses pontos de vista com necessário equilíbrio e infundir-lhes valores sólidos e uma sabedoria corretiva.

Nós, cristãos, sempre devemos usar as novas tecnologias com gratidão e prazer, mas apenas enquanto pensamos constantemente no melhor e no pior que elas fazem por nós e para nós – lembrando sempre que nunca vimos e ouvimos Deus mais claramente do que no maravilhoso tempo em que ele se tornou um de nós, viveu entre nós e se mostrou a nós como nunca antes –, sem qualquer métrica para medi-lo e sem um único dispositivo inteligente à vista.

AS ARMAS DA GUERRA ESPIRITUAL

De quais recursos e armas precisamos para discernir e nos envolver com o avançado mundo moderno? Como enfatizei em Renaissance [Renascimento], o livro que é um acompanhante deste, Jesus nos chamou como seus seguidores para estarmos no mundo, não para sermos do mundo, uma postura exigente que combina proximidade com desafio e cria uma dinâmica tensão cultural com o mundo que dá à igreja sua capacidade única de modelar a cultura. Alcançar esse equilíbrio e manter essa tensão é difícil, e exige três coisas dos cristãos: primeiro, envolvimento com o mundo; segundo, discernimento do caráter do mundo; e terceiro, coragem para dizer não a qualquer coisa do mundo que contradiga a verdade e o chamado do nosso Senhor. Aqui estamos considerando principalmente o segundo requisito, o discernimento, mas devemos lembrar o propósito a que ele serve no nosso chamado como um todo. Uma vez envolvidos com o mundo, mas antes de responder a ele, devemos discernir seu caráter, a fim de saber o que aceitar com gratidão e a que resistir com coragem.

O primeiro recurso de que precisamos para discernimento e envolvimento são as armas necessárias para a guerra espiritual. A história humana tem sempre mostrado uma tensão entre poder e princípio, as forças do poder enfrentando as forças do direito. A tensão entre poder e direito(s) é óbvia no mundo atual também, embora os direitos sejam cada vez mais questionados hoje, enquanto o poder é uma obsessão constante – o que é preciso para conquistá-lo, como defendê-lo contra todos os inimigos, como sustentá-lo e a melhor maneira de usá-lo a nosso favor. O mundo pós-moderno está especialmente focado no poder em detrimento do princípio. Nietzsche rejeitou qualquer noção de verdade absoluta ou objetiva e substituiu-a pela vontade de poder. Michel Foucault, seu discípulo francês, adotou como carreira analisar tudo em termos de poder.

Portanto, dificilmente há uma discussão em que a questão do poder não seja levantada. Quais são os reais interesses aqui? Quais são as relações de poder na equação? De quem são os interesses atendidos? Quem exatamente está sendo prejudicado?

As perguntas são legítimas, mas incompletas. Jesus e o Novo Testamento também se preocupam com o poder. Portanto, é ainda mais notável que, exceto partes isoladas da igreja, essa ênfase atual no poder não seja contrariada pela compreensão bíblica de um poder mundano errado ou de um verdadeiro poder sobrenatural. Na verdade, muitos cristãos adotam o caminho errado: eles se especializam no poder mundano e não levam em conta o poder sobrenatural. Mais uma vez, a razão é óbvia: a secularização da igreja que examinamos no capítulo dois. O invisível, incluindo o poder sobrenatural, tornou-se irreal para muitos cristãos no Ocidente. O bispo Lesslie Newbigin ressaltou que, se lermos o Novo Testamento e procurarmos palavras sobre poder, autoridade, governo ou domínio, “encontramos essas palavras em quase todas as páginas. A expressão central do evangelho, o reino de Deus, diz respeito, obviamente, a poder, autoridade, domínio”.[5] E toda a conversa sobre poder culmina no ponto supremo da cruz, onde Jesus afirma que, com sua morte, o príncipe deste mundo “será expulso” (Jo 12.31).

A quem Jesus está se referindo como o príncipe deste mundo? Ele disse a Pilatos que o reino do qual ele, o Filho do homem, é rei não é deste mundo. Se fosse, ele poderia invocar instantaneamente legiões de anjos para estarem à sua disposição. Então, ele não está pensando em Pilatos, Herodes ou no imperador Tibério ao falar em “príncipe deste mundo”. Eles não precisavam ser expulsos. Eles poderiam ser deixados nas mãos do “Pai Tempo” e logo estariam mortos e desapareceriam. Não, o verdadeiro adversário por trás desses poderes humanos era o Maligno. Ele foi decisivamente desmascarado, desarmado e expulso pela vitória de Jesus na cruz (Cl 2.15).

O significado dessa afirmação é incompreensível. Talvez precisemos orar como o salmista orava: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18). Sabemos que somos mais culturalmente míopes do que percebemos; então, precisamos que nossas lentes sejam limpas e nossa catarata seja removida para podermos entender completamente o que Jesus e os apóstolos disseram sobre a cruz, e tornar isso nosso com a devida humildade e reverência. Jesus e os apóstolos podiam realmente dizer isso, e eles realmente quiseram dizer o que disseram? Pilatos, Herodes, Tibério, Lênin, Stalin, Hitler,

Mao, o presidente dos Estados Unidos, o presidente da União Europeia, o primeiro-ministro da Rússia e o secretário do partido da República Popular da China: todos eles podem exercer o que, para a maioria de nós, é um poder inimaginável. Porém, à luz da vitória de Jesus na cruz, o poder deles é agora vazio e eles não são mais do que tigres de papel em relação ao real poder por trás do universo. Jesus desmascarou e desarmou o poder que já foi o coração do poder por trás do poder deles, e ele é vitorioso sobre todas as forças cósmicas das trevas também. Mas esse é apenas o começo da maravilha do que é dito. Por meio do poder da cruz e da ressurreição, Jesus se mostrou mais forte e triunfou sobre o Maligno e a própria morte, e agora tem todos os principados e poderes aos seus pés. Mas, ainda que pareça mentira, ele nos convida a erguer-nos e a empregar esse mesmo poder, seu poder sobrenatural, ao enfrentar as forças do poder nos nossos dias.

Nessa esfera, então, os recursos de que precisamos são as armas da guerra espiritual. Escrevendo aos cristãos na grande cidade de Éfeso, o apóstolo Paulo detalha as diferentes partes que compõem "toda a armadura de Deus", como a couraça da justiça, o escudo da fé, o capacete da salvação e a espada do Espírito. Escrevendo para a igreja em Corinto, ele afirma que, embora fale e aja num plano puramente natural e secular, ele enfrenta a guerra espiritual de maneira diferente. No plano natural, Paulo diz que pode parecer humano como qualquer outro humano, e fraco para atacar, mas não é assim que ele atua no reino espiritual. "Embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas" (2Co 10.3-4).

A descrição extraordinária que Paulo faz e seu propósito em apresentá--la não devem ser tomados como mera metáfora agradável ou imagem vazia de algo irreal. O que ele diz em termos gerais é claro, embora o que precisamente quisesse dizer e como exatamente travava esse tipo de batalha não tenha sido explicado. Mas o ensino de Jesus é mais simples, mais incessante e ainda mais surpreendente. Repetidas vezes, Jesus é explícito a respeito do adversário sobrenatural que enfrentou. Mas tudo o que é necessário para derrotá-lo, Jesus igualmente ensina repetidas vezes, é a oração – uma simples questão de nós, seus seguidores, pedirmos, em nome de Jesus, ao Pai que faça as coisas pelas quais oramos. Nisso está a autoridade, e nisso está o poder. Jesus até nos diz que temos a autoridade para "ligar" e "desligar" coisas na terra que serão, então, ligadas e desligadas no céu (Mt 16.18-19). O que é mais impressionante? Que Jesus deu a nós, seus seguidores, esse poder a fim de o usarmos para o avanço do

reino – ou será que, com nossa condição cronicamente dissonante, estamos surdos às suas palavras e mal o levamos a sério?

Walter Wink descreve os demônios como o "tio bêbado do século 20: nós os mantemos fora de vista".[6] Mas não são apenas demônios que nos embaraçam como sofisticadas pessoas de hoje. Assim também, parece, fazer guerra espiritual e todo ensino e prática que a acompanham. No entanto, isso traz imensa perda e fraqueza à nossa sociedade. Como conclui Newbigin, "os principados e os poderes são realidades. Talvez não possamos visualizá-los, localizá-los ou dizer exatamente o que são. Mas somos tolos se fingirmos que não existem".[7] Com medo de parecermos crédulos diante do mundo, somos tolos se ignorarmos as palavras de nosso Senhor como não críveis. Restaurar a arte da batalha espiritual é uma chave vital para uma fé que pode prevalecer no avançado mundo moderno de poderes titânicos. Graças à ciência e à tecnologia, o poder humano hoje surpreende a imaginação e até ameaça o planeta e nossa própria sobrevivência. Mas há um poder maior do que as forças prometeicas dos nossos dias, e a boa-nova de Jesus é que ele oferece esse poder para que seja nosso, se tão somente o pedirmos.

DESCOBRINDO A ORIGEM DAS IDEIAS

O segundo recurso de que precisamos para o discernimento é um entendimento da história das ideias. Não há como dizer quando encontraremos uma nova ideia, uma opinião recente ou um ponto de vista repentinamente atual que toque nossa fé de alguma maneira. A ideia pode parecer muito atrativa ou talvez chocante, e até mesmo ameaçadora. Mas temos de pensar nela de modo cristão, e o primeiro passo é sempre fazer uma pausa e as perguntas básicas que devem ser aplicadas a qualquer coisa que ouvimos ou lemos:

Primeira: "O que está sendo dito?" A não ser que façamos essa pergunta com cuidado, podemos reagir ao que pensamos que a pessoa disse, ou, pior ainda, ao que sentimos sobre o que pensamos que a pessoa disse – uma receita segura para falar uns com os outros e criar desnecessários mal-entendidos.

Segunda: "Isso é verdadeiro?" Numa época em que a verdade é suprimida com

frequência, essa pergunta é muitas vezes ignorada, mas é fundamental. Muitas reivindicações ultrajantes ou argumentos ruins foram impedidos de prosseguir nessa fase por meio do questionamento se aquilo era verdadeiro ou não.

Terceira: “E qual é a consequência disso?” Se entendemos o que a pessoa está dizendo e cremos que seja verdadeiro, surge, então, a pergunta: Quais seriam as consequências do que ela está dizendo? Muitas reivindicações param nesse ponto quando seu resultado prático é entendido.

A história das ideias surge quando fazemos essas primeiras perguntas e ainda ficamos nos perguntando sobre as reivindicações que ouvimos. O desafio, então, é examinar as origens de uma ideia a ser entendida, remontando-a ao seu contexto e à sua história. “Conte-me sua história”, muitas vezes dizemos quando somos apresentados a alguém e queremos conhecê-lo melhor. O mesmo se aplica às ideias. Podemos ter uma boa ideia das pessoas ao conhecer um pouco da sua família, onde nasceram, onde cresceram, que escola ou universidade frequentaram e algumas das experiências de vida que as tornaram quem são. Nunca devemos julgar as pessoas pela sua história, e o mesmo se aplica às ideias. Uma ideia pode vir de uma fonte duvidosa ou desonrosa e ainda ser verdadeira; então, julgar uma ideia pela sua origem é a falácia genética. A fonte de uma ideia é uma coisa, e a verdade de uma ideia é outra. A filosofia de uma pessoa é mais do que sua biografia, mas sua biografia é parte fundamental da sua filosofia.

Há uma disciplina acadêmica séria que se chama história de ideias, desenvolvida por Arthur Lovejoy e pioneiramente adotada na Universidade Johns Hopkins no início do século 20. Essa não é a preocupação aqui. A ideia geral se tornou poderosa pela primeira vez nos escritos de Nietzsche e em sua ênfase sobre o que ele chamou de “genealogia” das ideias e da moral. Para entender uma ideia, é preciso conhecer seus ancestrais e sua árvore genealógica. Tal como acontece com um rio, você tem de rastreá-lo até a origem, nascente, ou nascentes, para apreciar os afluentes que o formam à medida que segue seu caminho. Vimos exemplos disso em capítulos anteriores. O secularismo, por exemplo, pode ser traçado de Demócrito e Epicuro, na Grécia, a Lucrécio, em Roma, a Maquiavel, no Renascimento, a Hobbes, no século 17, ao Barão de Holbach e Diderot, no século 18, e assim por diante. Do mesmo modo, a noção de separação entre Igreja e Estado pode ter sua trajetória inicial no êxodo, passando por Samuel, por Jesus, pelo papa Gelásio, por Roger Williams, por Madison e por Jefferson, e assim por diante.

Essa abordagem torna-se importante para avaliar ideias atuais, porque a genealogia de uma ideia ajuda muito a entender seu significado e se ela precisa ser discutida com maior ou menor seriedade. Por exemplo, o calcanhar de aquiles de muitos evangélicos que se consideravam “emergentes” era uma aceitação não crítica do pós-modernismo que beirava a ingenuidade. A forte reação deles ao modernismo era totalmente legítima, mas sua amizade com o pós-modernismo era ingênua. Se tivessem usado a devida diligência para conhecer as fontes do pós-modernismo – chegando a Nietzsche, Heidegger, Foucault, Derrida e semelhantes –, poderiam ter observado com olhos bem abertos e não caído nos braços dele ao reagirem contra o modernismo. O fato é que tanto o modernismo quanto o pós-modernismo têm seus pontos fortes, mas os cristãos não concordam inteiramente com nenhum deles. Ambos estão, em parte, certos e ambos estão totalmente errados, e um entendimento da história das ideias deveria ter dado aos cristãos pistas para ajudá-los a manter suas bases claras e evitar cair em qualquer armadilha.

ANÁLISE CULTURAL

O terceiro recurso de que precisamos hoje é a análise cultural, a capacidade de descrever e avaliar a cultura em que vivemos e, em particular, avaliar seu impacto no pensamento e no comportamento. A análise cultural é um recurso essencial porque nos ajuda a discernir o caráter do mundo que nosso Senhor nos chamou a enfrentar. Somos chamados a estar no mundo, mas não a ser do mundo, nem a ser mundanos nem sobrenaturais. Essa exigência desafiadora significa que precisamos conhecer o mundo com o qual nos envolvemos. Temos de avaliar o que nele é bom, verdadeiro e belo, para que possamos celebrá-lo e usá-lo livremente e com gratidão. Mas também precisamos saber o que nele é perverso, falso e feio, para que possamos evitar o dano das suas tentações e seus males, e, então, opor-nos a ele ou procurar substituí-lo. Em suma, não entenderemos o mundo nem seremos capazes de resistir ao mundanismo se cometermos o erro de vê-lo apenas como uma questão de ideias. Portanto, a análise cultural é o recurso complementar para a história das ideias, e é igualmente importante, embora menos compreendida.

Qual é a diferença entre os dois recursos? O movimento geral da história das

ideias vai em duas direções. Começa com um pensador e, depois, retrocede em direção às fontes e ao contexto delas; a seguir, avança novamente do pensador para seus pensamentos e escritos e, então, para o impacto dessas ideias num cenário mais amplo. Visto dessa maneira, o impacto da história das ideias pode ser descrito como o processo pelo qual as ideias são arrastadas pela chuva. Nietzsche, por exemplo, foi imensamente influente, tanto que o período após sua morte foi chamado de "a geração Nietzsche". Mas agora, mais de um século depois, muitas pessoas nunca ouviram falar de Nietzsche, e muito menos leram um dos seus livros, mas o modo como falam das ideias dele, como relativismo e poder, quase soa como se o estivessem citando. As ideias de Nietzsche foram arrastadas pela chuva, e estamos todos encharcados pela influência delas.

A análise cultural funciona de modo totalmente diferente. Na verdade, ela se move na direção oposta. Não começa com ideias filosóficas. Começa com tudo o que se passa por conhecimento numa comunidade, o que quer que as pessoas pensem ser verdadeiro por ser completamente aceito, por mais ridículo ou inconsiderado que outros imaginem ser. Em seguida, analisa o cenário cultural em que as pessoas vivem e traça o impacto desse cenário no modo como elas pensam – talvez sem que nenhum pensador esteja envolvido.

Afinal de contas, sobre o que eu estou falando? O exemplo mais simples de algo que é mais bem analisado pela análise cultural do que pela história das ideias é o tempo. Uma característica inconfundível do avançado mundo atual que todos reconhecemos é a vida apressada, a pressão 24/7 de viver a vida em disparada hoje. O que está por trás disso? A resposta claramente não é filosófica ou qualquer conjunto de ideias, mas o relógio. "Todos os ocidentais têm relógio", diz um ditado africano; "os africanos têm tempo". Inventado na Europa séculos atrás, coordenado pela Revolução Industrial e agora feito instantâneo graças ao tempo atômico e à era da Internet, o horário do relógio colocou seu selo em nós na forma da vida apressada, e todos estamos apressados, incomodados e somos empurrados pela sua pressão implacável.

Como usar corretamente a análise cultural? Todos aceitamos a consequência central da história das ideias: que ideias têm consequências. Mas isso é apenas metade da história, e a outra metade é muitas vezes esquecida. Os cristãos, entre outros, normalmente veem apenas um lado do processo, mas a influência não é uma via unidirecional. "As ideias têm consequências", sim, mas o contexto também exerce um impacto sobre as ideias. Em outras palavras, os mundos em que vivemos têm o poder de moldar nosso pensamento, e, quanto menos

estivermos conscientes disso, mais inconscientes disso provavelmente eles nos moldarão.

Tal como acontece com a história das ideias, há uma disciplina acadêmica dedicada a esse entendimento – conhecida como sociologia do conhecimento –, mas nossa preocupação é com a verdade geral que está por trás da disciplina, não com as questões acadêmicas. Uma coisa é essencial, no entanto: distinguir essa importante disciplina do construcionismo social que critiquei num capítulo anterior. O construcionismo social diz que todas as nossas crenças são socialmente construídas, e nada mais. Portanto, elas são essencialmente "ficções" que se tornaram concretas porque foram socialmente aceitas até atingirem a posição de serem consideradas autoevidentes. Essa ideia não é apenas radical, mas, se levada aos seus fins radicais, autocontraditória. Não pode ser aplicada a si mesma sem se exterminar.

A sociologia do conhecimento (e da análise cultural) é mais humilde. Ela procura analisar como nosso pensamento (o que é considerado conhecimento em qualquer comunidade) foi moldado pelo nosso ambiente social, mas não se pronuncia sobre a veracidade ou a falsidade daquilo em que acreditamos. Seu objetivo não é determinar se algo é verdadeiro ou falso. Essa questão é da alçada da filosofia, não da sociologia. Adequadamente entendidos nesse sentido, os dois recursos, a história das ideias e a análise cultural, são complementares e não contraditórios. Devemos aprender a usá-los, porque, juntos, eles lançam luz de modo útil em toda a vida e não apenas em ideias isoladas ou apenas na cultura.

OS SINAIS DOS TEMPOS

Esses três recursos, juntos com a oração fervorosa e a profunda dependência do discernimento espiritual, podem nos ajudar a enfrentar bem o mundo com sabedoria hoje? Esse é nosso desafio, e num momento tão importante. Se já houve alguma ocasião em que tivemos de reconhecer "conjuntura como esta" para "provar os espíritos" (ver a natureza real das coisas) e "discernir os sinais dos tempos" (ver e interpretar os acontecimentos da perspectiva do reino de Deus), essa ocasião é agora. Nossa tarefa é tirar essas expressões bem conhecidas do arejado limbo do clichê e trazê-las para o domínio da experiência

prática e diária. Se não conseguirmos ler os sinais dos tempos, ou se não tentarmos, não seremos melhores do que os fariseus e os saduceus, os quais Jesus chamou de hipócritas: “Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?” (Mt 16.3).

Reinhold Niebuhr ressaltou que a previsão do tempo era uma das formas mais antigas de conhecimento científico, e, mesmo sendo muito avançada na era de radares e satélites, “ainda é um bom símbolo da confiabilidade do conhecimento objetivo do homem quando ele analisa os processos da natureza”.[8] Mas há uma diferença entre as áreas do conhecimento que são relativamente objetivas e outras em que a tendência do pecado humano e a subjetividade entram em cena. Jesus disse diretamente aos líderes judeus que eles eram hipócritas. Eles exigiam sinais para autenticar a chegada do reino de Deus ao mesmo tempo em que a “forma egoísta de messianismo”, que favorecia apenas a eles mesmos, significava que nunca leriam os sinais corretamente, mesmo que estivessem bem diante dos seus olhos. “A falta de discernimento seria devida, não a uma deficiência da mente em calcular o curso da História, mas a uma corrupção do coração, que introduziu a confusão do orgulho egoísta na avaliação dos acontecimentos históricos.”[9] Em suma, eles e nós estamos diante de um duplo problema: a ignorância da mente e o orgulho do coração.

Somente o Senhor conhece a História de modo objetivo e, portanto, verdadeiro. Nossos olhos nunca são neutros, nosso ponto de vista nunca é totalmente objetivo, nossos julgamentos nunca são completamente certos, somos sempre uma parte do mundo que observamos, e nosso ego está sempre no centro do mundo que vemos e do nosso modo de pensar. A História é simplesmente grande demais, nossos olhos são míopes demais e nosso coração é interessado demais em si mesmo para que seja de outra maneira. Portanto, nossas melhores observações nunca são mais do que parciais e vistas “como em espelho, obscuramente” (1Co 13.12), e nossos melhores julgamentos devem sempre estar sob julgamento. Eu não sou Profeta com P maiúsculo; então, o que argumentei neste livro não é precedido por: “Assim diz o Senhor”. Pensei nessas ideias, e lutei com algumas delas durante anos, mas elas ainda são apenas meu melhor julgamento e devem ser tratadas como tal.

No entanto, não há dúvida de que, se considerarmos com seriedade nosso Senhor e as Escrituras, se reconhecermos a responsabilidade pelo nosso próprio orgulho crônico, se pedirmos ao Senhor que examine nosso coração e remova a parcialidade, e se confiarmos conscientemente no Espírito Santo para corrigir-

nos e guiar-nos, então podemos usar, com humildade e proveito, os recursos que discutimos. E usá-los não como um fim para nos tornarmos especialistas melhores, mas como meios para sermos servos de Jesus mais sábios e mais fiéis no nosso envolvimento com o mundo e com os tempos em que vivemos.

Uma oração

Ó Senhor, nosso Deus, tua Palavra é verdadeira, teus caminhos são bons e, ao te conhecer, encontramos nossa mais elevada sabedoria. Ensina-nos a conhecer-te mais profundamente para que possamos amar-te de maneira mais verdadeira, viver de maneira mais fiel e aprender a pensar teus pensamentos com mais humildade e gratidão. E, Senhor, agrada-te em nos ajudar para que, nestes dias complicados e tumultuosos, saibamos ler os sinais dos nossos tempos a fim de andarmos sabiamente no teu caminho e trazermos glória somente a ti. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Que coisas novas e práticas você pode fazer para assegurar que esteja sempre crescendo no conhecimento de Deus e na compreensão da Bíblia e da fé?

2. Você tem uma dieta saudável de leitura que o coloque em contato com as ideias atuais que estão moldando nossa sociedade? Onde você precisa equilibrar as deficiências?

3. Como você descreveria os “sinais dos tempos” que, em sua opinião, são importantes para os cristãos reconhecerem hoje? Como você acha que reconhecê-los nos fará viver de maneira diferente?

Epílogo

Hora de levantar-se

“O povo chinês se levantou.” A declaração simples, mas instigante, de Mao Zedong foi sua saudação ao triunfo da revolução chinesa e à inauguração da República Popular da China em Pequim, em 1º de outubro de 1949. Eu tinha 8 anos e morava na antiga capital da dinastia Ming, Nanjing, quando meu pai leu as notícias para mim e explicou o que Mao quis dizer. Uma onda de perseguição já estava desabando sobre os cristãos e qualquer outra pessoa que discordasse dos vitoriosos comunistas. Nessa fase, ninguém poderia prever as dezenas de milhões de concidadãos de Mao que ele mataria em nome das suas horrendas fantasias revolucionárias. Mas a China havia se levantado. O povo chinês tomou seu destino nas próprias mãos. Os chineses haviam retomado seu país e posto fim ao longo pesadelo da humilhação por intrusos europeus, japoneses e norte-americanos na terra do Reino Médio.

Séculos antes, Alexandre, o Grande, havia declarado que “os persas sempre seriam escravos porque não sabiam dizer não” – palavras que Winston Churchill citou para estimular a coragem dos seus compatriotas enquanto enfrentavam o poderoso poder da Luftwaffe de Hitler, e, durante muitos meses decisivos, teve de se posicionar sozinho contra o ataque nazista. Em contraste ofuscante com o sarcasmo de Alexandre, os gregos sempre se recusaram a prostrar-se diante de Dario, de Xerxes e todos os recursos do despotismo oriental de ambos, assim como diplomatas britânicos e depois europeus se recusaram a se prostrar diante dos imperadores Manchu em Pequim. Quando nós, seres humanos, estamos “de quatro”, somos como os outros animais. Mas estar de pé e andar ereto, com a cabeça erguida, é essencial para a dignidade humana. Não nascemos dessa maneira, é claro; então, devemos aprender a ficar eretos e nos esforçar para manter essa posição contra tudo o que a vida lança sobre nós, incluindo a força da gravidade, a idade e a doença à medida que a vida avança.

Quando o Senhor libertou os israelitas da escravidão sob os Faraós, ele fez com que se lembrassem do objetivo que tinha para eles: “Andarei entre vós e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo (…) quebrei os timões do vosso jugo e vos

fiz andar eretos” (Lv 26.12-13). Pessoas livres se levantam. Andam eretas e não se prostram diante de ninguém e de nada. Pessoas livres têm a coragem que provém da própria dignidade e das convicções pessoais. Pessoas livres sabem o que é errado e sabem dizer não ao que está errado. E ninguém mais do que a gente impossível que Deus libertou é livre para viver, levantar-se e andar com liberdade diante dele. Precisamos falar de Moisés diante de Faraó, de Fineias numa ocasião de corrupção israelita, de Daniel e seus amigos diante do poder da Babilônia e do Império Medo-Persa, ou do apóstolo Pedro e Estevão, ou de Atanásio, Pedro Damião, Martinho Lutero, Thomas Cranmer, Dietrich Bonhoeffer, Dietrich von Hildebrand, Oscar Romero, Karol Wojtyla e inúmeros outros?

Todos sabemos que, às vezes, somos nocauteados pela vida e que, um dia, seremos todos nivelados pela morte. No entanto, Deus mantém a fé conosco mesmo quando estamos no pó, e, uma vez que Jesus ressuscitou da morte, também ressuscitaremos. Maravilhosamente, a palavra grega para ressurreição (anastasis) literalmente significa “levantar-se de novo”. Assim, as pessoas impossíveis obtêm sua força do Deus impossível, que é maior do que tudo, em quem todos podem confiar em todas as situações e que fortalece as pessoas mesmo em face da morte. Apesar de todos e de tudo, somos chamados a nos levantar e nos erguer como pessoas impossíveis de Deus. Por mais doce que seja a sedução, por mais popular e poderosa que seja a maré, por mais plausível que seja o evangelho diferente, por mais desprezíveis ou brutais que sejam os ataques e por mais temíveis que sejam as ameaças, pessoas impossíveis erguem-se, fiéis somente a Jesus, seu Senhor e seu Deus. Que seja assim em nossos dias.

Essa coragem de ser distintamente cristão e, portanto, de viver de maneira diferente deve ser restaurada no cerne da fé cristã, assim como seu equivalente sempre foi a marca dos judeus e o segredo de sua notável sobrevivência ao longo dos séculos e em todos os continentes. No monte Sinai, o Senhor ordenou ao seu povo, na terra em que se encontrava: “Não adorarás os seus deuses, nem lhes darás culto, nem farás conforme as suas obras” (Êx 23.24). Mais tarde, seu próprio profeta Ezequiel fez os israelitas se lembrarem de modo severo de que, quando desejavam ser como outras nações, estavam pensando em algo que simplesmente não poderia ocorrer. Deus nunca permitiria. “O que vos ocorre à mente de maneira nenhuma sucederá; isto que dizeis: Seremos como as nações” (Ez 20.32). Como os sábios judeus lembraram ao seu povo: “O mundo todo estava de um lado, e eles estavam do outro”.[1] Os cristãos estão com os judeus nesse chamado. É impossível que os cristãos sejam como todos os outros.

Pessoas impossíveis são chamadas a ser diferentes, e diferentes serão, ou não serão cristãs.

MOMENTO SAMUEL, MOMENTO MOISÉS

Mas este livro é mais do que um claro chamado a nós, cristãos ocidentais, para que nos preparemos. O tempo de levantar-nos é o tempo para nos examinarmos, tempo para nos arrependermos de não sermos o que devemos ser, tempo para encararmos a extensão total dos desafios globais, tempo para orarmos por reavivamento e restauração, para discernirmos os sinais dos tempos e provarmos os espíritos, tempo para vivermos de maneira diferente, tempo para agirmos e falarmos enquanto nos envolvemos com o mundo. Entre os muitos pontos que podem ser mencionados no encerramento deste argumento, dois precisam ser destacados. A igreja no Ocidente está tanto no que pode ser chamado de um "momento Samuel" quanto em um "momento Moisés".

Em Renaissance, argumentei que a igreja no Ocidente está enfrentando um "momento agostiniano". Assim como Santo Agostinho viveu no final do longo período de dominação romana no império ocidental, estamos vivendo no final dos longos séculos de domínio ocidental no mundo. Mas esse paralelo ganha força apenas em relação à História. O momento Samuel aprofunda-se em termos do relacionamento da igreja com uma cultura que está se afastando da influência que antes exercia, mas o momento Moisés é o mais profundo de todos. Perda de domínio é uma coisa. Perda de influência é outra. Mas nenhuma dessas perdas se compara com o momento Moisés, porque ele diz respeito à natureza do relacionamento da igreja com o próprio Deus.

Nosso momento Samuel. Com essa expressão, estou me referindo à escolha que a igreja enfrenta se continuar a perder sua influência anterior como a fé que define o mundo ocidental. A palavra se é importante, pois a História nunca é inevitável. O profeta Samuel foi juiz de Israel mais de mil anos antes de Jesus e uma figura central, que foi tanto o último juiz como o profeta que ungiu os dois primeiros reis de Israel, Saul e Davi. Na verdade, ele demonstrou a separação entre "Igreja e Estado" em Israel (ou as distinções entre as "três coroas" de Israel, ou os três tipos de líder nacional: profeta, sacerdote e rei), e iniciou o

papel contracultural dos profetas, os quais, da sua época em diante, foram o corretivo contracultural que dirigia a palavra do Senhor aos reis, aos sacerdotes e à nação quando abandonavam o caminho de Deus.

A realeza em Israel não era a intenção de Deus para seu povo, apenas uma concessão. O Senhor era o rei dos hebreus. Mas a pressão para ter um rei surgiu por causa da infidelidade dos filhos de Samuel e do desejo do povo de ter um rei "como o têm todas as nações" (1Sm 8.5). Em primeiro lugar, Samuel sentiu-se afrontado pessoalmente, mas Deus o fez lembrar-se de que Deus era o rei do povo, e era ele, não Samuel, a quem o povo estava rejeitando. Mas então Deus lhe deu uma ordem surpreendente. "Agora, pois, atende à sua voz, porém adverte–o solenemente e explica-lhe qual será o direito do rei que houver de reinar sobre ele" (v. 9).

O que acontece a seguir é notável. Os israelitas estavam errados ao escolher um rei. Eles se arrependeriam amargamente algumas vezes, e as predições de Samuel se revelaram muito verdadeiras no fim. A sociedade judaica era mais profunda, mais antiga e muito mais duradoura do que o Estado judeu, e ainda é vital hoje, tendo sobrevivido aos longos séculos em que não havia Estado. A sociedade judaica foi constituída por Deus no Sinai e durou quatro mil anos, enquanto o Estado monárquico judeu foi escolhido pelo povo para ser como as nações ao redor e durou apenas algumas centenas de anos. Com exceção dos reinados de Davi e Salomão, o Estado judeu raramente se distinguia e muitas vezes era de onde fluíam corrupção e opressão. Entretanto, Samuel segue as instruções de Deus e entrega duas mensagens poderosas ao povo.

Na primeira, Samuel entrega uma palavra profética: Vocês escolheram; então, terão de viver de acordo com sua escolha. Deus respeitava a escolha dos israelitas, embora fosse errada, mas eles eram responsáveis pela escolha, e ela vinha a um preço exorbitante. Ou seja, eles eram livres para escolher o que quisessem, mas deveriam conhecer as consequências e considerar o custo. Os reis que escolhessem abusariam do poder e explorariam filhos e filhas do povo, como de fato o fizeram. Na segunda, Samuel demonstra essa ação profética: Eu escolhi; então, devo viver de maneira fiel à minha vocação. A escolha do povo estava errada, mas Deus proibiu que Samuel se juntasse ao povo ou deixasse de fazer o que havia sido chamado a fazer como profeta do Senhor.

Os paralelos com nosso próprio tempo são profundos. O Ocidente quase cortou suas raízes e destruiu o sistema radicular. Dirigido por vozes contrárias à fé e

pelo poder de sedução de falsos entendimentos de liberdade, o Ocidente está escolhendo esquecer-se de Deus e seguir seu próprio caminho. Passo a passo, sociedades e povos do Ocidente estão jogando fora sua herança judaico-cristã, desprezando tradições e valores testados pelo tempo e optando descuidadamente por estilos de vida, práticas e instituições que rivalizam com os da Roma pagã e até mesmo os ultrapassam. Se essas escolhas não forem mudadas, os resultados desse caminho serão a degeneração e o fim do Ocidente como civilização. A ecologia moral e espiritual de Deus não pode mais ser violada com impunidade do que sua ecologia ambiental.

Portanto, como Samuel, devemos dizer o seguinte com ousadia e com tristeza para nossa geração: “Líderes e povos do Ocidente, estas são suas escolhas, e estas serão as consequências. A escolha é de vocês, mas também de vocês serão as consequências. Em algum momento, as consequências das suas escolhas serão seu próprio juízo, e, sem sombra de dúvida, vocês saberão que escolheram as consequências. Será que esse dia fará evidente justiça aos milhões dos não nascidos assassinados? Será que ele pagará na mesma medida a vida destroçada de crianças cuja família vocês destruíram com suas alternativas tolas à família natural? Seu grande deus Mamom irá desmoronar e deixar seus devotos carentes? Será que todas as artes mágicas da sua melhor tecnologia falharão e jogarão seus adoradores de volta a um estado de natureza crua hobbesiana? O futuro ainda não é visto, mas vocês estão semeando ventos e colherão tempestades.

“Se as sementes para uma colheita amarga que vocês estão plantando levarem uma década ou várias para amadurecer, esse dia certamente virá, e o juízo sobre vocês será a consequência das suas próprias escolhas. Então, nós solenemente advertimos vocês agora. Na verdade, imploramos por vocês e por causa dos filhos de seus filhos: não sigam por esse caminho. Porém, que fique bem claro, se vocês seguirem, não nos juntaremos a vocês. Que o desastre venha, mas não por nosso intermédio. Nós, como seguidores de Jesus, somos chamados para ser um povo distinto, e estamos empenhados em viver de maneira diferente. Não adoraremos seus deuses e não viveremos como vocês. Nós nos esforçaremos para viver de acordo com uma lei superior dentro de uma sociedade que agora está escolhendo uma lei inferior ou nenhuma lei. Somos cidadãos da Cidade de Deus, e nada mais que estrangeiros residentes na Cidade do Homem.”

Nosso momento Moisés. Esse ponto deve levar ao terceiro e mais profundo paralelo: nosso momento Moisés. Anteriormente, ao discutir a glória de Deus

como o antídoto para o colapso cultural, mencionei a oração audaciosa de Moisés: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Êx 33.18). Ninguém, incluindo Moisés, podia ver Deus face a face e viver. No entanto, na crise suprema da sua vida como líder do povo, ele sabia que precisava conhecer tudo de Deus que um ser humano caído pudesse vivenciar e ainda viver. Nada mais poderia sustentá-lo diante do que estava por vir. Mas a oração de Moisés não era simplesmente por si mesmo. Ele certamente orou em nome do povo também. Pois, como ressaltam os sábios judeus, a crise do bezerro de ouro não foi apenas a confecção de um ídolo por parte do povo. Era um ídolo que devia ser um oráculo e o porta-voz de Deus. Aterrorizados pela voz direta de Deus no Sinai, que eles consideraram insuportável, e temendo ter perdido a voz mediadora de Moisés, os israelitas entraram em pânico e tentaram criar seu próprio oráculo, que poderia guiá-los pelo deserto. O bezerro de ouro foi um erro, um grande erro, mas o problema que levou os israelitas a isso era real. Como poderiam ter a presença regular e contínua e a voz de Deus de um modo suportável, que continuasse mesmo quando Moisés não estava com eles para ser o mediador?

A resposta a essa pergunta é o cerne do momento Moisés. Quando Moisés negociou com Deus em nome do povo, nosso Senhor, o grande “Eu sou”, aquele que será quem será, o único que é “santo, santo, santo”, acomodou- -se ao seu povo e deu-lhe uma maneira de conhecer e vivenciar sua própria presença de uma maneira que eles poderiam suportar. Nas palavras do rabino Sacks: “O santo é aquele segmento do tempo e do espaço que Deus reservou para sua presença.” Na verdade, o santo é o tempo e o lugar em que “Deus é vivenciado como presença absoluta”.[2] Os detalhes do sábado, o santuário, os sacrifícios e o sistema de leis que se seguiram eram importantes, mas secundários. Para os judeus, muitos desses arranjos desapareceram para sempre com a destruição do segundo templo, e, para os cristãos, eles foram suplantados ainda mais cedo pela vinda de Jesus e do Espírito de Jesus, que ele deu ao seu povo depois que partiu.

Essas provisões estavam lá para proteger a majestade inviolável do santo como a experiência direta da presença absoluta de Deus. Os dias santificados e um lugar santo, e, para os cristãos, o Espírito Santo, foram dados para conhecermos e vivenciarmos a presença absoluta de Deus em inconfundível realidade, sem sermos sobrepujados – de modo que, de nossa parte, sejamos o povo santo. Esse mesmo conhecimento, experiência e propósito do santo como a presença absoluta de Deus é o cerne indispensável da fé cristã, como o é da fé judaica, e hoje não há necessidade mais profunda na igreja do que a santidade. A santidade que nasce de uma vida diante da presença absoluta de Deus, e não humanamente

concebida como limites culturais e listas teológicas de coisas a fazer, deve ser o âmago do caráter do povo impossível de Deus. “Mostre-me tua glória” deve ser nossa oração urgente, assim como foi a de Moisés. Somente aqueles que conhecem Deus em realidade inconfundível podem fazer o teste da realidade do mundo dos nossos dias.

Em suma, as nações ocidentais se esqueceram de Deus e se esqueceram de onde vieram. Agora, elas estão tentando completar o processo de cortar as raízes da civilização ocidental, destruindo seu sistema radicular, envenenando o solo e arruinando toda a sua ecologia espiritual, moral e social. As sociedades ocidentais podem persistir em esquecer-se de Deus e rejeitar seu caminho. Mas, independentemente do que elas façam ao nosso redor, devemos permanecer fiéis e manter o lugar de Deus na nossa vida. Nosso privilégio é acolher a presença absoluta de Deus e viver o caminho de Jesus para que nossa tarefa difícil e solitária como seus seguidores seja sermos fiéis e, assim, sermos diferentes e vivermos de maneira diferente.

Deus pode estender a mão restritiva e nos guardar das consequências das escolhas que fizemos. Em sua misericórdia, ele pode reavivar sua igreja, e a fé cristã pode florescer mais uma vez e prover o Ocidente de uma fé operante – ou pode não fazer nada disso. Isso não nos compete saber. Mas nossa fé em Deus deve sempre ser a confiança que nos define e a bússola para como vivemos. Vivendo diante da presença absoluta de Deus, somos chamados a ser fiéis e, portanto, não manipuláveis, insubornáveis, indeferíveis e insociáveis. Servimos a um Deus impossível, e devemos ser o povo impossível de Deus. Então, que nos determinemos e nos decidamos a ser tão fiéis em todos os desafios e provações que o futuro próximo traz a ponto de que seja dito de nós que servimos ao propósito de Deus na nossa geração. Que Deus nos ajude.

Uma oração

Ó Senhor, nós nos curvamos humildemente diante de ti. Sem tua verdade, somos confundidos e falta sentido à nossa vida. Sem tua graça, estamos perdidos no nosso pecado e não podemos te encontrar nem salvar a nós mesmos. Sem tua misericórdia, somos dominados pela nossa pequenez. Sem tua providência, somos vencidos por um mundo que se recusa a ser transformado de acordo com nossos esforços e nossos ideais. Tu és nosso Senhor e nosso Libertador. Concede-nos tua verdade que dissipa nossa névoa, tua graça que nos restaura quando erramos, teu novo chamado que desperta o novo propósito em nosso coração e, acima de tudo, teu amor e misericórdia que nos ajudam a manter a cabeça erguida – que possamos ser um povo digno do sublime chamado de criar um lar para tua presença divina em nosso mundo e em nosso tempo. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, amém.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Do que você precisa se arrepender e o que você precisa corrigir à luz do desafio feito à igreja em nosso tempo?

2. Que motivo de oração está agora no seu coração: sua vida, sua família, sua igreja ou sua nação?

3. De que maneira você pode agir para ser parte da resposta de Deus aos desafios atuais?

Notas

INTRODUÇÃO: ENCONTRADO FIEL

[1] Sacks, Jonathan. Future tense: Jews, Judaism and Israel in the twenty-first century. Nova York: Schocken, 2009, 51.

[2] Wilken, Robert Louis. The Christians as the Romans saw them. New Haven, CT: Yale University Press, 1983, 23.

[3] Ibid.

CAPÍTULO UM: NOVO MUNDO, VELHO DESAFIO

[1] Eliot, George. Citado em Jonathan Sacks, Future tense: Jews, Judaism and Israel in the twenty-first century. Nova York: Schocken, 2009, 13.

[2] Sacks, Jonathan. Covenant and conversation: A weekly reading of the Jewish Bible – Leviticus. New Haven, CT: Maggid Books, 2015, 368.

[3] Gove, Michael. “In defence of Christianity”, Spectator, 4 de abril de 2015, www.spectator.co.uk/2015/04/in-defense-of-christianity.

[4] Sacks, Jonathan. Radical then, radical now: On being Jewish. Londres: Bloomsbury, 2003, x, 191.

[5] Ibid., 193.

[6] Morrow, Lance. “1968”, Time, 11 de janeiro de 1988, 16.

[7] Will, George F. “1968: Memories that dim and differ”, Washington Post, 14 de janeiro de 1988, A27.

[8] Veja, por exemplo, Rifkin, Jeremy. Algeny. Nova York: Viking Press, 1983.

[9] Ibid., 64.

[10] Harari, Yuval Noah. Sapiens: A brief history of humankind. Londres: Penguin Random House, 2011, 14.

[11] Rifkin, Algeny, 5-6.

[12] Regaldo, Antonio. “Engineering the perfect baby”, MIT Technology Review 118, nº 3 (maio – junho de 2015): 26.

[13] Midgley, Mary. Science as salvation: A modern myth and its meaning. Londres: Routledge, 1992, 29.

[14] Ibid., 146-47.

[15] Davies, Paul. Superforce: The search for a grand unified theory of nature. Londres: Unwin Paperbacks, 1984, 167.

[16] Walzer, Michael. The paradox of liberation: Secular revolutions and religious counterrevolutions. New Haven, CT: Yale University Press, 2015, 120.

CAPÍTULO DOIS: O MAIOR DESAFIO DE TODOS OS TEMPOS

[1] Richard Lewontin, revisão de The demon haunted world: Science as a candle in the dark, de Carl Sagan, New York review of books, 9 de janeiro de 1997, www.nybooks.com/articles/1997/01/09/billions-and-billions-of-demons.

[2] Sacks, Jonathan. Covenant and conversation: A weekly reading of the Jewish Bible – Leviticus. New Milford, CT: Maggid Books, 2015, 5.

[3] Nietzsche, Friedrich. Beyond good and evil. South Kingston, RI: Millennium, 2014, 38.

[4] Eusébio, Life of Constantine 4.62.1-3.

[5] Agostinho, Reply to Faustus the Manichaean 17.3.

[6] Sacks, Covenant and conversation, 16.

[7] Berger, Peter L. “For a world with windows”, em Against the world for the world, org. Peter L. Berger e Richard John Neuhaus. Nova York: Seabury Press, 1976, 10.

[8] Harari, Yuval Noah. Sapiens: A brief history of humankind. Londres: Penguin Random House, 2011, 27.

[9] Nietzsche, Friedrich. Thus spoke Zarathustra, trad. Thomas Common. Blacksburg, VA: Thrifty, 2009, 22.

[10] Orígenes, Contra Celso 7.4.

[11] Agostinho, A cidade de Deus 22.8.

[12] Berger, Peter L., Berger, Brigitte e Kellner, Hansfried. The homeless mind: Modernization and consciousness. Nova York: Random House, 1973, 77.

CAPÍTULO TRÊS: A GUERRA DE ESPÍRITOS

[1] Jean d’Alembert e Diderot. Citados em Henry Kissinger, World order. Nova York: Penguin, 2014, 38-39.

[2] Nietzsche, Friedrich. Ecce homo: How to become what you are, trad. Duncan Large. Oxford: Oxford University Press, 2007, 88-89.

[3] Veja A. Farr, Thomas. World and faith and freedom: Why international religious liberty is vital to American national security. Nova York: Oxford

University Press, 2008.

[4] Wink, Walter. Unmasking the powers: The invisible powers that determine human experience. Filadélfia: Fortress Press, 1986, 1.

[5] Ibid., 5.

[6] Ibid., 4.

[7] Prince, Derek. Pulling down strongholds. New Kensington, PA: Whitaker House, 2013, 33.

[8] Steiner, George. The portage to San Christobal of A. H. Chicago: University of Chicago Press, 1981, 164.

[9] Nietzsche, Friedrich. Thus spoke Zarathustra, org. Adrian Del Carro e Robert Pippin. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, 214.

[10] Wink. Unmasking the powers, 95.

[11] Ibid., 87.

[12] Erasmo. Citado em Crowley, Roger. Empires of the sea. Nova York: Random House, 2008, 45.

[13] Suleiman. Citado em ibid.

[14] Veja, por exemplo, capítulo 11 do meu Fool's talk. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2015.

CAPÍTULO QUATRO: EXPLORANDO O ÂMAGO DAS TREVAS

[1] Peccei, Aurelio. The human quality. Oxford: Pergamon Press, 1977, 60-61.

[2] Ibid., 61.

[3] Bryce, James. The American commonwealth. Nova York: MacMillan, 1895, 2:702.

[4] Ibid., 2:793.

[5] Ibid., 2:794.

[6] Locke, John. A letter concerning toleration. Seattle: Amazon Digital Services, 2012, 50.

[7] Durant, Will e Durant, Ariel. The lessons of history. Nova York: MJF Books, 1968, 51.

[8] Marx, Karl e Engels, Friedrich. The communist manifesto (Huntington, WV: Empire Books, 2011), 4. [Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo, 1998.]

[9] Kundera, Milan. The unbearable lightness of being. Nova York: Harper Perennial, 2009, 256.

[10] Veja, por exemplo, Bauman, Zygmunt, Liquid modernity. Cambridge: Polity Press, 2000.

[11] Peccei. Human quality, 15, 17, 22.

[12] Pascal, Blaise. Pensées 60, trad. A. J. Krailsheimer. Nova York: Penguin, 1966, 46.

[13] Harari, Yuval Noah. Sapiens: A brief history of humankind. Londres: Penguin Random House, 2011, 31.

[14] Ibid., 150.

[15] Hobbes, Thomas. Leviatã 1.6.

[16] Harari. Sapiens, 122.

[17] Peccei. Human quality, 129-30, 149.

[18] Ibid., 149.

[19] Dawson, Christopher. Medieval essays. Washington, DC: Catholic

University of America Press, 1984, 137.

[20] Churchill, Winston. “Their finest hour”, discurso para a Câmara dos Comuns, 18 de junho de 1940, www.historyplace.com/speeches/churchill-hour.htm.

[21] Steven Pinker. Citado em Matthew Beard, “Bioethics is a moral imperative, Mr. Pinker!”, Mercatornet, 4 de agosto de 2015, www.mercatornet.com/articles/view/bioethics-is-a-moral-imperative/16620.

[22] Harari. Sapiens, 461.

[23] Paul Ricoeur. Citado em Peter Watson, The age of nothing: How we have sought to live since the death of God. Londres: Weidenfeld & Nicholson, 2014, 300.

[24] Martin Heidegger. “Only a God can save us”, Der Spiegel, 31 de maio de 1976, 209, www.ditext.com/heidegger/interview.html.

[25] Harari. Sapiens, 415.

[26] Nietzsche, Friedrich. Thus spake Zarathustra, citado em Henri de Lubac. The drama of atheist humanism. 1949; reimpr., São Francisco: Ignatius Press, 1995, 501.

[27] Churchill, Winston. “Never despair”, discurso para a Câmara dos Comuns, 1º de março de 1955, www.winstonchurchill.org/resources/speeches/235-1946-1963-elder-statesman/102-never-despair.

CAPÍTULO CINCO: VIDA SEM AMÉM

[1] Habermas, Jürgen. Citado em Peter Watson, The age of nothing: How we have sought to live since the death of God. Londres: Weidenfeld & Nicholson, 2014, 2.

[2] Ibid., 3.

[3] Nietzsche, Friedrich. The Antichrist 18, trad. R J. Hollingdale; Dawkins, Richard. The God delusion. Nova York: Mariner Books, 2006, 51.

[4] Dostoiévski, Fiódor. The adolescent, trad. Richard Pevear e Larissa Volokhonsky. Nova York: Alfred A. Knopf, 2003, 373.

[5] Dawson, Christopher. Beyond politics. Nova York: Sheed & Ward, 1939, 3.

[6] Ibid., 113.

[7] Harris, Sam. The end of faith: Religion, terror and the future of reason. Nova York: Norton, 2005, 52-53.

[8] Wittgenstein, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus 6.41. 1922, reimpr. Nova York: Cosimo, 2007, 105.

[9] Nagel, Thomas. Mind and Cosmos: Why the materialist neo-darwinian conception of nature is almost certainly false (Nova York: Oxford University Press, 2012).

[10] Nietzsche, Friedrich. The gay science, trad. Walter Kaufmann. Nova York: Random House, 1974, 132.

[11] Watson. Age of nothing, 4; Nagel, Thomas. The last word. Nova York: Oxford University Press, 1977, 130; e Kurt Gödel. Citado em David Berlinski. The devil's delusion: Atheism and its scientific pretensions. Nova York: Basic Books, 2002, 2.

[12] Watson. Age of nothing, 5.

[13] Walzer, Michael. The paradox of liberation: Secular revolutions and religious counterrevolutions. New Haven, CT: Yale University Press, 2015, ix, xii.

[14] Jamie Foxx e Louis Farrakhan. Citados in Benjamin Wiker. Worshipping the state: How liberalism became our state religion. Washington, DC: Regnery, 2013, 1, 5-6.

[15] Lewis, Henry. Modern rationalism as seen at work in its biographies. Londres: SPCK, 1913, 359.

[16] Watson. Age of nothing, 233.

[17] Shaffer, Peter. Equus, 2º ato. Nova York: Scribner, 2002, 81.

[18] Iris Murdoch. Citada in Watson, Age of Nothing, folhas preliminares.

[19] Nietzsche, The gay science, 108.

[20] de Lubac, Henri. The drama of atheist humanism. São Francisco: Ignatius Press, 1995, 506.

[21] Citado em Owen Chadwick, The secularization of the European mind in the nineteenth century. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, 214.

[22] Durkheim, Emile. The elementary forms of the religious life, trad. J. W. Swain. Londres: Collier-MacMillan, 1961, 474.

[23] Lasch, Christopher. The me decade: Narcissism in America. Washington, DC: The Hoover reporting company, 1979, 32.

[24] Montaigne. Citado em Paul Rahe. Republics ancient and modern: Classical republicanism and the American revolution. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992, 236.

[25] Ovídio. Citado em ibid., 283.

[26] Cesare Cremonini. Citado em ibid., 237.

[27] Nietzsche, Friedrich. Will to power, trad. Walter Kaufmann e R. J. Hollingdale. Nova York: Random House, 1968, 145.

[28] Bertrand Russell. Citado em Watson, Age of nothing, 315.

[29] Lênin, Vladimir. Citado em ibid., 220.

[30] Brunner, Emil. Christianity and civilization. Londres: Nisbet, 1949, 105.

[31] Nietzsche, Friedrich. The gay science, 273.

[32] Dawson, Christopher. The dividing of christendom. São Francisco: Ignatius Press, 2008, 31.

[33] Veja Guinness, Os. The global public square: Religion and the making of the world safe for diversity. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2013.

[34] Veja Tierny, Brian. The crisis of Church and State. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1980, 13; e Barry, John M. Roger Williams and the creation of the American soul. Nova York: Viking Penguin, 2012.

[35] Guinness, Os. Global public square, 200-203.

CAPÍTULO SEIS: ONTEM, HOJE, PARA SEMPRE

[1] de Lubac, Henri. The drama of atheist humanism. São Francisco: Ignatius Press, 1995, 331.

[2] Veja G. K. Chesterton. "The ethics of Elfland", cap. 4 em Orthodoxy; Pelikan, Jaroslav. The vindication of tradition. New Haven, CT: Yale University Press, 1984, 65.

[3] Ignatieff, Michael. The warrior's honour. Nova York: Henry Holt, 1997, 188.

[4] Ishiguro, Kazuo. The buried giant. Nova York: Alfred A. Knopf, 2015, 297.

[5] Kristofferson, Kris e Foster, Fred. "Me and Bobby McGee", BNA 69035, 1969.

[6] Mead, Margaret. Culture and commitment. Nova York: Doubleday, 1970, 64.

[7] Huhne, Chris. Citado em Des Wilson, "Why I fear our next war will be against our own children", Daily mail, 18 de maio de 2014, www.dailymail.co.uk/news/article-2631251/Why-I-fear-war-against-children-A-drain-society-Clogging-homes-Soaking-state-cash-routine-insults-hurled-pensioners-resentful-young-Now-one-senior-writer-enough.html.

[8] de Poitiers, Hilário. Citado por Christopher Dawson. The making of Europe: An introduction to the history of European unity. Washington, DC: Catholic University of America Press, 1954, 48.

[9] Schiff, Andras. Citado em Franks, Tim. “Andras Schiff: Why I won’t perform in Hungary”, BBC world service, 22 de dezembro de 2013, www.bbc.com/news/magazine-25450716.

[10] Schnabel, Artur. Citado em ibid.

[11] Kuehnelt-Leddihin, Erik. Liberty or equality. Auburn, AL: Mises Institute, 2012, 275; Brunner, Emil. Christianity and civilization. Londres: Nisbet, 1949.

CAPÍTULO SETE: DÊ-NOS OS RECURSOS

[1] Churchill,Winston. “Give us the tools and we will finish the job”, BBC radio, 9 de fevereiro de 1941, www.awesomestories.com/asset/view/Churchill-Give-Us-the-Tools-and-We-Will-Finish-the-Job.

[2] Fackenheim, Emil. What is Judaism? Nova York: Macmillan, 1987, 60.

[3] Churchill, Winston. Artful dodger!, em Never give in! Winston Churchill’s speeches, org. Winston S. Churchill. Londres: Bloomsbury, 2013, 73. Esse discurso foi feito na Câmara dos Comuns, 22 de abril de 1926.

[4] Eliot, T. S. “Choruses from the rock”, 1934.

[5] Newbigin, Lesslie. Lesslie Newbigin: Missionary theologian: A reader, comp. Paul Weston. Londres: SPCK, 2006, 39.

[6] Wink, Walter. Unmasking the powers: The invisible powers that determine human experience. Filadélfia: Fortress Press, 1986, 41.

[7] Newbigin, Lesslie Newbigin, 47.

[8] Niebuhr, Reinhold. Discerning the signs of the times: Sermons for today and tomorrow. Nova York: Charles Scribner’s, 1946, 2.

[9] Ibid., 4.

EPÍLOGO: HORA DE LEVANTAR-SE

[1] Sacks, Jonathan. Radical then, radical now: On being Jewish. Londres: Bloomsbury, 2003, 50.

[2] Sacks, Jonathan. Covenant and conversation: A weekly reading of the Jewish Bible – Leviticus. New Haven, CT: Maggid Books, 2015, 145.